

RAQUEL FERNANDES LANZONI

**Por um peronismo “sin peros”:
propaganda política em *Mundo Peronista* (1951-1955)**

Assis
2022

RAQUEL FERNANDES LANZONI

**Por um peronismo “sin peros”:
propaganda política em *Mundo Peronista* (1951-1955)**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestra em História (Área de Conhecimento: História e Cultura)

Orientador(a): José Luis Bendicho Beired

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Assis
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

L297p Lanzoni, Raquel Fernandes
Por um peronismo "sin peros": propaganda política
em *Mundo Peronista* (1951-1955) / Raquel Fernandes
Lanzoni. Assis, 2022.
306 f. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Prof. Dr. José Luís Bendicho Beired

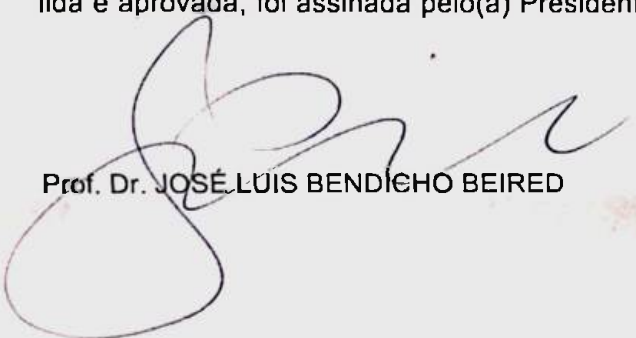
1. Peronismo. 2. Propaganda política. 3. Mundo
Peronista (Revista). 4. Periódicos argentinos. 5. Perón,
Juan Domingo, 1895-1974. I. Título.

CDD 905

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE RAQUEL FERNANDES LANZONI, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 24 dias do mês de agosto do ano de 2022, às 14:30 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de RAQUEL FERNANDES LANZONI, intitulada **Por um peronismo "sin peros": propaganda política em *Mundo Peronista* (1951-1955).**

A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. JOSÉ LUIS BENDICHO BEIRED (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de História / UNESP/FCL-Assis, Prof. Dr. CARLOS ALBERTO SAMPAIO BARBOSA (Participação Presencial) do(a) Departamento de História / UNESP/FCL-Assis, Prof. Dr. PAULO RENATO DA SILVA (Participação Virtual) do(a) UNILA/Foz do Iguaçu. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: Aprovado. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.



Prof. Dr. JOSÉ LUIS BENDICHO BEIRED

AGRADECIMENTOS

A grande parte desta pesquisa foi realizada durante a pandemia. Em um país assolado pelo negacionismo e descaso político, o medo e a incerteza coexistiram com os prazos e planos para o futuro. Produzir conhecimento em um contexto de desmonte da ciência e das universidades públicas foi desafiador, mas, ao mesmo tempo, um ato de resistência. O caminho até aqui percorrido foi, por vezes, exaustivamente solitário; no entanto, pude contar com o apoio de pessoas que fizeram desses três anos uma experiência menos árdua, cheia de aprendizados e repleta de carinho e companheirismo.

Agradeço, primeiramente, aos meus pais Luciana Fernandes e Edilberto Lanzoni, a quem devo tudo o que tenho e sou. Eu não defenderia esta dissertação se eles não tivessem acreditado tanto em mim, se não tivessem me dado todo o suporte necessário e se não compreendessem, com resiliência e respeito, todas as minhas escolhas. Agradeço, também, ao meu irmão Thiago Pedro Lanzoni, e às minhas avós, Glorinha Peres e Neuza Fernandes, por todo o cuidado e todas as orações. Essa conquista é nossa.

Agradeço à Camilla Becegatto por permanecer ao meu lado, de forma tão sutil e necessária, em todos os momentos. Obrigada por ser, há 22 anos, a irmã de alma que a vida me deu. À Thaynara Tanganelli, com quem felizmente me reencontrei em 2021, agradeço pela lealdade e pelo companheirismo diário. Agradeço, ademais, Ana Paula Fontes, Ananda Foresti, Isabella Ferreira e Isabela Gonçalves por todo carinho e apoio que superam distâncias. Agradeço à Fernanda Dayara, Matheus Moretto, Luís Filipe Negrão, Abner Alexandre Nogueira, Hélio Augusto de Souza Alves, Heloísa Moreira, Carolina Carricondo Mota, João Arthur Franzolin e Letícia Mendes pela amizade.

À Priscila Takigawa, Viviane Amato e Leandro Teixeira deixo o meu imenso agradecimento por terem contribuído para que o caminho até aqui fosse mais leve.

Agradeço ao Prof. Dr. José Luis Bendicho Beired pela primorosa orientação. Lembro-me da primeira vez que li um texto de sua autoria e, depois, de quando o conheci pessoalmente em 2017. A minha admiração, que durante a graduação já era gigante, se multiplicou durante o mestrado. Obrigada pelos imensuráveis ensinamentos, pelas oportunidades únicas e pelo acolhimento gentil desde o início.

Agradeço ao Prof. Dr. Paulo Renato da Silva e ao Prof. Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa por terem aceitado compor a banca. Ao Prof. Dr. Rodolpho Gauthier Cardoso dos Santos e à Profa. Dra. Mayra Coan Lago sou grata pelos conhecimentos compartilhados e pelas mensagens de apoio. À Profa. Dra. Maria Helena Rolim Capelato agradeço pelos apontamentos tão relevantes feitos no exame de qualificação. Aos Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto, Prof. Dr. Matías Emiliano Casas e Prof. Dr. André Ferreira Lopes agradeço pelas observações que indiscutivelmente contribuíram para o andamento da pesquisa. Agradeço igualmente aos funcionários da Faculdade de Ciências e Letras (UNESP/Assis), em especial à Clarice Gonçalves e Marcos Francisco D'Andrea, por toda a atenção, amparo e café.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

*La creación intelectual es el más misterioso y
solitario de los oficios humanos.*
Gabriel García Márquez

LANZONI, Raquel Fernandes. **Por um peronismo “sin peros”**: propaganda política em *Mundo Peronista* (1951-1955). 2022. 306 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2022.

RESUMO

A presente dissertação teve com objetivo analisar a revista *Mundo Peronista* como objeto histórico para o estudo do peronismo. Publicado entre julho de 1951 e setembro de 1955 em Buenos Aires, o periódico se configurou como o órgão de difusão oficial da Escola Superior Peronista, centro de formação para simpatizantes do governo. De periodicidade quinzenal, a revista tinha o intuito de inculcar a doutrina às massas e inseriu-se no contexto de aprofundamento da crise econômica e do controle dos meios de comunicação pelo Estado. Este trabalho surgiu da necessidade de aprofundar o estudo sobre *Mundo Peronista* e de compreendê-la como veiculadora de discursos e representações. Para isso, escolheram-se temas frequentemente publicados, como o papel da mulher, os usos do passado e as transformações econômicas. No marco da *peronização* da sociedade argentina, tais conteúdos eram utilizados para legitimar do governo de Juan Domingo Perón, uma vez que abordavam discussões relevantes para a época. A partir desses pontos, portanto, foi analisado o discurso norteador de *Mundo Peronista* durante os seus anos de publicação.

Palavras-chave: Peronismo. Propaganda política. *Mundo Peronista*.

LANZONI, Raquel Fernandes. **For a peronism “sin peros”**: political propaganda in *Mundo Peronista* (1951-1955). 2022. 306 f. Dissertation (Masters in History) – São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2022.

ABSTRACT

This dissertation aimed to analyze the magazine *Mundo Peronista* as a historical object for the study of peronism. Published between July 1951 and September 1955 in Buenos Aires, the periodical was configured as the official publication of the Escola Superior Peronista, a training center for government supporters. Published fortnightly, the magazine aimed to inculcate the doctrine to the masses and was inserted in the context of the deepening of the economic crisis and the control of the media by the State. This work arose from the need to deepen *Mundo Peronista*'s study and to understand it as a vehicle for discourses and representations. For this, frequently published topics were chosen, such as the role of women, the uses of the past and economic transformations. Within the framework of the *peronization* of Argentine society, these contents were used to legitimize the government of Juan Domingo Perón, since they addressed relevant discussions at the time. From these points, therefore, the guiding discourse of *Mundo Peronista* during its years of publication was analyzed.

Keywords: Peronism. Political propaganda. *Mundo Peronista*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do primeiro número de <i>Mundo Peronista</i>	26
Figura 2 - Artigo de <i>Mundo Peronista</i>	53
Figura 3 - Carta de Juan Contreras à revista	56
Figura 4 - As seções <i>Perón cumple</i> e <i>Doctrina para todos</i>	65
Figura 5 - A seção <i>El ejemplo peronista</i>	66
Figura 6 - Seção <i>Calendário peronista</i>	67
Figura 7 - As seções <i>El anecdotario de Evita</i> e <i>Actualidad peronista</i>	68
Figura 8 - As seções <i>Historia de Perón y de su pueblo</i> e <i>Radiografías de la oposición</i>	69
Figura 9 - As seções <i>Nuestro pequeño mundo</i> e <i>Adoctrinamiento peronista</i>	71
Figura 10 - Matéria sobre a relevância do voto feminino e o papel de Eva Perón	84
Figura 11 - Eva Perón santificada na capa de <i>Mundo Peronista</i>	96
Figura 12 - A seção <i>Escribe Eva Perón</i> no contexto da campanha eleitoral de 1951	99
Figura 13 - Entrevista com as "mulheres da nova Argentina" em 1954	104
Figura 14 - Matéria sobre a participação das mulheres na economia familiar	109
Figura 15 - Matéria sobre uma unidade básica feminina.....	111
Figura 16 - Nélide Marta Sarmiento em <i>El ejemplo peronista</i>	118
Figura 17 - A história de Zolia De Santos na seção <i>El ejemplo peronista</i>	126
Figura 18 - Historia del Peronismo publicada na seção Escuela Superior Peronista	148
Figura 19 - <i>La palabra de Eva Perón</i> , espaço onde <i>Historia del Peronismo</i> foi reeditado	155
Figura 20 - Josef Stálin, Juan Perón e Harry Truman em uma charge publicada na revista.....	166
Figura 21 - O "Esquema nº 1"	167
Figura 22 - O "Esquema nº 2"	168
Figura 23 - O "Esquema nº 3"	170
Figura 24 - O "Esquema nº 4"	170
Figura 25 - Esquema explicativo sobre a situação e a posição do peronismo	175

Figura 26 - Registro fotográfico do encontro entre Juan Perón e Carlos Ibáñez na Argentina em 1953. Na legenda, é possível ler: “O’Higgins y San Martín, reencontrándose en Ibáñez y Perón...”	189
Figura 27 - Matéria sobre Buenos Aires, capital federal.....	212
Figura 28 - Matéria sobre os campeonatos esportivos infantis	215
Figura 29 - Artigo sobre a construção de novos bairros	219
Figura 30 - Matéria sobre o acesso popular à cultura	222
Figura 31 - Matéria sobre a história de Lída Contreras	226
Figura 32 - A seção <i>El pensamiento vivo de Perón</i>	230
Figura 33 - Matéria sobre as colônias de férias.....	236
Figura 34 - Artigo sobre a fabricação de motocicletas nacionais	239
Figura 35 - Artigo sobre a construção de diques.....	242
Figura 36 - Charge publicada na revista <i>Primera Plana</i> (1964).....	251

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Levantamento de revistas peronistas	42
---	----

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	14
1	INCULCAR A DOUTRINA PARA CONSTRUIR UMA NOVA NAÇÃO: O USO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO PELO PERONISMO	25
1.1	Os meios de comunicação na Argentina.....	27
1.1.1	O desenvolvimento da imprensa gráfica.....	28
1.2	A propaganda como estratégia política: a ascensão de Juan Domingo Perón	30
1.2.1	Da Secretaria do Trabalho à presidência da nação: a importância dos canais de comunicação	30
1.2.2	Raúl Apold: a liderança velada do peronismo	34
1.3	A peronização da sociedade argentina e o papel da propaganda política	39
1.3.1	A imprensa escrita.....	40
1.4	Irradiar a doutrina e conquistar corações e mentes: a revista <i>Mundo Peronista</i> (1951-1955).....	47
1.4.1	A Escola Superior Peronista.....	50
1.4.2	O funcionamento de Mundo Peronista	52
1.4.3	Financiamento, gestores e autores.....	57
1.4.4	A construção de conteúdos para a “causa peronista”	63
2	ENTRE O POLÍTICO E O LAR: A CONSTRUÇÃO DO PAPEL FEMININO PERONISTA.....	72
2.1	Mulheres e participação política na Argentina.....	74
2.1.1	A “obra de justiça” peronista	83
2.2	Eva Perón: a primeira mulher do mundo.....	89
2.3	O dever cívico feminino: eleições para presidente (1951) e vice-presidente (1954)	97
2.3.1	Acertando contas: a reeleição de Juan Domingo Perón.....	98
2.3.2	Reafirmando lealdades: e eleição de Teissaire para a vice-presidência .	101
2.4	Sentinelas da economia: cumprindo com a doutrina desde o lar	105
2.5	Lares estendidos: as Unidades Básicas Femininas.....	110

2.6	Virtuosas por que peronistas: as mulheres em <i>El Ejemplo Peronista</i>	115
2.6.1	Dignificação das mulheres argentinas: profundo fervor e sacrifício.....	116
2.6.2	Virtudes que não conhecem fronteiras	124
2.7	Conclusão	129
3	A IMPORTÂNCIA DO PASSADO PARA O PRESENTE: OS USOS DA HISTÓRIA PARA A LEGITIMAÇÃO POLÍTICA PERONISTA	132
3.1	História e historiografia argentina: considerações iniciais	132
3.2	História e política na Argentina: o revisionismo histórico	137
3.2.1	Revisionismo histórico e peronismo: semelhanças e distanciamentos....	142
3.3	Eva Perón historiadora e a “inteligencia del corazón”	144
3.4	Terceira Posição peronista: a busca pelo equilíbrio e pela certificação da superioridade.....	162
3.5	Para pensar além da díade esquerda e direita: a interpretação peronista da política.....	174
3.6	Passado argentino e presente peronista: uma articulação oportuna	181
3.7	Conclusão	191
4	O SENTIDO DO PROGRESSO: A ECONOMIA EM FUNÇÃO DO BEM-ESTAR POPULAR	194
4.1	Economia argentina e as políticas econômicas peronistas	195
4.2	Um país moderno para o povo	209
4.2.1	A urbanização como conquista.....	210
4.2.2	O lar é um direito e berço da nação.....	216
4.2.3	A terceira via para a educação e a cultura	220
4.2.4	A saúde e o bem-estar popular.....	224
4.3	A dignificação do trabalhador argentino	227
4.3.1	Descansar também é um direito	233
4.4	A função social da economia: transportes e energia para o povo....	236
4.5	Conclusão	244
	CONCLUSÃO.....	246

REFERÊNCIAS	252
APÊNDICE A – Lista de seções em <i>Mundo Peronista</i>	264

INTRODUÇÃO

Em 17 de outubro de 1945, a Argentina foi palco de uma manifestação sem precedentes no país que marcaria – e dividiria – indelevelmente a história e a política dessa nação: Juan Domingo Perón, então coronel do Exército argentino, consagrava-se líder popular após uma série de mudanças sociais operadas desde a Secretaria do Trabalho e Previdência. Eleito democraticamente no ano seguinte, J. Perón empreenderia profundas transformações no país até setembro de 1955, quando foi derrocado por um golpe militar. Durante seus dois governos, os meios de comunicação foram mobilizados, a partir do Estado e de grupos próximos ao governo, para propagandear e legitimar a doutrina peronista. Mobilizando bandeiras por vezes contraditórias entre si, o peronismo é entendido, neste trabalho, como um movimento político centralizador que procurava valorizar as tradições nacionais argentinas e operar mudanças políticas e sociais sem alterar as estruturas da sociedade. A apelação ao líder era empreendida de forma a consagrá-lo como o único indivíduo capaz de recompor o pacto político entre as classes.

Durante o peronismo, a propaganda política foi empregada, a partir de revistas, jornais, programas de rádio, cartazes, slogans, entre outros, para promover as ideias políticas de Juan Perón e conquistar novos apoiadores. O objetivo da presente dissertação é investigar a revista *Mundo Peronista*, publicada entre 1951 e 1955, como objeto histórico para a compreensão do peronismo. De periodicidade quinzenal, a revista estava vinculada à Escola Superior Peronista, centro de formação para a base de apoio do governo. *Mundo Peronista* era, ademais, editada em Buenos Aires pela Editora Haynes. Os periódicos, entendidos como recursos documentais e forma de intervenção na sociedade, possuem uma importância imperativa nos estudos de história política, pois permitem compreender as estratégias usadas por governos, partidos e grupos políticos na divulgação, mobilização e legitimação de suas ideias e princípios. Apesar de frequentemente citada pela bibliografia especializada, *Mundo Peronista* carece de estudos mais aprofundados sobre o seu funcionamento e seus conteúdos. Nossa proposta é investigar, no contexto de *peronização* da sociedade argentina, como a revista construiu e divulgou discursos e representações que visavam legitimar o peronismo. Como veremos, a diversidade de temas tratados e seções publicadas em *Mundo Peronista* aponta o interesse da revista em alcançar diferentes públicos e demonstra

a variedade de estratégias utilizadas. De forma mais específica, analisaremos como a revista propagandeou o peronismo através de temas como o papel feminino, os usos da história e as transformações econômicas durante o período.

*

O coronel Juan Domingo Perón emergiu na política argentina por meio do golpe de 1943 realizado pelo Grupo de Oficiais Unidos (GOU), que retirou do poder o presidente Ramón Castillo e instalou um governo militar antiliberal, anticomunista e conservador. Primeiramente como Secretário do Trabalho e Previdência e, em 1944, assumindo concomitantemente o Ministério da Guerra e a vice-presidência, J. Perón implementou mudanças no âmbito da legislação, como o reconhecimento do direito à greve e a aprovação de reajustes salariais, além de desenvolver uma rede de proteção social para os trabalhadores, conquistando, assim, a confiança e o respeito de líderes sindicais e das massas. Eleito pela primeira vez em 1946, o líder justicialista contou com o apoio, ainda que inicial, de militares, sindicatos, grupos nacionalistas e da Igreja Católica. Em novembro de 1951, Juan Perón e seu vice Hortensio Quijano foram reeleitos com 4.745.000 votos, enquanto os candidatos radicais, Ricardo Balbín e Arturo Frondizi, cuja propaganda eleitoral foi censurada pelo governo, obtiveram 2.415.000 votos.

O primeiro governo de J. Perón valeu-se da prosperidade econômica na qual o país se encontrava em decorrência da Segunda Guerra Mundial. As reservas cambiais possibilitaram uma série de mudanças, como a nacionalização de empresas e a redistribuição de renda. No entanto, o segundo mandato peronista foi marcado por algumas mudanças em relação ao primeiro. A recuperação econômica dos países atingidos pela Segunda Guerra Mundial diminuiu a exportação de produtos argentinos e, passado os anos de prosperidade econômica do pós-guerra, a economia argentina começou a transferir recursos do setor rural exportador para a economia urbana. A nova orientação econômica a partir do Segundo Plano Quinquenal, efetivada nos meses iniciais de 1953, se apresentava como uma autocrítica ao mandato anterior. Ademais, em janeiro de 1951, o governo enfrentou a primeira grande greve, realizada pelos trabalhadores do sistema ferroviário e sofreu a primeira tentativa de golpe, arquitetada pelo General Benjamín Menéndez, mas que fracassou por falta de adesão no meio militar.

Dois anos antes de sua segunda vitória eleitoral, o governo peronista empenhou-se em uma reforma constitucional. O texto, inalterado desde sua criação

em 1853, buscava consolidar a doutrina justicialista, transformando-a em doutrina nacional. Para fundar a “nova Argentina”, o peronismo deveria “unir espiritualmente” a sociedade e, assim, formar a “comunidade organizada”¹. A reforma constitucional simbolizou, para Loris Zanatta (2009), a passagem do espírito revolucionário do peronismo para a sua institucionalização. A Constituição de 1949 afirmou as medidas trabalhistas, outorgou os direitos sociais de idosos e crianças, incorporou ao texto o direito de acesso de todos os cidadãos à educação, cultura e lazer. Aumentou, ademais, os poderes do Estado na intervenção econômica, nacionalizou os recursos naturais e garantiu o direito de voto para as mulheres, além de permitir pela primeira vez a reeleição presidencial.

Ainda de acordo com Halperín Donghi (1972), o caráter personalista da liderança de J. Perón conduziu o movimento a um rápido retorno ao estilo autoritário, marca indelével do governo militar instaurado em 1943. O caráter autoritário do governo peronista pode ser notado no controle exercido nos meios de comunicação, uma vez que a censura, a compra de diários, editoras e cadeias de rádio permitiram que o peronismo silenciase a oposição. A crescente institucionalização do peronismo suscitou incômodos em grupos de sua base de apoio, como foi o caso da Igreja Católica. A peronização executada pelo governo extrapolava determinados limites que resguardavam áreas consideradas de domínio privado, como a família, educação, família e assistência social, que de acordo com Susana Bianchi (1997) estavam outorgadas, até então, à tutela da Igreja. O gradativo avanço do peronismo nessas áreas e a constante sacralização de seus líderes e do movimento fomentará a crise político-clerical que coincidirá com os últimos anos do governo peronista (BIANCHI, 1997; CAIMARI, 2010).

Em 1952, a morte da primeira dama e *madre de los descamisados* impactou de forma profunda o governo peronista. Eva Perón faleceu aos 33 anos em decorrência de um câncer de útero. Sua precoce morte representou o desaparecimento da figura que mais incorporava o que o movimento peronista significava para sua base de apoio (HALPERÍN DONGHI, 1972). Loris Zanatta (2009) indica que, em meados de 1949, os discursos proferidos e a participação

¹ “[...] es decir, orgánica, unida y armónica, en cuyo seno cada clase social, cada género de actividad y cada territorio desarrollara su función específica dentro de un espíritu de colaboración con los demás órganos de la sociedad y en sintonía con la doctrina nacional por medio de la cual Perón le había señalado el camino, y que era conocida ya con el nombre de *justicialismo*.” (ZANATTA, 2009, p. 135-136, grifo do autor).

política de Eva Perón contribuíram para o crescimento significativo de sua imagem e do movimento peronista. A partir de então e por meio de uma retórica maniqueísta e carregada de teor sentimental, Eva potencializou o processo de fusão entre partido, Estado e nação, contribuindo para a sacralização do regime e o crescente culto à personalidade de J. Perón. A morte da *jefe espiritual de la nacion* deixou ao regime a complexa missão de administrar sua herança e, ao mesmo tempo, manter viva as obras e palavras da primeira-dama.

O papel dos meios de comunicação foi igualmente essencial para o peronismo. A crescente relevância que a *Subsecretaria de Informaciones* (S.I), criada em 1943, foi adquirindo nos anos peronistas revela a importância que o líder justicialista atribuía à propaganda política. Sob a direção de Raul Apold, antigo diretor da *Argentina Sono Film* e conhecido de Perón desde 1944, a propaganda peronista, a fim de conquistar “corações e mentes”, valeu-se da impressão de inúmeros folhetins, cartazes e revistas oficiais, programas de rádio, peças de teatros, entre outros recursos. De acordo com Soria (2010), em 1950 o peronismo encontrava-se consolidado como uma nova proposta estética e política que se comunicava, principalmente, através do aparato propagandístico. Note-se que, além de divulgação do governo, a propaganda peronista também se empenhava em moldar as massas politicamente. Para isso, os meios de comunicação do governo faziam uso de recursos que facilitavam a apreensão das informações pelas massas, como a simplificação do discurso e o uso de fotografias e ilustrações.

*

Este trabalho se insere no conjunto de publicações brasileiras e internacionais que estudam o peronismo e, mais precisamente, que possuem a imprensa escrita oficialista do período como objeto de estudo. O livro *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*, de Maria Helena Rolim Capelato (2009), é uma referência fundamental para aqueles que analisam o peronismo no Brasil e ponto de partida para esta dissertação. De acordo com a autora, a propaganda política empreendida pelos governos varguista e peronista foi seguramente influenciada pela propaganda nazifascista. Essa influência, por sua vez, pode ser examinada não somente por meio do controle dos meios de comunicação, mas pela aplicação dos mesmos no “sentido moderno”, isto é, na simplificação da linguagem usada, no apelo emocional, no emprego de insinuações veladas e de promessas de benefícios (CAPELATO, 2009, p. 73-74). Na referida obra, a revista *Mundo Peronista*

é citada como exemplo da propaganda política peronista: para a autora, o conteúdo publicado simbolizava o perfil peronista das publicações da época, caracterizado pelo maniqueísmo e pela redução temporal do “antes-agora”, descrito pela necessidade de mostrar ao leitor a diferença entre um passado sombrio de dominação estrangeira e um presente iluminado e próspero possível somente pelo advento do peronismo que dignificou a massa trabalhadora argentina. Tomando-a como ponto de partida, desejamos aprofundar a análise de Capelato sobre a propaganda política peronista ao nos debruçarmos de modo específico sobre *Mundo Peronista* e explorar de forma mais rigorosa e minuciosa a construção discursiva da revista.

Em *Perón y los medios de comunicación*, Pablo Sirvén (1984) destaca que a relação entre peronismo e imprensa deve ser analisada considerando dois diferentes – mas igualmente importantes – polos: o primeiro diz respeito às ações do governo que visavam impor princípios e limites à imprensa, e o segundo relaciona-se ao contexto dos meios de comunicação na Argentina no momento da ascensão de Juan Perón à presidência. Apesar de mover-se dentro dos limites do Estado de direito, o governo peronista empreendia medidas, como a compra de diários e recomendações ao funcionamento da imprensa, que visavam à censura da oposição e o controle dos meios de comunicação. Outro importante autor para o desenvolvimento da presente pesquisa é Alberto Ciria (1983), que em *Política y cultura popular: la Argentina peronista (1946-1955)* categorizou os conteúdos de *Mundo Peronista* entre seções que permitem o estudo da autoimagem do regime – conteúdos humorísticos que ridicularizavam a oposição, textos de formação doutrinária e poemas laudatórios, por exemplo – e artigos que advogam a superioridade do peronismo em relação ao comunismo e ao capitalismo. Ciria não aprofunda a análise dos conteúdos publicados, mas aponta *Mundo Peronista* como um recurso útil para investigar as primeiras tentativas da propaganda oficial em consolidar a doutrina justicialista no âmbito nacional.

Mirta Varela (2007), Claudio Panella (2010) e Virginia Morales (2017) publicaram artigos pertinentes sobre o peronismo e os meios de comunicação. Valera (2007) discorre acerca das medidas restritivas e as de estímulo tomadas pelo governo para o gerenciamento dos meios de comunicação. As primeiras, segundo a autora, dizem respeito à censura de revistas, diários e programas de rádio que pertenciam aos grupos opositores e ao controle de insumos para as editoras, como o

papel. As medidas de estímulo relacionam-se ao investimento e valorização da indústria cultural nacional. A característica principal da relação entre o peronismo e os meios de comunicação foi, para Varela (2007), a centralização de tais meios pelo governo por meio da compra massiva dos canais de comunicação. A empresa privada ALEA S.A., por exemplo, tornou-se responsável pela edição e impressão de grande parte da propaganda peronista, inclusive de *Mundo Peronista*, após adquirir a concessão de editoras menores.

O primeiro artigo dedicado exclusivamente à *Mundo Peronista* foi o trabalho de Claudio Panella (2010), publicado no primeiro volume de “Ideas y debates para la Nueva Argentina”. Na ocasião, o autor reuniu uma série de informações sobre a revista, como o nome de alguns colaboradores, dados sobre a tiragem, preços e anunciantes, além de discorrer sobre algumas seções. O trabalho de Panella (2010) é relevante no sentido de ter apresentado e inserido *Mundo Peronista* no conjunto de periódicos publicados durante o primeiro peronismo que podem – e devem – servir de objeto de investigação para o período. Não obstante, o autor não esmiúça as informações coletadas na própria revista, o que torna o artigo publicado pouco analítico. Virginia Morales (2017), por sua vez, analisou “Amigos de Mundo Peronista”, seção permanente da revista. A autora tenciona investigar a construção do sujeito popular peronista por meio de cartas, opiniões e poemas enviados ao periódico pelo público leitor. Para Morales (2017), *Mundo Peronista* se apresenta como um dos casos mais significativos em que o governo peronista empreendeu a linguagem propagandística para difundir e defender a doutrina, além de interpelar de forma particular cada sujeito – homens, mulheres, crianças, adolescentes, idosos e estrangeiros – da “nova Argentina”.

No Brasil, há um número considerável de trabalhos acadêmicos sobre o peronismo. Mayra Coan Lago (2021), por exemplo, analisou, a partir da história comparada, os imaginários populares sobre a pátria e família a partir de cartas enviadas por “pessoas comuns” a Juan Perón e Getúlio Vargas. As missivas eram utilizadas pela propaganda política oficial para ratificar a coesão e a legitimidade do peronismo e do varguismo. Mundo Peronista foi utilizada pela autora para demonstrar a participação popular através do envio de cartas que eram publicadas em uma seção específica. Rodolpho Gauthier Cardoso dos Santos (2015), por sua vez, investigou as representações do governo peronista publicadas pela imprensa liberal e conservadora – *O Cruzeiro* e *Tribuna da Imprensa* – do Brasil entre 1945 e

1955. O trabalho de Santos, apesar de não se debruçar na análise de periódicos peronistas, nos auxilia no entendimento de como o discurso oficial, publicado em *Mundo Peronista*, era recepcionado e divulgado em outro país. Já Paulo Renato da Silva (2009) ocupou-se da produção cultural argentina durante o primeiro peronismo. O autor questionou o “vazio cultural” atribuído ao período como explicação da manipulação dos setores populares pelo governo. Para Silva, houve sim uma política cultural peronista que, apesar de expressiva, não impediu o reconhecimento de escritores e produções antiperonistas. As discussões empreendidas pelo autor ajudam a repensar e questionar o entendimento sobre cultura e o envolvimento do governo peronista com o campo cultural argentino. Os trabalhos citados, apesar de contribuírem para a reflexão do peronismo enquanto objeto de estudo, não tratam a rigor da propaganda política peronista. O estudo de Capelato (2009), nesse sentido, é o que mais dialoga com a presente dissertação, cujo escopo é analisar uma revista todavia pouco estudada.

A bibliografia que trata de *Mundo Peronista*, certamente relevante para a presente pesquisa, privilegia o estudo do periódico enquanto fonte, isto é, a revista como depositária de informações sobre uma determinada época, um espelho da sociedade de outrora. Todavia, as investigações não enfatizam o caráter gerador de discursos, práticas e representações da revista, muito menos as possibilidades de intervenção da sociedade no desenvolvimento da publicação. Para além de um mero exemplo da propaganda política do período, entendemos *Mundo Peronista* como um produto político e cultural que se relaciona intrinsecamente com a complexidade do movimento e do governo os quais a revista pertence. Para a história política renovada, os periódicos permitem a análise da “politização do cotidiano” – a peronização da sociedade – isto é, as estratégias usadas pelo Estado, pelos partidos e demais grupos políticos na difusão de suas ideias e na conquista de novos adeptos.

Sendo assim, a proposta de estudar *Mundo Peronista* surge da necessidade de desenvolver uma análise mais metódica da formação e do funcionamento da revista e que possa contribuir com o campo de estudos sobre peronismo por meio da imprensa escrita. Os temas escolhidos para serem analisados em cada capítulo podem, de fato, parecerem arbitrários, mas não são aleatórios: discussões sobre o papel feminino, os usos da história e as transformações econômicas estavam na ordem do dia, uma vez que, quando propagandeados, poderiam mobilizar diferentes

grupos e apelar a diferentes assuntos para legitimar o governo de J. Perón. É digno de nota a aprovação da Lei do Sufrágio Feminino em 1947, cuja campanha foi protagonizada por Eva Perón. À época, os meios de comunicação oficialistas outorgavam à primeira-dama um suposto ineditismo² e a benevolência por lutar pelos direitos políticos das mulheres. Os conflitos entre as diferentes interpretações sobre o passado argentino pressupunham não só rivalidades acadêmicas, mas principalmente políticas: os projetos políticos buscavam na história a justificativa de suas diretrizes para o presente e também para o futuro. Era preciso, portanto, que o peronismo fosse localizado dentro da história argentina de tal modo que, ao valorizar as verdadeiras tradições nacionais, alcançasse legitimação política no presente. Se o sentido do governo peronista era o povo, logo todos os âmbitos da sociedade deveriam estar voltados para o incremento do bem-estar popular. Em relação às transformações econômicas empreendidas por J. Perón, o discurso oficialista caracterizava o presente peronista como um período de avanço econômico sem precedentes e que havia incrementado a qualidade de vida dos setores populares por meio da criação de novos empregos, aumento salarial, nacionalizações, construção de hospitais, bairros e casas populares, escolas, entre outros.

Essa dissertação, portanto, pretende somar-se às publicações que debatem a relação entre o peronismo e os meios de comunicação ao inserir o estudo de uma revista constantemente citada, mas pouco estudada de forma acurada. No Brasil, a dissertação agrega-se ao conjunto de trabalhos citados que versam sobre um importante movimento político que ainda carece de maiores estudos no país.

*

Em relação aos aspectos teórico-metodológicos, o presente trabalho se insere no campo da história política renovada. O estudo do político, como pontua René Rémond (2003), pode se dilatar até abarcar toda e qualquer realidade social, chegando a absorver inclusive a esfera do privado. A inexistência das fronteiras do político possibilita a comunicação com outros domínios, tornando-o o ponto de maior condensação de séries causais entre os demais componentes da sociedade. De forma análoga, Pierre Rosanvallon (1995) defende que a sociedade só poderá ser compreendida quando seus subsistemas deixarem de ser meramente adicionados

² Como veremos no segundo capítulo, o movimento sufragista é anterior ao surgimento do peronismo. No início do século XX, grupos de mulheres alinhados à esquerda já se mobilizavam a favor do direito voto. A título de exemplo, em 1902 foi fundado o Centro Socialista Feminista por Alicia Moreau de Justo, militante do Partido Socialista.

uns aos outros e passarem a se relacionar com um quadro interpretativo maior, isto é, a política. A abordagem de Rémond e Rosavallon é pertinente para o nosso estudo pois se o político é a esfera onde se articulam o social e suas representações e essa esfera, por sua vez, não possui fronteiras fixas, sustentamos que a proposta de *Mundo Peronista* de “inculcar a doutrina às massas” – em outras palavras, de *peronizar* a sociedade argentina – alinha-se à linha interpretativa proposta pelos autores citados, uma vez que o objetivo da revista era de propagar a doutrina para além da esfera partidária e pública. O significado de ser peronista deveria ir além do pleito eleitoral: seriam nos comportamentos e atitudes do cotidiano que os indivíduos se transformariam em peronistas e, assim, contribuiriam com a formação da “nova Argentina”.

Compreendemos, ademais, que *Mundo Peronista* se inseria em um campo de disputas entre diferentes grupos, cada qual com suas demandas e representações próprias. Essas representações, entendidas como classificações criadas que organizam a apreensão do social em categorias de percepção do real (CHARTIER, 2002), coexistiam em uma relação de força na qual concorriam pela imposição de suas visões. Nesse sentido, *Mundo Peronista* concebia suas próprias representações ao moldar o real a partir de representações sobre a mulher, a história e as transformações econômicas. A partir, portanto, da ideia de representação cunhada por Roger Chartier, podemos compreender quais foram os padrões e sentidos propostos pela revista ao público leitor.

Raoul Giradert (1987) discorre, por sua vez, acerca da importância dos imaginários políticos para o campo de estudo da história política. Para o autor, os estudos da área constantemente se restringem à análise do “pensamento organizado, racionalmente construído, [e] logicamente conduzido” (GIRADERT, 1987, p. 09), marginalizando o que escapa da racionalidade, mas que está igualmente inserido na cultura política. O peronismo utilizou de elementos subjetivos, como o apelo ao lado emocional e a comparação de seus líderes com figuras religiosas, para difundir sua doutrina e cooptar novos adeptos. Eva Perón não se constrangia ao ser identificada como fanática pelo justicialismo e o líder especificava, em 1949, que o peronismo era antes uma questão do coração.

A importância dos meios de comunicação enquanto objeto da nova história política reside, para Jean-Noel Jeanneney (2003), na viabilidade de estudar a vida política de um país no seu cotidiano. Se o tema continua sendo a política, as fontes,

por sua vez, se atualizam: através de, por exemplo, jornais, revistas, folhetos, programas de rádio e de televisão, o pesquisador pode apreender a “politização do cotidiano”, analisar como as relações de poder são construídas e disputadas para além do espaço tradicional do Estado. É digna de nota a atenção que o Jeanneney reclama ao “jogo de espelhos” entre as realidades e as representações: ao se debruçar no estudo dos meios de comunicação, o investigador deve atentar-se, de um lado, para não interpretar tudo como representação e, por outro, para não assumir as informações veiculadas como retratos fiéis e neutros da sociedade. É necessário, portanto, encontrar um equilíbrio dentro do jogo de espelhos que priorize a problematização dos meios de comunicação.

No que diz respeito ao estudo da imprensa escrita³, as revistas e os jornais não podem ser encarados como transmissores neutros e imparciais dos acontecimentos. Esse trabalho entende *Mundo Peronista* como um veículo produtor e transmissor de representações sobre o peronismo. Mirta Kircher (2005) destaca a importância da linguagem usada pela imprensa, pois é através dela que as ideias são construídas e expressas de acordo com objetivos preestabelecidos. Por exemplo, a escolha do público-alvo implica o emprego de diferentes recursos linguísticos para que os conteúdos alcancem os indivíduos selecionados. A autora reitera o papel da imprensa como mediadora entre a sociedade civil e o Estado e destaca a capacidade geradora de representações do poder que influem no funcionamento social.

Como objeto de estudio, la peculiaridad estaría dada en su dimensión explicativa como fuente inestimable para pensar la sociedad, la política y la cultura, y, por el rol del actor social y político, central en la constitución del campo político y en la conformación de la sociedad civil. (KIRCHER, 2005, p. 122).

É necessário elucidar que *Mundo Peronista* é uma revista oficialista⁴ de propaganda política, isto é, seus objetivos residiam na divulgação do discurso oficial.

³ Pautando-se em Jurgen Habermas, Capelato (2015) apresenta ao leitor as quatro fases da história da imprensa: a primeira caracteriza-se pelo surgimento de jornais no início do capitalismo, confeccionados em empresas artesanais e ligados à esfera privada; depois, houve a fase do “jornalismo literário”, momento no qual escritores se valiam da imprensa periódica para publicar suas opiniões e obras; no final do século XVIII, na Inglaterra, a imprensa transformou-se em lugar de oposição ao absolutismo e, entre os séculos XIX e o XX, o jornalismo passou a se organizar para atender às empresas comerciais.

⁴ O termo “oficialista” é empregado para caracterizar grupos e instituições que, apesar de não estarem ligados ao Estado de forma aparente, pertencem ao antro governamental. Como veremos no primeiro capítulo, *Mundo Peronista* alegava não receber nenhum tipo de financiamento estatal, mas estava vinculada à empresa ALEA S.A., sociedade entre Carlos Vicente Aloé e Miguel Miranda, ambos funcionários do Estado.

No marco da *peronização* impulsionada pelo governo, a revista construía e divulgava imagens de uma Argentina próspera: as conquistas políticas e sociais e as transformações econômicas era resultado de ações benevolentes de um líder predestinado ao governo da nação. A visão fundacional e a contraposição entre passado e presente foram estratégias utilizadas por *Mundo Peronista* para atestar a importância do governo de J. Perón, até mesmo – ou principalmente – em tempos de crise e desequilíbrios. Direcionada àqueles que já eram simpatizantes da “causa peronista”, a revista fazia uso de uma linguagem simples e comunicativa, bem como de fotografias, ilustrações, gráficos e esquemas, que tornavam o conteúdo publicado de fácil compreensão. Se, por um lado, *Mundo Peronista* mediava a relação entre a sociedade e os líderes peronistas – a revista recebia, por exemplo, cartas de leitores solicitando ajuda e também missivas com considerações sobre o governo –, ela também pretendia influir no cotidiano de seus leitores ao imprimir normas para as reuniões nas unidades básicas e atividades para o público infantil, estabelecer comportamentos e práticas em relação ao próprio movimento e à oposição.

*

A dissertação está estruturada em quatro capítulos: o primeiro reunirá e analisará as informações sobre *Mundo Peronista* enquanto objeto histórico, além de esboçar considerações sobre a formação e o desenvolvimento dos meios de comunicação e, mais precisamente, da imprensa escrita argentina; o segundo trabalhará a construção de um modelo feminino tipicamente peronista, cuja centralidade residia na figura de Eva Perón; já no terceiro capítulo, a análise estará voltada aos artigos da revista que versam sobre a história, objetivando investigar de que modo os acontecimentos históricos eram utilizados para a legitimação do peronismo; e o último capítulo, por sua vez, se concentrará nas matérias sobre as transformações econômicas do período e como elas foram manuseadas para validar positivamente as realizações do governo. *Mundo Peronista* é uma revista bastante ilustrada: fotografias, desenhos e esquemas estão presentes em todas as edições da publicação. Não se configura como nosso objetivo o estudo imagético da revista; não obstante, consideramos relevante apresentar alguns exemplos de como tais elementos apareciam em *Mundo Peronista*. Por isso, o leitor encontrará, no decorrer do texto, imagens cujo propósito reside apenas no enriquecimento de nossa análise.

1 INCULCAR A DOUTRINA PARA CONSTRUIR UMA NOVA NAÇÃO: O USO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO PELO PERONISMO

O presente capítulo tem como objetivo apresentar e discutir a revista *Mundo Peronista*, fonte e objeto desta dissertação. Para isso, torna-se imprescindível esboçar não somente o contexto de surgimento do órgão de difusão da Escola Superior Peronista, mas também a conjuntura anterior que possibilitou o desenvolvimento dos meios de comunicação na Argentina. Por conseguinte, discutiremos a relação entre o peronismo e os meios de comunicação, procurando demonstrar que, mesmo não tendo se configurado um Estado de exceção, o peronismo empreendeu medidas autoritárias para controlar o funcionamento os veículos de comunicação, tal qual a imprensa escrita. Não obstante, o próprio peronismo não ficou restringido aos canais oficiais: o surgimento de revistas editadas por peronistas que não se alinhavam totalmente às políticas de Juan Perón questiona, ainda que inicialmente, a verticalização do movimento e de sua doutrina. Como um caleidoscópio de ideias – e por que não de ideologias –, o peronismo foi e continua sendo reivindicado e disputado por diferentes grupos que, cada qual a sua maneira, tentam impor as suas interpretações sobre o movimento surgido na década de 1940.

As informações encontradas sobre *Mundo Peronista* revelam um ponto complexo da pesquisa. A própria revista publicava dados sobre o seu funcionamento, como o número de tiragem e matérias sobre a sua organização interna acompanhadas de fotografias de seus supostos funcionários. Esses materiais, apesar de serem inquestionavelmente importantes para a nossa investigação, não podem ser lidos como verdades absolutas. Aqui, torna-se imperativo recordar que os meios de comunicação não são espelhos da realidade. As informações veiculadas são construídas mediante objetivos e interesses próprios, demonstrando que a neutralidade e a imparcialidade não se constituem como características dos meios de comunicação. Como bem pontuou Maria Helena Rolim Capelato (1988, p. 22) sobre a imprensa:

O historiador de hoje dessacralizou os fatos e sequer admite que eles sejam a base da objetividade, pois reconhece que eles são fabricados e não dados. Mais importante do que a “realidade dos fatos” é a maneira pela qual os sujeitos da história tomaram consciência deles e os relataram. [...] a objetividade continua sendo

um critério fundamental da análise histórica, mas o seu culto mítico já é questionado.

O fato de *Mundo Peronista* ter sido uma revista do eixo oficial do governo intensifica a necessidade de que suas informações sejam questionadas e discutidas com outras fontes de informação. Todavia, documentos sobre o funcionamento interno da revista, como atas de reunião, registros de funcionários, rascunhos de artigos e matérias, informações sobre a publicidade e financiamento e etc., não foram encontrados em sua totalidade. A possibilidade de que tais documentos não existam também não deve ser descartada, uma vez que o processo de *desperonização* empreendido pela Revolução Libertadora resultou na destruição de várias fontes de informação do governo derrocado. Portanto, a alternativa encontrada foi reunir os documentos encontrados, as informações publicadas em outros trabalhos – artigos, textos de eventos e livros – e os dados impressos pela própria revista. Somam-se aos pontos anteriores uma leitura atenta do contexto da época e uma investigação exaustiva da estrutura da revista. Objetivamos, assim, discutir a formação e o desenvolvimento de *Mundo Peronista* a fim de demonstrar a importância desse meio de divulgação para os estudos acerca do peronismo.

Figura 1 - Capa do primeiro número de *Mundo Peronista*



Fonte: Mundo Peronista, 01, 15/07/1951.

1.1 Os meios de comunicação na Argentina

O desenvolvimento dos meios de comunicação na Argentina resultou de uma situação atípica do país em relação às outras nações da América Latina. Na segunda metade do século XIX, após a derrota de Juan Manuel de Rosas na Batalha de Caseros (1852) e a reunificação do país (1861) – presidido por Bartolomé Mitre –, a Argentina passou por profundas transformações que visavam à construção de uma moderna nação. Se em 1869 o país possuía 1.737.000 habitantes – dos quais 12% eram estrangeiros, 78% analfabetos e somente 28% concentravam-se nos centros urbanos –, em 1914 os registros apontam para uma população de 7.875.000 habitantes, formada por 30% de estrangeiros, apenas 35% de analfabetos e 53% residindo nas áreas urbanas (FORD; RIVERA, 1985). Esses dados permitem observar, primeiramente, a entrada massiva de imigrantes no país platino. A imigração era estimulada pelo o Estado como uma forma de atrair mão-de-obra para o país, para o campo e para as emergentes indústrias, e para fomentar a ocupação do vasto território argentino.

Outro ponto que se destaca nos dados acima é a taxa de analfabetismo: enquanto que na Argentina, no ano de 1914, a taxa era de 35% de analfabetos, em 1920, no Brasil, a população não alfabetizada chegava aos 71,2% (FERRARO, 2002). Essa diferença entre os dois maiores países da América do Sul é explicada pelo projeto modernizador empreendido pelo Estado argentino após 1880. No que diz respeito à educação, a aprovação da *Ley de Educación Comum* em 1884 objetivava alfabetizar argentinos e imigrantes para a formação de uma consciência nacional própria⁵. Esse dado é importante para pensarmos não somente o precoce desenvolvimento dos meios de comunicação em geral, mas principalmente o avanço da imprensa escrita na Argentina. Não obstante, alguns autores apontam que os resultados da lei de 1884 se concentraram mais no plano quantitativo: a lacuna entre os resultados alcançados pela lei e a ausência dos mesmos foi preenchida pelos meios de comunicação, como o jornalismo popular e informativo, a criação de revistas, os livros vendidos em quiosques, o cinema mudo, a rádio, comercialização de discos, o circo *criollo*, entre outros (FORD; RIVERA, 1985).

⁵ A presença de imigrantes – principalmente italianos e espanhóis – na sociedade argentina intensificou a necessidade de criar uma identidade nacional. Nesse sentido, a educação era uma maneira de ensinar uma cultura e uma história comuns entre argentinos e imigrantes.

Além do incentivo à educação e à imigração, a modernização via Estado empreendia outras mudanças, tal qual a entrada da Argentina no comércio internacional como produtora de carnes e cereais, o desenvolvimento de centros urbanos – principalmente Buenos Aires – e o crescimento do setor industrial e de serviços. Foi, portanto, nesse contexto de avanço econômico e modernização da sociedade que os meios de comunicação tiveram um grande impulso e o que os diferenciou, quantitativamente, dos demais países da América Latina⁶. Para essa pesquisa, nos deteremos no desenvolvimento e nas características dos meios gráficos de comunicação, principalmente no que concerne às revistas argentinas.

1.1.1 O desenvolvimento da imprensa gráfica

De acordo com Silvia Mercado (2013), a Argentina havia se transformado no maior mercado jornalístico da América Latina durante a década de 1930⁷. Diários como *La Prensa*, *La Nación*, *El Mundo*, *Crítica* e *Noticias Gráficas* possuíam uma circulação que superava dois milhões de exemplares diários. A tiragem de *La Vanguardia*, diário socialista, se equiparava a dos jornais mais vendidos no Chile e na Colômbia e, em 1935, a venda de revistas e jornais argentinos superava a de cidades estadunidenses como São Francisco e Los Angeles. Para a mesma época, a autora estima que 3.127 periódicos circulavam por todo o país, dos quais 1.328 se concentravam na cidade de Buenos Aires. Aníbal Ford e Jorge Rivera (1985) apontam que as características estruturais dos meios gráficos argentinos consistiam na forte relação entre o que era produzido e o que era consumido mercado interno – principalmente o popular –, o desenvolvimento de uma infraestrutura própria e de

⁶ De acordo com Ford e Rivera (1985), os períodos de maior desenvolvimento dos principais meios de comunicação na Argentina foram: jornalismo (1880-1910), revistas (1900-1930), cinema mudo (1900-1920), rádio (1920-1940) e cinema sonoro (1930-1945).

⁷ O registro do primeiro jornal argentino data de 1801 com a publicação de *El Telegrafo Mercantil*. Durante a Revolução de Maio, apareceram e desapareceram em torno de 100 jornais. Em 1843, sob o governo rosista, eram publicados no país 43 diários. *La Prensa* – fundado por José Clemente Paz – e *La Nación* – concebido pelo então presidente do país, Bartolomé Mitre – foram criados, respectivamente, em 1869 e 1870. Na capital federal, estima-se que em 1882 havia 44 diários e 26 máquinas impressoras. No ano em que Julio Argentino Roca assumiu a presidência, havia 165 periódicos e, quinze anos depois, o número chegou a 345 jornais e revistas. Na primeira década do século XX, *La Razón* foi fundada e em 1913 apareceu *Crítica*, o primeiro exemplo da *prensa amarilla* na Argentina. Em relação às revistas, *Caras y caretas* (1898) é considerada a primeira revista moderna da Argentina. Logo no início do século XX, a fundação das editoras Haynes (1904) e *Atlántida* (1918) representou a modernização desses meios impressos ao editarem publicações direcionadas a diferentes públicos e sobre diversos temas. Haynes, por exemplo, editava *Mundo Argentino* e *El Hogar*, ambas direcionadas ao público em geral, enquanto que *Atlántida* publicava *Para Ti* e *Biliken*, editadas respectivamente para mulheres e crianças. Na década de 1940, outras revistas alcançaram popularidade, como *Rosalinda*, *Selecta* e *Vosotras* (público feminino), *La Cancha* e *El Grafico* (esportes), *Sintonia*, *Radiolanda* e *Antena* (rádio e cinema) (FORD; RIVERA, 1985).

empresas nacionais, a formação de excelentes quadros profissionais e a tendência de desprezar os investimentos estrangeiros.

James Cane (2007), por sua vez, indica que na passagem do século XIX para o XX a imprensa havia se afastado do facciosismo e assumido uma postura mais comercial. A modernização que ocorria no país chegou aos meios gráficos dotando-os de complexidade tecnológica e alta capitalização. Isso resultou em periódicos mais informativos, ágeis e cotidianos e também na crescente profissionalização dos trabalhadores da imprensa. Os debates sobre a prática jornalística giravam em torno da própria concepção de periódico como um serviço público ou uma empresa comercial. Discutia-se, ademais, se a relação entre um jornal ou uma revista com o leitor deveria assumir o aspecto mercantil ou espiritual. Nesse sentido, o pleito entre *quem* deveria exercer a profissão, intelectuais ou profissionais legalmente reconhecidos, fomentava as tensões dentro das redações dos periódicos. A imprensa deixava de ser concebida como um lugar de combate para disputar espaços na sociedade e passava a brindar mais atenção aos interesses econômicos da época.

É digno de nota o crescente autoritarismo do Estado durante os governos da “década infame” e do golpe do Grupo de Oficiais Unidos (GOU) em 1943. O avanço estatal sobre a imprensa – ainda que moderado quando comparado aos anos peronistas – na tentativa de controlá-la já evidenciava a importância que esse meio de comunicação representava. Não significava somente a simples veiculação de informações, mas a escolha de *quais* informações e de *como* apareceriam nas páginas impressas. Além disso, dado que o público consumidor de revistas e jornais na Argentina era alto, a imprensa se configurava como um meio de chegar à população letrada e também popular. Mesmo antes da ascensão do peronismo ao poder, as técnicas modernas de comunicação e propaganda – slogans, marchas, imagens e símbolos – já eram conhecidas na Argentina. Usadas para gerar adesão e exaltação de indivíduos ou grupos, essas técnicas seriam profundamente desenvolvidas pelo peronismo, mas já contavam com poderosos exemplos, como as propagandas nazifascistas, o *New Deal*, a URSS e experiências mais próximas, como o varguismo no Brasil e o cardenismo no México (CAPELATO, 2009).

1.2 A propaganda como estratégia política: a ascensão de Juan Domingo Perón

1.2.1 Da Secretaria do Trabalho à presidência da nação: a importância dos canais de comunicação

Engana-se quem acredita que a aproximação entre o peronismo e os meios de comunicação aconteceu somente após a eleição de Juan Perón em 1946. Com efeito, ainda quando ocupava a Secretaria do Trabalho e Previdência o militar argentino empreendeu mudanças que significaram, para Cane (2007), um “giro fundamental” nas relações entre o Estado e os *trabajadores de la pluma*. Para compreender o interesse de J. Perón nos meios de comunicação é preciso mencionar a viagem que ele fez à Itália fascista em 1939. Enviado pelo Exército argentino, o então coronel participou, durante um ano e meio, de treinamentos e cursos nas cidades de Merano, Piamonte e Abruzzos e, por volta de julho, esteve em Roma, onde assistiu aos discursos de Benito Mussolini. De acordo com Mercado (2013, p. 47),

[J. Perón] Tuvo que regresar a la montaña, pero se las arregló para ser destinado como auxiliar del agregado militar en la embajada argentina en Roma, entusiasmado por conocer los detalles del gobierno “cuya doctrina son los hechos”, bajo la “comunidad organizada” que promovía el Duce – un hombre de dotes políticas extraordinarias, que organizó Estado y gobierno bajo su autoridad única –, en discursos donde decía que “primero está la patria” y que el fascismo era una “tercera posición” entre la democracia liberal y las corrientes socialdemócratas o directamente marxistas.

No período em que passou em Roma, Juan Perón pôde observar como a imagem de Mussolini e seus logros no governo eram divulgados em jornais, cinemas, rádios e até mesmo nas ruas, por meio de fotografias estampadas em casas e na construção de monumentos por todo o país. Mercado (2013) indica, ainda, que J. Perón certamente ficou impactado com a grandeza dos meios de comunicação usados pelo Estado italiano para aproximar o líder e o povo. Outrossim, foi durante a viagem que J. Perón tomou conhecimento da *Sottosegretaria per la Stampa e Propaganda* criada pelo líder fascista em 1934 – e inspirada na experiência de Hitler na Alemanha –, instituição que controlava diários, revistas, livros, rádios, cinema, teatro e turismo. Alguns jornalistas acreditavam que J. Perón era, na verdade, um agente de inteligência do Exército argentino que informava, desde a Itália, o desenvolvimento da experiência fascista e do conflito

mundial. Seja como for, o tempo em que permaneceu na Europa transformou sua visão política, o que impactaria profundamente os acontecimentos dos anos seguintes na Argentina.

A criação da *Subsecretaria de Información y Prensa* em 21 de outubro de 1943 – decreto 12.397 – evidenciava o interesse do Estado nos meios gráficos e na propaganda como arma para alcançar seus objetivos políticos. Mais revelador ainda foi a atitude de J. Perón de construir, dentro do *Departamento Nacional del Trabajo* – a repartição só se transformou em Secretaria nos meses finais de 1944 – a *Dirección General de Prensa*. Com o auxílio de Oscar Lomuto, jornalista que trabalhava em *La Razón* e vinculado ao Ministério de Guerra, a criação da *Dirección* chamava atenção na época, pois nenhuma outra instância do governo possuía um setor próprio dedicado à imprensa.

Es probable que el propio Lomuto se haya asombrado por el ofrecimiento, aunque no dudó en dejar *La Razón* y seguir al coronel que ya ilusionaba a sus allegados con sus sueños presidenciales. Y convocó a sumarse a Marcial Rocha Demaria, también de *La Razón*, a Eduardo Pacheco, de *Crítica*, a Enrique Wehmann de *La Nación* y a Jorge Papilland, de *United Press International* (UPI), entre otros, quienes se dieron a la tarea de “fabricar a Juan Perón candidato a la Presidencia”, según Pacheco le aseguró al periodista Daniel Della Costa, dejando a las claras que no hubo casualidades en el ascenso del coronel Perón. (MERCADO, 2013, p. 56-57).

Já como secretário do Trabalho, J. Perón aprovou o decreto 7.618 em 1944, mais conhecido como o *Estatuto del Periodista Profesional*. O desenvolvimento dos meios de comunicação, em especial dos periódicos, intensificava as tensões entre patrões e empregados. Discussões em torno dos objetivos das publicações e as demandas para o reconhecimento legal da profissão de jornalista assentaram o terreno para que a promulgação do estatuto em 1944 representasse um “giro fundamental” nas relações entre Estado, empregados e patrões. Para James Cane (2007), o reconhecimento jurídico dos jornalistas como trabalhadores, dos proprietários de jornais e revistas como chefes de empresas comerciais e do Estado como apoiador da prática jornalística transformou o cenário dos meios gráficos argentinos. As “conquistas” do *Estatuto* compreendiam a definição de salários mínimos para os funcionários, aumento salarial de 5% a cada três anos, regulamentação das divisões de trabalho – diretores, tradutores, repórteres, editorialistas, colaboradores permanentes –, jornada semanal de 36 horas, entre outros. Ademais, o decreto determinava a obrigação de que todo trabalhador da área

deveria possuir uma matrícula na Secretaria do Trabalho para exercer a profissão, o que evidenciava a presença governamental nos assuntos referentes à prática jornalística (MERCADO, 2013, p. 109).

Para além das melhorias outorgadas aos profissionais do jornalismo, autores apontam o interesse – velado ou não – de J. Perón ao aprovar o *Estatuto*. Naquele contexto, os jornalistas ocupavam uma posição de produção e circulação de informações e ideologias. Dada as experiências anteriores, J. Perón sabia que os meios de comunicação haviam se tornado indispensáveis para a divulgação e êxito de qualquer projeto político (CANE, 2007). O tratamento dado aos meios de comunicação durante o primeiro peronismo não conhecia precedentes na Argentina. Uma vez lançada a campanha presidencial de 1945, J. Perón subiu a um trem e percorreu o interior do país para conquistar o eleitorado e também fez uso da rádio como uma forma de se aproximar da população mais distante. Essas duas atitudes revelam novas formas de fazer política até então ou, pelo menos, não tão populares no país. Talvez a ideia de usar a rádio para fazer campanha tenha sido inspirada na campanha presidencial do democrata Franklin Delano Roosevelt em 1932, que usou os meios de comunicação, principalmente a rádio, para conquistar eleitores. Em todo caso, o interessante é notar a aproximação de J. Perón com os meios de comunicação mesmo antes de ascender à presidência do país. Essas informações são de suma importância para evitar simplificações no estudo sobre o funcionamento dos meios de comunicação durante o peronismo.

Conforme J. Perón ia acumulando funções no governo do GOU, sua influência política aumentava dentro e fora das instituições governamentais. Em relação às comunicações, a *Dirección General de Prensa* ia alcançando mais relevância que a *Subsecretaria de Información y Prensa*. Esta última surgiu como dependente da *Secretaria de la Presidencia de la Nación*, mas logo passou ao Ministério do Interior. A primeira repartição criada dentro da *Subsecretaria* foi a *Dirección de Espectáculos Públicos*, voltada principalmente aos assuntos do cinema⁸. Por conseguinte, outros setores foram absorvidos, como a *Dirección General*, *Dirección de Prensa*, *Dirección de Radiodifusión* e a *Dirección General de*

⁸ De acordo com Mercado (2013, p. 58), a *Dirección de Espectáculos Públicos* “[...] tenía por objetivo ‘estimular la actividad cinematográfica’ y ‘fortalecer el control sobre filmes y noticieros’. Pero, sobre todo, ‘regular el suministro de película virgen’. Es probable que Apold estuviera detrás de la redacción del decreto por una razón elemental: la empresa para la que trabajaba fue directamente beneficiada”. Abordaremos a figura de Raúl Apold mais adiante.

Propaganda (GENÉ, 2008). O primeiro subsecretário foi o coronel Héctor Ladvocat, um dos fundadores do GOU; depois, assumiu Raul Poggi, que logo foi substituído por Oscar Lomuto e Eduardo Pacheco, funcionários da *Dirección* (MERCADO, 2013). A chegada desses dois últimos nomes à direção da *Subsecretaria* representou o avanço de J. Perón sobre os assuntos relativos aos meios de comunicação. Com a vitória do peronismo em 1946, a *Subsecretaria de Informaciones* (SI) passou a ocupar um lugar maior de importância nos assuntos do governo e foi, de acordo com Marcela Gené (2008), um dos melhores exemplos da planificação centralizada empreendida pelo governo peronista. A operação simultânea de todos os meios de comunicação possibilitou a expansão da SI para além do espaço público⁹.

Dessa forma, observamos que o uso dos meios de comunicação pelo peronismo alcançou uma magnitude nunca antes vista na Argentina. Como indica Gené (2008), a propaganda deixava de ser vista de forma desprezada para ser encarada como uma ferramenta complexa e útil para a política. No caso do peronismo, as mídias foram usadas para “politizar o cotidiano” e assim inserir a doutrina de J. Perón em todos os âmbitos da sociedade de formas diferentes, mas simplificadas. A seguir, apresentaremos um dos principais nomes – senão o principal – em matéria de propaganda política durante o peronismo: Raúl Alejandro Apold.

⁹ Neste ponto, podemos pensar no argumento desenvolvido por Susana Bianchi acerca do avanço do peronismo em áreas consideradas privadas da sociedade, como a mulher, a educação, a infância e a assistência social. Na tese desenvolvida pela autora, esse avanço resultou no conflito entre o governo e a Igreja Católica, uma vez que esta última não admitia dividir o poder em áreas que habitualmente estava acostumada a controlar. A peronização da sociedade se deu, principalmente, pelo uso sistemático dos meios de comunicação. Se pensarmos nas áreas privadas apontadas por Bianchi, os meios de comunicação tiveram um papel relevante, pois propagandeavam informações que visavam a legitimação do governo naqueles espaços. A partir da imagem de Eva Perón foram estabelecidos modelos, padrões e comportamentos para a mulher argentina que eram divulgados mediante a imprensa e discursos proferidos pela própria Eva, além da criação das Unidades Básicas Femininas e do Partido Peronista Feminino. Em relação à infância, por exemplo, as cartilhas escolares distribuídas no ensino primário, a criação da *Unión de Estudiantes Secundarios* (UES) para cooptar jovens e adolescentes, os investimentos do governo no ensino técnico a fim de formar profissionais para as indústrias, eram intensamente divulgadas por fotografias que mostravam o casal presidencial em eventos escolares e em presença de jovens e crianças. Ainda em relação à essas últimas, a máxima *los únicos privilegiados son los niños* demonstrava a atenção especial dada à infância pelo governo peronista. Já com a assistência social, o exemplo mais cabível talvez tenha sido a *Fundación Eva Perón*, criada para atender os setores mais marginalizados da sociedade e concentrada na figura redentora de Eva Perón. A presença do Estado nas áreas citadas acima foi, inquestionavelmente, alcançada pelo uso sistemático dos meios de comunicação. O acercamento de mulheres e crianças não se deu apenas pelas vias institucionais, mas também – e talvez principalmente – pela difusão de informações em periódicos, cartazes, fotografias, programas de rádio, filmes, entre outros.

1.2.2 Raúl Apold: a liderança velada do peronismo

Antes de nos dedicarmos à figura de Raúl Apold e, mais precisamente, a sua importância dentro do peronismo, faz-se necessário elucidar alguns pontos: bem como indicou Silva Mercado em *El inventor del peronismo: Raúl Apold, el cerebro oculto que cambió la política argentina*, os documentos sobre aquele que chegou a ser um dos mais importantes funcionários do governo não constituíram um grande arquivo. Seja por cuidado do próprio Apold, desaparecimento de documentos após 1955 ou até mesmo o discurso construído sobre Juan e Eva Perón serem os únicos expoentes do peronismo, os dados que se conhecem sobre a vida e a carreira de Apold são poucos, mas importantes para pensarmos a construção interna do movimento e a influência dos líderes de “segunda línea” na formação do movimento (REIN, 2008). Dito isso, discorreremos sobre as informações de Apold que de alguma forma contribuem para o objeto deste capítulo.

Raúl Alejandro Juan Apold nasceu em 1898 na capital federal e vinha de uma família relativamente estável economicamente. De acordo com Mercado (2013), em sua juventude Apold se interessou pela aviação, principalmente pela figura do aviador argentino Jorge Alejandro Newbery (1875-1914). Envolveu-se profissionalmente com a aviação militar quando participou da *Comisión Directiva del Aero Club Argentino* (GOLDSTEIN, 2017). Politicamente, não se interessava pela esquerda, atraindo-se mais pela figura de Hipólito Yrigoyen, da União Cívica Radical (MERCADO, 2013). Apold ocupou cargos públicos na província de Buenos Aires, trabalhou em jornais como *La Epoca*, *El Mundo* e *Democracia*, e trabalhava com representação de artistas: “[...] era la imagen de un tipo exitoso y responsable, alguien de la noche pero serio, claramente un hombre muy apreciado en el ambiente, que actuaba como contacto entre el mundo del espectáculo del poder” (MERCADO, 2013, p. 37). O seu interesse pela aviação militar não se desfez com as outras responsabilidades, uma vez que em 1937 Apold publicou *La aviación militar argentina*, um livro-folheto de 80 páginas. A primeira biografia de Jorge Newbery – *La vida ejemplar de Jorge Newberry* – também foi assinada por ele. A presença de Apold nos meios de comunicação antes do peronismo foi tão importante quanto o seu envolvimento com a aviação militar. Basta lembrar que, além de J. Perón ter sido um militar, a grande parte dos cargos ocupados em seu governo foi por militares. Mesmo que Raúl não fosse das Forças Armadas, era vinculado ao

Ministério da Guerra e possuía a confiança do meio castrense, fato que pode ter facilitado mais ainda o seu contato com J. Perón.

O envolvimento e a habilidade de Apold com o meio cinematográfico também merecem destaque. Além de sua participação no estúdio *Argentina Sono Film*, o lançamento de *Alas de mi pátria* em 1939, filme semidocumental dirigido por Carlos Borcosque – importante diretor chileno que trabalhava nos estúdios de Hollywood –, alcançou grande sucesso ao desenvolver uma trama referente à aviação argentina. De acordo com Mercado (2013), a participação de Apold, desde a mobilização de Borcosque à Argentina e nas filmagens da obra, o consagrou como um importante homem capaz de mover-se entre as instâncias de poder para alcançar o que fosse necessário. Destacava-se, portanto, pela capacidade de conectar o espetáculo com o poder político.

Su versatilidad ya estaba probada. Era periodista, productor de cine, editor gráfico y representante de artistas, tenía clara aptitud para el posicionamiento de los temas más complejos en la opinión pública, encontraba soluciones creativas para todos los problemas, era un influyente en la política y los negocios, conocía el mundo del espectáculo y el militar. Y como los relacionistas públicos modernos, empezaba a aparecer en las fotos de las revistas *Sintonía* y *Radiolandia* junto a actores y actrices argentinos y extranjeros. (MERCADO, 2013, p. 46).

Em 1943, ano em que J. Perón chegou ao então *Departamento Nacional del Trabajo* e que foi criada a *Subsecretaria de Información y Prensa*, Apold dedicava-se quase que exclusivamente à produção e difusão de filmes e artistas por meio da *Argentina Sono Film*, onde ocupava o cargo de diretor de imprensa e publicidade. As versões sobre como J. Perón e Apold se conheceram são variadas. Citado por Mercado (2013), José Maria Castiñeira de Dios, importante nome do peronismo em seus anos iniciais e responsável pela *Subsecretaria de la Cultura* entre 1950 e 1952, afirmou à autora que Apold foi apresentado a J. Perón por Ángel Maria Zuloaga, aviador militar, que trabalhava no Ministério da Guerra durante a presidência de Ramón Castillo. Outras versões endossam que foi Apold quem introduziu Eva na vida de J. Perón, não por tê-la apresentado diretamente, mas por ter orientado a futura primeira dama de que maneira se aproximar do emergente líder político. Em todo caso, Mercado (2013) indica que Raúl Apold conheceu J. Perón antes de Eva, uma vez que aquele se encontrava presente em uma fotografia da posse de J. Perón no *Departamento Nacional del Trabajo*.

Certamente, o interesse de J. Perón em Raúl Apold residia no contato que este último possuía não só com o setor cinematográfico, mas também com a rádio, os jornais e as revistas. Com efeito e até então, Apold não era um subordinado do líder peronista, mas um homem dos meios de comunicação que sabia fazer importantes acordos que interessavam ao futuro presidente¹⁰. Ele se movia sutilmente entre as esferas do poder e da mídia, escrevendo discursos, dando ordens aos cinegrafistas e participando das edições de filmes e documentários. Quando assumiu a direção de *Democracia*, Apold se aproximou de Eva Perón. Segundo Mercado (2013), foi ele quem construiu o que Eva imaginava de si mesma e quem modelou o caráter impulsivo e grosseiro da primeira dama ao incumbi-la de novas responsabilidades. Apesar de sua influência e proximidade com J. Perón¹¹, Apold ascendeu oficialmente a um cargo público apenas em 1947, quando o presidente lhe ofereceu a *Dirección General de Difusión*, órgão subordinado à *Subsecretaria de Informaciones*. A partir de então, Apold influiria cada vez mais nos assuntos relativos à propaganda política desde o Estado. Sob o seu domínio na *Dirección*,

[...] tenía a cargo la coordinación de todo el circuito, desde la planificación de las campanas y la asignación de las consignas a los dibujantes, hasta el control de la ejecución en las imprentas y el envío de los materiales almacenados en los depósitos a las bibliotecas populares, las unidades básicas, los ministerios, los sindicatos, las escuelas y los organismo privados, y a la Cancillería para su distribución en el exterior. (GENÉ, 2008, p. 39).

Em 1949, J. Perón ofereceu a coordenação da *Subsecretaria de Informaciones* a Apold, que alcançou, portanto, o cargo máximo dentro dos assuntos de comunicação no governo. O famoso slogan *Perón cumple. Evita dignifica* foi criado por ele como uma forma dar continuidade a um projeto de 1948, quando J. Perón ordenou que a frase *Perón cumple* fosse colocada na entrada das obras construídas sob a direção de Juan Pistarini, seu ministro de Obras Públicas

¹⁰ De acordo com Mercado (2013, p. 83), “[...] en las redacciones, ya se decía que Apold era un ‘peronista’ consumado, el asesor en las sombras de la campana de Perón, que acercaba ideas, propuestas, caminos para diferenciado del pasado reciente y herramientas de comunicación apropiadas para llegar adonde ningún otro había llegado”.

¹¹ Em um estudo sobre a formação do Partido Peronista, Moira Mackinnon (2002) afirma que quem aconselhou o nome “peronista” para o recém-criado partido foi Domingo Mercante, militar próximo a J. Perón que ocupou importantes cargos durante o peronismo até sua popularidade incomodar o presidente. Por outro lado, Silvia Mercado (2013) indica que surgiu de Raúl Apold a sugestão do nome do partido, uma vez que já fazia parte do *staff* oficial do governo como responsável da *Dirección General de Difusión*.

(MERCADO, 2013). Dois anos depois, Apold lançou o plano de comunicação denominado *Nueva Argentina*, que consistia, numa primeira parte, em apresentar as pesquisas do físico austríaco Ronald Richter na Ilha Huemul e, na segunda, o avanço sistemático do peronismo sobre os meios de comunicação. A exemplo deste último objetivo, podemos citar a expropriação do jornal *La Prensa*. A popularidade do diário, conhecido pelo rigor dos dados publicados, – além de se opor ao governo – juntaram-se à crise que existia entre os funcionários e os patrões. A intervenção do governo desde o *Ministerio del Trabajo* pressionava para a reconciliação entre as partes, mas assumia também um tom de intimidação em relação aos proprietários. Em 26 de janeiro de 1951, o diário deixou de ser editado e meses depois passou a ser publicado sob a direção da *Confederación General del Trabajo* (SIRVÉN, 1984).

Outra ação de Apold foi a exposição *Nueva Argentina* na *calle Florida*. A “*megamuestra*” era formada por fotografias, cartazes e ilustrações com excelentes qualidades gráficas que demonstravam as realizações do governo peronista e fomentavam a exaltação de Juan e Eva Perón. Paralelamente, a intensa divulgação do II Plano Quinquenal também esteve relacionada a Raúl Apold. A presença do tema em diversos suportes corroborava não somente com a necessidade de mostrar o novo país que o peronismo havia construído, mas de reafirmar lealdades e novas conquistas. Em 1953, o subsecretario foi o responsável pelo *Plan de Coordinación de la difusión, propaganda y contrapropaganda sobre acción política. El apoyo de los planes de gobierno en el orden nacional e provincial*, um conjunto de normas que estipulava a forma como a propaganda deveria ser organizada: simples, objetiva, permanente e perfectível (MERCADO, 2013).

Nas palavras de um dos entrevistados por Silvia Mercado (2013, p. 20), “[...] la mayor inversión de Perón para la posteridad no fueron los sindicatos, ni las obras públicas, sino el peronismo, construído por Apold y el aparato de propaganda del Estado, una genialidad”. A personalidade técnica de Apold e o fato de não ter se colocado sob os holofotes talvez tenham sido os principais motivos que chamaram a atenção do líder peronista. Além disso, Apold compreendia, assim como J. Perón, a importância da propaganda para a construção e manutenção do poder. Mesmo antes do golpe de 1955, Raúl já era tido como o “Goebbels de Perón” – uma referência ao ministro de propaganda de Adolf Hitler –, uma vez que todas as decisões do governo, de 1946 a 1955, passavam pelo seu crivo. As mais populares e permanentes ideias e memórias do peronismo certamente sofreram sua influência

e criação: as crianças como os únicos privilegiados na Argentina peronista, a relação de amor entre Juan e Eva Perón, o falecimento da primeira dama imbuído de uma imagem sacra, o 17 de outubro de 1945 não só como uma data fundacional do movimento, mas um marco indelével na história argentina, a divulgação dos Planos Quinquenais e seu alcance aos setores populares, enfim “lo que hoy los peronistas saben de los dos primeros gobiernos peronistas, lo que ignoran, lo que aman y lo que odian es, básicamente, lo que Apold construyó” (MERCADO, 2013, p. 30).

A importância de se conhecer, ainda que brevemente, quem foi Raúl Apold reside na necessidade de desconstruir algumas simplificações sobre o peronismo – o movimento como resultado da criação exclusiva¹² de Juan e Eva Perón, por exemplo – e de aprofundar a análise sobre os meios de comunicação. Em relação a esses últimos, por vezes um estudo pormenorizado é desprezado ao considerar somente a faceta autoritária do peronismo em relação àqueles meios, que automaticamente se homogeneízam. De fato, o governo empenhou-se no controle total dos meios de comunicação como uma forma de peronizar o país, bem como na divulgação de preceitos únicos da doutrina. Apesar das inúmeras tentativas, o estudo dos meios de difusão e, no que tange este trabalho, das revistas peronistas, podem revelar como se deu a construção do movimento a partir de diferentes suportes e se, mesmo com a inquestionável força da doutrina peronista, houve informações dissidentes entre os variados suportes.

Silvia Mercado (2013) nos indica uma suposta concorrência entre Raúl Apold e Carlos Vicente Aloé, diretor da ALEA S.A. A empresa havia comprado a Editora Haynes, que em 1951 passou a publicar *Mundo Peronista*. De acordo com a autora, Apold se sentia ameaçado pela proximidade que Aloé possuía com o casal presidencial e a “confiança cega” que J. Perón depositava no major. Com efeito,

¹² Raanan Rein possui excelentes trabalhos que abarcam o papel de líderes peronistas secundários na criação e desenvolvimento do movimento. Questionando a ideia de ligação direta entre líder e massas, tão cara à interpretação populista, o historiador defende a tese de que a existência de mediadores entre J. Perón e sua base de apoio foi de extrema importância para a construção do peronismo e de sua legitimação. Para saber mais, ver: REIN, Raanan. Los hombres detrás del Hombre: la segunda línea de liderazgo peronista. In: **Araucaria**. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política y Humanidades, v. 10, n. 19, p. 78-92, 2008; REIN, Raanan. **Juan Atilio Bramuglia**. Bajo la sombra del Líder: la segunda línea del liderazgo peronista. Buenos Aires: Ediciones Lumiere, 2006; REIN, Raanan; PANELLA, Claudio. **La segunda línea**. Liderazgo peronista. Buenos Aires: Pueblo Heredero/ Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2014; REIN, Raanan. PANELLA, Claudio. (org.). **Los indispensables**: dirigentes de la segunda línea peronista. San Martín: Editorial de Universidad Nacional de San Martín, 2017; REIN, Raanan. PANELLA, Claudio. (org.). **Los necesarios**. La segunda línea peronista de los años iniciales a los del retorno del líder. Buenos Aires: Prohistoria, 2021.

nenhum dos dois intervia nas tarefas determinadas, mas é possível que a direção da empresa dos meios de comunicação oficiais por Carlos Aloé incomodasse Raúl Apold por questões de poder e credibilidade em relação ao líder peronista. Apesar da influência de Apold nos meios de comunicação, não há maiores menções ao subsecretário nas páginas de *Mundo Peronista*, por exemplo, além de uma fotografia publicada em 15 de agosto de 1953. Em decorrência da exposição *Nueva Argentina*, a revista publicou uma matéria com diversas fotografias de quando J. Perón visitou a exibição juntamente com autoridades do governo. Entre elas, encontra-se Raúl Apold à esquerda do presidente. Na legenda, todavia, não foram mencionados os nomes dos indivíduos ali presentes, apenas os cargos ocupados por eles.

1.3 A peronização da sociedade argentina e o papel da propaganda política

A peronização da sociedade argentina estava ligada intrinsecamente aos meios de comunicação. Como pontuado anteriormente, o controle de tais meios possibilitava a divulgação de informações pertinentes aos interesses do governo. Não somente os meios de comunicação mais tradicionais foram mobilizados, mas outros menos usuais, como o esporte¹³, foram manipulados a fim de propagandear os ideais peronistas. Nesse sentido, o teatro foi mobilizado como um meio de comunicação no sentido de ser um espaço para a difusão dos ideais peronistas através das peças teatrais¹⁴. Em relação ao cinema¹⁵, por exemplo, o

¹³ A imagem construída pela propaganda oficial de J. Perón como *el primer deportista* objetivava divulgar o líder político por meio do ideal de *sportsman* – formado pela relação entre a virilidade, a força e a grandeza da pátria –. Não obstante, a prática de esportes esteve presente na vida de J. Perón desde a sua juventude: foi campeão nacional de esgrima entre 1918 e 1928, além de ter praticado natação, basquete e boxe (REIN, 1998). O intuito de se valer do esporte como meio de difusão do peronismo consistia em entender e divulgar as batalhas travadas nas competições esportivas como a representação da luta de todo um povo na construção de uma nação mais justa, enquanto que as vitórias conquistadas eram consequências diretas das virtudes nacionais – leem-se peronistas –. Portanto, o sucesso nas arenas esportivas era o reflexo do progresso do país comandado por J. Perón. Para saber mais, ver: DRUMOND, Mauricio. Vargas, Perón e o esporte: propaganda política e a imagem da nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, p. 398-421, jul-dez de 2009.

¹⁴ Para Yanina Leonardi (2008), o acesso das classes populares ao teatro representava, para o peronismo, a expansão e a democratização do lazer. A possibilidade de que a classe trabalhadora pudesse, enfim, ter disponibilidade de tempo e condições financeiras para frequentar peças teatrais era empregada pela propaganda peronista como uma prova do avanço econômico do país. Ainda nesse sentido, a ocupação de grandes teatros, como o Teatro Colón – símbolo da elite portenha – e o Teatro Cervantes, também representavam mais uma conquista dos trabalhadores e trabalhadoras. Outrossim, a oportunidade de homens e mulheres do “Pueblo” atuarem em peças teatrais simbolizava, mais uma vez, a mobilidade social alcançada graças ao peronismo.

¹⁵ “Ningún espectador ‘cierra los ojos’ en determinado lugar de una película, para no ver determinada escena. La podrá mirar con mayor o menor simpatía, con más o menos voluntad, pero, en último análisis, la mira siempre”. También resaltó: “En un recinto cerrado, y a oscuras, la vista va inexorablemente a la luz, sin que haya voluntad capaz de evitarlo” (APOLD, s/d apud MERCADO,

interesse do peronismo residia no emprego de filmes para educar as massas a partir de obras que valorizassem o autóctone e que representassem a superação de indivíduos que se comprometessem com a grandeza da pátria. A rádio, por sua vez, passou por profundas transformações durante o período peronista, como a ampliação de sua programação – radionovelas, noticiários, discursos, apresentação de orquestras, narração de eventos esportivos –, a compra de emissoras pelo Estado, a publicação de estatutos de regulamentação¹⁶ e o estabelecimento de cotas para a transmissão de produções argentinas. Além do mais, os discursos pronunciados por Juan e Eva Perón em locais públicos eram transmitidos por radiofones espalhados pelo recinto para que todos pudessem escutá-los; os mesmos discursos eram retransmitidos pelas rádios de todo o país para que a doutrina peronista fosse difundida e, assim, o sentimento de pertencimento fosse gerado.

1.3.1 A imprensa escrita

Durante a campanha para as eleições de 1946, a publicação do *Libro Azul*, promovida pelo embaixador estadunidense Spruille Braden, representou uma tentativa de desmobilizar o apoio a J. Perón ao acusá-lo de perigosas aproximações com o nazi fascismo. O tiro de Braden, todavia, saiu pela culatra: a publicação do *Libro Azul y Blanco* poucos dias depois, de autoria do “Coronel Perón”, tratou de desmentir as acusações levantadas pelo funcionário estadunidense e, além disso, acusá-lo de imperialismo, um tema caro a vários grupos políticos argentinos. A criação da máxima *Braden o Perón* naquele momento mobilizou o espectro nacionalista do país e contribuiu para estimular as forças que elegeram J. Perón em fevereiro de 1946. Não temos acesso aos dados das tiragens do *Libro Azul* e do *Libro Azul y Blanco*, mas é provável que os livros tenham sido lidos por poucos e que a repercussão tenha ocorrido, principalmente, pelo rádio e pela imprensa. Para Mercado (2013), a qualidade da redação e o detalhamento de informações do *Libro*

2013, p. 227). Para saber mais, ver: GENÉ, Marcela. **Un mundo feliz**: imágenes de los trabajadores en el primer peronismo (1946-1955). Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica: Universidad de San Andrés, 2008.

¹⁶ Em 1944, o decreto 7.618 tornou vigente o *Estatuto del Periodista Profesional*, já tratado neste capítulo e de igual importância para os trabalhadores da rádio; em 1946, antes de J. Perón assumir a presidência, Farrell sancionou o *Manual de Instrucciones para las Estaciones de Radiodifusión*. Durante o segundo governo peronista, destaca-se a *Ley de Radiodifusión* (nº 14.241) de 1953 que, sendo a primeira do seu tipo, legalizou a concessão de licenças a setores próximos do governo (LINDENBOIM, 2013).

Azul e Blanco indicam que a publicação foi preparada com antecedência, sinalizando que o grupo peronista tinha conhecimento da estratégia de Braden. Em uma sociedade com altos índices de alfabetização e com ampla veiculação de jornais e revistas, a difusão de ideias, princípios e até mesmo ataques entre grupos opositores por meio do suporte escrito se revelava conveniente para os grupos políticos conquistarem e expandirem seu espaço de influência.

A aproximação do peronismo com a imprensa não surgiu, como vimos, do acaso. Quando J. Perón chegou à presidência, jornais, revista e editoras já contavam com um destacado funcionamento, atraindo o interesse de diversos grupos para a divulgação de suas ideias. A promulgação do *Estatuto del Periodista Profesional* significou importantes avanços para jornalistas e demais funcionários do ramo, mas também revelou o interesse de J. Perón, ainda como secretário do Trabalho, em se aproximar da imprensa. O alcance de jornais e revistas na sociedade argentina, a forma como as informações eram impressas e a diversidade de públicos que consumiam determinados meios foram alguns fatores que saltavam aos olhos daqueles que tinham pretensões de chegar ao poder e controlá-lo. Foi nessa conjuntura, portanto, que a imprensa peronista – com destaque para as revistas – se formou.

De acordo com Claudio Panella e Guillermo Korn, as revistas peronistas compreendem aquelas publicações de agências oficiais – ministérios, secretarias e universidades – e de empresas culturais dirigidas por intelectuais simpáticos ao movimento. Sejam de caráter oficial ou independente, as revistas são expressões escritas que incidem diretamente na formação do campo intelectual. Podem ser de longa ou curta duração, predominantemente textualistas ou iconográficas, com contribuições anônimas ou não. É, aliás, um empreendimento que se destina a diferentes setores da sociedade interessados em adquirir informação e conhecimento sobre diversas temáticas (PANELLA; KORN, 2010). Nesse sentido, as revistas geram conhecimento, opiniões, intercâmbio de ideias e debates que compõem o imaginário coletivo, a ação política e o universo cultural em determinados espaços e momentos.

Logo, a importância de se estudar as revistas peronistas reside, por um lado, na necessidade de desconstruir simplificações acerca da relação entre peronismo e cultura, comumente reduzida à interpretação de que o governo não criou incentivos à cultura nacional e de que todas as expressões peronistas direcionadas à cultura

não passavam de propaganda política. Por outro lado, a análise de revistas simpáticas ao peronismo contesta as concepções simplistas sobre o funcionamento dos meios de comunicação durante os anos peronistas, que advogam o controle total por parte do governo e a ausência de vozes dissidentes dentro do próprio movimento.

Tabela 01 – Levantamento de revistas peronistas

Actitud	Órgão de difusão da <i>Confederación General Universitária</i> , publicada entre fevereiro e dezembro de 1954.
Ahorro	Publicação da <i>Caja Nacional de Ahorro Postal</i> entre 1948 e 1955.
América	Dirigida pelo jornalista Carlos Raúl Acuña, publicada entre 1950 e 1952 e voltada para os assuntos de diplomacia.
Aprendizaje	Editada pela <i>Comisión Nacional de Aprendizaje y Orientación Profesional</i> entre 1952 e 1955 e ligada ao ensino técnico.
Archivos de la Secretaria de Salud Pública	Publicada entre 1946 e 1950.
Argentina de Hoy	Órgão oficial do <i>Instituto de Estudios Económicos y Sociales</i> publicado entre agosto de 1951 e agosto 1955.
Argentina	Ligada ao Ministério de Educação quando era chefiado por Oscar Ivanissevich e publicada entre janeiro de 1949 e julho de 1950.
Baluart	Dirigida pelo deputado nacional Alfredo Machargo e publicada entre outubro de 1949 e dezembro de 1951.
Boletín de Estudios de Teatro	Publicação oficial do <i>Instituto Nacional de Estudios de Teatro (Comisión Nacional de Cultura)</i> entre 1943 e 1948.
Boletín del Museo de Motivos Populares Argentinos “José Hernández”	O primeiro número apareceu maio de 1949.
Conquista	Órgão de difusão do Partido Peronista Feminino que apareceu em maio de 1955 e

	contou apenas com cinco números.
Continente	Publicada entre 1947 e 1955, era formada por jornalistas, artistas plásticos e escritores de diversas procedências ideológicas. Os principais nomes foram Oscar Lomuto e Joaquín F. Dávila.
Cuadernos de Filosofía	Revista acadêmica criada por Carlos Astrada, diretor do <i>Instituto de Filosofía de la Universidad de Buenos Aires</i> e publicada entre outubro de 1948 e dezembro de 1954.
Cultura	Publicada entre 1949 e 1951 e editada pela <i>Oficina de Publicaciones del Ministerio de Educación de la provincia de Buenos Aires</i> .
De Frente	Dirigida por John William Cooke (pertencente à ala mais radicalizada do peronismo) e publicada entre março de 1954 e 1956.
Descamisada	Publicada entre 1946 e 1949, dirigida por Germinal Lubrano, da FORJA, e autoproclamada primeira revista de humor peronista.
Doctrina Peronista	Surgiu em 1955 e era uma publicação da Escola Superior Peronista destinada a um público de maior formação intelectual.
El Obrero Municipal	A revista foi criada em 1917 como órgão da <i>Union Obreros Municipales</i> , mas durante o peronismo alinhou-se ao governo.
Escuela y Religión	Surgiu em 1938 e passou a ser editada pelo Ministério da Educação de Buenos Aires, quando a província era governada por Domingo Mercante.
Esto es	Dirigida por Tulio Jacovella e publicada entre 1953 e 1956.
Guia Quincenal de la actividad artística e intelectual argentina	Publicada entre abril de 1947 e dezembro de 1950 e dirigida pela <i>Comisión Nacional de Cultura</i> .

Hechos e Ideas	A publicação surgiu junto com a formação da FORJA e entre 1947 e 1955 totalizou 93 números.
Ingeniería Ferroviaria	Publicada pela editora Golova na capital federal entre 1947 e 1950.
Latitud 34	Dirigida por Jorge Perrone e publicada entre novembro de 1949 e janeiro de 1950.
Mundo Agrario	Criada por Carlos Aloé e publicada pela editora Haynes entre 1949 e 1962.
Mundo Argentino	Publicada pela editora Haynes entre janeiro de 1911 e 1971.
Mundo Atómico	Dedicava-se a assuntos científicos e técnicos. Foi publicada pela editora Haynes entre outubro de 1950 e 1955.
Mundo Deportivo	Publicada pela editora Haynes entre abril de 1949 e setembro de 1959.
Mundo Infantil	Publicada pela editora Haynes entre outubro de 1949 e junho de 1952.
Mundo Peronista	Órgão de difusão da Escola Superior Peronista e publicada entre julho de 1951 e setembro de 1955.
Mundo Radial	Publicada pela editora Haynes entre junho 1949 e setembro de 1957.
Noticioso del Departamento de Radioenseñanza	Publicação do Ministério de Educação Nacional e de distribuição gratuita.
Obrero Ferroviario	Criada em 1912, a revista se alinhou ao peronismo entre 1946 e 1955 e é publicada até a atualidade.
Olimpia	Órgão oficial da <i>Confederación Argentina de Deportes e do Comité Olímpico Argentino</i> e publicado entre abril de 1954 e agosto de 1955.
PBT	Revista humorística publicada pela editora Haynes entre 1904, quando foi criada pelo espanhol Eustaquio Pellicer, e 1955.
Plumadas	Publicação oficial do sindicato bancário

	(<i>Ateneo de los Bancarios Argentinos</i>) e publicada entre 1947 e 1951.
Poesía Argentina	Publicação oficial do Estado entre setembro de 1949 e dezembro de 1950 e de distribuição gratuita.
Productividad y Bienestar	Órgão oficial do <i>Congreso Nacional de Productividad y Bienestar Social</i> (1955) e publicada entre 1954 e julho de 1955.
Revista de Educación	Publicação oficial da <i>Dirección General de Escuelas</i> do <i>Ministerio de Educación de la Provincia de Buenos Aires</i> e publicada entre 1946 e 1951.
Revista de la Comisión Protectora de Bibliotecas Populares	Publicada entre 1948 e 1949.
Revista de la Unión de Estudiantes Secundarios	Publicada entre 1954 e 1955.
Revista de la Universidad de Buenos Aires	Dirigida por Juan Ramon Bentrán e publicada entre março de 1947 e 1953.
Revista de la Universidad Obrera Nacional	Órgão de difusão da <i>Universidad Obrera Nacional</i> e publicada entre setembro de 1953 e junho/julho de 1955.
Revista de Policía	Publicada a partir de dezembro de 1948 e órgão de difusão oficial da <i>Jefatura de la Policía de la Provincia de Buenos Aires</i> .
Revista de Trabajo y Previsión	Publicação da secretaria homônima que apareceu entre 1944 e 1955.
Revista del Instituto Nacional de la Tradición	Publicada a partir de 1948, era o órgão de difusão da Publicação do <i>Instituto Nacional de la Tradición</i> e dirigida por Juan Afonso Carrizo.
Revista Penal y Penitenciaria	Órgão oficial da <i>Dirección General de Institutos Penales</i> e publicado entre 1936 e 1955.
Revista Universidad	Pertencia a <i>Universidad Nacional del Litoral</i> , começou a ser publicada em 1935 e alinhou-se ao peronismo. É publicada até

	hoje.
Sexto Continente	Publicada entre julho de 1949 e outubro de 1950; dirigida por Armando Cascella, Alicia Eguren e Valentín Thiébaud.
Verdad para Latinoamérica	Publicada entre julho de 1952 e novembro de 1953.

Fonte: PANELLA, C; KORN, G. Ideas y debates para la nueva Argentina: revistas culturales e política del peronismo: 1946-1955. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, v. 1, 2010; PANELLA, C; KORN, G. Ideas y debates para la nueva Argentina: revistas culturales e política del peronismo: 1946-1955. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, v. 2, 2014; PANELLA, C; KORN, G. Ideas y debates para la nueva Argentina: revistas culturales e política del peronismo: 1946-1955. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, v. 3, 2016; PANELLA, C; KORN, G. Ideas y debates para la nueva Argentina: revistas culturales e política del peronismo: 1946-1955. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, v. 4, 2018.

A diversidade de revistas peronistas aponta para a heterogeneidade do material periódico produzido durante aqueles anos. Ainda que o governo tenha exercido um inquestionável controle dos meios de comunicação através da compra de jornais e editoras e de censura aos meios opositores, a diversidade de publicações pertencentes a diferentes instâncias do governo e da sociedade indicam a pluralidade de ideias que conformavam o movimento peronista¹⁷. Indubitáveis, também, foram as tentativas satisfatórias por parte de J. Perón em criar uma doutrina única que condensasse as ideias e preceitos peronistas. Os meios de comunicação, inclusive, tiveram um papel essencial da divulgação da doutrina peronista e na conformação de um sentimento único de pertencimento entre os argentinos. Não obstante, o peronismo se mostrou – e, mais do que nunca, se mostra – um caleidoscópio de ideais e conceitos devido à presença de indivíduos de diferentes vertentes ideológicas. Esse amálgama foi, de fato, verticalizado pelo poder centralizador de J. Perón, mas não esteve isento de porosidades que demonstravam as dissidências que existiam entre diferentes posicionamentos dentro do movimento.

¹⁷ Como citado anteriormente, o governo de J. Perón empreendeu sucessivas medidas de censura aos meios de comunicação opositores. No entanto, durante o período estudado foram publicadas revistas antiperonistas de ampla divulgação, entre elas *Imago Mundi* (1953-1956) – dirigida por José Luis Romero –, *Expresión* (1946-1948) – que congregava comunistas e socialistas argentinos –, *Sur* (1931-1992) – fundada pela escritora Victoria Ocampo –, *Contorno* (1953-1959) – que reuniu intelectuais como Tulio Halperin Donghi e Juan José Sebreli –, *Liberalis* (1949-1961) – defensora do liberalismo – e *Realidad* (1947-1949) – dirigida por Francisco Romero e contrária ao marxismo (FIORUCCI, 2011).

Em *Mundo Peronista*, por exemplo, o foco foi Juan e Eva Perón durante todo o tempo de publicação. Referências a outros expoentes do movimento e funcionários do governo eram poucas, indicando a personificação do poder naquele momento. Já em *Sexto Continente*, por exemplo, o espaço destinado à publicação de fotografias de J. Perón foi limitado. Os extensos artigos publicados por escritores simpáticos ao peronismo não eram apologéticos ao governo e aos líderes peronistas. Os autores da revista advogavam uma visão mais nacionalista à direta da realidade e distinguiam os líderes políticos do passado argentino como os verdadeiros exemplos para o futuro do país. Juan Manuel de Rosas era o líder exemplar para o presente e J. Perón deveria cumprir com os preceitos rosistas para realizar um bom governo. Para a revista, o peronismo era visto como uma maneira de formar – ou resgatar – uma nação que já havia existido no passado. Ainda assim, *Sexto Continente* esteve alinhada ao movimento peronista – para alguns autores, ela foi uma das únicas tentativas de se criar uma revista intelectual peronista –, mesmo que alguns de seus pontos não fossem compartilhados por todos os peronistas.

O estudo de *Mundo Peronista* se insere, portanto, nessa diversidade de publicações apresentada acima e persegue o objetivo analisar a concepção e funcionamento de um importante meio de comunicação peronista que por vezes foi desvalorizado e simplificado como mero reproduzidor de ideias pré-concebidas. É importante ter em mente, também, que o momento de criação das publicações peronistas coincide com o contexto de incorporação de novos leitores e do consumo massivo de periódicos no país. O peronismo, de fato, não foi o precursor de tais publicações, mas valeu-se do espaço em pleno funcionamento e desenvolvimento para a sua divulgação. No século XX, o uso dos meios de comunicação por grupos políticos e pelo Estado é revelador no sentido de compreender como certas definições e conteúdos foram representados a fim de conquistar novos adeptos e legitimar forças em um contexto marcado pelo crescente fluxo de informações.

1.4 Irradiar a doutrina e conquistar corações e mentes: a revista *Mundo Peronista* (1951-1955)

Mundo Peronista foi uma revista publicada entre 15 de julho de 1951 e 1º de setembro de 1955 na cidade de Buenos Aires. Como órgão de comunicação e difusão da Escola Superior Peronista (ESP), a publicação possuía periodicidade

quinzenal¹⁸ e cada edição, cuja dimensão era de 32cm x 25cm (PANELLA, 2010), possuía uma média de 50 páginas. O periódico era dirigido por Jorge Newton (1906-1978), escritor de novelas durante a década de 1930 que publicou as obras *Tierra virgen*, *En marcha* e *Avanzada*. Nos anos peronistas, escreveu *Clase media* (1949) e *Perón, el visionario* (1955), uma biografia laudatória do presidente e suas obras se destacavam pela crítica feita à sociedade da época (PANELLA, 2010). De acordo com a própria revista, o nome “Mundo Peronista” foi escolhido por Eva Perón quando a publicação ainda estava em seu estágio inicial. Em 1949, *Boletín del Peronista* e *Boletín del Dirigente Peronista* representavam o primeiro projeto daquilo que futuramente se tornaria *Mundo Peronista*. Em março de 1951, os folhetos foram rearranjados e criou-se o *Boletín Justicialista*, rascunho que no mês seguinte foi batizado de “Mundo Peronista”. A publicação da trajetória inicial da revista pretendia demonstrar a participação direta de Juan e Eva Perón em sua estruturação desde a escolha do nome até na orientação sobre os conteúdos a serem publicados. As fotografias que aparecem na publicação retratam Juan e Eva junto aos funcionários da revista que não foram identificados sob a justificativa de que “[...] en Mundo Peronista hay hombres y no nombres” (MUNDO PERONISTA, 18, p. 24-27, 01/04/1952), confirmando que seu objetivo primordial era a divulgação da doutrina peronista a partir e por meio, exclusivamente, de Juan e Eva Perón.

Dessa forma, entendemos que a proposta de *Mundo Peronista* corroborava o caráter personalista do movimento ao dispensar mediadores entre o presidente e a primeira-dama e os leitores da revista. A utilização de uma linguagem simples e moderna, por sua vez, também auxiliava na aproximação entre o *Conductor* e seu *Pueblo*, tornando o conteúdo difundido de fácil compreensão para todos os leitores. Não obstante, consideramos que a relação direta entre líder e povo, um dos pontos característicos do peronismo sob a ótica de análise populista, deve ser questionada. Que a máquina de propaganda peronista foi exitosa no sentido de difundir Juan e Eva Perón como os únicos líderes, criadores e propagadores do movimento não há dúvida, mas o funcionamento interno do movimento, isto é, as diversas instâncias e

¹⁸ A revista cumpriu integralmente com a periodicidade anunciada apenas nos anos de 1951 e 1952. Em 1953, não houve publicação da segunda edição do mês de março e das edições de abril. Já em 1954, houve apenas uma edição no mês de fevereiro e no mês de agosto. No último ano de publicação, as primeiras edições de janeiro e de março não foram impressas e as duas últimas edições da revista (agosto e setembro) foram compostas, cada qual, por dois números (90/91 e 92/93). Essas ausências eram justificadas nos números seguintes por “problemas técnicos” referentes à impressão.

profissionais necessários para a construção do peronismo e que mediaram a relação entre o líder e o povo são pontos substanciais quando se pretende questionar e aprofundar análise de determinado processo histórico. No que diz respeito ao nosso objeto, investigar o funcionamento de *Mundo Peronista*, inserida em um conglomerado de publicações peronistas, delineia compreender mais nitidamente a sua formação, a relação com outros meios e a participação daqueles que Raanan Rein chamou de *líderes de segunda línea* do movimento.

A redação da revista esteve sob a responsabilidade do Departamento de Difusão da ESP. *Mundo Peronista* podia ser adquirida em bancas de jornal, na sede da Escola ou por assinatura. Em relação à tiragem, Claudio Panella (2010) estima que, entre 1951 e 1955, a revista atingiu 100.000 exemplares por número, enquanto Virginia Morales (2017) contabiliza que, em relação às edições de 1952, foram impressas entre 55.000 e 100.000 exemplares da revista: 50.000 destinados para a venda no interior do país, 30.000 para a capital federal, 15.000 para os assinantes, 5.000 reservados para a venda no exterior. A própria revista publicava dados sobre sua tiragem: a edição de número 25 teria alcançado 55 mil exemplares (MUNDO PERONISTA, 26, p. 12, 01/08/1952), enquanto que a quadragésima sexta edição, dedicada exclusivamente à memória de um ano de falecimento de Eva Perón, teria atingido a tiragem de 110.000 exemplares, sendo que 100 mil foram vendidos em um único dia nas bancas da capital (MUNDO PERONISTA, 47, p. 44, 05/08/1953). A veracidade dessas informações é dificultada por conta da escassa documentação disponível sobre o funcionamento interno da revista; todavia, se considerarmos o tempo de publicação de *Mundo Peronista* juntamente com a proximidade que havia entre a publicação e Juan e Eva Perón – o casal visitava as dependências da revista e ministrava aulas e cursos na ESP –, podemos inferir que a popularidade da publicação foi, de fato, significativa.

Originalmente, a revista fazia parte da Editora Haynes, empresa de capital inglês fundada em 1904 na cidade de Buenos Aires. Em 1947, o governo peronista obteve, por meio da compra de terceiros, a maior parte das ações da empresa, que já publicava numerosas revistas de grande êxito popular como *Mundo Argentino*, *El Hogar*, *Mundo Infantil*, *Mundo Deportivo*, *Mundo Radial*, *P.B.T.*, entre outras, e o diário *El Mundo*¹⁹. Em 1951, *Mundo Peronista* foi agregada a este conjunto e no ano

¹⁹ “Entrevistado por Hugo Gambini para Primera Plana, el mayor Aloé aseguró que el ingreso de Haynes a la cadena oficialista ‘se produjo mediante el traspaso del 51 por ciento de las acciones, lo

seguinte a empresa passou a se chamar Editora Mundo Peronista. Além dos periódicos citados, a editora publicava obras que compendiam discursos de Juan Perón, como *Conducción Política* e *Las mensajes de Perón*, de Eva Perón – *La razón de mi vida* e *Historia del peronismo* – e de outros autores, como *El Justicialismo* de Raul Mendé, diretor da ESP, e *La traición de la oligarquía* de Armando Cascella, diretor de *Sexto Continente*, revista publicada entre 1949 e 1950 e que reunia escritores e intelectuais adeptos ao peronismo.

O interior de *Mundo Peronista* era impresso em cor sépia, enquanto a capa e a contracapa eram coloridas. As capas eram estampadas com fotografias e pinturas coloridas de Juan e Eva Perón, juntos ou sozinhos, em situações cotidianas ou em compromissos públicos. Nas contracapas geralmente eram impressas publicidade de empresas estatais ou privadas. As temáticas abordadas em seu interior eram diversas e pretendiam abranger leitores de todas as idades. Contava com seções humorísticas, artigos assinados por Juan e Eva Perón, espaço para a publicação de cartas de leitores, poemas, fotografias e ilustrações, artigos de cunho mais doutrinário, seções para crianças, testemunhos e contos. O público alvo da revista eram peronistas (dirigentes, militantes, afiliados e simpatizantes do movimento), fossem homens ou mulheres de todas as idades, crianças ou jovens, ou seja, a família peronista. A fim de inculcar a doutrina peronista às massas, *Mundo Peronista* diversificou seu conteúdo para que fosse apreendido por todos que a lessem. Assim sendo, a revista fez uso de elementos não só propagandísticos, mas também pedagógicos, para que a difusão do peronismo ocorresse da forma mais abrangente e imediata possível.

1.4.1 A Escola Superior Peronista

Inaugurada em março de 1951, a Escola Superior Peronista (ESP) surgiu com o objetivo de organizar, capacitar, disciplinar e unificar a base de apoio de Juan e Eva Perón. Dois anos antes, a reforma constitucional empreendeu uma série de mudanças, como o reconhecimento oficial dos direitos dos trabalhadores e a nacionalização de empresas; no plano simbólico ela representou a transformação da

que les otorgaba a los nuevos socios la mayoría absoluta en las decisiones del directorio. Los ingleses hicieron un magnífico negocio, porque nos vendieron la mitad de sus acciones e invirtieron en otras empresas ese dinero; siguieron cobrando dividendos de su participación y dos de ellos percibían sueldos y honorarios de directores. Como se ve, no hubo ningún despojo, sino una operación comercial beneficiosa para ambas partes” (MERCADO, 2013, p. 106).

doutrina peronista em doutrina nacional. Nesse contexto, era preciso que a difusão dos ideais da doutrina fosse intensificada e que os dirigentes recebessem uma formação coesa para defender e propagar a “causa de Perón”. Foi, portanto, neste contexto de consolidação do peronismo como uma nova proposta política (SORIA, 2010) que a Escola Superior Peronista foi formada.

O diretor da Escola era Raul Mendé, médico santafesino e escritor de obras literárias e políticas. Assinava alguns textos com o pseudônimo de Jorge Mar e foi autor de *Con mis alas* (1944), livro de poesias, *Doctrina peronista del Estado* (1947), *Tercera Posición* (1948), *El Justicialismo. Doctrina e realidad peronista* (1950), entre outros. Além do cargo de diretor na Escola Superior Peronista, Mendé assumiu, a partir de junho de 1952, a Secretaria de Assuntos Técnicos²⁰, estreitando seus laços com J. Perón (CHÁVEZ, 2003). A função principal da Escola era formar dirigentes que irradiariam e defenderiam a doutrina peronista. Para isso, diversos cursos eram ofertados visando à capacitação de homens e mulheres que, de alguma forma, já possuíam contato e simpatia com o movimento. De acordo com Leuzzi (2016), os cursos da ESP ocorriam de segunda a sexta no período vespertino. As disciplinas eram divididas em três categorias: matérias fundamentais – História do Peronismo e Condução Política, ministradas por Eva e Juan Perón respectivamente –, matérias básicas – Sociologia Peronista, Economia Peronista, Política Peronista e Filosofia Peronista – e matérias complementares – Organização Peronista, Realizações Peronistas e Técnicas de Doutrinação²¹–.

A instituição estava dividida em cinco setores, sendo eles a Direção, a Administração, o Departamento de Difusão, de Doutrina e Docente. *Mundo Peronista* fazia parte do Departamento de Difusão, coordenado por Mendé Brun, professor de Filosofia Peronista. Como anteriormente citado, a revista era o órgão de difusão da Escola Superior Peronista e importante instrumento na tarefa de difusão da doutrina, além de ter sido uma fonte de recursos da Escola. Juntamente com os cursos

²⁰ Em abril de 1953, em decorrência da morte de Juan Duarte, irmão de Eva Perón e Secretario Privado da Presidência, J. Perón nomeou Raul Mendé para assumir o cargo vacante. Com isso, indica Leuzzi (2016), Mendé passou a dedicar-se mais aos assuntos referentes à Casa Rosada e – sem abrir mão dos cargos já ocupados –, delegou a direção da Escola Superior Peronista a Enrique A. Olmedo, jornalista e escritor peronista que era funcionário da Secretaria de Assuntos Técnicos da Nação.

²¹ Para participar dos cursos ofertados, o candidato deveria ser filiado ao Partido Peronista e não era necessário nível superior acadêmico. Para os docentes, exigiam-se ao menos três anos de filiação ao partido. A documentação necessária para ingressar na Escola, fossem alunos ou professores, consistia em antecedentes pessoais – para conhecer melhor o grau de capacitação do indivíduo –, antecedentes políticos – para conhecer a trajetória e aspirações do candidato – e antecedentes sindicais, além de dados pessoais comumente requisitados (LEUZZI, 2016).

ofertados, a publicação cumpria com o objetivo de inculcar a doutrina, isto é, não bastava somente conhecer os seus princípios, mas era necessário senti-los e amá-los. Os “apóstolos” da doutrina peronista preservavam o sentido religioso da palavra, pois eram aqueles que, além de serem fiéis à palavra, viviam de acordo com ela. A diversidade de conteúdos e seções presentes em *Mundo Peronista* reforçava o objetivo da Escola em capacitar homens e mulheres para que a *peronização* da sociedade fosse efetiva e duradora.

1.4.2 O funcionamento de *Mundo Peronista*

Já em seu primeiro número, *Mundo Peronista* incumbia-se da função de “derramar” sobre a pátria o pensamento vivo e a palavra de J. Perón. O desejo da publicação era o mesmo da primeira-dama: que o movimento peronista se iniciasse, vivesse e terminasse na figura de J. Perón (MUNDO PERONISTA, 01, p. 03, 15/07/1951). Dessa forma, a revista demonstrava a centralidade que as duas figuras políticas assumiriam em suas páginas. Ainda que J. Perón possuísse o protagonismo como o criador do movimento, Eva Perón sentava-se ao lado do líder como uma figura genial e indispensável. Em *El saludo de los colegas*, a revista reproduzia trechos publicados por outros meios de comunicação sobre o seu surgimento. *Democracia*, *El Mundo*, *La Epoca*, *El Laborista* e *La Razón* parabenizavam *Mundo Peronista* que, como “órgão doutrinal”, passava a oferecer notas e comentários sobre as variadas faces do movimento, além de constituir um importante esforço jornalístico e informar acerca da capacidade criativa do movimento (MUNDO PERONISTA, 02, p. 35, 01/08/1951). Coincidentemente ou não, as fontes citadas eram todas simpáticas ao governo.

Sendo um espaço de divulgação da “verdade peronista”, a revista informava que seus leitores estavam em posição de batalha contra a oposição. Nesse contexto, *Mundo Peronista* seria a fornecedora de armas necessárias para lutar pela causa de J. Perón. Com efeito, a ideia de os leitores se “munirem” com os conteúdos publicados para contra atacar a oposição esteve presente em todos os números da revista. O segundo governo de J. Perón não encontrou a mesma realidade próspera de 1946 e a crescente oposição deveria ser combatida no plano das ideias, onde diversas informações eram divulgadas e reivindicadas como verdadeiras. Nesse sentido, *Mundo Peronista* abria espaço para que leitores enviassem perguntas à redação da revista para munir-se intelectualmente contra os ataques da oposição

(MUNDO PERONISTA, 03, p. 38, 15/08/1951). Além disso, a revista também se direcionava as unidades básicas do movimento. Os conteúdos doutrinários propunham temas a serem tratados nas reuniões e cada unidade básica deveria ser um centro de difusão de *Mundo Peronista*.

Figura 2 - Artigo de *Mundo Peronista*



Fonte: *Mundo Peronista*, 19, p. 15, 15/04/1952.

Em 1952, a revista publicou um artigo apresentando aos leitores o seu funcionamento. A matéria *Asi se hace Mundo Peronista* informava, primeiramente, que os jornalistas empregados na revista estavam a serviço de um único ideal: o peronismo. Por isso, não trabalhavam para uma empresa capitalista e muito menos visavam lucro. O espaço de *Mundo Peronista* era comparado ao de uma casa limpa e cheia de comodidades para que todos trabalhassem bem. Aludir a um espaço familiar reforçava o ideal de harmonia, ligado à comunidade organizada, que reforçava, também, a visão da nação como uma grande família chefiada por um líder paternalista. De acordo com a publicação, o funcionamento da revista se dividia da seguinte forma: a diagramação era um espaço amplo, com móveis e instrumentos modernos para que os desenhistas desenvolvessem suas tarefas com a comodidade necessária; a redação destacava-se pela sua organização – sem papeis espalhados

pelo chão e pelas mesas –, que contribuía para o trabalho cordial entre os redatores da revista; o arquivo de *Mundo Peronista* era representado como o melhor já visto por ser limpo e organizado; outras instalações como a administração, a recepção e o arquivo eram igualmente estruturadas para criar um espaço de trabalho equilibrado.

Fazendo referência ao *Estatuto del Periodista Profesional* de 1944, a revista indicava que antes de J. Perón o jornalismo estava sob o controle das empresas capitalistas e que os jornalistas eram explorados pelos interesses dos patrões. Com o *Estatuto*, entendido aqui como obra de bondade exclusiva de J. Perón, os profissionais da imprensa, além de estarem amparados por leis, passaram a trabalhar por um ideal. O funcionamento de *Mundo Peronista* era um exemplo dessa transformação: os funcionários trabalhavam com dignidade e dedicação em um ambiente limpo e ordenado. Por fim, a revista publicou informações relativas à rotina de trabalho em suas dependências. Semanalmente, o diretor da publicação presidia reuniões com a participação dos secretários geral, de redação e da administração, chefes da diagramação e de desenho e os colaboradores da revista, para discutir o material das edições seguintes. Nesses espaços, os colaboradores liam suas produções, que eram comentadas, criticadas e elogiadas pelos participantes. Paralelamente, havia reuniões para o estudo dos aspectos da doutrina e do movimento peronista, que auxiliavam na produção de materiais. Após essas reuniões, o secretário geral e de redação estudavam o “*mono*”, os números seguintes de *Mundo Peronista*, e discutiam sobre a transformação daquelas informações em notas e artigos. Enquanto isso, os desenhistas trabalhavam nas páginas coloridas e nas capas da revista. Depois, era entregue ao diagramador o material aprovado para que ele começasse a estruturar a revista. Uma vez finalizada e aprovada, a diagramação era levada às dependências da Editora Haynes para ser impressa (MUNDO PERONISTA, 19, p. 15, 15/04/1952).

A revista mencionava que grande parte de seu material era criado a partir das correspondências que eram enviadas pelos leitores. Com efeito, a participação de leitores era fomentada desde as páginas de *Mundo Peronista* pela seção *Amigos de Mundo Peronista* e até mesmo pela publicação de cartas e questionamentos enviados por supostos opositores. A seção *Amigos de Mundo Peronista* apareceu pela primeira vez na edição do dia 15 de novembro de 1951. Em março de 1953, passou a chamar-se apenas *Amigos...*, mas seu objetivo ainda consistia na publicação de cartas de leitores. Os conteúdos das cartas eram diversos: acrósticos

com os nomes de Juan e Eva Perón, poemas, fotografias de crianças, jovens, mulheres e homens reunidos em unidades básicas e em outras ocasiões, comentários elogiosos ao movimento e aos líderes e ilustrações. As cartas enviadas partiam de todos os cantos do país e somavam-se com aquelas enviadas de outros países, como o Brasil. Para aqueles leitores que comprovassem seu profundo envolvimento com a divulgação de *Mundo Peronista* – compra de exemplares avulsos e de outros materiais vendidos pela revista, assinaturas de amigos, doações em dinheiro –, a revista outorgava-os com o título “Amigos de Mundo Peronista”, que consistia em um diploma com fotos de Juan e Eva Perón e com o Escudo Peronista. Além disso, os nomes desses colaboradores eram timbrados em um quadro de honra que ficava exposto na Direção da revista (MUNDO PERONISTA, 12, p. 22, 01/01/1952). Vale lembrar que, para ser reconhecido como tal, o indivíduo deveria possuir qualidades como a dignidade, a honra, o patriotismo e a lealdade inquestionável a Juan e Eva Perón. Todos os leitores eram, em teoria, amigos da revista, mas somente aqueles que colaboravam voluntariamente para ampliar a circulação da publicação mereciam ser reconhecidos oficialmente (MUNDO PERONISTA, 15, p. 30, 15/02/1952).

Em relação aos opositores, sua existência foi continuamente demarcada nas páginas da publicação. Nesse cenário, o conteúdo de *Mundo Peronista* era essencial para enfrentar os “inimigos da pátria” e assegurar um futuro de glória para a nação argentina. Contudo, houve a publicação pontual de cartas de antiperonistas enviadas à redação da revista. Esse feito pode estar ligado, de um lado, ao já citado crescimento da oposição nos anos de publicação da revista. Por outro lado, o aumento do controle do Estado sobre os meios de comunicação gerava denúncias de censura que contrariava os marcos constitucionais argentinos. Para sustentar o caráter democrático e popular do movimento, era preciso que houvesse, ainda que de forma diminuta e questionável, espaço para a oposição. Foi nesse sentido, portanto, que *Mundo Peronista* publicou dois relatos de opositores. Em novembro de 1951, o artigo *Carta aberta al director de Mundo Peronista* apresentava o radical Juan Contreras e sua reclamação ao diretor da revista sobre a liberdade de ir e vir, originada quando foi preso por guardas ao cantar o hino nacional bêbado pelas ruas da capital federal. Além disso, a leitor também questionava o nível de formação das pessoas que passaram a ocupar altos cargos no governo após a chegada de J. Perón. A revista indicava que a carta havia sido publicada na íntegra justamente por

O papel do opositor em *Mundo Peronista* era essencial para que a revista justificasse seu objetivo de difundir a doutrina, nas palavras de Evita, “caiga quien caiga y cueste lo que cueste”. Na edição de número 14, Juan Contreras aparece novamente, dessa vez reclamando sobre a presença massiva de populares na Calle Florida (MUNDO PERONISTA, 14, p. 15, 01/02/1952). Na página seguinte, a revista publicou uma matéria confirmando o aumento da presença popular em espaços públicos como a Calle Florida e interpretando-o positivamente: o progresso econômico do país estava intrinsicamente associado, como veremos no quarto capítulo desta dissertação, ao bem-estar popular, isto é, o desenvolvimento econômico só faria sentido se estivesse direcionado aos setores populares.

1.4.3 Financiamento, gestores e autores

As informações sobre o financiamento de *Mundo Peronista* são escassas e questionáveis. A falta de material – ainda desconhecido ou inexistente – dificulta o acesso a informações importantes, como dados sobre o pagamento de salários, lista de funcionários e suas funções, informações sobre a venda da revista, doações e preço de anúncios publicitários. Como veremos neste tópico, a própria revista divulgava informações sobre a sua tiragem, alteração de preço e outros dados relacionados ao seu financiamento. Todavia, nenhum meio de comunicação é neutro, apesar do intento de ser. Informações publicadas em revistas não são meros reflexos da realidade; elas são construídas mediante objetivos concretos e por isso não podem ser interpretadas como verdade absoluta. Nesse sentido, tais informações serão apresentadas aqui a título de conhecimento e para serem questionadas. Por fim, os documentos que puderam ser acessados durante a pesquisa também serão usados nesta discussão.

Em relação à publicidade, os valores para anunciar em *Mundo Peronista* dependiam do tamanho ocupado pelo anúncio: preenchendo somente $\frac{1}{4}$ da página, o preço estabelecido era de 2.500 pesos; quando tomava metade da página, 5.000 pesos; para publicar em uma página inteira cobrava-se 8.000 pesos e para anunciar na parte traseira da capa ou na frente da contra capa o valor estabelecido era de 10.000 pesos (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN, s/d)²². As empresas estatais que anunciavam na revista eram, entre outras: *Banco de la Nación Argentina*,

²² Fonte: Archivo General de la Nación (AGN), fundo Secretaria Técnica de la Presidencia de la República, Caixa 484.

Lotería de Beneficencia Nacional y Casinos, Yacimientos Petrolíferos Fiscales, Flota Mercante del Estado, Caja Nacional de Ahorro Postal, Aerolíneas Argentinas, Ministerio de Transportes, Dirección Nacional de Industrias del Estado, Dirección Provincial de Turismo de Córdoba. Por outro lado, FIAT, Coca-Cola, Mercedes Benz, Shell, Pirelli, Philips, Quilmes e Kaft foram algumas das empresas privadas – nacionais e estrangeiras – que anunciavam em *Mundo Peronista*.

Como citado anteriormente, a Editora Haynes se transformou em Editora Mundo Peronista em 1951, após ser comprada por uma empresa privada²³. Como indica Silvia Mercado (2013), a compra da Editora Haynes foi feita pela Empresa ALEA, sociedade dirigida inicialmente por Miguel Miranda, diretor do Banco Central, e por Carlos Aloé, secretario geral da presidência da nação durante o primeiro governo de J. Perón e governador da província de Buenos Aires a partir de 1952. Assim sendo, é revelador a proximidade – e por que não o controle – de J. Perón em relação à editora e, conseqüentemente, a sua influência nos materiais publicados.

Editorial Haynes era poderosa y popular, y con capacidad para brindar servicios de imprenta a distintos sectores, incluso publicitarios, por la calidad de sus impresoras y sus recursos humanos. No parecía fácil avanzar sobre ella. Pero una oportuna huelga, promovida desde la Dirección General de Difusión, facilitó la oferta económica que el grupo ALEA le hizo al que manejaba la empresa en 1948, Harry Well Smith, yerno del extinto Haynes. (MERCADO, 2013, p. 106).

Em 15 de janeiro de 1952, *Mundo Peronista* publicou uma matéria informando os leitores sobre seu financiamento. De acordo com a direção da revista, todo aporte financeiro da publicação se originava da publicidade, das assinaturas e da venda de exemplares. Reiterava, ainda, que não recebia nenhum dinheiro de origens particular e pública e que não veiculava publicidade oficial paga. A mesma matéria apareceu também na edição de número dezesseis e dialogava com outra, intitulada *El material de Mundo Peronista*, publicada cinco vezes em 1952²⁴. Em vista da grande quantidade de cartas solicitando autorização para reproduzir os conteúdos

²³ O termo “expropriação” é usualmente cunhado na bibliografia para se referir à compra da Editora Haynes pela ALEA S.A. Destacamos, todavia, que a prática de expropriar é empreendida pelo Estado, ou seja, é o poder público que retira, mediante a compra, a propriedade de um grupo. No caso em questão, acreditamos que a ALEA S.A, apesar de ser uma empresa privada, era formada por “testas de ferro” do governo que, provavelmente, recebiam dinheiro do governo para efetuar as compras a partir da empresa.

²⁴ *El material de Mundo Peronista* apareceu pela primeira vez em 01 de fevereiro de 1952 e foi reproduzida nas seguintes edições: número 15 (p. 37), número 16 (p. 35), número 29 (p. 48) e número 30 (p. 46).

publicados, *Mundo Peronista* tornava público que a sua produção intelectual não possuía proprietário. Seus autores renunciavam ao direito autoral, pois eram “cidadãos peronistas” que escreviam para a “massa peronista”. Sendo assim, todo material publicado se transformava, nas palavras da revista, em um “patrimônio social”, uma vez que o objetivo de *Mundo Peronista* era o de divulgar o pensamento e a obra de Juan e Eva Perón (MUNDO PERONISTA, 14, p. 39, 01/02/1952).

Em relação aos autores que escreviam para a revista, as informações também são escassas. Os dados publicados por *Mundo Peronista* indicam apenas nomes e pseudônimos, estando ausentes informações mais detalhadas sobre o processo de confecção dos artigos e o emprego de autores e autoras. Um levantamento detalhado dos artigos com autoria indicou que estes apareceram com maior frequência somente nos três últimos números da revista. As razões para a publicação de autores e autoras nos meses prévios ao derrocamento de J. Perón podem ser várias, entre elas a necessidade de ratificar publicamente apoio ao governo por meio da assinatura dos artigos de *Mundo Peronista*. Entre os autores e autoras que escreviam para a revista, podemos citar Maria Alicia Domínguez²⁵, Jorge Agustoni – professor de Técnicas de Doutrinação da ESP –, Roberto Podesta Aubone – coordenador das disciplinas Condução Política e História do Peronismo –, Luis Gorosito Heredia²⁶, Roberto Vagni²⁷, Armando Cascella²⁸, Guillermo House²⁹,

²⁵ María Alicia Domínguez (1908-1988) foi escritora, professora e jornalista. Trabalhou em periódicos como *Caras y Caretas*, *El Pueblo*, *Democracia*, *Poesía Argentina*, *La Prensa* e *Mundo Peronista*. Além disso, foi autora de textos escolares e peças de teatro. Chegou a lecionar na educação básica e no ensino superior. Entre suas obras se encontram *Crepúsculos de oro* (1926), *Las alas de metal* (1930) e *Al aire de tu vuelo* (1949) (CHÁVEZ, 2003).

²⁶ Luis Gorosito Heredia (1901-1972) foi um padre argentino e escritor de poesias. Formou-se na ordem dos Salesianos e de Dom Bosco, mas foi expulso da Igreja quando se envolveu romanticamente com uma mulher em uma viagem à França. Ao retornar à Argentina, começou a trabalhar na área da cultura, escrevendo para *Mundo Peronista* e para o suplemento cultural de *La Prensa*. Entre suas obras, estão *Namuncurá, el poema de la pampa* (1924), *La leyenda de oro* (1928), *Amor azul* (1930), *Poemas mendocinos* (1938) e *Península del cielo* (1947) (CHÁVEZ, 2003).

²⁷ Roberto Alejandro Vagni (1901-1966) foi dramaturgo e novelista. Dirigiu *Tierra extraña* (1947), novela na qual J. Perón foi protagonista de um dos episódios. Reconhecido nacionalmente como o novelista do momento em 1947, Vagni foi também diretor do Teatro Nacional de Cervantes.

²⁸ Armando Cascella (1900-1971) foi jornalista e escritor. Dirigiu, entre 1949 e 1950, a revista *Sexto Contiente* juntamente com Alicia Eguren e Valentín Thiébaud. *La tierra de los papagayos* (1926) e *La traición de la oligarquía* (1953) estão entre suas principais obras (CHÁVEZ, 2003).

²⁹ Guillermo House foi o pseudônimo de Augustín Guillermo Casá (1885-1962), militar e escritor de novelas e romances. Publicou em periódicos como *La Nación*, *Democracia*, *Argentina*, *Cultura* e *Mundo Peronista*. *Clotilde Gamarra* e *El ultimo perro* (1947) foram duas de suas novelas premiadas no país. Entre suas obras, estão *Alma nativa* (1923), *Cuentos argentinos* (1935) e *El ocaso de los gauchos* (1938) (CHÁVEZ, 2003).

Jorge Newton³⁰, Américo Barrios³¹ e Elías Castelnuovo³². Raul Mendé, o diretor da Escola Superior Peronista, publicava na revista com o pseudônimo de Jorge Mar e Juan Perón frequentemente utilizava o nome Descartes³³ para publicar matérias em *Mundo Peronista*. A partir de sua 40ª edição, a revista passou a publicar a seção *Nuestra carátula*, espaço reservado para uma breve explicação sobre a capa de cada edição³⁴. Neste espaço, foram publicados nomes de pintores cujas obras estampavam as capas da revista. Considerados “pintores do povo” por *Mundo Peronista*, José Alberto Moyano Fragueiro, Armando Miravalls Bove – pintor espanhol –, Nidia C. de Muñoz, Lidia Capuzotto e José Cañizares tiveram suas obras publicadas nas capas da revista. Cabe ressaltar que a grande maioria das ilustrações publicadas nas capas não era assinada.

Em 1952, a Editora Haynes se transformou em Editora Mundo Peronista. Além de ser responsável pela impressão da revista, a editora passou também a publicar outros impressos, como livros de autores peronistas e compilações de discursos de Eva e Juan Perón, e a comercializar diversos produtos, como discos, medalhas, troféus, chaveiros, fotografias, bustos e bandeiras – todos com insígnias do movimento e imagens de Juan e Eva Perón gravados –. *Mundo Peronista* passou a publicar, a partir da edição de número trinta e três, a seção intitulada *Nuestro departamento de difusión*. Em duas páginas, a revista informava ao leitor sobre os produtos que poderiam ser adquiridos no Departamento de Difusão de Mundo Peronista, localizado no mesmo prédio que a direção da revista. Para os leitores do interior, a revista informava que os pedidos seriam enviados mediante o

³⁰ De acordo com Panella (2010), Jorge Newton publicava em *Mundo Peronista* utilizando-se de vários pseudônimos, sendo eles: Silogismo, Justicialista, El observador peronista, Verissimus, Loco noce, A de menos e Fe, além das iniciais J. C. M., J. G. e E. S.

³¹ Américo Barrios foi o pseudônimo de Luis María Albamonte (1911-1982), jornalista e escritor argentino que dirigiu os periódicos *Democracia*, *El laborista* e *Crónica*. Outrossim, colaborou com a revista *Continente* e *Mundo Peronista*. Foi autor de *El milagreiro* (1937), *El pájaro y el fantasma* (1938), *La paloma de la puñada* (1940), entre outros (CHÁVEZ, 2003).

³² Elías Castelnuovo (1893-1982) foi poeta, jornalista e fundador do grupo literário Boedo. Autor de obras como *Calvario* (1949) e *Los novelistas de la oligarquía* (1953), publicou em *Mundo Peronista* com o pseudônimo de “Elicás” (CHÁVEZ, 2003).

³³ Os artigos assinados por Juan Perón como “Descartes”, em *Mundo Peronista*, integravam a seção *Política y estrategia. No ataco, critico*. Entretanto, César Luis Díaz (2018) indica que os textos foram publicados originalmente em uma seção homônima no diário *Democracia*. Ainda para o autor, o presidente assinava textos com pseudônimos de “Bill de Caledonia”, “Licurgo” – legislador espartano –, “Alejandro” – rei da Macedônia – e “Augusto” – imperador romano –.

³⁴ A seção apareceu 46 vezes e entre as 91 capas do periódico – as quatro últimas edições foram condensadas em dois números –, 35 delas estamparam Eva Perón, 41 ilustraram Juan Perón, nove publicaram fotos ou pinturas do casal presidencial e somente cinco trouxeram impressas terceiros acompanhados por Juan Perón. As descrições das capas expunham ao leitor os significados das imagens e as impressões que elas deveriam causar.

pagamento em cheque ou ordem de pagamento. A seção era bastante ilustrativa, composta por fotografias dos produtos acompanhados pelo preço. Com a criação do novo departamento – que contribuía com o objetivo da revista de ser um “veículo popular para a divulgação do pensamento do General Perón” (MUNDO PERONISTA 33, p. 12, 15/11/1952) –, *Mundo Peronista* passava a indicar em suas páginas que a venda dos produtos subsidiava, também, o funcionamento da revista e da Escola Superior Peronista.

Em outras matérias, a revista indicava supostos problemas em relação ao seu financiamento. Na edição de número 26, por exemplo, *Mundo Peronista* apontava que a tiragem de 100 mil exemplares da presente edição não poderia ser ampliada devido à ausência de recursos materiais. Para resolver o problema de pedidos que não puderam ser atendidos, a revista anunciava o aumento do preço da venda do exemplar avulso, que passaria de 1,50 pesos para dois pesos. A matéria ainda divulgava que o preço de cada exemplar, na verdade, custava duas vezes mais à direção do que o preço estabelecido para a venda ao público (MUNDO PERONISTA, 26, p. 12, 01/08/1952). Um artigo publicado em 15 de outubro do mesmo ano complementava o anteriormente citado ao apresentar, logo nas primeiras páginas e sob o título de *Los problemas de Mundo Peronista*, uma série de informações justificando mais um aumento do preço da revista. Nessa ocasião, reiterava-se que os recursos financeiros da revista originavam-se da venda de exemplares e na publicidade. De acordo com os dados publicados, cada número custava à revista 2,87 pesos, mas era vendido a dois pesos ou 1,50, dependendo da forma de compra. Descontando as comissões e os gastos com o transporte, o preço da venda direta saía 1,05 pesos e 1,10 por assinatura. Ainda nesse contexto, o aumento da procura pela revista – que, conforme dos dados apresentados, ultrapassava 50 mil exemplares por número – encarecia o processo de produção. Por último, *Mundo Peronista* indicava que a escolha do papel nacional para a impressão, em razão de seu “sentido patriótico” e peronista, também aumentava seu preço. Portanto, para cobrir todos esses custos, a administração de *Mundo Peronista* anunciava o aumento do preço dos anúncios e de seus exemplares, que a partir de então passariam a valer três pesos, independente do meio de aquisição. A revista ainda assinalava estar ciente de que o novo preço atingiria os leitores mais humildes, mas pedia que os mesmos fizessem um “sacrifício em nome dos ideais do movimento” (MUNDO PERONISTA, 31, p. 8, 15/10/1952).

Os exemplos citados acima indicavam a preocupação da revista em manter os leitores atualizados sobre o seu funcionamento. A publicação de artigos justificando o aumento dos preços de anúncios e exemplares era, também, uma forma de aproximar-se dos leitores ao detalhar os “problemas” e os processos de produção da publicação. Em *Porque soy peronista*, a revista divulgava o caso do assinante Federico Arraidú, quem se dirigiu à direção de *Mundo Peronista* para pagar a diferença entre a velha e nova tarifa depois do artigo publicado em 15 de outubro de 1952. Para a revista, a atitude do leitor, ou melhor, do *amigo de Mundo Peronista*, deveria servir de exemplo para todos e todas. O pagamento da diferença entre os preços era uma atitude louvável que somente os peronistas autênticos teriam (MUNDO PERONISTA, 32, p. 37, 01/11/1952). Em outra oportunidade, a revista publicou o caso de Guido Panella que, sendo um assíduo leitor e divulgador da revista e de outros materiais da editora, possuía o direito de receber uma determinada porcentagem das vendas, além de ser reconhecido como um dos “Amigos de Mundo Peronista”. O “soldado” da doutrina justicialista renunciava, por sua vez, ao valor prometido pela direção da revista e pedia para que fosse doado à Escola Superior Peronista (MUNDO PERONISTA, 70, p. 22, 15/08/1954).

Se anteriormente a revista alegava não receber doações de nenhuma natureza, esses exemplos indicam uma alteração de postura. Fosse em decorrência dos problemas econômicos enfrentados pelo país e que se refletiam no funcionamento de *Mundo Peronista* ou pela necessidade de criar um meio que gerasse e mantivesse as virtudes peronistas – como a abnegação, o sacrifício e a humildade – mobilizadas, a revista passou a destacar de forma positiva as ajudas prestadas pelos leitores. Outros casos divulgados pela revista também consistiam em “missões” e “desafios” propostos para que os leitores, imbuídos de sua “obrigação moral peronista”, comprassem exemplares da revista e outras publicações da editora e conquistassem novas assinaturas, em troca de materiais de propaganda enviados sem custo para as pessoas que cumprissem com tais tarefas; a divulgação de nomes dos “agentes voluntários” que se comprometiam com a proposta da revista e a impressão de cupons para que se adquirissem exemplares avulsos ou fizessem novas assinaturas de *Mundo Peronista* e *Doctrina Peronista* (MUNDO PERONISTA, 77, p. 20, 01/12/1954; MUNDO PERONISTA, 79, p. 49, 15/01/1955; MUNDO PERONISTA, 81, p. 32, 15/02/1955; MUNDO PERONISTA, 85, p. 36, 01/05/1955; MUNDO PERONISTA, 86, p. 08, 15/05/1955; MUNDO

PERONISTA, 87, p. 39, 01/06/1955). Notemos também que esses artigos passaram a ser publicados com mais frequência já nos anos finais do governo de J. Perón, fazendo-nos inferir que, frente à crescente oposição e descontentamento popular, urgia a necessidade de monitorar e preservar a base de apoio peronista desde a revista.

Apesar de artigos e matérias reafirmarem que o financiamento de *Mundo Peronista* não dependia de subsídios do Estado ou do Partido Peronista, a Comissão Nacional de Investigações, criada após o derrocamento de J. Perón em setembro de 1955, constatou que os funcionários da revista eram antigos empregados da Secretaria Técnica de Difusão e pagos pelo Estado (LUIZZI, 2016). Como citado anteriormente, a Editora Haynes se transformou em Editora Mundo Peronista em 1952, após ser expropriada por grupos próximos ao governo. O financiamento estatal da revista se mostra plausível, também, na própria diagramação da revista: a densidade e qualidade de textos, ilustrações, fotografias e seções demonstra que o projeto era coordenado por profissionais que possuíam meios de infraestrutura para bancar os noventa e três números bastante coesos entre si.

1.4.4 A construção de conteúdos para a “causa peronista”

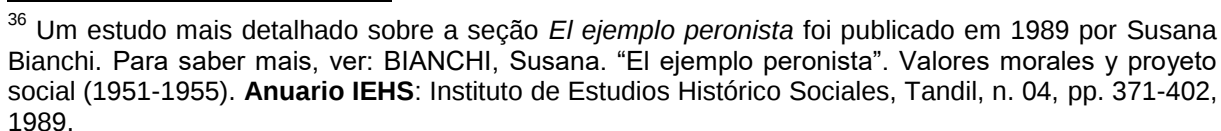
Mundo Peronista possuía, em média, vinte seções por número³⁵, que se dividiam entre permanentes e temporárias. As primeiras foram aquelas que apareceram em todos os números ou em sua maioria, como *Doctrina para todos*, *Perón cumple*, *El ejemplo peronista* e *Calendario del justicialismo*. As seções temporárias apareciam em números especiais ou durante contextos específicos, como as eleições e a morte de Eva Perón. Entre outras, podemos citar *El anecdotario de Evita*, *Actualidad peronista*, *Radiografías de la oposición* e *Historia de Perón y de su Pueblo*. Dentro dessas duas categorias, havia aquelas seções destinadas a um público específico, como *Tu página de pibe peronista*, destinada às crianças, e *Adoctrinamiento peronista*, voltada para as reuniões das unidades básicas. Torna-se inviável esmiuçar todas as seções que compõem os noventa e três números da revista. Por isso, selecionaremos algumas seções consideradas importantes – seja por frequência de publicação, público alvo ou contexto de aparecimento – e as apresentaremos a seguir.

³⁵ A lista completa de seções por número está anexada no final desta dissertação.

Doctrina para todos passou a ser publicada desde o primeiro número e totalizou 71 aparições entre 1951 e 1955. A seção era comumente composta por uma única página com textos, ilustrações e esquemas que discorriam sobre assuntos e conceitos da doutrina peronista, como a terceira posição, a economia justicialista, noções de liberdade, sociedade e política. *Doctrina para todos* era impressa nas primeiras páginas da revista e escrita com linguagem simples, dividida em pequenos parágrafos ou tópicos e em colunas. Além do texto escrito, as ilustrações e os esquemas pretendiam facilitar a compreensão das informações divulgadas. Alguns de seus artigos vinham assinados por “Justicialista”, pseudônimo de Jorge Newton, diretor da revista, mas a maioria não dispunha de autoria. A partir da linguagem simples empregada, da posição ocupada dentro de *Mundo Peronista* e de sua frequência de publicação, depreende-se a importância atribuída a *Doctrina para todos* como um espaço essencial a todos os leitores por sua acessibilidade e tratamento de temas indispensáveis a todo peronista.

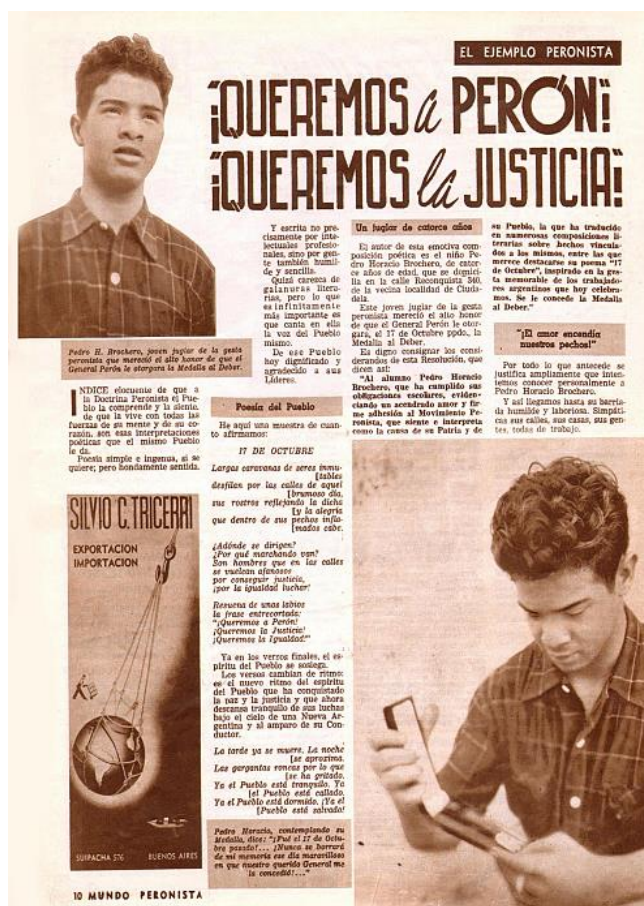
Publicando as realizações empreendidas durante os governos peronistas, *Perón cumple* ocupou as páginas de *Mundo Peronista* desde o primeiro número, contabilizando 78 aparições. Entre duas e três páginas, a seção apresentava ao leitor uma série de transformações operadas no país graças ao peronismo: modernização de cidades, urbanização de espaços interioranos e crescimento do bem-estar popular. Após a publicação do II Plano Quinquenal, a seção assumiu outra denominação, passando a ser publicada como *II Plan Quinquenal: Perón cumple con su Pueblo*. Composta majoritariamente por fotografias que procuravam comprovar a ação do governo tanto na capital quanto em cidades do interior, a seção imprimia também dados em pequenas tabelas. Em ambos os suportes, as informações veiculadas objetivam chegar ao leitor como “provas irrefutáveis” do avanço realizado por J. Perón. Assim como *Doctrina para todos*, *Perón cumple* também aparecia nas primeiras páginas de *Mundo Peronista*.

³⁶ Um estudo mais detalhado sobre a seção *El ejemplo peronista* foi publicado em 1989 por Susana Bianchi. Para saber mais, ver: BIANCHI, Susana. “El ejemplo peronista”. Valores morales y proyecto social (1951-1955). **Anuario IEHS**: Instituto de Estudios Histórico Sociales, Tandil, n. 04, pp. 371-402, 1989.



³⁶ Um estudo mais detalhado sobre a seção *El ejemplo peronista* foi publicado em 1989 por Susana Bianchi. Para saber mais, ver: BIANCHI, Susana. “El ejemplo peronista”. Valores morales y proyecto social (1951-1955). **Anuario IEHS**: Instituto de Estudios Histórico Sociales, Tandil, n. 04, pp. 371-402, 1989.

³⁶ Um estudo mais detalhado sobre a seção *El ejemplo peronista* foi publicado em 1989 por Susana Bianchi. Para saber mais, ver: BIANCHI, Susana. “El ejemplo peronista”. Valores morales y proyecto social (1951-1955). **Anuario IEHS**: Instituto de Estudios Histórico Sociales, Tandil, n. 04, pp. 371-402, 1989.

Figura 5 - A seção *El ejemplo peronista*.

Fonte: Mundo Peronista, 39, p. 10, 15/02/1953.

Outra seção que também visava a aproximação com os leitores foi *Calendario del justicialismo*, que a partir do número vinte e dois passou a se chamar *Calendario peronista*. Em duas páginas eram publicados os eventos e os compromissos que Juan e Eva Perón atendiam entre o intervalo de edição de cada número da revista. Cada tópico representava um dia do mês e era formado por um breve texto descrevendo o evento – cerimônias, datas comemorativas, inauguração de obras, visitas de Juan e Eva Perón, entre outros – e uma fotografia. A ideia de informar a rotina dos líderes peronistas liga-se ao propósito difundido pela revista de formar um governo do e para o povo. Em contraposição com o passado corrupto e de pouca confiança entre governantes e governados, J. Perón advogava um governo no qual o povo se faria vigente, fosse na participação direta ou no conhecimento do dia-a-dia do presidente e da primeira-dama. Outro exemplo dessa estratégia foi a publicação de *¡A las 6 y 30!* no primeiro número de *Mundo Peronista*. A matéria descrevia de forma laudatória a rotina do presidente, que deveria ser um exemplo de trabalho e caráter para toda a nação. Assim como um *obrero*, J. Perón levantava cedo para

cumprir com seus compromissos de forma digna. O exemplo era uma das formas de educar os leitores nas virtudes peronistas; ao aproximar realidades, a sensação de afinidade entre personagens – líder e povo, por exemplo – favorecia a disseminação do movimento.

Figura 6 - Seção Calendário peronista.



Fonte: Mundo Peronista, 18, p. 13-14, 01/04/1952.

Entre as seções temporárias, *El anecdotario de Evita* surgiu em 15 de agosto de 1952, data da edição posterior à dedicada ao falecimento da primeira-dama. Totalizando onze aparições, a seção foi renomeada para *Recuerdos de Evita* no trigésimo quarto número de *Mundo Peronista*. O conteúdo publicado, de acordo com a revista, era construído a partir de cartas enviadas por leitores que relatavam episódios da vida de Eva Perón, como encontro com apoiadores, entrevistas e visitas. O objetivo da seção era rememorar a passagem e as realizações da primeira-dama e corroborar o seu compromisso com o povo argentino. O “paso a la inmortalidad” não diminuía a importância de Eva no imaginário peronista; pelo contrário, sua morte foi utilizada pela revista para fomentar a sacralização e a magnitude do movimento.

Figura 7 - As seções *El anecdotario de Evita* e *Actualidad peronista*.



Fonte: Mundo Peronista, 27, p. 25, 15/08/1952; Mundo Peronista, 89, p. 04, 01/07/1955.

No último ano de *Mundo Peronista*, a seção *Actualidad peronista* abriu três números da revista tratando de assuntos atuais. A crise política que encontrou seu ápice do ano de 1955 e desembocou no derrocamento de J. Perón em setembro foi tratada em *Actualidad peronista* como um fato já esperado. Para a revista, o descontentamento de apoiadores e o crescimento da oposição eram lidos como situações que certamente seriam superadas por J. Perón, uma vez que sua doutrina era a portadora inquestionável da verdade. As decisões tomadas em momentos difíceis e até mesmo a mudança de postura em alguns assuntos não se configuravam contraditórios à doutrina, mas faziam parte do desenvolvimento da vida política de um país, já que as demandas mudam com o tempo. O propósito da seção revelava, portanto, a ideia de tranquilizar seus leitores ao justificar os acontecimentos do momento.

Apesar de ter sido publicada uma única vez em 1º de junho de 1955, *Radiografías de la oposición* destacou-se pelo seu intento de desvalorizar a oposição radical daquele ano relacionando-a com os acontecimentos de 1945 e 1946. Da mesma forma que há dez anos, em 1955 os radicais representavam o “anti-povo”, isto é, aqueles que não desejavam o melhor para o país. Para a revista, apoiá-los, portanto, não simbolizava somente ser antiperonista, mas – e pior – ser anti-argentino. Ainda ligados a grupos estrangeiros, os radicais eram acusados de não

valorizarem as riquezas nacionais e nem estavam preocupados com a população; a eles interessava apenas o lucro, que fomentava a pobreza do país.

Figura 8 - As seções *Historia de Perón y de su pueblo* e *Radiografías de la oposición*.



Fonte: Mundo Peronista, 83, p. 34, 01/04/1955; Mundo Peronista, 87, p. 28, 01/06/1955.

La historia de Perón y de su Pueblo, publicada dez vezes em 1955, não surgiu de forma casual. No âmago dos confrontos daquele ano, recordar a trajetória de Juan e Eva Perón era uma forma de legitimar a permanência do peronismo no governo. Para a revista, as histórias do movimento peronista e do povo argentino se cruzavam e, finalmente, se completavam ao conformar uma nação justa, livre e soberana. Com muitas fotografias e textos divididos numa média de cinco páginas, a seção recordava as principais datas e acontecimentos durante os nove anos de governo. Demonstrar e reafirmar a importância do peronismo por meio de obras e conquistas alcançadas no passado era uma forma de, ao mesmo tempo, continuar legitimando o governo apesar dos ataques e, também, de garantir o apoio para o futuro.

Uma seção dedicada exclusivamente às crianças passou a ser publicada a partir do quinto número de *Mundo Peronista*. Totalizando 85 aparições, *Tu pagina de pibe peronista* era geralmente publicada nas páginas finais da revista. Com textos, ilustrações, história em quadrinhos e atividades, a seção procurava educar os “únicos privilegiados” do país com os preceitos peronistas. Em setembro de 1952, a

seção foi renomeada para *Nuestro pequeño mundo* e seguiu-se até o último número da revista em setembro de 1955. Para formar e garantir uma nação economicamente livre, socialmente justa e politicamente soberana, o peronismo deveria formar cidadãos a partir de seus ideais. Não obstante, essa formação não poderia se restringir aos indivíduos votantes, mas a todos os grupos. *Peronizar* a sociedade também significava conquistar adeptos das mais diversas idades para que todas as realidades fossem impactadas pela ação transformadora do peronismo. Dessa forma, o interesse na infância residia na possibilidade de inculcar os princípios peronistas aos mais novos não somente pelas vias tradicionais de ensino – nas quais o governo peronismo também se fez presente –, mas igualmente por meios pouco usuais até então, como os meios de comunicação. Ao resolver uma atividade de cruzadinha cujas respostas eram todas relacionadas ao imaginário peronista, a criança era alfabetizada segundo os princípios da doutrina desde as páginas de *Mundo Peronista*.

De forma mais precisa, a revista se direcionava, através da seção *Adoctrinamiento peronista*, aos membros das unidades básicas³⁷. Em um ou duas páginas, o espaço oferecia material de doutrinação, expondo normas para reuniões e temas a serem discutidos. Aos participantes era recomendado cantar as marchas peronistas, usar os artigos da revista como base para as discussões e enviar um informe à direção de *Mundo Peronista* com data e hora dos encontros, quantidade de pessoas, lugar realizado, temas tratados e metodologia usada logo após o término das reuniões. A tentativa de controlar as reuniões das unidades básicas repousava na ideia de verticalidade do movimento peronista, cujo único líder deveria ser Juan Perón. A “comunidade organizada” deveria ser um espaço harmônico e, principalmente, disciplinado. O “autêntico peronista” era aquele que amava o movimento com o respeito aos valores e regras estabelecidos.

³⁷ De acordo com Nicolás Quiroga (2008), as unidades básicas peronistas eram locais onde se reuniam militantes e simpatizantes do movimento para a formação e a realização de atividades políticas, sociais e solidárias de forma mais localizada em bairros e na zona rural. Essas organizações pretendiam ressignificar os “comitês partidários” ao criarem uma nova identidade a partir de uma proposta de estruturação original (BARRY, 2004). Havia três tipos de unidades básicas: a masculina, que se assemelhava às organizações partidárias já existentes; a feminina, que seguia o regimento do Partido Peronista Feminino e se direcionava a divulgação da doutrina peronista e na prestação de assistência social às famílias das mulheres participantes; e a sindical, dividida de acordo com a ocupação e voltada para a capacitação profissional.

Figura 9 - As seções Nuestro pequeño mundo e Adoctrinamiento peronista.



Fonte: Mundo Peronista, 32, p. 35, 01/11/1952; Mundo Peronista, 48, p. 39, 15/08/1953.

Como uma revista de propaganda política, *Mundo Peronista* incumbia-se de transformar os diversos assuntos pertinentes daquela época em conteúdos fáceis de serem assimilados pelo seu público-alvo. O alto índice de alfabetização da sociedade argentina contribuiu para a disseminação de publicações periódicas entre os setores populares, o que indica a atenção dada pelo peronismo aos materiais escritos. Em *Mundo Peronista*, a variedade de seções e assuntos tratados, a densidade das publicações e o tempo de existência da revista demonstram não só a importância do suporte para a divulgação do peronismo naquele contexto, mas a preocupação de Juan Perón – e de círculos próximos – em certificar o apoio à “causa peronista” através de outras formas de poder além daquele representado pelo Estado. O uso dos meios de comunicação pelo peronismo não pode ser entendido de forma neutra, uma vez que as informações veiculadas eram direcionadas a um determinado público e assumiam finalidades bem estabelecidas: conquistar novos adeptos ao movimento e continuar legitimando o governo. Nos capítulos seguintes, veremos como *Mundo Peronista* articulou assuntos e mobilizou determinados grupos para que a peronização da sociedade fosse afortunadamente empreendida.

2 ENTRE O POLÍTICO E O LAR: A CONSTRUÇÃO DO PAPEL FEMININO PERONISTA

Mundo Peronista surgiu em julho de 1951, apenas alguns meses antes da reeleição de Juan Perón, momento em que as mulheres exerceriam o direito ao voto pela primeira vez. A Lei 13.010, aprovada de 23 de setembro de 1947 e incorporada pela nova Constituição em 1949, garantia o direito das mulheres de votarem e serem eleitas. Importante ressaltar que as discussões sobre os direitos da mulher não se originaram com o peronismo, mas derivam de grupos pró-sufrágio e feministas surgidos no início do século XX que se mobilizaram para tentar junto aos governos a ampliação de direitos políticos e civis femininos. Tampouco os debates acerca de valores, padrões e comportamentos estritamente femininos foram pleiteados apenas entre 1946 e 1955. Nesse sentido, faz-se necessário destacar a forte influência da Igreja Católica, através de prelados e grupos laicos, nos assuntos que concerniam ao papel e à participação da mulher na vida pública do país³⁸. Discutir o papel da mulher na sociedade argentina estava rigorosamente ligado aos assuntos sobre a família, pois para a religião católica – bem como para os setores tradicionais e conservadores da época – a mulher estava, impreterivelmente, ligada ao papel de esposa e mãe. Como veremos a seguir, ser mãe era a essência de toda mulher; cuidando dos filhos, a mulher alcançava sua plenitude; formando bons cidadãos a serviço da pátria, a mulher cumpria seu papel designado pelo Estado.

Como aponta Adriana Piscitelli (2009), na virada do século XIX para o XX ocorreu a “primeira onda feminista”, impulsionada pela ideia de direitos iguais entre homens e mulheres no que se refere à cidadania³⁹. Além disso, as mulheres

³⁸ Não corrobora com o objetivo de nossa pesquisa tecer profundas discussões acerca do papel da Igreja Católica na sociedade argentina antes e durante do peronismo. A instituição esteve presente, como bem se sabe, desde a época colonial e foi uma importante reguladora social. Por meio da instrução de valores para homens, mulheres, jovens e crianças e o controle das instituições de ensino – por vezes ameaçado pelos governos liberais –, a Igreja enraizou-se, não sem dificuldades, na sociedade argentina desde então. Embasados em Susana Bianchi (1996), destacamos três áreas que, até o momento de ascensão de Juan Perón, eram entendidas como exclusivas da Igreja Católica: a assistência social, a família e a educação. O avanço do peronismo sobre esses assuntos é compreendido pela autora como o motivo crucial dos embates entre governo e Igreja que se dão, principalmente, nos anos finais do segundo governo de J. Perón.

³⁹ De acordo com a mesma autora, houve ainda mais duas ondas feministas. A partir das décadas de 1950 e 1960, e impulsionadas pela publicação do livro *O segundo sexo* de Simone de Beauvoir (1949), as mulheres começaram reivindicar além dos “direitos iguais à cidadania”, pois entendiam que era preciso enfrentar “os aspectos sociais que situavam a mulher em um lugar inferior” (PISCITELLI, 2009, p. 133). A segunda onda, portanto, ficou marcada pela luta a favor da autonomia das mulheres e contra a dominação masculina, isto é, o patriarcado. Nos últimos anos da década de 1980, a

reivindicavam também o acesso à educação, no sentido de conferir ao público feminino o direito de ter o mesmo tempo de escolaridade que os homens e a posse de bens. Esse momento de mobilização ficou marcado pela criação de associações de mulheres, realização de congressos, passeatas, greves, entre outros. Importante ressaltar que essas reivindicações se originaram, principalmente, no eixo Estados Unidos-Europa e que mais tarde, entre as décadas de 1920 e 1940, alguns movimentos de países da América conseguiram diminuir a desigualdade em termos legais, como foi o exemplo da Argentina e do Brasil. Apesar da heterogeneidade das ideias discutidas e da origem das mulheres participantes durante a primeira onda, a grande parte das produções daquele momento se concentrou no estudo da ideia de papel social. Para Piscitelli (2009), a investigação acerca dos fatores que influenciavam o comportamento humano indicava que os papéis de homens e mulheres eram culturalmente construídos, isto é, que o “papel masculino” e o “papel feminino” eram pensados a partir da diferença sexual, também construída pela sociedade e não tida como algo natural. Os discursos de Eva Perón sobre o direito ao voto e a capitalização da luta pelo sufrágio feminino pelo peronismo se inserem nesse contexto da primeira onda feminista, pois, como veremos, o movimento, pela pessoa de Eva Perón, questiona a ausência do direito o voto e reclama às mulheres o acesso à educação e ao mercado trabalho, tendo em vista a ampliação do “papel feminino”. Todavia, Eva não aderiu ao movimento feminista; pelo contrário, teceu críticas ao feminismo e postulava constantemente às mulheres os perigos do movimento.

Acreditamos que as instruções desenvolvidas por *Mundo Peronista* relativas às mulheres, traçadas principalmente a partir de Eva Perón, não questionaram os valores conservadores e tradicionais daquela época: a subordinação ao homem e o papel social da mulher como mãe e esposa atrelado ao lar continuaram sendo endossados pelo peronismo. A aquisição de direitos iguais à cidadania e o incentivo para que mulheres estudassem e se profissionalizassem não anulariam aqueles valores já estabelecidos na sociedade argentina da época. Partimos do pressuposto de que o interesse da revista, em relação às mulheres, era de mobilizá-las

contestação das categorias “sexo” e “natureza” como elementos desconectados da cultura – o questionamento da coerência entre sexo, gênero e desejo – e a reivindicação, por parte de mulheres negras e do “Terceiro Mundo”, para que outras variáveis – como a idade, a raça, a classe social e a nacionalidade – fossem incorporadas para pensar a opressão sofrida por mulheres ganharem espaço. Nesse momento, o esforço para desnaturalizar a noção de diferença sexual e para incorporar as reivindicações de intersexuais, transexuais e travestis também se intensificaram.

politicamente para que fossem inseridas na base de apoio do governo, afastando-se da intenção de criar um novo modelo ou padrões de comportamento femininos. Nesse sentido, emprestamos de Lila Caimari (2010) a expressão de “feminismo contraditório” para nos referirmos às atitudes e discursos de Eva Perón direcionados às mulheres. A forma pela qual os direitos políticos femininos foram tratados em *Mundo Peronista* apontam para o paradoxo criado entre explicitar esses novos direitos e incentivá-los sem abrir mão do “papel natural” das mulheres.

Essas ideias, discussões e projetos referentes à vida da mulher estão presentes nas páginas de *Mundo Peronista* e serão exploradas aqui a fim de investigar qual era o ideal de mulher proposto pela publicação e de quais formas esse assunto foi impresso na revista. Não obstante, torna-se essencial realizar uma breve contextualização histórica que dê respaldo para o aprofundamento da análise do modelo feminino proposta e divulgado pela revista.

2.1 Mulheres e participação política na Argentina

De acordo com Carolina Barry (2019), há diferentes razões sociais e políticas que levam cada país a promulgar o direito ao voto feminino. Na Argentina, organizações surgidas no início do século XX já representavam o interesse de mulheres na obtenção da cidadania política, como a fundação do *Consejo de Mujeres* em 1900 por Cecilia Grierson, primeira argentina a concluir a faculdade de Medicina em 1889, mas impossibilitada de exercer a profissão por ser mulher. A grande parte das mulheres que participavam do *Consejo* provinha da classe média e representavam instituições de caridade. Marysa Navarro (1994) indica que o problema do voto feminino, ao ser colocado como pauta dentro do *Consejo*, tornou-se motivo de crise, uma vez que nem todas as mulheres que ali estavam reivindicavam esse direito. Sendo assim, começaram a surgir outras agrupações declaradamente sufragistas, como o *Centro Socialista Feminista* em 1902 e a *Asociación pro-Derechos de la Mujer*. Em maio de 1910, a cidade de Buenos Aires sediou o *Primer Congreso Femenino Internacional*, onde participantes chilenas, paraguaias e uruguaianas discutiram a necessidade de reforma do Código Civil para que as mulheres tivessem direitos civis iguais aos dos homens. Como resultado, o congresso aprovou um projeto de lei de direitos políticos que foi entregue ao deputado socialista Alfredo L. Palacios, mas que sequer foi considerado quando a nova lei eleitoral – *Ley Sáenz Peña* ou lei de voto universal – foi sancionada em

1912. Na Reforma do Código Civil em 1926, a inferioridade política das mulheres foi parcialmente alterada e a partir de então a luta pelo direito ao voto se tornou o objetivo principal das feministas argentinas (NAVARRO, 1994).

Outras agrupações surgiram na década de 1920, como o *Partido Feminista Nacional*, a *Liga Feminista Nacional de la República Argentina*, a *Asociación de Damas Radicales* e a *Asociación Argentina del Sufragio*, todas elas com poucos resultados satisfatórios até a década seguinte, quando em 1932 as filiadas da *Asociación Argentina del Sufragio*, ao organizarem uma manifestação na abertura do período parlamentar, atiraram panfletos às autoridades. Provavelmente esse deve ter sido o ato mais audaz das feministas argentinas, pois diferentemente das inglesas que em 1905 provocavam conflitos e iam presas, na Argentina o caminho escolhido para se movimentar foi o plano institucional, buscando elucidar a opinião pública para a manutenção de leis já existentes. Até a promulgação do voto feminino em setembro de 1947, quinze projetos foram apresentados na Câmara de Deputados. Entre aqueles homens que apoiavam a sanção do voto, os argumentos eram de que as mulheres não votariam “como classe ou como sexo”, mas sim individualmente, não contribuindo, portanto, com a corrupção eleitoral, comprovando que eram seres inteligentes e que o exercício da cidadania não alteraria a estrutura familiar. Por outro lado, os deputados que se opunham à lei defendiam que a inteligência da mulher era dominada por emoções e que os resultados da promulgação de dita lei ainda não estavam nítidos nos países que já a havia adotado.

Marysa Navarro (1994) indica que, durante a década de 1930, o movimento feminista argentino careceu de um projeto único devido às diferenças ideológicas: a *Asociación* defendia que o voto deveria ser outorgado apenas às mulheres que fossem alfabetizadas e maiores de idade. Diferentemente dos homens que, mesmo sendo analfabetos, tinham o direito ao voto desde 1912, as mulheres analfabetas eram lidas como incapazes, pois desconheciam os partidos políticos. As socialistas, todavia, rechaçavam essas restrições e pediam, além do voto universal para as mulheres, o direito ao divórcio. Durante o governo instaurado com o Golpe de Junho de 1943, criou-se a *División de Trabajo y Asistencia de la Mujer*⁴⁰ em agosto de

⁴⁰ O organismo esteve sob a direção de Lucila de Gregorio Lavié, advogada e doutora em jurisprudência. Lavié empenhou-se em esteirar os laços com as organizações feministas e sufragistas argentinas e dessa aproximação surgiu a *Comisión Pro Sufragio Feminino*, presidida por Rosa Bazán de Cámara. Importante ressaltar que, diferentes das organizações anteriores nas quais participavam

1944 por Juan Perón, naquela época secretário do Trabalho e Previdência. Essa atitude deve ser entendida no marco da política redistributiva criada desde o Estado para conformar vias de acesso de grupos até então marginalizados – inclusive as mulheres – a melhores condições de vida sem que isso ameaçasse a ordem tradicional da sociedade. Para Susana Bianchi (1993, p. 763), “[...] la definición de pueblo también incluyó a las mujeres que, por primera vez en la historia del país, fueron apeladas y movilizadas desde las estructuras del Estado”. As discussões em torno da *División* diziam respeito à possibilidade de que o voto feminino fosse outorgado por um decreto-lei que só ulteriormente seria ratificado no parlamento. Essa proposta logo foi recusada pelo setor mais democrático de mulheres que começaram uma profunda oposição ao governo, diluindo assim o movimento feminista junto com o pedido de voto e a *Comisión*. Mesmo com o “compromisso” de J. Perón de outorgar o voto feminino, o movimento feminista exigia a volta da normalidade constitucional e a transferência do governo para a Suprema Corte para só então realizar os trâmites legais para a obtenção do voto. Em suma, a aprovação do voto feminino durante uma ditadura era inconcebível para as feministas.

Paralelamente a essas discussões, o papel da mulher na sociedade argentina sofria profundas transformações, principalmente a partir da crise da década de 1930 com as novas condições do mercado mundial, as transformações na sociedade por conta do crescimento urbano e da industrialização. Aqueles homens e mulheres que chegavam do interior do país em busca de melhores condições geralmente se assentavam nas *villas miseria* dos centros urbanos e eram considerados perigosos para a ordem tradicional da sociedade. Bianchi (1993) assinala que na década de 1940 o trabalho feminino era diferenciado entre as funções domésticas e extra domésticas. A mão de obra feminina assalariada era interpretada, pelos grupos mais tradicionais, como a causa da “crise da família” por conta o abandono da maternidade. Geralmente, as mulheres completavam o ciclo secundário e faziam o magistério, alcançando o título de professoras, o que para os setores populares simbolizava o aumento de prestígio social. Sendo assim, as atividades que praticavam começaram a mudar: não se limitavam somente à família e à maternidade, o que se comprova na diminuição da quantidade de filhos, no aumento de matrículas nos “jardins de infancia”, na prática de esportes e no crescente

somente mulheres de classes altas, nesse marco reuniam-se também mulheres de origem sindical, trabalhadoras provenientes das classes mais baixas em torno de uma finalidade em comum.

interesse por assuntos como moda e cuidados com o corpo (BIANCHI, 1993). Para Noemí Girbal-Blacha (2006), a situação das mulheres trabalhadoras e a diminuição da taxa de natalidade eram questões que estavam vinculadas ao “temor à masculinização” do feminino, o que resultaria na destruição da ordem familiar, baseada na diferença sexual e na subordinação da mulher ao homem.

O projeto peronista para esse “caráter ambíguo” da situação das mulheres era de organizar e controlar sua capacidade de mobilização. Para isso, fazia-se necessário definir a cidadania e estabelecer as estruturas da participação feminina na vida política do país. Conforme Carolina Barry (2011), essa incorporação política das mulheres durante o peronismo se deu a partir de dois feitos significativos: a lei do sufrágio feminino em setembro de 1947 (Lei 13.010) e a criação do Partido Peronista Feminino em julho de 1949. Compreendemos que o interesse do peronismo na ampliação da cidadania das mulheres se parece mais com uma estratégia de expandir sua base de apoio político pensando numa possível reeleição de Juan Perón – que de fato ocorreu em 1951 – e menos com uma preocupação genuína do governo em reconhecer a importância dos direitos políticos para a emancipação das mulheres como seres humanos e em equidade com os homens. Quando Juan Perón assumiu a presidência, o sufrágio feminino entrou na ordem do dia e formou parte do conjunto de leis do plano de governo. Assim, o sufrágio deixou de ser uma questão de grupos e partidos opositores para se tornar uma questão assumida pelo Estado e com uma porta-voz própria: Eva Perón.

De acordo com Susana Bianchi (1993), ao criar em 1947 a *Comisión Pro-Sufragio Femenino* e colocá-la sob a direção de Eva Perón, o governo tornou a primeira-dama a emissora privilegiada do discurso dirigido às mulheres. Por meio de discursos radiofônicos proferidos desde o início de 1947, Eva Perón transformou a campanha em uma luta cujo triunfo foi interpretado como algo pessoal. Em 23 de setembro de 1947 o voto foi aprovado quase sem nenhuma oposição tanto na Câmara de Senadores quanto na de Deputados⁴¹. Barry (2011) defende que a

⁴¹ Navarro (1994, p. 156) assinala que “[...] el debate en la Cámara de Diputados duró dos sesiones, no porque hubiera oposición de fondo, sino porque la lista de oradores era muy larga y todos insistían en pronunciar su discurso. Se cerró en un ambiente de gran tumulto, cuando faltaban todavía cuarenta y cinco oradores para hablar, en medio de la algarabía más completa, en la que participaron numerosas mujeres que colmaban las galerías. Evita no asistió al primer debate pues estaba enferma con gripe. Convaleciente, presenció los momentos finales de la segunda sesión. Su nombre no aparece mencionado en los debates de la Cámara de Senadores, pero sí en los de Diputados, una sola vez, cuando José E. Visca leyó un pasaje de un discurso suyo sobre la necesidad de darle el voto a la mujer”.

aprovação da lei teve um significado especial para o peronismo, uma vez que proclamou Eva Perón como a mobilizadora do ingresso das mulheres na política, algo que indiscutivelmente contribuiu na construção de sua liderança. Em seu discurso de anúncio da promulgação da lei, é perceptível que Eva Perón se colocou como a representante da “larga historia de lucha” de todas as mulheres argentinas. Os direitos então conquistados somavam-se à “voluntad nacional de seguir las enseñanzas dignificadoras y recuperadoras de Nuestro líder, el general Perón”: “Marchamos con las vanguardias del pueblo que labrará desde las urnas el porvenir de la Patria ansiando una Nación más grande, más próspera, más feliz, más justiciera y más efectivamente argentina y de los argentinos” (PERÓN, 1947, s/p).

Todavia, somente a aprovação da lei não era o suficiente para incorporar e criar espaços nos partidos políticos para as mulheres. Canalizar a participação feminina na política era de extrema importância para demarcar que tipo de comportamento era esperado das mulheres dentro do esquema político. Nesse processo, o peronismo surgiu como protagonista ao mobilizá-las em torno do Partido Peronista Feminino, no qual as “mulheres autênticas” estariam não só usufruindo de seus novos direitos, mas compromissadas com seus novos deveres. Apesar de estar dirigido a todas as mulheres que se interessassem pela causa peronista, o principal grupo que o partido buscou integrar foi a mulher *obrero* e aquela de setores mais subalternos da sociedade.

O Partido Peronista Feminino (PPF) surgiu em 29 de julho de 1949 na primeira *Asemblea Organizativa del Partido Peronista* como uma organização político-social de estrutura e dinâmica própria presidida por Eva Perón. Apesar de estar vinculado estreitamente do Movimento Peronista, o PPF era autônomo das ramas masculinas e sindicais por se ocupar de setores e problemas diferentes. Segundo Moira Mackinnon (2002), a visão do Partido Peronista como uma estrutura vertical e monolítica desfoca a participação de forças rivais que empreenderam uma dinâmica conflitiva na formação dos primeiros anos do partido⁴². É certo que J.

⁴² As bases peronistas conformadas nas jornadas de outubro de 1945 não eram homogêneas. O movimento peronista recebia apoio do Partido Laborista, da UCR-Junta Renovadora, de homens integrantes da FORJA, da *Concordancia* (radicais anti-personalistas) e do Partido Independente (ou Centros Cívicos Coronel Perón). Em 23 de maio de 1946, para controlar o conflito entre ideologias dissonantes e evitar a dispersão dos grupos, J. Perón proclamou a criação de um novo partido político: o Partido Único da Revolução. Todavia, as divergências continuaram e em janeiro de 1947, ao criar o I Conselho Superior Nacional, o partido passou a se chamar Partido Peronista. Essas mudanças implicavam em diferentes nomeações para a ocupação de cargos diretivos dentro do partido que nem sempre – ou melhor, nunca – satisfaziam a todos (MACKINNON, 2002).

Perón empenhou-se em reunir em torno de si os grupos que lhe apoiaram desde o início, mas dialogar com forças que lhe apoiavam até então era indispensável para a estabilidade e manutenção do poder. Ainda que a autora delimite seu estudo até o início de 1950 por entender que nos anos posteriores uma nova e diferente dinâmica foi configurada com a formação dos setores femininos, masculinos e sindicais dentro do partido, assume que desde 1947 a figura de Eva Perón surgia como “líder carismática por derecho próprio para ocupar un lugar en la coalición dominante” (MACKINNON, 2002, p. 129). O que diferenciava o PPF era seu objetivo especial de estender e popularizar a obra de J. Perón e inculcar a doutrina especialmente às crianças. Isso era justificado pela ideia de que a mulher era melhor “depositária” dos valores espirituais que o homem e estava mais acessível aos bons costumes por sua condição biológica-social (NAVARRO, 1994). A unidade feminina em torno do novo líder não alterou substancialmente o papel tradicional reservado às mulheres que, além de submissas a Deus e à pátria, seriam agora obedientes a J. Perón. Ainda que os novos direitos implicassem em novos deveres, a obrigação da mulher continuava sendo em dar filhos saudáveis e em formar homens virtuosos para a nação. Para Bianchi (1993), a exigência do Estado era de que toda mãe fosse uma verdadeira professora para seus filhos, transformando a maternidade em função política, pois os “bons filhos” seriam aqueles formados pelas virtudes peronistas. Não obstante o reconhecimento das mulheres no mercado de trabalho, elas não se igualariam aos homens, pois em hipótese alguma deveriam se afastar do lar, isto é, do dever essencial de criadoras da família e organizadoras do consumo doméstico.

Sólo concibe a la mujer en función del lugar que ocupa en la familia. Es ante todo y sobre todo la mujer/madre. Cuando trabaja fuera de casa, ya sea en una fábrica o en una oficina, vive como un hombre y por lo tanto “se masculiniza”. Lo hace porque quiere independizarse o porque el matrimonio se convierte demasiado a menudo en una carga pesada. [...] Aun así, la mujer ha nacido para formar un hogar, dice Evita. Por lo tanto, “es urgente conciliar en la mujer su necesidad de ser esposa y madre con esta otra necesidad de derechos que como persona humana digna lleva también en lo más íntimo de su corazón”. (NAVARRO, 1994, p. 183).

Nesse sentido de canalizar a participação das mulheres na política argentina sem alterar as características tradicionais e patriarcais da sociedade, foram criadas as Unidades Básicas Femininas (UBF), organismos celulares do PPF nos bairros e

destinadas às mulheres e aos seus filhos⁴³. Assim, essas organizações eram concebidas primeiramente como prolongações do lar e se configuraram também como espaços de socialização entre mulheres. De acordo com Barry (2004), a meta central era eleger valores-chaves e criar uma estrutura social que as incorporassem na sociedade de forma específica. Nesse sentido, no seio das UBF Eva Perón assignava às mulheres virtudes específicas – ser esposa e mãe era a força natural da mulher e seu lugar era o lar –, enquanto criava mecanismos para conciliar esse papel natural da mulher com os direitos políticos recém-adquiridos. A fim de atraí-las e vinculá-las ao partido, as UBF desenvolviam cursos específicos que se ajustavam às suas necessidades corriqueiras, como cursos de alfabetização – estes eram obrigatórios para as mulheres adultas e havia também aulas de reforço escolar para as crianças –, de costura, culinária, literatura, danças, datilografia, entre outros⁴⁴. Os cursos variavam de acordo com os edifícios nos quais estavam instaladas as unidades básicas, o momento político, as necessidades do bairro e a disponibilização de professoras, mas todos estavam norteados pelo objetivo de capacitar globalmente a mulher em suas necessidades para o lar. Em suma, a ação social e política desempenhada nas UBF era uma continuação das tarefas realizadas em casa, uma maneira de ampliar e desenvolver o “instinto maternal” por meio do altruísmo feminino despojado da ambição masculina⁴⁵.

Por último, cabe apresentarmos a Fundação Eva Perón (FEP), criada em 8 de julho de 1948 por meio do decreto nº 20.564 e análoga aos objetivos do PFF e das UBF de divulgar as obras do governo peronista e cooptar politicamente mulheres para o movimento. A criação da FEP enfraqueceu as instituições de caridade que já

⁴³ As Unidades Básicas também possuíam os setores masculino e sindical. O primeiro estava conformado em estilo semelhante às organizações partidárias prévias ao peronismo, enquanto que o sindical estava dividido de acordo com a profissão e ligado à capacitação profissional e formação sindical. Em contraste com os antigos “comitês partidários”, marcados pela corrupção e inoperância, as unidades básicas peronistas nasceram com o objetivo de ressignificá-los ao criar uma nova identidade e forma de participação política (BARRY, 2004).

⁴⁴ Segundo indica Carolina Barry (2011, p. 21), “el tipo de curso dictado brinda una pauta del universo hacia el cual estaba dirigido el partido. En ese sentido es claro que, tanto las clases alfabetización para mujeres adultas, como las de cocina y corte y confección estaban dirigidas a sectores bajos; en cambio las de idiomas, declamación o literatura estaban orientadas a sectores medios y eventualmente altos, aunque era difícil que estos últimos concurrieran. Como los cursos eran dictados por mujeres del barrio, se creaba un ambiente de cooperación e intercambio”.

⁴⁵ Uma característica distintiva das UBF era a proibição da entrada de homens em suas dependências para resguardar uma boa reputação das mulheres que há pouco haviam começado a trabalhar com política (era inconveniente pensar em mulheres e homens na mesma sala para tratar de política). Ademais, a própria Eva Perón alertava para que as mulheres não se deixassem serem influenciadas e aconselhadas por homens do partido, pois corriam o risco de serem manipuladas, tal qual acontecia em épocas anteriores (BARRY, 2004).

existiam no país e que ficavam, geralmente, a cargo da primeira-dama, como a *Sociedad de Beneficencia de la Capital*, cujo financiamento se dava por meio de doações particulares, de instituições como o Jockey Clube e do próprio Estado⁴⁶. Antes da FEP, já havia um programa de ajuda social – a *Sociedad de Beneficencia María Eva Duarte de Perón* – desde o governo, pois sabendo que a resolução da miséria e da injustiça não acabariam de “um dia para o outro”, Eva Perón se comprometeu colocando-se a serviço dos mais frágeis da sociedade. Em princípio, as realizações da FEP não possuíam um plano organizado, atendendo aos problemas que se colocavam por aqueles que recorriam à ajuda, como pedidos de roupa e alimentos. Navarro (1994) indica que as principais ações da fundação se concentravam no campo educacional – criando escolas e *hogares-escuelas* no interior do país, onde mais de 3000 crianças carentes, entre quatro e dez anos, passaram a estudar –, na assistência médica – construção de quatro policlínicos apenas na Capital Federal e outros nas demais províncias, *hogares de transito*⁴⁷ especializados no atendimento de mulheres em situações vulneráveis – e na realização de campeonatos esportivos para crianças e jovens. Em oposição às instituições já existentes, Eva Perón defendia que a FEP não fazia caridade, mas justiça social, uma vez que dignificava com oportunidades reais e permanentes àqueles que mais precisavam.

De acordo com Anahí Ballent (1997, p. 316), a FEP era também um instrumento a mais de propaganda política do governo peronista. A arquitetura dos edifícios que pertenciam à Fundação representava as particularidades da ação

⁴⁶ O financiamento da Fundação Eva Perón foi um tema palco de polêmicas discussões ainda durante a sua existência. Para a oposição, o governo obrigava empresas, pessoas, instituições e até mesmo trabalhadores a “contribuírem espontaneamente” com a FEP. De acordo com Navarro (1994, p. 212-213), “la resistencia a estos supuestos chantajes acarrea sanciones muy duras y se citaba generalmente dos casos de empresas que se negaron a pagarlos y fueron perseguidas por el gobierno: los laboratorios Massone y la Fábrica de caramelos Mu-mu”. Formalmente, a FEP se apresentava como uma instituição privada, mas desde o primeiro momento se projetou como uma entidade paraestatal, integrada ao poder de maneira informal, não limitada por contrapesos de outras instituições e passível de intervenção somente de Juan Perón.

⁴⁷ Os *hogares de transito* da FEP foram instituições organizadas por mulheres e para mulheres. Formavam parte das políticas sociais adotada pela Fundação e buscavam incluir, ajudar e instruir mulheres em extrema pobreza ou em situação de desfiliação, isto é, quando todas as redes de relação do indivíduo estão tão danificadas que impedem a reprodução de sua existência e proteção. Eram o símbolo da revolução peronista – “la plasmación más real de la justicia social” – e constituíram um enclave social, político e religioso, este último marcado pela presença das *Hermanas del Huerto*, que davam assistência espiritual e moral às mulheres. Os objetivos dos *hogares* eram proteger, amparar, reabilitar socialmente, incluir e integrar a mulher à sociedade e, assim, preservar o equilíbrio social. Toda ajuda prestada dentro dos *hogares* – necessidades básicas, materiais e espirituais – estava direcionada para que as mulheres cumprissem a missão sagrada da maternidade (BARRY, 2008).

política executada por Eva Perón, pontuada pela autora na “capacidade de aproximação e compreensão do mundo popular” de forma mais ativa que o próprio Estado. No que diz respeito aos significados políticos dos estilos arquitetônicos identificados, Ballent explica que uma linguagem mais rústica era encontrada nas construções que abrigavam as ações sociais da FEP, enquanto que sua sede comportava o estilo neoclássico⁴⁸. O luxo, a convencionalidade e a domesticidade foram características pontuais dos edifícios ligados à administração da Fundação. O primeiro, às vezes acusado de possuir “detalhes desnecessários”, simbolizava, todavia, a ascensão das classes baixas a ambientes e bens de consumo que até pouco tempo estavam reservados apenas às elites. O intuito, portanto, não era de extinguir todo e qualquer tipo de luxo, mas torná-lo acessível à classe popular. A convencionalidade e a domesticidade, unidas na ideia de formar lugares com “imágenes de casas”, associavam os lugares destinados às ações sociais da FEP com o lar familiar, uma casa para os humildes e para aqueles, inclusive, que não possuíam um lugar para morar, como idosos, estudantes que saíam do interior do país para estudar nas capitais, mães solteiras marginalizadas e crianças órfãs. A arquitetura dos edifícios da Fundação Eva Perón possuía, portanto, profundos significados políticos que contrapunham antigas e novas posições, como por exemplo, os asilos, assim chamados antigamente, eram locais de “arquitetura fria” que lembravam hospitais, enquanto que os “hogares de ancianos” construídos pela FEP representavam o conforto e a dignificação dos mais velhos.

Partido Peronista Feminino, Unidades Básicas Femininas e Fundação Eva Perón, mesmo com funções particulares, eram organizações que possuíam o objetivo de direcionar a ordenamento e a incorporação política das mulheres sem romper com a “essência feminina” atrelada à maternidade e ao lar. Para isso, era necessário mantê-las separadas dos homens para que não se masculinizassem: o partido era um grande lar e cada unidade básica, uma família. Qualidades tipicamente femininas como a abnegação, o trabalho, a generosidade, a humildade e o sacrifício constituíam um arquétipo superior ao do homem desde o ponto de vista moral, tornando a mulher uma fortaleza espiritual à prova de toda miséria

⁴⁸ “[...] las estéticas de la FEP no innovaban, sino que por el contrario, ampliaban un repertorio ya existente y consagrado por su uso en las viviendas de los sectores medios y parcialmente dentro del estado. La elección de formas reconocidas tuvo varias consecuencias: centralmente, y como se observará más adelante, apoyó el programa redistributivo de la FEP, acercando a los sectores populares un conjunto de formas y significados ligados anteriormente a los sectores medios y altos” (BALLENT, 1997, p. 310).

(NAVARRO, 1994). Mesmo sendo reconhecida como um ser humano com direitos, a mulher permanecia sendo a maternidade a serviço da nação. Desde o lar, ela enquanto mãe possuía o objetivo de educar seus filhos para que se tornassem bons cidadãos, ou melhor, para que fossem autênticos peronistas assim como Juan e Eva Perón. Fora do ambiente doméstico, o PPF ou as UBF se apresentavam à mulher como o prolongamento do lar, reiterando a função materna e não havendo, portanto, contradição entre participar de forma ativa da política e dedicar-se ao marido e seus filhos. Lila Caimari (2010) explana que as razões para inserção das mulheres na vida política do país defendidas por Eva Perón configurava-se como um “feminismo contraditório” que, diferente das aspirações de fato feministas, não questionavam, por exemplo, as distinções tidas como naturais entre homens e mulheres. Ainda que a própria conduta de Eva Perón fosse interpretada como contraditória – não tinha filhos e se dedicava exaustivamente ao trabalho fora de casa –, a submissão era identificada quando se colocava a serviço de Juan Perón. Para Ballent (1997), a transformação dos “espaços de política” para que as mulheres atuassem em lugares parecidos com os seus lares – ambientes “agradáveis e acolhedores” – reafirmava que o papel da mulher estava indubitavelmente ligado à maternidade: seriam como mães que elas atuariam fora de suas casas.

2.1.1 A “obra de justiça” peronista

Em *Mundo Peronista*, as publicações sobre os direitos cívicos da mulher são acompanhadas da importância capital de Eva Perón para a aprovação da lei de 1947. A matéria *Porque ‘tambien somos país’* discute o tema a partir da noção de *antes-depois*, recurso incessantemente usado pela revista. Argumentava-se que antes do advento do peronismo, a oligarquia defendia que as mulheres não eram capacitadas para exercer o voto, não enxergando as virtudes de mães, esposas e irmãs. A mulher era, de acordo com a revista, reduzida somente ao ambiente doméstico e o voto era interpretado como uma ameaça à ordem da familiar. Outrossim, a mulher também não era considerada *povo* e este, por sua vez, não era soberano, apesar dos oligarcas defenderem o caráter democrático de seus governos. Em suma, o medo da oposição se resumia na possibilidade do povo argentino descobrir a “verdade”, isto é, descobrir quais eram os seus direitos e quais os caminhos para conquistá-los. Nesse sentido, Juan Perón seria a personificação dessa “verdade” e reconhecer o *povo* significava também assumir os direitos da

mulher. Já Eva Perón, ao ver a dor e a crueldade da espera de toda mulher argentina, reconheceu sua responsabilidade crucial na luta pelo voto feminino. Como já anteriormente discutido, o peronismo se apropriou de lutas e reivindicações já existissem e, para a revista, o papel capital de Eva Perón foi de escutar todas essas vozes e dar a elas uma nova força e um novo conteúdo, já que os movimentos sufragistas anteriores defendiam um voto feminino “a medias”: para conquistá-lo a mulher deveria transmutar sua personalidade à do homem, ou seja, esses movimentos promoviam, principalmente, a masculinização da mulher. A proposta peronista era de que, a partir dos lares argentinos e com o “agudo senso intuitivo”, a mulher velasse pelo seu país e pela sua casa através do voto, o “escudo de fé”.

Figura 10 - Matéria sobre a relevância do voto feminino e o papel de Eva Perón.



Fonte: Mundo Peronista, 46, p. 22, 26/07/1953.

A aprovação da Lei 13.010 em 23 de setembro de 1947 foi, para o periódico, a “lei peronista” que remediou mais uma injustiça da sociedade argentina e, por isso, nas eleições de 11 de novembro de 1951 as mulheres votariam em J. Perón como uma forma de agradecimento aos direitos outorgados. Nessa ocasião, a revista relembrou que Eva Perón, já adoecida e por isso acamada no dia da eleição, votou desde o seu quarto no Policlínico Presidente Perón, ação autorizada pela Junta

Eleitoral por entender que, se as mulheres estavam votando naquele dia, era por conta de seus esforços (NAVARRO, 1994). A frase “ya voté”, dita por Eva Perón naquela ocasião, foi a voz mais forte ouvida naquele dia, representando todas as mulheres que mostravam ao mundo inteiro a cristalização de uma conquista “amargamente esperada” (MUNDO PERONISTA, 46, p. 22, 26/07/1953).

Outro ponto importante destacado pela revista foi a participação das mulheres nas festas cívicas peronistas, como a comemoração do Dia da Lealdade em 17 de outubro. Na edição de número 53, a revista descreve as mulheres presentes na Praça de Maio naquele dia. O primeiro grupo descrito foi o das “*ancianas*”, cujos semblantes cansados e marcados pelo trabalho de uma “profunda experiência humana” não deixaram se enganar sobre seus verdadeiros direitos. As “*madres*” também estavam presentes com seus filhos no colo para que eles presenciassem a imagem de “fervor e grandeza do povo”, que se tornaria uma lembrança de “justiça e glória”, guiando-os no futuro. As “*mujeres del brazo de sus esposos o de sus novios*” que, assim como Juan e Eva Perón estavam unidos por um vínculo de amor, marcavam sua presença com seus parceiros para juntos defenderem as consignas do presidente. Imbuídas pelo espírito e entusiasmo de Eva Perón, as “*jovencitas*” rendiam homenagens a “*Abanderada*” das reivindicações femininas, ao passo que as “*niñas*”, de mãos dadas com seus pais, já compreendiam com sua inocência a Argentina peronista. Por fim, a “*criollita*” chegava montada a cavalo e vestida com suas roupas tradicionais dos “*gauchos*” do interior (MUNDO PERONISTA, 53, p. 35, 01/11/1953). A presença dessa última categoria nos faz pensar na importância que o movimento conferia aos povos do interior como “portadores da argentinidade” e na relevância de procurar na história argentina os meios de legitimar o presente peronista. Essa especificação nos parece relevante porque – pelo menos por um momento – demonstra certa heterogeneidade desse grupo tão explorado pela revista. Do mesmo modo, compreender como esse coletivo era formado – se por mulheres casadas, solteiras, jovens, idosas, mães ou avós – torna-se imperativo para entender a quem o discurso da revista estava direcionado.

Em 1954, a revista publicou um editorial com o título *El Partido Peronista Feminino* assinado, supostamente, por Juan Perón. O contexto da época da publicação já há meses não era muito favorável ao governo e nos parece que a mensagem vem no sentido de reiterar a importância das mulheres para a supressão da crise e continuação do movimento peronista. Em vista disso, a revista destacava

a relevância do PPF, instituição que com seu conteúdo orgânico e funcional agregava uma mística que era a alma do movimento. Sendo a mulher, então, a alma do peronismo, ela havia se convertido em uma incansável realizadora da doutrina e sua predadora permanente, tornando a própria vida uma bandeira de luta (MUNDO PERONISTA, 78, p. 03, 15/12/1954). O movimento peronista era caracterizado, desde as páginas da revista, como um “movimento do porvir”, isto é, como algo que precisava ser continuamente aperfeiçoado e, por isso, sua conservação dependeria mais das mulheres, por serem responsáveis pela educação de seus filhos, que dos homens.

Já no ano seguinte, a revista publicou três discursos de Eva Perón nas edições de número 80, 83 e 84. Bastante interligados entre si, destacaremos a seguir os principais pontos de cada um. Em 1º de fevereiro de 1955, o terceiro tópico da seção *Escuela Superior Peronista, La palabra de Eva Perón*, publicou o discurso de Eva proferido em 27 de janeiro de 1947 e originalmente intitulado *Mensaje a la mujer argentina*. Naquela ocasião, a primeira dama fazia pública sua adesão à luta das mulheres, porque juntas falavam uma mesma linguagem de fé e abrigavam a mesma esperança de superação. Fosse nas fábricas, nas casas ou nas escolas, todas estavam unidas por uma “força de atração” que as reunia em um imenso bloco de mulheres com iguais aspirações e semelhantes inquietações. No decorrer do discurso, Eva indicou conhecer todas as suas companheiras, seus sonhos, lutas e reações, pois as observava nas ruas das cidades e nas chácaras do interior do país. O motivo de conhecê-las tão intimamente era que Eva, sendo povo, também sofria e trabalhava como elas. Por isso, antes de ser esposa do presidente, Eva Perón era a mulher do primeiro trabalhador. Isso significava que antes de se dedicar aos “deveres de sociabilidade” – provavelmente aqui se referindo às instituições de caridade que comumente as primeiras-damas ficavam encarregadas –, ela tinha como obrigação primordial seus deveres sociais, isto é, deveria voltar-se para os problemas dos trabalhadores. Eva não possuía outra ambição e vaidade que servir e ser útil às inquietações de milhões de mulheres que agora possuíam um “claro sentido de seu dever e uma noção real de seus direitos”. O lar continuou sendo a célula social onde se formavam todos os povos, a “argamassa nobre” do país. Foi a partir dele que o triunfo popular de J. Perón foi gestado e onde também se abateram as maiores injustiças contras os mais frágeis. Com o passar dos anos, a mulher argentina havia superado o tempo de tutorias civis e não poderia mais ser apenas

espectadora dos movimentos políticos. A mulher deveria afirmar sua ação, escolher e ocupar seu lugar na complexa engrenagem social de um povo. Para Eva, a mulher argentina havia alcançado a maturidade de seus sentimentos e vontades, atingindo assim a maturidade social e política. Por isso, merecia ser escutada, pois caminhara junto ao homem para afirmar a vontade peronista: o voto feminino seria um escudo de fé para as mulheres, um testemunho vivo de esperança em um futuro melhor (MUNDO PERONISTA, 80, p. 46, 01/02/1955).

Em 1º de abril, o mesmo tópico citado acima trouxe o discurso pronunciado em 19 de março de 1947, o último em ocasião das mensagens que compunham o ciclo de conferências para a campanha do voto feminino. A revista reconhecia que outras mulheres de outros países e até mesmo da Argentina já haviam postulado sobre os direitos eleitorais femininos, mas que somente Eva Perón soube apresentar o problema a partir de um ponto de vista tão real e, sobretudo, feminino. O discurso publicado nessa edição foi, para *Mundo Peronista*, a melhor orientação elaborada por Eva sobre a dignidade da mulher. Alicerçada na certeza de que as mulheres não mudariam de alma – isto é, não se masculinizariam – ao votar, a igualdade entre homens e mulheres era necessária porque elas também sempre lutaram pelo país. Todavia, o chamado à luta cívica para as mulheres vinha do subjetivo, do sentimental e do silêncio:

La mujer debe votar. La mujer debe complementar el proceso cívico de su pueblo. La mujer debe influenciar de manera viva y decisiva en la esfera pública. Pero la mujer no debe por ello resignar ninguna de las dotes espirituales que le dan expresión. Al contrario. La mujer debe ir hacia la vida pública, con su voluntad confrontada con tan delicados supremos valores humanos. (MUNDO PERONISTA, 83, p. 48, 01/04/1955).

Portanto, os direitos da mulher eram evidentemente reconhecidos, mas estes não a tirariam do lar, do seu objetivo natural enquanto mulheres. A mulher, que sempre havia velado pelo seu lar e pela sua família, continuaria fazendo isso a partir do voto e mesmo com ele.

Nas comemorações do Dia das Américas, em 14 de abril de 1947, Eva Perón discursou para as “mujeres de América”. Oito anos depois, o discurso, que trata da relação entre o continente americano e a situação das mulheres no decorrer do tempo, foi publicado na octogésima quarta edição de *Mundo Peronista*. A América era, para a publicação, um símbolo vivo da liberdade humana e a dignidade de sua história revelava a presença de “heroínas” que, juntamente com os homens

“forjadores do americanismo”, eternizaram na história sua cooperação e esforços. Ao lado de cada herói ou soldado, revolucionário ou estadista, houve uma mulher colaborando com sua intuição e oferecendo cuidados para que lutassem pelo seu país: “Tras cada una de estas figuras que luego alcanzaron los perfiles de la heroicidad, hubo siempre una mujer que alentó sus pasos, una mujer que ayudó a la Patria, una mujer que colaboró en la hora inicial de América” (MUNDO PERONISTA, 84, p. 48, 15/04/1955). A liberdade do continente americano era colocada em paralelo com a liberdade das mulheres americanas, que durante séculos haviam prestado seu apoio aos homens e, por isso, não reivindicavam justiça para serem melhores ou maiores que a figura masculina, mas apenas para compartilharem a mesma jornada e os mesmos direitos que lhe eram confirmados pela história do continente. Para que a mulher cuidasse e se importasse com a América, o continente era representado como o “lar dos lares”, atestando mais uma vez que o papel das mulheres parte do ambiente familiar. Sustentamos que a publicação dos discursos apresentados acima evidencia a necessidade, por parte da revista, de manter vividas as organizações destinadas às mulheres do movimento peronista, principalmente depois da morte de Eva Perón e em um momento de profunda crise política.

De forma distinta das publicações citadas acima, em 1º de agosto de 1955 *Mundo Peronista* publicou um artigo assinado por J. J. Galindez com o título *Obra de justicia: el otorgamiento del voto femenino*. O texto possuía trechos de dois discursos de Eva Perón já anteriormente publicados na revista. De acordo com a autora, a sanção da lei que garantiu à mulher o direito ao voto e a possibilidade de ser eleita era uma obra da “revolução peronista”, isto é, um ato de justiça, já que a pátria estava em dívida com a mulher que por toda a história argentina esteve presente com suas virtudes morais e patrióticas e a “fina sensibilidad” feminina. Dessa forma, não haveria como prosseguir desprezando – por “preconceitos misóginos” ou “anacronismos políticos” – os direitos das mulheres que lutavam desde a criação do país até os dias atuais – como *obreras*, empregadas domésticas ou em outras profissões – pelos mais altos ideais da argentinidade. Para a autora, a alma e o nervo do movimento de reivindicação dos direitos femininos era Eva Perón, que os conquistou sem campanhas sensacionalistas, sem procedimentos repudiáveis e ilícitos, como aconteceu na Inglaterra, por exemplo. As sufragistas motivavam atos de violência, tal qual a quebra de vidraças/vitrines, lutando com as forças policiais,

jogando-se na frente de cavalos, fazendo boicote às modas femininas, cosméticos, perfumes entre outros. Na Argentina, também houve esporádicos casos como esses – encabeçados por “snobs feministas” –, mas que não alcançaram a mesma repercussão popular que Eva Perón.

Como vimos, a representação negativa da situação das mulheres antes do peronismo foi intencionalmente construída e trabalhada na revista com o intuito de conferir ao movimento o protagonismo da conquista do direito ao voto. Em contraste com um passado de injustiças e depreciações, o presente peronista dignificava a mulher com o reconhecimento de sua participação na história do país. De fato, o papel feminino divulgado por *Mundo Peronista* incorporava os deveres cívicos e os incentivava, mas sem suprimir as funções tradicionais da mulher. O voto era interpretado mais como forma de zelo à nação e de cuidado com o “grande lar”, do que como recurso para alterar as estruturas da sociedade.

2.2 Eva Perón: a primeira mulher do mundo

María Eva Duarte nasceu em 7 de maio de 1919 na cidade de Los Toldos. Filha de Juana Ibarguren e Juan Duarte, Eva e seus quatro irmãos eram filhos ilegítimos, pois seu pai mantinha outro casamento em Chivilcoy. Quando Eva tinha 13 anos, ela, sua mãe e seus irmãos se mudaram para Junín e em 1935 se mudou sozinha para Buenos Aires⁴⁹. Uma vez na capital, Eva dedicou-se na sua carreira de atriz, participando de novelas radiofônicas, peças de teatro e companhias de atores. A versão mais aceita sobre como Juan Perón e Eva se conheceram foi em ocasião de um evento de arrecadação de fundos para a reconstrução a cidade de San Juan, atingida por um forte terremoto em janeiro de 1944. Todavia, Navarro (1994) também indica que os dois poderiam ter se conhecido em uma das visitas que Juan fazia a Rádio Belgrano⁵⁰. De qualquer forma, é partir desse ano que Juan Perón e Eva estreitaram seus laços, decidiram morar juntos e em dezembro de 1945

⁴⁹ As informações sobre a infância e juventude de Eva Perón são muitas e contraditórias. Em alguns documentos, como indica Navarro (1994), seu ano de nascimento é 1922 e não 1919, variando também o seu local de nascimento. Além disso, outro ponto que dificulta uma melhor precisão desses dados é a escassa referência que a própria Eva Perón fazia sobre sua infância e família. Contudo, para esse estudo nos baseamos nas informações que regularmente aparecem na bibliografia sobre o tema escolhido.

⁵⁰ Em *La Razón* (1996, p. 41), Eva Perón apenas indica que o dia em que conheceu a J. Perón foi seu “dia maravilhoso”, sem maiores detalhes. Para Navarro (1994, p. 59), Juan Perón foi mais explícito em *Del poder al exilio* ao pontuar que “Evita entró en su vida ‘como traída por el destino’, recuerda en su [...]. ‘Fue un trágico terremoto que se abatió sobre la provincia de San Juan, en la Cordillera, y destruyó casi por entero la ciudad, quien me hizo encontrar a mi mujer’”.

oficializaram a relação com uma pequena cerimônia apenas para os familiares. A partir de então, a presença de Eva Perón nos eventos políticos, juntamente com seu esposo, se tornou algo rotineiro e polêmico, principalmente para os grupos da oposição que a enxergavam como “amante”, “interesseira” e até mesmo como prostituta. Para Isabela Cosse (2006), esses insultos eram fomentados, possivelmente, pela genealogia familiar de Eva Perón, filha ilegítima nascida de uma relação irregular de sua mãe com um homem casado⁵¹. Sendo assim, a primeira-dama representava, para oponentes políticos, uma ameaça à normatividade da família e ao ideal de domesticidade daquela época⁵². Já para os adeptos do movimento peronista, a origem de Eva Perón e sua recorrente e intensa presença nos assuntos políticos e sociais abriram espaço para que pessoas com histórias iguais ou semelhantes enxergassem no novo governo um momento propício para a conquista de direitos e o fim de humilhações⁵³.

É certo que Eva Perón não participou dos processos que originaram o peronismo, mas, uma vez que Juan Perón ascendeu ao poder, tornou-se difícil explicar os anos de seu governo sem ter em conta a figura da primeira-dama. Ao diferenciar a liderança que cada um dos líderes peronistas desempenhou, Navarro

⁵¹ Filhos ilegítimos eram aqueles cujos pais não eram casados e, por isso, possuíam menos direitos que aqueles nascidos de relações formalmente reconhecidas. O matrimônio era o “rito fundador” de uma família, já que era o que concedia legitimidade aos filhos e demarcava as formas de respeitabilidade familiar. Diferentemente da “gente decente”, os filhos ilegítimos estavam divididos em duas categorias: os filhos naturais – que nasciam de pais que poderiam se casar, tendo assim a possibilidade de serem reconhecidos pela mãe e pelo pai – e os filhos adúlteros – nascidos de relações incestuosas e que, por isso, não tinham o direito de serem reconhecidos pelos seus progenitores.

⁵² O peronismo não rompeu com os padrões e ideais éticos e morais referentes à família e com os papéis tradicionalmente desempenhados por homens e mulheres. O direito ao voto feminino, por exemplo, não objetivou romper com os papéis tradicionais assignados às mulheres como mães e donas de casa. A família ideal continuava sendo a união devidamente reconhecida pelo Estado e pela Igreja entre um homem e uma mulher que gerariam filhos e os criariam dentro dos preceitos convencionais. Estamos de acordo com Isabella Cosse (2006) quando afirma a “perspectiva compreensiva e centrada” do peronismo para os sujeitos à margem da sociedade, isto é, à margem do ideal de família e domesticidade. A inclusão dessas pessoas e a ampliação de seus direitos a partir da alteração no Código Civil foram realizadas durante o governo de Juan Perón, o que nos leva a inferir ao fato de uma nova problemática inserida dentro das discussões sobre a família, mas não um rompimento com os padrões até então estabelecidos.

⁵³ O desvio de conduta cometido pelos pais – conceber um filho fora do casamento – era um marco que geraria consequências negativas na vida dos filhos ilegítimos não somente pela falta parcial ou total do amparo familiar, mas pelo fato de que eles “pagariam” pelo erro de seus pais ao longo da vida. Como assinala Cosse (2006), o abandono materno, assimilado à prostituição, era menos tolerado que o paterno, descrito como um “defeito difícil de corrigir”. Ainda que a maternidade e a paternidade fossem situações naturais e intuitivas, havia significativas diferenças determinadas pelo gênero: a mãe amava a criança porque a gerava, enquanto que o amor paterno se vinculava com a bondade do pai. Toda mulher, portanto, era uma “mãe em potencial”; a maternidade era algo inerente à existência feminina. A transformação de uma mulher em mãe era uma oportunidade de se redimir pelos erros de seu passado e garantir que seus filhos não sofressem pelos erros de outrem.

(1994) salienta que, enquanto J. Perón elaborava a doutrina e determinava seus objetivos e meios para aplicá-la, Eva era quem a colocava em prática, quem difundia os princípios peronistas nos auditórios e espaços públicos, reforçava a adesão ao líder e mantinha a mobilização das massas. Não obstante, a autora destaca que Eva nunca se referiu a si mesmo como “líder”. A definição que mais lhe apreciava era de “puente de amor entre Perón y el Pueblo”, sendo estes os dois componentes principais de seus discursos. Mesmo quando se dirigia à mulher, Eva fazia a partir de Juan Perón: como um amigo e professor, foi ele quem havia demonstrado os problemas que as mulheres enfrentavam tanto na Argentina, quanto em outros países. Ela sabia que esse incipiente “movimento feminino peronista”, o qual reconhecia de certa forma a superioridade um homem, não seria aceito pelas feministas. Como tutor, J. Perón a instruíra:

¿No ves que ellas han errado el camino? Quieren ser hombres. Es como si para salvar a los obreros yo los hubiese querido hacer oligarcas. Me hubiera quedado sin obreros. Y creo que no hubiese conseguido mejorar en nada mejorar a la oligarquía. ¿No ves que esa clase de "feministas" reniega de la mujer? Algunas ni siquiera se pintan... porque eso, según ellas, es propio de mujeres. ¿No ves que quieren ser hombres? Y si lo que necesita el mundo es un movimiento político y social de mujeres... ¡qué poco va a ganar el mundo si las mujeres quieren salvarlo imitándonos a los hombres! Nosotros ya hemos hecho, solos, demasiadas cosas raras y hemos embrollado todo, de tal manera, que no sé si se podrá arreglar de nuevo el mundo. Tal vez la mujer pueda salvarnos a condición de que no nos imite. (PERÓN, 1996, p. 201).

A função que Eva Perón ocupava no governo – “delegada” ou “plenipotenciária” do povo – dificilmente poderia ser exercida por um homem. Primeiro, sua origem social a aproximava dos “descamisados”, estabelecendo uma identidade imediata com aqueles que a reconheciam como uma representante válida de seus interesses. Nesse sentido, o fato de ser mulher em um país onde há pouco tempo os direitos femininos haviam sido reconhecidos por lei contribuiu para que ela não fosse vista como uma possível adversária. Ademais, a experiência teatral foi decisiva, aponta Navarro (1994), para que Eva Perón não ficasse paralisada frente ao grande público peronista, adequando a linguagem do rádio e do teatro à temática política. Assim, Eva transformou seu amor pessoal por J. Perón em um elemento ideológico que deveria ser incorporado por todo peronista. Sua liderança, ao reforçar e ampliar as bases peronistas e estender as melhorias conquistadas no início do

governo pela classe trabalhadora, permitiu que J. Perón assegurasse, por seu turno, a sua própria hegemonia.

Em 01 de novembro de 1951, *Mundo Peronista* publicou, na seção *Cifras e Razones*, uma nota intitulada *La explotación de la mujer*. A matéria argumentava que as mulheres possivelmente seriam as maiores beneficiárias do peronismo. Para isso, o autor – cujo nome não foi publicado – apresentou ao leitor dados referentes ao salário mínimo: em 1951, as mulheres que trabalhavam na indústria recebiam 481,2% a mais se comparado ao valor de 1943, enquanto que aquelas que trabalhavam no comércio recebiam 520,2% a mais que há oito anos. Antes de J. Perón assumir a presidência, as mulheres tinham que, com o pouco que ganhavam auxiliar no sustento de suas casas, ocasionando uma situação miserável sem igual. Por esse motivo, muitas delas tornavam-se prostitutas para conseguir uma renda extra, mas dessa forma renunciavam à sua própria condição de mulher. Nesse cenário lastimável, indica a revista, o capitalismo não oferecia nenhuma perspectiva de mudança, porque a mulher era uma mão-de-obra mais barata e as leis de proteção socialistas não fomentavam nenhum tipo de melhoria, uma vez que era justamente por causa delas que os patrões não contratavam mulheres casadas e despediam as que contraíam matrimônio, privando-as, dessa forma, do “direito sagrado” de serem mães. Por fim, todo esse cenário contribuiria mais ainda para que os próprios homens fossem explorados. O surgimento de Eva Perón foi lido como a “resposta dos céus aos sofrimentos e angústias de tantas mulheres”, pois os direitos outorgados impediam que mulheres mendigassem por empregos com salários miseráveis e se prostituíssem, recuperando, assim, a sua dignidade, a liberdade e o direito à vida (MUNDO PERONISTA, 08, p. 31, 01/11/1951).

Na vigésima edição de *Mundo Peronista*, sob o título *La primera mujer del mundo*, foram publicadas as condecorações que Eva Perón recebeu durante o mês de maio de 1952. Em 18 de abril, ela se tornou a primeira mulher do mundo a receber homenagem da Ordem dos Omayades de Zeki Djahi, ministro extraordinário e plenipotenciário da Síria. No dia 25 do mesmo mês, o Chefe de Estado do Exército Brasileiro, Goes Monteiro, condecorou Eva Perón com uma medalha da Ordem do Cruzeiro do Sul, transformando-se na primeira mulher a receber tal reconhecimento. Segundo Goes Monteiro, de “tempos em tempos aparece na história do mundo a alma de uma mulher que fornece sentido a sua época por meio da pureza de seus sentimentos e da generosidade de seu espírito criador e animador”. Como alguém

que “figura com honra na galeria da história”, Eva era uma mulher ilustre e admirada por outros países, sendo exemplo de vida e vocação (MUNDO PERONISTA, 20. p. 26, 01/05/1952).

Evita se reconoció en los miles de hombres y mujeres que aclamaban a Perón. Había venido del interior como ellos, pasado hambre y frío en Buenos Aires y así como Perón les había dado posibilidades de una vida mejor, había transformado la suya. El impacto que Perón tuvo en el país, se multiplicó en Evita. Poco a poco lo irá convirtiendo en un hombre sin parangón, en el mago que puede lo imposible, en un verdadero superhombre. (NAVARRO, 1944, p. 105).

Eva Perón foi acometida por um câncer de útero na casa de seus trinta anos. Entre outubro de 1951 e a data de seu falecimento – 26 de julho de 1952 –, pronunciou pessoalmente apenas um discurso desde o balcão da Casa Rosada, em ocasião do Dia do Trabalhador, e não retornou ao Ministério do Trabalho. Segundo Navarro (1994), por conta das transfusões de sangue às quais era submetida, Eva deveria ficar de repouso absoluto, mas frequentemente fazia breves discursos pela rádio, por meio dos quais sua voz não ocultava o cansaço e a melancolia. Conforme aparece em *Mundo Peronista*, ela foi internada no Policlínico Presidente Perón no início de novembro de 1951 para ser operada, já que o tratamento de radioterapia não surtia melhores resultados em sua saúde. A rua do hospital era palco de vigílias permanentes e as igrejas de todo o país dedicavam missas em prol da saúde da primeira-dama (MUNDO PERONISTA, 09, 15/11/1951). Sentindo-se mais forte, Eva gravou uma mensagem de Natal para aquele ano e saiu para distribuir presentes como comumente fazia desde 1946, porém em fevereiro do ano seguinte voltou a adoecer e um exame revelou que o câncer não havia sido totalmente retirado. A partir de então, passou a maior parte dos dias que lhe restavam acamada. Em 29 de junho, começou a escrever seu testamento que seria lido posteriormente no próximo Dia da Lealdade. No mês de julho, seu estado de saúde deteriorava-se.

Eva Perón morreu aos 33 anos em um sábado por volta das oito da noite. Seu corpo foi embalsamado para o velório que duraria 15 dias na sede do Ministério do Trabalho. Tanto em seus últimos dias de vida, quanto após o seu falecimento, a *madre de los descamisados* foi exaustivamente representada por meio de simbologias e linguagens carregadas de teor sentimental e religioso pelos meios de comunicação peronistas. Para José Espejo, secretário da CGT, assim como os romanos realizavam cultos ao imperador Augusto convertendo-o em um deus, na

Argentina algo parecido seria feito com a mulher que se tornou a “heroína” da Pátria. Delia Degliuomini de Parodi – deputada eleita pelo PPF e que depois se tornaria a presidente do partido e da FEP – expressava, em nome de todas as mulheres argentinas, a eterna gratidão a Eva Perón “que conquistou a dignidade feminina” e Hilda Nélide Castañeira, senadora eleita pela província de Santa Fé, atestava que Eva reunia o melhor de Catarina, a Grande – imperatriz da Rússia –, Isabel da Inglaterra – ou Elizabeth I, a Rainha Virgem –, Joana D’Arc e Isabel de Espanha. Em Eva, todas as virtudes dessas mulheres se multiplicaram a um número infinitamente maior porque ela soube realizar todas as suas obras por meio do amor, do carinho, da generosidade e da pureza (NAVARRO, 1994, p. 249-250). Já os grupos antiperonistas insistiam na “inusitada natureza de su enfermedad” e conjecturavam teorias como a liberação de fortes odores de seu corpo que faziam com que J. Perón, quando entrava em seu quarto, cobrisse seu rosto para que não fosse infectado. Ademais, as poucas vezes que Eva Perón apareceu publicamente eram entendidas pela oposição como atos de desespero por parte do governo em manter a popularidade do movimento que definhava junto com a saúde da primeira dama.

Em *Mundo Peronista*, a imagem construída de Eva Perón após sua morte também revelou traços sentimentalistas e religiosos. A “mártir do trabalho”, como foi reconhecida pela CGT, seria eternizada no imaginário peronista por uma gama de publicações que, direcionadas a todos os públicos, compreendiam textos, fotografias, cartazes e cartas de leitores, cujo objetivo era manter viva a memória de Eva Perón. Na revista, sua imagem, evidentemente, não se dissociou de Juan Perón. Quando foi eleito presidente e, por isso, se ausentou da Secretaria do Trabalho e Previdência, muitos se perguntavam se a “obra de redenção social” seria paralisada. Foi aí que teria surgido Eva Perón, que com sua vocação de redentora e destino de mártir, cumpriu com “grandes e esgotadoras” jornadas de trabalho diário para atender aos “complexos problemas sindicais” e de ajuda social. De acordo com a revista, o amor que sentia pelo seu povo a fez abandonar as comodidades e prestígios que como primeira dama possuía para se dedicar e se sacrificar pela felicidade dos mais humildes. Foi justamente por meio desse amor que Eva Perón cumpriu com todas as promessas e construiu escolas, hospitais, asilos, clínicas médicas e bairros *obreros*. Como mais uma prova de que “Perón cumple” com o seu povo, o mandatário da nação entregou-lhe aquilo que de melhor tinha: Evita

(MUNDO PERONISTA, 27, p. 38, 15/08/1952). Enquanto mantenedora de valores eternos e superiores, Eva era a mártir da doutrina peronista: uma mulher cujo “esforço esgotador e extraordinário” a conduziu até o extremo de sua vida por uma causa, se tornando a detentora da verdade e a mais fiel executora das decisões de J. Perón (MUNDO PERONISTA, 46, p. 03, 26/07/1953). Na seção *El ejemplo peronista* da mesma edição, Eva foi apresentada como o “exemplo dos exemplos”, isto é, sua vida foi e deveria continuar sendo o modelo e o guia para todos os povos do mundo e, mesmo com a sua morte, continuaria ensinando a lição “mais definitiva do exemplo peronista”: o amor por J. Perón e pelo o povo. A lealdade e o amor ao líder, a generosidade, a sinceridade, o desinteresse e a humildade eram virtudes que ela reuniu em excesso e que todos os membros do movimento deveriam possuir (MUNDO PERONISTA, 46, p. 48, 26/07/1953).

Respuestas peronistas, seção voltada para a explicação de temas à luz da doutrina justicialista, trouxe na sexagésima primeira edição da revista algumas considerações acerca de Eva Perón e suas obras. Para o autor, o homem comum atribuía a qualidade de “mistério” à obra e vida de Eva Perón porque não conseguia explicar de forma concreta como as pessoas que chegavam tristes e desoladas à Secretaria do Trabalho saíam de lá alegres depois de se encontrarem com a primeira-dama. O questionamento lançado era, portanto, qual mistério poderia ter havido na personalidade de Eva Perón que continuava exercendo uma “rara atração” mesmo após a sua morte. Pelo contrário, o que autor atestou foi a inexistência de qualquer incompreensão na conduta de Eva, visto que ela agiu – e agia – de forma nítida, simples e espontânea. O seu diferencial era de que encarnou de forma exemplar o verbo da bondade em diversas formas: na construção de hospitais e restaurantes universitários, na organização de campeonatos para crianças e jovens, na entrega de presentes de Natal para crianças humildes, nos direitos conquistados por ela para as mulheres, idosos e trabalhadores. Mais uma vez Eva foi elevada junto às figuras femininas históricas que marcaram revoluções, como a “mártir” Charlotte Corday – girondina responsável pelo assassinato de Jean-Paul Marat –, a “heroína” Louise Michel – professora, sindicalista e anarquista francesa presa diversas vezes pelo seu ativismo político – e a “santa” Rosa Luxemburgo – filósofa e economista marxista de origem polaco-alemã, filiada ao Partido Comunista Alemão e assassinada em 1919 por ordem do governo social-democrático alemão. Reunindo o que de mais nobre essas mulheres possuíam, Eva Perón se destacava ainda por

sua bondade, traço elementar de sua personalidade. Com todos esses atributos, a revista apregoava que se recordasse de Eva da mesma maneira que se fazia com Cristo: ambos se dedicaram aos mais carentes e aos famintos, curavam as chagas dos doentes e ressuscitavam os mortos (MUNDO PERONISTA, 61, 15/03/1954). Essa aproximação emblemática entre a figura de Eva Perón e Jesus Cristo é discutida por Lila Caimari (2010) partindo dos tópicos do amor aos mais pobres e do espírito de sacrifício presentes em ambas as figuras. De acordo com a autora, “las analogías marianas de la ‘Madonna de los Humildes’, que recordaban el sacrificio virginal, se combinaban con alusiones bíblicas mucho más combativas” (CAIMARI, 2010, p. 228), posto que sua atuação mais ativa para a solução dos problemas sociais através da Secretaria do Trabalho, das Unidades Básicas Femininas e da Fundação, por exemplo, a distanciava de uma posição mais passiva e secundária, habitualmente reconhecida nos relatos sobre a Virgem Maria. É possível constatar que as duas alusões à imagem de Eva Perón estão presentes em *Mundo Peronista*: quer como figura passiva ou ativa, o importante era estabelecer a memória de Eva Perón em todos os espaços.

Figura 11 - Eva Perón santificada na capa de *Mundo Peronista*



Fonte: Mundo Peronista, 71, 01/09/1954.

Assemelhando-se mais a Cristo ou a Virgem, o relevante é que a transformação de Eva em uma figura mística e messiânica contribuía para que o peronismo, a partir de uma linguagem e símbolos ligados ao religioso e ao subjetivo, alcançasse todos os níveis da sociedade com mensagens carregadas de um teor emotivo. Para Capelato (2009, p. 75), “os sentimentos, fenômenos de longa duração, são manipulados de forma intensa pelas técnicas de propaganda com o objetivo de produzir forte emoção. [...] A intensificação das emoções ocorre por meio dos meios de comunicação, responsáveis pelo aquecimento das sensibilidades”.

A comparação de Eva Perón com outras mulheres revela o intento da revista em localizá-la entre as personagens femininas importantes por suas realizações ao longo da história. Essas analogias, no entanto, não parecem estar inseridas em uma linha coerente de semelhanças ideológicas entre as figuras elencadas: as comparações surgem mais como estratégias de propaganda que pretendem localizar Eva Perón entre as mulheres mais notáveis da histórica. As obras e a memória de Eva deveriam ser preservadas e transmitidas de gerações em gerações devido à sua singularidade: foi na atenção voltada aos grupos que eram marginalizados em governos anteriores que residia a excepcionalidade de Eva Perón. De modo paralelo, o sentido místico de sua imagem é reforçado quando são usados termos e formas que aludem ao subjetivo e à religiosidade, como a capa na qual Eva é ilustrada de forma santificada, o uso de palavras como “redentora” e “mártir”, a narrativa construída sobre os seus últimos momentos de vida que realçavam seu sofrimento e a forma como trabalhava intensamente mesmo com o avanço da doença, são exemplos que colaboraram com a construção de uma Eva Perón mística, esteja ela vinculada mais a Cristo ou a Virgem Maria.

2.3 O dever cívico feminino: eleições para presidente (1951) e vice-presidente (1954)

Respaldadas pela Reforma Constitucional de 1949, as mulheres exerceriam pela primeira vez o direito ao voto nas eleições presidenciais em novembro de 1951. Para *Mundo Peronista*, o objetivo do público feminino naquele momento era reeleger Juan Perón como uma forma de agradecimento à Lei 13.010 e, dessa forma, cumprir com o dever de zelar pela pátria ao assegurar a continuação do governo peronista. Três anos depois, em abril de 1954, as mulheres seriam novamente interpeladas por *Mundo Peronista* a colaborarem com a eleição de Alberto Teissaire, candidatado

peronista ao cargo de vice-presidente. Em ambas as situações, o dever cívico feminino deveria ser exercido no sentido de retribuir a J. Perón o direito por ele outorgado às mulheres que, além de votarem, se juntariam à campanha oficialista difundindo os fundamentos peronistas para conquistar novos votantes e adeptos à causa peronista.

2.3.1 *Acertando contas: a reeleição de J. Perón*

A primeira grande tarefa das mulheres seria de reeleger J. Perón nas eleições de novembro de 1951. Para isso, *Mundo Peronista* reservou um espaço especial desde o seu primeiro número, lançado em 15 de julho do mesmo ano, para a publicação de mensagens escritas por Eva Perón. Sob o título *Escribe Eva Perón: una consigna para movimiento femenino peronista*, ela defendia que J. Perón, sendo ele mesmo a personificação da pátria, deveria ser o único condutor e único ideal das mulheres argentinas. Dessa forma, a primeira ação política feminina seria reelegê-lo para demonstrar que as mulheres eram dignas dos direitos que lhe foram atribuídos por ele. Naquele momento, dois objetivos deveriam ser cruciais para as mulheres autenticamente peronistas, isto é, aquelas cujos amores eram o povo, a pátria e J. Perón: trabalhar para aumentar o número de adeptas do movimento e defender a doutrina justicialista em todos os lugares e por todos os meios (MUNDO PERONISTA, 01, p. 05, 15/07/1951).

Na edição seguinte, a revista publicou as *Diez consignas para la mujer peronista*, as quais se referiam aos deveres e comportamentos que as mulheres peronistas deveriam preservar durante a campanha. O primeiro deles era a consciência de que votar em J. Perón era um ato de civismo, pois apresentava para a sociedade a organização na qual elas mesmas construíram e pertenciam. Ademais, acreditar na vitória peronista não deveria diminuir o “espírito de luta” naquele momento. A batalha deveria ser travada com fé e otimismo, mas o esforço a ser realizado era como se o inimigo fosse dez vezes maior. Cada mulher peronista deveria ser uma incansável defensora da doutrina, fosse em casa, na rua, nas reuniões familiares ou no seu local de trabalho. Paralelamente, nenhuma mulher deveria permitir que o nome de J. Perón fosse desvalorizado em sua presença. As Unidades Básicas Femininas seriam espaços privilegiados para a organização do movimento, onde as filiadas viveriam a “mística peronista” ao redor de seu único condutor. Funcionando das 8h às 22h, esses espaços não seriam propriedades de

uma só mulher ou de um pequeno grupo, e deveriam ser cuidados como se fossem suas casas. Nesse “templo cívico” de homenagens a J. Perón, toda propaganda feita, independente do suporte, deveria levar a assinatura do Partido Peronista Feminino. Por fim, Eva Perón assinalava que seria uma atitude vergonhosa não “sacar la cara” na luta por votos para J. Perón (MUNDO PERONISTA, 02, p. 05, 01/08/1951).

Figura 12 - A seção *Escribe Eva Perón* no contexto da campanha eleitoral de 1951

ESCRIBE EVA PERON

EVA PERON

La señora Eva Perón ha aceptado honrar nuestras páginas con su palabra siempre cálida, llena de fervor peronista.

MUNDO PERONISTA se lo agradece infinitamente en nombre de todos los argentinos, para quienes su palabra tiene siempre la virtud de iluminar el camino y avivar la fe peronista que llevamos en el alma.

Aquí está su pensamiento fervoroso y su corazón apasionado por sus tres grandes amores: el Pueblo, la Patria y Perón.

Y ella, como el General, no se ha quedado nunca en las palabras... Para ella, como para nuestro líder, "obrar son amores", y a cada uno de sus tres grandes amores ha sabido responder con una realidad magnífica de sus manos extraordinarias.

A su amor por el PUEBLO corresponde la obra que realiza por los humildes y su lealtad sin condición para los trabajadores.

A su amor por la PATRIA respondió haciendo conocer en el mundo entero la generosa hospitalidad de nuestro pueblo.

A su amor por nuestro LÍDER responde con la organización del Partido Peronista Femenino, con la Fundación y con todas sus obras, por cuyas dimensiones solamente puede apreciarse la grandeza de su cruzada.

MUNDO PERONISTA desea vestir con sus mejores galas para recibir dignamente su palabra sobera. Se conforma con brindarle, como nuestros "descamisados", su más cálido afecto.

UNA CONSIGNA PARA EL MOVIMIENTO FEMENINO PERONISTA

Por medio de estas páginas nuevas con que MUNDO PERONISTA dirá a los argentinos de bien la doctrina y las realizaciones de nuestro líder, maestro y conductor, yo quiero hacer llegar mi palabra de compañera y de amiga a todos los peronistas de mi Patria, y de manera muy especial a las mujeres que luchan en el Partido Peronista Femenino.

Estamos en la hora de organizar la lucha para la gran victoria de Perón.

Sentimos por eso todas las mujeres una inmensa responsabilidad; porque en esta primera acción femenina en el orden político debemos demostrar al país que somos dignas del derecho que tenemos gracias a Perón.

NUESTRO ÚNICO IDEAL

Porque queremos ser dignas de ese derecho hemos decidido, desde el principio, no entrar en las pequeñas y bastarías ambiciones personales que caracterizaron siempre la acción de los partidos políticos, y hemos abrazado como única bandera la de Perón y en él reconocemos al único líder y al único conductor de las mujeres argentinas.

Vemos en Perón a la personificación esclarecida de la Patria, porque sus ideales no son partidistas, sino nacionales.

Yo he dicho muchas veces que mis tres grandes amores son: el pueblo, la Patria y Perón. Aspiro a que esos sean los tres grandes amores de toda mujer peronista.

Ningún otro nombre, dentro del movimiento peronista, será por eso objeto de nuestros entusiasmos y afanes políticos, desde que en estos momentos nuestro único y gran ideal es únicamente Perón.

El Partido Peronista Femenino no actuará sino por eso, su gran ideal.

Cuando llegue el momento de elegir a los hombres y mujeres que deban integrar las listas del movimiento en las elecciones venideras, nosotras no haremos cuestión de nombres, preguntaremos una sola cosa: si es auténticamente peronista; no nos interesará más que eso. Ni siquiera preguntaremos si tiene condiciones de otra naturaleza, que de eso se encargarán ya otros organismos del movimiento.

Nos bastará que sea auténticamente peronista, es decir, que tenga como nuestros tres grandes amores en el alma: el Pueblo, la Patria y Perón.

LA CONSIGNA DEL MOMENTO

Mientras tanto, cada mujer peronista debe seguir luchando en su puesto. En primer lugar, para aumentar el número de las mujeres peronistas; en segundo lugar, defendiendo nuestra doctrina en todas partes y por todos los medios de que disponga.

La oligarquía, que no nos perdonará jamás que hayamos devuelto al pueblo su Patria y su dignidad, no se resigna a perder definitivamente todo lo que tuvo; e intentará por el sagrado conseguir lo que no puede alcanzar por sus propias fuerzas.

A cada mentira debemos responder con la verdad de Perón; en cualquier parte y de cualquier manera.

La verdad de Perón es nuestra fuerza y es nuestra bandera; y contra ella nada podrán los enemigos de la Patria.

No nos olvidaremos nunca —y lo recordaremos cada vez que se nos presente la ocasión— que todos los que están en contra de Perón han sido también alguna vez, y siguen siendo, aliados de los enemigos del país. Por eso, frente a ellos nos basta oponer la verdad de Perón, que es la verdad del pueblo y la verdad de la Patria.

Eva Perón

MUNDO PERONISTA 5

Fonte: Mundo Peronista, 01, p. 05, 15/07/1951.

Em 22 de agosto de 1951 ocorreu uma manifestação, convocada desde os meios oficiais, em ocasião das eleições presidenciais que aconteceriam três meses depois. O *Cabildo Abierto del Justicialismo*, como ficou conhecido no imaginário peronista, seria, de acordo com a revista, a primeira manifestação cívica das mulheres. Ao convocá-las por meio de uma nota na terceira edição, Eva Perón assegurava que as mulheres que comparecessem estariam protegidas pelos “homens honrados do trabalho”. Além de demonstrar a grandiosidade do movimento

peronista, o *Cabildo*, organizado principalmente pela CGT, anunciou a fórmula Perón-Perón para a disputa eleitoral. Juan e Eva Perón discursaram em meio a aplausos e aclamações do povo que pediam a confirmação de Eva como candidata à vice-presidência. Pressionada até mesmo pelo Secretário Geral da CGT, José Espejo, Eva Perón concluiu seus discursos naquele dia sem uma resposta definitiva. Embora tenha dito que foi “pega de surpresa”, a campanha pela chapa composta por ela e J. Perón foi proclamada em 2 de agosto, após a aprovação dos membros do *Comité Confederal de la CGT* e pelas delegadas do Partido Peronista Feminino no dia seguinte. Somente nove dias depois, em 31 de agosto, que ficou conhecido como *Día del Renunciamiento*, Eva Perón anunciou sua resposta por meio de um discurso transmitido pela rádio: a renúncia ao cargo de candidata à vice-presidência, dizia Eva Perón, era isenta de qualquer outra força que não fosse a sua “vontade definitiva”. Ao escolher ser “Evita”⁵⁴, ela se comprometeu com os mais humildes do país e se colocou a serviço dos pobres, travando lutas e realizando trabalhos cuja bandeira era somente o nome de Juan Perón. Assim, conquistou a confiança e o coração dos trabalhadores da pátria e por isso não poderia abrir mão dessas tarefas. Na quinta edição de *Mundo Peronista*, Eva Perón agradeceu as palavras carinhosas que recebeu devido à sua renúncia e a presença das mulheres no ato do último dia 22. Prosseguiu assinalando que, para ela, se iniciava uma nova etapa do movimento e esperava poder contar com o mesmo apoio que recebia até então. Ela, assim como todas as outras mulheres peronistas, não possuía ambições mesquinhas, egoístas e pessoais e não lutava para ganhar um posto poderoso. O coração feminino era aquele que deveria estar cheio de ideais puros e sentimentos nobres, que se oferecia por uma causa nobre. Foi nesse sentido que Eva Perón justificou

⁵⁴ “Nadie sino el Pueblo me llama ‘Evita’. Solamente aprendieron a llamarse así los ‘descamisados’ [...] Yo me les presenté así, por otra parte, el día que salí al encuentro de los humildes de mi tierra diciéndoles ‘que prefería ser ‘Evita’ a ser la esposa del Presidente se ese ‘Evita’ servía para mitigar algún dolor o enjugar una lágrima.’ Cuando un pibe me nombra “Evita” me siento madre de todos los pibes y de todos los débiles y humildes que trabajan en mi país y aun en el mundo entero. Cuando una mujer de mi Patria me dice “Evita” yo imagino ser hermana de ella y de todas las mujeres de la humanidad. [...] La verdad es que, sin ningún esfuerzo artificial, sin que me cueste íntimamente nada, tal como se hubiese nacido para todo esto, me siento responsable de los humildes como se fuese la madre de todos; lucho codo a codo con los obreros como si fuese de ellos una compañera más de taller o de fábrica; frente a las mujeres que confían en mí me considero algo así como una hermana mayor, en cierta medida responsable del destino de todas ellas que han depositado en mí sus esperanzas” (PERÓN, 1996, p. 74-75).

sua renúncia: por aspirar um bem maior para a nação, sacrificou sua candidatura à vice-presidência⁵⁵ (MUNDO PERONISTA, 05, p. 05, 15/09/1951).

Nas eleições de 1951, as mulheres não só votariam pela primeira vez, como também poderiam se candidatar aos cargos de deputadas e senadoras. Isto posto, Eva Perón alegava, na sexta edição da revista, que ao PPF foi oferecida a integração às listas de candidatos com 1/3 de representantes, da mesma forma como funcionaria com os setores masculino e sindical do partido. Por uma questão “racional”, essa condição não foi aceita pelo partido, pois seria mais lógico – ou seguro – começar com um número pequeno de candidatas. Os motivos para essa decisão não são declarados pela revista, mas podemos inferir que a cautela adotada pelo PPF foi de encontro com o cuidado de não ausentar as mulheres totalmente de suas casas, ou melhor, de suas funções naturais. Espaços públicos como as Câmaras de Deputados e Senadores eram lugares “hostis” às mulheres, que ameaçavam a “boa reputação” e onde corriam o risco de serem manipuladas pelos homens (BARRY, 2004). Para cumprir com aquilo que sinalizou J. Perón, Eva pontuou algumas reflexões sobre a lista de candidatas: as mulheres escolhidas deveriam considerar, antes de tudo, a grande – e difícil – responsabilidade que lhes estava sendo confiada de defender de forma leal os direitos que conquistaram graças ao presidente da nação. Não havia espaço para injustiça, muito menos para ambições pessoais, pois todas, sendo capazes e merecedoras, poderiam ter sido escolhidas. No lugar da ambição, as mulheres deveriam praticar a generosidade e as honrarias dos cargos seriam substituídas pelo sacrifício e pela abnegação (MUNDO PERONISTA, 06, p. 05, 01/10/1951).

2.3.2 Reafirmando lealdades: a eleição de Teissaire para a vice-presidência

Em janeiro de 1954, o governo peronista convocou, por meio de um decreto, as eleições para vice-presidente, senadores e deputados para o dia 25 de abril. Como indica Luna (2013), o adiantamento as eleições que normalmente ocorreriam nos primeiros meses de 1955 foi justificada sob o pretexto de que o país não poderia

⁵⁵ A possibilidade de efetivação da chapa Perón-Perón nas eleições de 1951 não foi bem vista pelas Forças Armadas. Apesar de comporem a base de apoio ao governo peronista, os militares não conformavam um grupo totalmente coeso, havendo aqueles que prezavam de forma mais compactuada pelas tradições e medidas mais conservadoras. A probabilidade de Eva Perón de não só concorrer ao cargo de vice-presidente, mas de realmente sair vitoriosa era interpretada como uma afronta ao Exército, grupo que certamente exercia uma pressão impossível de ser ignorada por J. Perón. Além do mais, o passado de Eva, o seu comportamento nada passivo e esperado de uma primeira-dama e, certamente, o fato de ser mulher, foram fatores difíceis de serem desprezados.

ser governado sem um vice-presidente e que, por razões econômicas, era conveniente realizar de forma conjunta as eleições para os cargos legislativos. Interessante notar que quando J. Perón assumiu o cargo pela segunda vez em junho de 1952, seu vice Hortensio Quijano havia falecido por complicações de saúde dois meses antes. Naquele momento, a ausência de alguém que ocupasse o segundo cargo mais alto do poder executivo não se afigurou como um problema que prejudicaria o curso do governo peronista ou até mesmo a economia. Entretanto, considerando o contexto conturbado da época, principalmente em relação aos grupos da oposição, é possível supor que o real motivo para a antecipação das eleições em 1954 foi a percepção, por parte J. Perón, do deterioramento de sua base de apoio. A fim de mobilizar os que ainda se alinhavam ao governo e demonstrar a força que ainda possuía o movimento peronista, o candidato à vice-presidência foi Alberto Teissaire, almirante que há seis anos e que ocupava a direção do Conselho Superior do Partido Peronista. O “Almirante” ou “Soldado de Perón”, como era descrito pela revista, levava ao interior do país o “abraço cordial e a saudação amistosa de Perón”, provocando grandes mobilizações em cidades como San Luis, Mendonza, San Juan, La Rioja, Catamarca, entre outras (MUNDO PERONISTA, 62, 01/04/1954). Em *Mundo Peronista*, observa-se aquilo que Luna (2013, p. 143) descreveu sobre esse período eleitoral:

En cuanto el oficialismo, en esta oportunidad se acentuó la tendencia, insinuada en 1951, de no hacer una campaña proselitista convencional, sino una sucesión de actos espectaculares promovidos por el Estado, que debía mostrar la realidad alegre y feliz de la “Nueva Argentina”.

Já na capital federal, os funcionários de *Mundo Peronista* entrevistaram algumas mulheres escolhidas, de acordo com a revista, de forma aleatória – foram entrevistadas em média dez mulheres que se encontravam na rua, na porta de suas casas ou em seus locais de trabalho – a fim de saber se, primeiro, eram peronistas e, depois, se votariam por J. Perón nas eleições que se aproximavam. A publicação trazia fotos das respectivas mulheres, seus nomes, profissões e a transcrição de suas respostas, juntamente com trechos elaborados pela própria revista. Para Leonor N. de Vázquez, votar por J. Perón, além de contribuir para que ele seguisse realizando suas obras, significava cumprir com os propósitos de Evita. Sua neta, Nélide Beatriz Mendialaharzu de dez anos, disse aos entrevistadores que ansiava pela maioria para que pudesse votar por J. Perón quantas vezes ele pedisse.

Estela Rastellino, funcionária de uma empresa de publicidade, comentava que todas as mulheres deveriam obedecer ao “pedido sagrado” de Eva Perón – “querer a Perón, segui-lo e cuidá-lo” – pois, tendo sido inteiramente boa para as mulheres, estas deveriam retribuir de alguma maneira todo o bem ofertado pela primeira-dama. Para Sara Torres, o fato de que muitas mulheres trabalhavam e ganhavam a vida de forma decente em Buenos Aires era por obra de Juan e Eva Perón. As argentinas eram “irmãs espirituais” de Eva e estariam firmes “com seu nome nos lábios e sua fé nas mãos” no dia da votação, ocasião para honrar, mais uma vez, o nome da *madre de los descamisados*. Viúva e mãe de três filhos, Magdalena de Gaggano – quem somente por causa do peronismo podia trabalhar e alimentar sua família –, afirmava que toda mulher com coração e consciente do que significava agradecer deveria votar pelo candidato oficialista. Já Ana Raquel Pato, estudante e trabalhadora, alegava que Eva Perón, por meio do sacrifício e “holocausto” pelo bem de todas as mulheres, dignificou-as ao salvá-las do pessimismo e da miséria, convertendo-as em seres úteis para elas mesmas, para a família e para a comunidade. Em um grupo de mulheres reunidas em um bairro *obrero*, a revista afirmou encontrar o mais vivo, desinteressado e puro amor por J. Perón e pela causa peronista. Havia, ali, o culto mais religioso e mais “misticamente elevado” a Eva Perón. Dominga T. de Cabrera, única nomeada desse grupo, manifestava que aquelas mulheres votariam por J. Perón em recordação a Evita e quem assim não o fizesse seria a mulher mais ingrata do mundo. As palavras de Juana Matilde Damonte e sua filha Zulema traduziam, de acordo com a revista, o “estado de ânimo” que parecia ser universal entre as mulheres argentinas. Depois da obra dignificadora de Eva Perón, nada mais seria capaz de as diminuir ou que as fizessem esquecer o “jogo harmônico” no qual seus direitos e deveres de cidadãs estavam inseridos. Como uma estrela que brilhava no céu, Eva Perón as guiava a partir da “mais alta lição de humildade e desejo ardente de elevação moral e material”. A revista defendia que a mulher não estaria mais reduzida à “mesquinhez do utilitarismo ou da domesticidade” de outrora, mas seria ainda desde o lar – a “*pátria chica*” onde a família é sagrada – que ela educaria seus filhos com os preceitos peronistas e contribuiria com a construção da pátria⁵⁶ (MUNDO PERONISTA, 62, p. 05, 01/04/1954).

⁵⁶ Nesse número está faltando a página 7, que compõe a terceira página da matéria *Hablan las mujeres de la nueva Argentina*. Por isso, não conseguimos acesso ao depoimento de Maria Frega de Bossé, mulher idosa, cujas informações provavelmente estariam na página que está faltando.

[illegible]

Às mulheres foram confiadas a missão e o dever de eleger o candidato peronista em abril de 1954. “Missão” porque representavam grande parte da população do país e, como portadoras de uma habilidade sem igual para persuadir, seriam as principais aliadas para a conquista de votos para o movimento. E “dever”, pois já que os seus direitos foram outorgados por Eva Perón, quem sacrificou sua vida em prol da dignificação das mulheres argentinas, elas deveriam retribuir, naquele momento, toda a bondade infinita por meio do voto ao candidato de J. Perón que, para além da eleição em si, representaria a permanência do peronismo nos mais altos extratos do poder executivo argentino.

2.4 Sentinelas da economia: cumprindo com a doutrina desde o lar

Para *Mundo Peronista*, mulher era sinônimo de mãe: o que os peronistas esperavam era que elas educassem seus filhos desde o “berço” para que crescessem e se tornassem homens prudentes que honrariam o país. Essa atitude, identificada como a “luta cívica das mulheres”, era comparada às guerreiras espartanas, cuja grandeza heroica dignificava a pátria. Apesar de as mulheres estarem essencialmente ligadas à maternidade, a mão de obra feminina era incentivada desde a revista, pois seu esforço enquanto trabalhadoras contribuía para o campo da produção e assegurava a vida honesta e digna de seus lares. É fato que o movimento peronista elevava a condição da mulher – reserva moral da “argentinidad” –; todavia, dignificá-la era exaltar, mais uma vez, a família e seu papel dentro de casa (MUNDO PERONISTA, 12, p. 5, 01/01/1952). Apesar do direito ao voto e ao incentivo ao trabalho, mais uma vez percebemos que a mulher ainda estava muito vinculada ao lar, à maternidade e às características mais subjetivas e sentimentais. Era desde casa que a mulher travava sua “luta cívica” e a partir da educação de seus filhos que contribuiria para a construção de uma nação mais justa sob o signo do peronismo.

O “clima hogareño” dos lugares onde as mulheres peronistas atuavam fora de casa estimulava o papel feminino de zelar pela família, pelo cuidado doméstico e pela educação dos filhos. De acordo com Cosse (2006), quando a crise econômica se agravou houve uma realocação das mulheres dentro da estrutura familiar: ficaram responsáveis pela economia doméstica, garantindo que em todas as casas os membros ganhassem o suficiente para o sustento digno da família. Além disso, a mulher poderia e deveria trabalhar para garantir a subsistência do lar juntamente

com o seu marido. Em março de 1952, o governo anunciou o Plano de Emergência Econômica – também conhecido como Plano de Austeridade – em uma tentativa de estabilização da economia, que desde 1948 já apresentava sinais de esgotamento⁵⁷. O Plano visava o congelamento de salários e preços e a imposição de restrições para a concessão de créditos, enquanto voltava à atenção para a produção primária e anunciava melhoras nos preços dos produtos comercializados pelo *Instituto Argentino de Promoción del Intercambio (IAPI)*⁵⁸.

El Plan de 1952 tuvo severos efectos recesivos; la inversión y el consumo se contrajeron considerablemente. Además, la mala cosecha de trigo obligó a abastecer la demanda doméstica con otros granos finos: ese año, los argentinos se vieron obligados a comer 'pan negro' debido a la adición de mijo y centeno a los productos panificados, tradicionalmente elaborados con harina de trigo. [...] La disminución de la demanda doméstica y la escasez de importaciones afectaron la producción industrial y la construcción. El sector manufacturero debió afrontar un período de crisis, que se prolongó hasta finales de 1953. En este marco, la aplicación de una política monetaria y crediticia restrictiva y de severos controles de precios — que incluyeron el cierre temporario o definitivo de comercios que no respetaban los precios máximos permitió una desaceleración abrupta de la inflación, que descendió de una tasa anual del 39% en 1952 a sólo el 4% en los años 1958 y 1954. (BELINI; KOROL, 2012, p. 143).

Em relação às publicações sobre o Plano de Emergência Econômica em *Mundo Peronista*, a mulher aparece como a principal responsável pela economia familiar, pois estava incumbida de controlar os gastos de casa para que se criasse uma poupança. *Silogismo*, autor fictício, apontava que as “amas de casa” deviam contar com o apoio de seus maridos, principalmente no corte de gastos secundários, como o *poker*. O autor criticava abertamente a quantidade de matérias nos meios de comunicação que encarregavam somente a mulher de economizar e controlar os gastos de casa, enquanto que aos homens não se direcionava nenhum tipo de cobrança desse tipo. Entretanto, *Silogismo* chamava a atenção de homens que não administravam bem seus salários e que por isso não deveriam culpar somente as mulheres pelo andamento da economia familiar sem antes observar para onde

⁵⁷ As dificuldades econômicas percebidas já no final de 1948 dizem respeito à redução das reservas por conta das nacionalizações, do pagamento da dívida externa e do grande aumento das importações de manufaturas e máquinas. Além disso, o crescimento da inflação, a queda dos preços internacionais de produtos primários e a diminuição das exportações argentinas agravavam o cenário econômico (BELINI; KOROL, 2012).

⁵⁸ O *Instituto Argentino de Promoción del Intercambio (IAPI)* – criado no governo de Edelmiro Farrell (1944-1946), mas cujo desenvolvimento se deu unos governos peronistas – tinha como objetivo a monopolização do comércio externo de cereais e em menor medida dos produtos pecuários. Controlava também as importações de matéria prima e insumos para a indústria e agropecuária (BELINI; KOROL, 2012).

direcionavam seus honorários (MUNDO PERONISTA, 17, p. 18, 15/03/1952). Na mesma edição, uma matéria revelava o compromisso de mulheres filiadas às unidades básicas femininas da capital com o novo plano econômico. De acordo com a revista, foram nas mulheres em quem o movimento de Juan Perón encontrou grande compreensão e apoio, já que os corações femininos estiveram sempre prontos para o bem. Apesar de não identificar quais unidades básicas foram visitadas, a matéria afirmava que, desde a sede mais humilde a mais sofisticada, todas eram cuidadas com muito carinho porquanto se configuravam como um segundo lar para as filiadas. Além do mais, eram locais de estudo e meditação da doutrina onde se vivia a mística do movimento peronista com fervor, além de atenderem às necessidades de cada mulher. Independente das funções que cada filiada desempenhava, todas concordavam que, tendo sido o justicialismo o responsável pelos direitos que antes lhe eram negados pela oligarquia, contraíram também “deveres maiores” com o movimento, como dar à pátria filhos saudáveis e educá-los desde pequenos para que fossem prudentes e virtuosos, conservar e defender o “sagrado altar da virtude e respeito” que era o lar e fazer com que outros cumprissem os pedidos de Juan Perón para o êxito do plano. Em conformidade com as entrevistadas, as instruções de Eva Perón eram de que as mulheres assumissem a “responsabilidade social” da “tarefa patriótica” de cumprir com o plano sob as justificativas de serem não somente o coração do lar – essencial para o desenvolvimento do plano –, mas essências vivas e fecundas do autêntico povo argentino. As medidas adotadas pelo PPF e apresentadas a Juan Perón foram:

- 1) Cada mujer peronista será en el seno de su hogar, centinela vigilante de la austeridad, evitando el derroche, disminuyendo el consumo e incrementando la producción;
- 2) Las mujeres peronistas vigilarán en el puesto o tarea que desempeñan fuera de su hogar el fiel cumplimiento de las directivas generales del plan del General Perón;
- 3) Cada mujer peronista vigilará atentamente en sus compras el cumplimiento exacto de los precios que se fijen;
- 4) Todas las Unidades Básicas femeninas realizarán permanentemente, durante los meses de marzo y abril, reuniones de estudio y difusión del Plan Económico del General Perón. (MUNDO PERONISTA, 17, p. 24, 15/03/1952).

O II Plano Quinquenal, lançado em dezembro de 1952 e implementado nos primeiros meses do ano seguinte, apresentava uma nova orientação econômica⁵⁹. De acordo com Zanatta (2009), o novo plano redefiniu as prioridades econômicas e concentrou os investimentos nos setores de base, visando à construção de uma economia menos vulnerável. O discurso oficial buscava priorizar o compromisso pessoal de cada cidadão com o desenvolvimento industrial e econômico do país e estimulava, através da máxima “producir, producir, producir”, o aumento da produtividade interna (MILANESIO, 2014). Como anteriormente discutido, desde o Plano de Emergência Econômica a revista procurou mobilizar e organizar esforços para conter a crise e incrementar a produção interna. Para isso, as mulheres eram figuras essenciais na organização da economia familiar e na contenção de gastos supérfluos. Em 1º de outubro de 1954, a revista publicou uma reportagem sobre a *Asociación de Amas de Casa Peronistas*, localizada na capital federal entre as ruas Santa Fé e Gurruchaga e fundada em 11 de maio de 1952. A associação contava com duas mil filiadas e o seu objetivo central era colaborar com as autoridades no que dizia respeito aos preços máximos das mercadorias que eram cobrados nos estabelecimentos. Em vista disso, as mulheres estavam inseridas em uma missão mais ampla de levar aos lares argentinos “o verdadeiro sentido da família peronista, feliz, unida pelo amor de todos a Perón e a Evita”. Questionada sobre o que deveriam fazer para combater a especulação, a presidenta Sánchez Abal respondeu que, primeiro, as filiadas deveriam vigiar os preços, a qualidade e o peso das mercadorias para que o salário real e a economia do lar fossem preservados. Por conseguinte, tinham a obrigação de denunciar qualquer suspeita de irregularidade, mas antes deveriam fazer o esforço de se tornarem amigas dos comerciantes, de convencê-los a abandonar o “egoísmo individualista do lucro ao custo dos alimentos” e doutriná-los “na verdade de Perón”.

⁵⁹ Uma discussão mais aprofundada sobre o II Plano Quinquenal e a economia durante os anos peronistas será desenvolvida em um capítulo a parte.

Figura 14 - Matéria sobre a participação das mulheres na economia familiar



Fonte: Mundo Peronista, 73, p. 17, 01/10/1954.

A associação era formada por grupos distintos que se dedicavam a outras tarefas, como o bordado, a costura, a cozinha, as danças de folclore, cursos de primeiros socorros, aplicação de injeções e à puericultura – área da saúde voltava para o estudo do desenvolvimento infantil –, além de contar com um grupo de apoio que cuidavam e entretenham as crianças enquanto as mães cumpriam com suas obrigações. Em suma, o espaço buscava fornecer todo tipo de formação e instrução que contribuiriam na construção de um lar que fosse espaço de amor e tranquilidade, assim como sonhou Eva Perón. Quando questionadas sobre o que faziam tantas mulheres reunidas, responderam: “Hacen Patria [...] de la manera más sencilla y silenciosa. Con amor... con ese amor y ese fervor que nos enseñó Evita” (MUNDO PERONISTA, 73, p. 17, 01/10/1954).

2.5 Lares estendidos: as Unidades Básicas Femininas

Em *Mundo Peronista*, as publicações sobre as UBF corroboravam com o objetivo central das instituições de divulgação da doutrina justicialista. Voltadas especificamente para as mulheres, essas organizações eram ramificações do PPF nos bairros e direcionadas para a criação de meios que inserissem as mulheres no campo político sem afastá-las completamente de suas casas e de seus deveres domésticos. De acordo com Barry (2004), a estrutura hierárquica das UBF estava conformada da seguinte maneira: delegada *censista*, subdelegada *censista*, secretária, *pro-secretaria*, colaboradora assalariada e colaboradora *ad honorem*. As delegadas eram, possivelmente, escolhidas pessoalmente por Eva Perón para que fizessem um levantamento nacional a fim de saber quantas mulheres peronistas havia no país. Essas delegadas, responsáveis cada qual por uma UBF, em sua maioria pertenciam aos setores médios da sociedade: eram professoras, “amas de casa”, enfermeiras e advogadas. Eram jovens, sem experiência política anterior e muito provavelmente não eram casadas, pois a função de delegadas *censistas* exigia muito de cada uma – disciplina, dedicação e renúncia pessoal. As UBF estavam em todos os bairros de todas as cidades e até mesmo na zona rural. Ainda para Barry (2004), estima-se que no início da década de 1950 havia 3600 unidades básicas femininas em todo o território argentino.

Pressupomos que a grande quantidade dessas organizações relaciona-se com o imperativo de que as mulheres não se afastassem demasiadamente de suas casas para participar das atividades políticas. As subdelegadas *censistas* geralmente ficavam responsáveis por receber pedidos de roupas, sapatos, móveis e utensílios domésticos, pedidos de emprego, materiais para construção, vestidos de casamento, entre outros. As secretárias eram as encarregadas de manter as unidades organizadas e em pleno funcionamento, enquanto que as colaboradoras – algumas eram voluntárias e outras recebiam salários – eram professoras ou profissionais que ofereciam cursos de diversos assuntos para as filiadas. No que diz respeito à estrutura, as UBF podiam ser divididas em três tipos. Os *petit hoteles* eram lugares de vários andares que contavam com bibliotecas, ginásios, consultórios médicos, salas de teatro e cinema. As UBF que se localizavam nesses edifícios estavam nas principais cidades do país, especialmente na capital federal, e recebiam mulheres que pertenciam às classes altas da sociedade. Outro tipo eram as casas de dois ou três andares que, mesmo sendo mais modestas que os *petit*

hoteles, ofereciam espaço suficiente para a realização das atividades partidárias. O terceiro tipo e o mais comum eram as unidades que funcionavam na casa ou garagem de alguma filiada ou subdelegada. Esses dois últimos tipos estavam voltados para as mulheres de classes média e popular.

Figura 15 - Matéria sobre uma unidade básica feminina



Fonte: Mundo Peronista, 54, p. 34-35, 15/11/1953.

Como prolongações do lar, a missão política desses lugares era a mesma que a missão social: ser um exemplo vivo de Eva Perón. Nesse sentido, as UBF deveriam conciliar o papel natural da mulher de ser mãe e esposa com os direitos políticos recém-adquiridos. Tendo como objetivo educar as mulheres para que se tornassem “úteis cidadãs na Nova Argentina Peronista”, a Unidade Básica Feminina localizada na rua Rivadavia nº 5161, em Buenos Aires, perseguia o “sonho de Eva Perón” sob o lema “Símbolo de trabajo y amor”. De acordo com a revista, essa UBF se localizava em um prédio com mais recursos – *petit hotel* –, conformado por um grande jardim, quadra de basquete, ginásio e salas de dança. Ali, 910 alunas estavam distribuídas nos seguintes cursos: corte e confecção (210), bordado e lingerie (35), bordado com máquina (15), tecido (20), brinquedos (15), chapelaria (110), economia doméstica (40), taquigrafia (25), cursos de inglês em níveis básico ou superior (60), curso de francês (15), curso de declamação (10), desenho de pintura (40), danças clássicas, folclóricas e espanholas (180), aulas de guitarra (15), corte e confecção de camisas masculinas (35), ajuda escolar (40), exercícios físicos

e esportes (40), encadernação e aulas de violino, cursos cuja quantidade de alunas matriculadas não estava determinada por conta do recente início das aulas. As professoras que ministravam esses cursos, de acordo com o periódico, eram todas voluntárias, se oferecendo de boa vontade para contribuir com a “realização do sonho da companheira Evita”. A UBF de Rivadavia 5161 também contava com consultório médico, serviço de pedicure e duas enfermeiras para aplicar injeções no local, ou que poderiam se deslocar até as casas das filiadas se essas não pudessem comparecer na unidade. Por fim, contava também com uma biblioteca infantil destinada à recreação dos filhos das filiadas. Ademais, no contexto de vigência do Plano Econômico anteriormente discutido, a UBF também aplicava as diretrizes necessárias – como o reaproveitamento de alimentos – para diminuir o “consumo desenfreado” e aumentar a produção (MUNDO PERONISTA, 24, p. 32, 01/07/1952).

Na edição seguinte, *Mundo Peronista* publicou uma matéria semelhante à anterior sobre a Unidade Básica Feminina da Rua Fray Cayetano, nº 55, também em Buenos Aires. A construção da narrativa supõe a causalidade da reportagem: os periodistas estavam na Praça Flores nas primeiras horas da tarde quando ouviram as canções *Evita Capitana* e *Los Muchachos Peronistas* sendo cantadas e averiguaram que eram as filiadas dessa UBF que entoavam as marchas peronistas. Uma vez nas dependências da unidade em questão, os correspondentes da revista tomaram conhecimento de que foi daquela UBF que saíram as senadoras peronistas eleitas em novembro de 1951 e que estavam iniciando, naquele momento, as reuniões indicadas pela ESP e com o material de *Mundo Peronista* para que pudessem colaborar com o Plano de Econômico. Além das atividades realizadas dentro das UBF, as mulheres também saíam às ruas e visitavam mercados, armazéns e açougues para verificar se os preços estavam de acordo com o estipulado pelo governo e para aconselhar os proprietários sobre os problemas da economia familiar. Sobre o local da UFB de Fray Cayetano, a revista indicou ser um espaço confortável que lembrava uma casa, mas também um ambiente de trabalho e estudo. Os cursos ministrados na unidade eram gratuitos e aplicados por voluntários. Em semelhança ao padrão estipulado para essas organizações, as atividades ofertadas eram cursos de inglês, confecção de chapéus, corte e costura, bordado, economia doméstica e datilografia. Por meio dessas ocupações, a mulher argentina se tornava mais responsável e se comprometia com o “afã de produzir mais e economizar”. A revista ressaltava, todavia, que todas essas formações

visavam tornar a mulher apta para o “trabalho em próprio benefício”, isto é, em conformidade com o ideal de que as mulheres estariam destinadas ao lar, ao papel de natural de esposas e mães e que seus direitos políticos não deveriam, portanto, afastá-las de suas casas. Aquilo que se aprendia nas UBF estava voltado, principalmente, para a melhoria do lar, da economia familiar e do sustento próprio. As mulheres se tornariam úteis primeiro para servir a sua casa, seu marido e seus filhos (MUNDO PERONISTA, 25, p. 19, 15/07/1952).

Por conseguinte, a revista abordou outra matéria sobre as UBF, agora acerca da sede que se localizava na Avenida Concepción Arenal y Guzmán, também na capital federal. Pela descrição, compreendemos que essa unidade se assemelhava ao tipo *petit hotel*: possuía uma quadra de basquete para que crianças, supervisionadas por professoras, pudessem jogar, uma enfermaria com aparelhos modernos e enfermeiras capacitadas, cursos de “formação de donas de casa”, nos quais se ensinavam aulas de cozinha, costura, economia doméstica e bordado, aulas de educação primária para as crianças do bairro e uma sala de cinema com capacidade para 200 pessoas. Nessa publicação, *Mundo Peronista* chamou atenção para o fato de que nenhuma unidade básica feminina poderia estar vinculada aos antigos comitês partidários, pois estes não se pareciam com um lar. Ainda que o ideal peronista fosse essencialmente político, as UBF afastavam a mulher daquela prática política corrupta dos comitês, lugares predominantes masculinos (MUNDO PERONISTA, 39, p. 19, 15/02/1953). Se as unidades básicas femininas fossem vistas antes como um ambiente “hogareño” do que como um lugar de reuniões meramente políticas, elas não afastariam a mulher do dever sagrado de ser mãe e cuidar do lar. Isso se evidenciava nos cursos ofertados, cujo objetivo era formar, dentro dos princípios peronistas, donas de casa. Ser uma mãe e uma esposa peronista implicava deveres como organizar a economia familiar, educar os filhos e converter parentes e vizinhos para a doutrina de Juan e Eva Perón. O fazer político feminino se dava desde o lar e, mesmo quando se ausentava dele, estava inserida em lugares que, concebidos para serem “escolas de mães peronistas”, lembravam o ambiente familiar, consolidando o ambiente doméstico como posição indispensável para qualquer mulher. Ademais, as UBF também estavam voltadas para a educação das crianças, adequando a “formação espiritual” das mesmas a partir do justicialismo, já que a responsabilidade de formar cidadãos comprometidos com a “Nova Argentina” era confiada primeiramente às “mãos e corações das mulheres”.

Note-se que as mulheres não deveriam apenas “dar filhos”, mas “criar *bons* filhos”, isto é, indivíduos prontos para servir à pátria de J. Perón. Essa tarefa era fundamentalmente feminina, pois quando os filhos faziam “barrabasadas” – atitudes erradas que não os tornavam bons cidadãos –, eram as mães quem mais sofriam, evidenciando, de acordo com a revista, não somente o descompromisso com a educação infantil, mas também a “exclusiva culpa” pelos atos destoantes de seus filhos (MUNDO PERONISTA, 46, p. 62, 26/07/1953).

O editorial da edição de número 49, publicado em 1º de setembro de 1953 e intitulado *Política peronista – misión de la unidad básica peronista*, apresentava a transcrição do discurso proferido por Juan Perón na sede do Partido Peronista Feminino em 29 de agosto do mesmo ano. Naquela ocasião, o presidente recordou que desde antes do movimento peronista havia, por parte dos antigos políticos, a intenção de “educar civicamente” a população. Esse projeto, todavia, não se concretizou, pois para J. Perón um povo realmente educado não permitiria tantos anos de fraude e corrupção. As unidades básicas peronistas femininas possuíam, também, esse objetivo educacional, mas diferentemente das épocas anteriores, não cederiam espaço para assuntos de “politiqueira”. Logo, estavam voltadas para a educação da mulher, em instruí-la no enfrentamento dos distintos aspectos da vida, sendo também responsáveis pela educação de crianças, no sentido de ensinarem aos “únicos privilegiados” ideais e atitudes úteis e morais que definiriam seus deveres dentro da família. Esses centros de educação e instrução feminina ampliariam e organizariam de fato a ordem familiar, uma vez que a “verdadeira cultura cívica” ensinada às mulheres e às crianças reafirmavam a moral peronista (MUNDO PERONISTA, 49, p. 03, 01/09/1953). O objetivo dessas unidades seria, portanto, ensinar as mulheres a serem mães e esposas de acordo com os princípios da doutrina, velando, portanto, pela economia familiar e pela educação correta de seus filhos. A UBF da Ciudad Eva Perón validava as palavras do editorial quando informava que a organização consistia, em primeiro lugar, em um núcleo onde as filiadas tratavam de preocupações comuns, transformando-o, assim, em uma segunda casa. Por isso, cumpriam com o desejo de Eva Perón de construir “algo familiar” nesses espaços, onde todas seriam iguais e aprenderiam a serem melhores para o povo. Na referida unidade básica, os cursos ofertados eram de ensino primário e outros níveis para a mulher – era obrigatório que todas as filiadas, de qualquer UBF, fossem alfabetizadas –, taquigrafia, francês, corte e confecção,

manicure, cabelereiro, arte e decoração, bordado e entre outros que pretendiam tornar as mulheres seres mais úteis. Além disso, a ação social empreendida consistia no consultório médico gratuito para filiadas e seus filhos e em um consultório jurídico para dar assistência aos “conflitos de caráter legal”. Sendo um centro de “fé, esperança e amor”, essa UBF era orientada por uma “vontade inquebrável” das mulheres que ali participavam de serem sempre melhores em todos os sentidos (MUNDO PERONISTA, 54, p. 34, 15/11/1953).

Há em *Mundo Peronista* um exemplo de unidade básica feminina que, distintamente das anteriores aqui tratadas, foi categorizada como “ateneu cultural” por estar mais ligada às atividades culturais e não tanto aos assuntos de ordem política. O exemplo publicado foi o *Ateneo Cultural Eva Perón*, localizado na Avenida Saénz Peña e presidido pela atriz argentina Fanny Navarro. De acordo com a revista, o Ateneu contava com 1500 filiadas e era o “santuário espiritual de nossa abandeirada”, cujo objetivo único era de difundir a doutrina de Juan Perón, a qual Eva Perón era fanática. Essa organização não possuía “caráter sindical”, dedicando-se mais aos assuntos culturais como o “Projeto Eva Perón” – empreendimento que visava à construção de um edifício de quinze andares onde funcionariam escolas para a formação de atores e atrizes –, danças clássicas e cursos de pintura. O *Ateneo Cultural Eva Perón* exercia também de uma mediação de “forma familiar”, relatada na solução de “pequenos grandes problemas” como a assistência médica, compra de remédios de alto custo e hospitalização de pacientes (MUNDO PERONISTA, 30, p. 10, 01/10/1952).

2.6 Virtuosas por que peronistas: as mulheres em *El ejemplo peronista*

El ejemplo peronista era uma seção permanente da revista, publicada desde o seu primeiro número. Possuía entre duas ou três páginas e estava constituída por textos e fotografias que apresentavam ao leitor histórias de pessoas que mudaram de vida ou realizaram ações que contribuíam para o progresso da sociedade em geral. Todas essas realizações, contudo, só eram possíveis graças ao peronismo, ou melhor, foi por terem aderido ao peronismo que essas pessoas alcançaram melhorias individuais ou coletivas. De acordo com um levantamento feito por Susana Bianchi (1989), as 66 publicações da seção podem ser divididas em três grupos, conforme as ações realizadas pelos protagonistas das histórias: ações de adesão e exaltação do peronismo (48%), ações que destacavam o esforço individual (35%) e

ações altruístas (17%). O primeiro grupo, para Bianchi, dizia respeito às pessoas cujas ações, em unidades básicas, bairros ou locais de trabalho, estavam voltadas à difusão da doutrina peronista e à conversão de indivíduos para a causa de J. Perón. Já o segundo grupo esteve vinculado às ações de superação individual que só foram possíveis graças à adesão ao peronismo, pois este teria outorgado ao povo argentino possibilidades para ascender economicamente e politicamente. No terceiro e último grupo estipulado pela autora encontravam-se as pessoas que praticavam “atos de honra”, como doações a FEP ou ações que visavam o bem comum sem ambições individuais. A verificação sobre quais eram os protagonistas das histórias publicadas revelou que 54 exemplos foram sobre os homens, enquanto 11 contavam histórias de mulheres e apenas um sobre o povo enquanto categoria coletiva, incluindo tanto homens, quanto mulheres. Esses exemplos se concentravam em pessoas das cidades – a maioria era moradora de Buenos Aires ou da região metropolitana (74%) –, principalmente migrantes que superavam a miséria e o preconceito dos anos anteriores ao peronismo. Nesse grupo é possível, ainda, encontrar estrangeiros que estavam de passagem pelo país e que também se afiguravam, por suas vidas e condutas, como exemplos peronistas.

Nosso interesse particular nessa seção reside, evidentemente, nas histórias protagonizadas por mulheres. Partimos da hipótese de que as conquistas por elas alcançadas, apesar de serem descritas pela revista como situações possíveis somente por causa do advento do peronismo, reforçavam o “papel natural” da mulher como esposa e mãe. Além do mais, essas mulheres buscavam seguir o exemplo de Eva Perón que, com sacrifício e abnegação, se tornou útil para si e para o povo. Para isso, dividiremos essa análise em dois momentos: o primeiro nos dedicaremos aos exemplos de mulheres argentinas e no segundo focaremos nos exemplos de mulheres estrangeiras. Aqui, adicionaremos também matérias que foram publicadas fora da seção *El ejemplo peronista*, mas que corroboram o objetivo da seção de demonstrar como as “virtudes peronistas”, por serem superiores, não se limitavam às fronteiras argentinas.

2.6.1 Dignificação das mulheres argentinas: profundo fervor e sacrifício

María del Carmen Varela foi a primeira protagonista mulher da seção *El ejemplo peronista*. O conjunto de cartas intituladas *Diario de una peronista agradecida a Evita*, supostamente enviado para a redação da revista, relatava a

condição humilde de María, que trabalhava como ajudante doméstica. De acordo com ela, antes do peronismo “éramos pobres como ratos” e “morriamos como cachorros”, mas com o governo de J. Perón havia acesso a serviços e produtos e, mais importante ainda, havia dinheiro para consumir o que antes não se tinha condições. A protagonista contou que conheceu Eva Perón em 1948 e, ao relatar à primeira dama sua situação, esta lhe presenteou com móveis para sua casa, como cama e colchão e, além dos presentes materiais, Eva se solidarizou com a deficiência auditiva de María, que, além de ganhar aparelhos auditivos, passou a ter atendimento e cuidados custeados pelo governo há três anos. Outrossim, a senhora Varela especificou que graças ao peronismo as trabalhadoras domésticas foram sindicalizadas – dignificadas – e passaram a receber um salário que as permitiam “viver com decência” (MUNDO PERONISTA, 13, p. 10, 15/01/1952).

Dando prosseguimento, na edição de número 36, a seção apresentou ao leitor o exemplo de Nélida Marta Sarmiento, subdelegada *censista* da UBF nº 14 e enfermeira no hospital Rivadavia. Em 17 de outubro de 1952, ela recebeu a Medalha à Lealdade de J. Perón por seu “cuidado, sacrifício e exemplo de amor” ao cuidar de sua mãe que estava enferma e dedicar-se, ao mesmo tempo, ao movimento peronista feminino em múltiplas tarefas, tornando-se assim um “exemplo incomparável e heroico” de Eva Perón. Os vizinhos de Nélida disseram aos periodistas de *Mundo Peronista* que quando não estava em casa, ela se encontrava no hospital para ajudar sua mãe, não saindo nunca para proveito próprio. Sua mãe, por seu turno, afirmava que a filha “passava a vida” ao seu lado, esquecendo-se de si mesma. Mesmo com a UBF de férias naquele momento, Nélida permanecia exercendo sua função de enfermeira para cuidar de sua mãe. Para ela, “todo sacrifício era pouco por Perón” e que o seu “incansável trabalho” em benefício dos mais humildes era um exemplo do “heroico e diário sacrifício” de Eva Perón. Nélida afirmava, ademais, que os exemplos de Evita viveriam permanentemente em seu coração e espírito.

Segundo a revista, a mulher argentina ocupava por direito próprio o lugar que desde sempre esteve reservado a ela, mas que apenas com o advento da doutrina peronista esse lugar foi efetivamente concedido. Dessa forma, foi graças a Juan e Eva Perón que todas as mulheres argentinas gozavam de direitos sociais e políticos até então negados. *Mundo Peronista* insistia deveras nesse “antes e depois” em relação à situação das mulheres, buscando diferenciar o movimento peronista das práticas políticas anteriores para conferir-lhe legitimidade e assegurar-se no poder. Além disso, essa constante reafirmação de que os direitos foram outorgados, dados, conferidos pelo governo implicava na criação de uma suposta “dívida” das mulheres com o movimento. Ora, se foram somente nos anos de governo de Juan Perón que esses direitos se tornaram lei, então as mulheres deveriam retribuir, a exemplo de Eva Perón, essa generosidade doando suas vidas em prol dos princípios justicialistas e vivendo de acordo com as “virtudes peronistas”, isto é, sendo esposas, mães e filhas amorosas e com “profundo fervor e devoção aos Líderes” (MUNDO PERONISTA, 36, p. 06, 01/01/1953).

“*La abuela de Cosquín*”: *fe y tesón peronista* foi o título que estampou a seção do segundo número publicado em 1954. *El ejemplo peronista* se ocupou de

contar a história de María Ferrara Vda. de Monfrinotti, moradora de Cosquín, cidade na província de Córdoba, e descrita pela revista como uma “fervente lutadora” que com os seus 73 anos fazia conhecer e cumprir as ordens do “Líder” e de “Evita imortal”. A entrevista que deu origem à matéria foi feita quando a senhora Monfrinotti estava de passagem pela capital e encontrou-se, naquela ocasião, com os representantes da revista quando escrevia uma oração para Eva Perón a pedido de um jornal cordobês. Esse ato de escrever orações era comum para a *abuela*, que tinha o costume de rezar à Eva Perón pedindo saúde e força para continuar lutando pela doutrina peronista. Assumindo a máxima “hay que trabajar y tener fe”, María havia doado uma bandeira peronista a uma unidade básica e por esse ato foi nomeada madrinha daquela organização. Acreditava, ademais, que Eva Perón era uma mulher única no mundo e que por sua bondade todas as avós rogariam a ela em agradecimento pelo conforto ocasionado pelos direitos dos idosos defendidos pela primeira dama. A história de Maria Amelia Velázquez de Sosa, moradora de Buenos Aires, foi contada na sexagésima primeira edição de *Mundo Peronista*. Foi ela quem entregou, por meio de uma vara de madeira, um buquê de cravos vermelhos a Eva Perón em 17 de outubro de 1951 no balcão da Casa Rosada. De acordo com a revista, após esse dia a senhora Sosa passou a colocar cravos vermelhos juntos à foto de Eva Perón como uma forma de homenageá-la. As dificuldades enfrentadas para que ela conseguisse entregar o buquê para Evita, como a grande quantidade de pessoas, o tumulto perto da sede do governo, a distância e a altura entre as duas, foram explorados pela revista como sacrifícios superados por alguém que rogava pela saúde e felicidade da primeira dama. (MUNDO PERONISTA, 61, p. 8, 15/03/1954).

O próximo exemplo publicado pela revista foi de Carmen de Padrevecchi, dona de casa e avó, que vivia com mais oito pessoas em uma pequena moraria, com paredes descascadas e úmidas e com presença de ratos. *Mundo Peronista*, ao tomar conhecimento dessa história por meio de uma carta enviada pela senhora Carmen com relatos e fotografias – que também foram publicados na seção –, visitou a casa onde morava para “ver de perto” a situação descrita pela correspondência. Um dia, contava a protagonista, quando Eva Perón estava em Avellaneda, Carmem escreveu uma carta sobre a condição de sua família na esperança de entregá-la a Evita: por causa da multidão, chegou a cair, mas Eva Perón pediu para levantá-la, pois a *abuela* “era uma pessoa humilde”. Feito isso,

Carmen somente entregou a carta nas mãos de Eva e voltou para sua casa já com a certeza de que sua vida seria transformada. Primeiramente, ela ganhou uma máquina de costura e seu filho conseguiu um trabalho no serviço postal do país; depois, a família ganhou uma casa de “paredes brancas” que conformavam cômodos grandes e telhados que davam segurança aos membros da casa. Todo esse trabalho foi feito pela FEP a pedido de Eva Perón: obras como essas, segundo a revista, seriam as maiores que o peronismo deixaria para o futuro, pois eram realizações que se ocupavam dos humildes. Podemos ver que a atitude de mudar de vida parte da avó, matriarca da família, já que nem nas fotografias e tampouco no texto há alguma menção ao marido. A única preocupação de Carmen era de chegar até Eva Perón, pois sabia que após isso seu pedido de ajuda seria atendido. Observamos, ademais, que uma multidão acompanhava Eva Perón, mas o texto indicava que, mesmo cercada por muitas pessoas, ela notou Carmen: ao tentar se aproximar, ela caiu e por isso Eva a notou. O fato de ter caído pode ser interpretado como um obstáculo que muitas mulheres enfrentavam quando buscavam melhores condições de vida. Eva, sendo boa e atenciosa com todos aqueles que eram humildes, pediu para que a levasse até sua presença, momento no qual Carmen somente entregou a carta e voltou para casa sem dizer ou pedir nada. Compreendemos, aqui, que a fé – uma virtude peronista essencial às mulheres – da personagem Carmen em Eva Perón – ao mesmo tempo inalcançável e acessível – lhe deu a certeza de que seu pedido seria atendido (MUNDO PERONISTA, 68, p. 5, 01/07/1954).

Por conseguinte, outro exemplo publicado na seção foi a entrevista com a senhora María Carmen Guillén de Baldini, moradora da cidade Eva Perón, na província de Buenos Aires. De acordo com a reportagem, a senhora Baldini, ao receber a equipe da revista – um repórter e um fotógrafo – resistiu em fazer a entrevista, pois não acreditava ser importante ao ponto de ter sua história publicada em algum periódico. Os enviados insistiram, argumentando que a conversa seria para *Mundo Peronista*, a qual María Carmen contribuía sendo assinante. A entrevistada concordou mediante a condição de que a reportagem se ocupasse de todos que ali viviam como uma família, em outras palavras, que se ocupassem do “peronismo que aqui vivemos”. Para a revista, ao indicar o “nós”, o coletivo, a senhora Baldini fazia com que o “bem se expanda como uma necessidade e jamais se absorva para se acumular ao próprio eu”, demonstrando que o princípio básico da

ação conjunta era indiscutivelmente peronista. Esse “nós” proclamado por ela consistia no seu marido e suas três filhas, no jardineiro Don Pascal, no eletricitista Don Tomassini, nas crianças vizinhas e em todas as pessoas “com ou sem títulos” que conviviam e trabalhavam no Observatório Astronômico da cidade. O Observatório, onde trabalhava seu marido, também havia sido, no passado, o local de trabalho de María Carmen – “mis tiempos de científica” –, quem acabou abandonando a profissão para se dedicar ao lar, pois como mulher seu dever era de educar os filhos. Todavia, como peronista, era a mãe de um “grande lar” e foi por conta disso que no início fez questão de citar todas as pessoas com quem convivia no observatório e na vizinhança. Ao relatar uma viagem para os Estados Unidos juntamente com o seu esposo, Maria Carmen definiu que, enquanto ele viajava em “missão científica”, ela estava encarregada da “missão peronista” de levar as obras de Juan e Eva Perón para aquele país. Indicou, ademais, que conheceu duas livrarias cujos donos, um inglês e outro espanhol, comercializavam livros sobre o peronismo, como *Conducción Política*, *La Razón de Mi Vida*, *El Justicialismo* e também a revista *Mundo Peronista*. Quando visitou a “casa de peinados Marcel”, famosa em todo o mundo, convenceu o dono de colocar a revista justamente com outros periódicos para que seus clientes a conhecesse. Contou aos entrevistadores, por fim, que Juan e Eva Perón chegavam em “lugares inesperados”, como em um hotel da cidade de Buffalo, onde o gerente perguntou como o povo argentino sentiu a morte de Eva Perón. Ademais, quando as pessoas ficavam sabendo que o senhor e a senhora Baldini eram argentinos, o assunto imediatamente se deslocava para o peronismo (MUNDO PERONISTA, 70, p. 05, 15/08/1954). O objetivo outorgado às mulheres de difundir a doutrina peronista é plenamente observado nesse exemplo quando Maria Carmen indicou sua “missão peronista” ao viajar para o exterior. Paralelamente, a história publicada corrobora a necessidade de a mulher voltar-se para o lar e assumir sua posição de esposa e mãe, aquela que cuida não somente de sua casa, mas do “grande lar argentino”.

El ejemplo peronista publicado na septuagésima terceira edição da revista foi sobre um casal de idosos, a senhora Justa Palmira Villagra e o senhor Don Villagra, residentes na Rua 12, nº 938, também na Ciudad Eva Perón. *Mundo Peronista* havia tomado conhecimento do casal por meio de uma carta escrita pela senhora Justa. Logo, um grupo de repórteres foram visitá-los “persuadidos que em um ‘velho lar’ nos encontraríamos com essa ‘nova velhice’”. A “nova velhice” dizia respeito às leis,

direitos e cuidados defendidos e realizados pela FEP. Don Villagra foi um soldado durante os mandatos presidenciais de Julio Argentino Roca (1888-1886 e 1898-1904), recordando com os enviados da revista as questões militares de fronteira com o Chile daquela época e os “heróis da Campanha do Deserto”. Outrossim, mostrou aos repórteres um livro que escreveu em meados de 1944 quando “a revolução começava a brotar desde o Povo mesmo”, no qual havia um juramento: “llevar a Perón hasta la Presidencia de la República, aun a costa de la própria vida”. Já a senhora Justa Palmira Villagra, “una mujer hogareña, hábil y meticulosa”, quando jovem foi professora do ensino básico. Seus passatempos na “nova velhice” consistiam em escrever poesias, desenhar e criar esculturas de madeira, realçando sua “ampla educação e requintada sensibilidade”. A senhora Justa havia publicado um livro de sonetos e versos sobre Eva Perón com o pseudônimo de Stella Bell de Paz, divulgados, inclusive, em *Mundo Peronista*. Quando se referia à doutrina e seus líderes, a senhora Villagra demonstrava sua “grande sensibilidade de artista e de mulher do trabalho, amante de seu lar e de seu tempo”. Percebemos, mais uma vez que a mulher, mesmo que exerça uma profissão, sempre está vinculada ao lar: à exemplo de Justa Villagra, as tarefas femininas tangem ao subjetivo do ser humano, ao sentimental, às sensibilidades, características próprias do público feminino. Enquanto o que se destaca da vida de Don Villagra eram as memórias sobre o trabalho, a senhora Justa, apesar de mencionado o seu antigo emprego, teve sua imagem construída ao redor do lar, do papel natural de toda mulher peronista (MUNDO PERONISTA, 73, p. 05, 01/10/1954).

Outra história publicada na seção foi a de María Lenze Vda. de Santángelo, moradora da rua Santa Teresa nº 881, na cidade de Morón, região metropolitana da Grande Buenos Aires. A revista tomou conhecimento da senhora Santángelo quando ela se dirigiu ao Banco da Nação, localizado no Ministério do Trabalho de Previdência, para fazer uma doação em benefício da construção de monumento em homenagem a Eva Perón. *Mundo Peronista* indicou que, entre vários homens e mulheres que chegavam ao mesmo lugar com o mesmo objetivo, o ato da senhora Santángelo chamou atenção, pois a quantia doada derivava do seu primeiro salário de aposentadoria. De acordo com o funcionário que avisou a revista, María Lenze de Santángelo se tratava de uma mulher humilde e profundamente grata a Eva Perón, com aparência de ter sofrido muito durante sua vida e que efetuou a doação com “os olhos molhados e as mãos tremendo de emoção”. Uma vez com o endereço da

mulher em mãos, a revista foi ao seu encontro e, chegando a sua casa, foi recebida por Carlos, filho de María, que terminava de construir a casa onde ela morava. A senhora Santángelo trabalhou a vida toda como “obrero de la costura” e nunca conseguiu falar pessoalmente com Eva Perón, mas que mesmo assim a acompanhava com atenção em todas as notícias e discursos por ela proferidos. Por causa de seu trabalho, não conseguia ir a todos os atos onde Eva esteve presente, porém isso não impedia que compreendesse seus postulados desde o início e a seguisse com amor. Os repórteres de *Mundo Peronista* perguntaram à senhora qual o motivo que a levou a fazer a “doação espontânea” em nome do monumento. Contestado essa última frase, María explicou que não foi algo espontâneo, mas sim pensado durante muitos meses enquanto esperava a aprovação da aposentadoria. A revista apresentou, também, o passado da senhora Santángelo: começou a trabalhar desde pequena para ajudar no sustento de sua família e passava incontáveis noites em claro costurando para entregar as encomendas no prazo e receber “miseros pesos”, com os quais alimentava a “miséria de um triste lar de trabalhadores”. Casou-se e logo ficou viúva, sempre trabalhando para manter a casa e seus nove filhos. Graças a Juan e Eva Perón se fez justiça à senhora Santángelo, redimindo-a e fazendo digna a sua velhice. Por isso, María entendia sua doação como um simples feito em agradecimento a Evita; já a revista enxergava na humildade e modéstia da senhora um amor humilde e profundo, um verdadeiro exemplo peronista: a mais rica doação era o amor voltado a Evita e não o dinheiro doado (MUNDO PERONISTA, 83, p. 12, 01/04/1955).

Nosso último exemplo contou a história de Carmen Aráoz de Salomone, moradora de La Viña, província de Salta e subdelegada *censista*. A entrevista foi feita na ocasião em que a senhora Salomone esteve em Buenos Aires para realizar alguns exames médicos e aproveitou para visitar a ESP. Carmen já era uma antiga conhecida de *Mundo Peronista*, pois a cada um mês e meio enviava cartas à redação sintetizando o trabalho que realizava em Salta: mensalmente eram enviados vinte números da revista para que a UBF na qual Carmen participava funcionasse e cumprisse com o ser dever. Há nove anos difundia a doutrina peronista no interior do país por meio de materiais como discos e a própria revista, além de organizar festas onde as pessoas cantavam as marchas *Los muchachos peronistas* e *Evita Capitana*. Todavia, todo esse trabalho não era de fácil realização, tanto pela falta de recursos em lugares mais distantes da capital federal, quanto pela presença do “anti-povo”.

Curiosamente, a senhora Carmen explicou à revista que sua ida a Buenos Aires para realizar exames médicos decorreu de uma infecção no pé pela picada de um inseto ou uma cobra, episódio que se deu durante as eleições de abril de 1954, quando ao ir ao encontro de uma companheira que ainda não havia votado, feriu-se no caminho com a picada, mas não parou a fim de que não faltasse nenhum voto para J. Perón e para que essa mulher se recordasse da sua obrigação de votar (MUNDO PERONISTA, 84, p. 08, 15/04/1955). Nessa situação, vemos que a mulher não apareceu, em nenhum momento, vinculada ao lar ou em sua posição natural como mãe e esposa. Carmen Salomone representava aquelas mulheres que assumiam posições mais ativas e exteriores ao lar na missão de difundir e inculcar a doutrina peronista. No episódio no qual sofreu um ferimento e, mesmo debilitada, não abriu mão da sua obrigação de conquistar votos para o candidato de J. Perón nas eleições de 1954, demonstrou o comprometimento com a causa peronista, o sacrifício que muitas vezes seria necessário para cumprir com o que se esperava das mulheres peronistas. À luz do exemplo de Eva Perón, doar a própria vida para que as vontades e os pedidos do líder peronista fossem realizados era uma possibilidade real a ser encarada firmemente pelas mulheres que, de acordo com *Mundo Peronista*, tudo deviam ao movimento.

2.6.2 Virtudes que não conhecem fronteiras

A primeira mulher estrangeira que foi protagonista de *El ejemplo peronista* foi Aida Rojas, paraguaia que, ao se mudar para a Argentina em 1933 em busca de melhores condições de vida, adquiriu a cidadania argentina. *Mundo Peronista* tomou conhecimento de Aida quando ela levou à redação da revista um manuscrito com a sua história de vida. Intitulado *Cada obrera tiene una historia que la hace fanática de Perón y Evita*, o caderno de relatos possuía mais de cem páginas e a “escrita irregular”, na qual estava ausente “todo artifício literário”, não diminuía a importância daquelas histórias de Aida e seus filhos, algumas já encerradas e outras ainda em curso. *Obrera* em uma fábrica de tecidos em Buenos Aires, Aida contava que antes de Juan e Eva Perón os trabalhadores eram explorados, “desconhecidos enquanto seres humanos”, mas que “guardavam no fundo do coração” a esperança de que algum dia reinaria a justiça e a “redenção para os humildes”. Esses humildes trabalhadores esperavam, de acordo com a paraguaia, desde muito tempo os “libertadores” e a “era da justiça”. Por isso, quando Juan e Eva Perón emergiram na

cena política os trabalhadores compreenderam que eram peronistas há muito tempo, independente de raças ou nacionalidades, pois almejavam as mesmas transformações e acreditavam nos mesmos princípios. Em sua casa, “modesta, mas limpa e bem cuidada”, não faltava mais “pão”, nem “roupas decentes” para ela e seus filhos. Em um “baú de couro”, Aida guardava recortes de periódicos que atestavam os benefícios do peronismo e cadernos de relatos, parecidos com o que havia entregado na sede da revista, sobre os anos de miséria e os anos de justiça. Ao encontrar-se com Evita em algum momento não identificado pela publicação, Aida entregou a ela o mesmo caderno a que a revista teve acesso e “[...] se lanzó a la calle tonificada en su fe peronista, como si hubiese recibido el bautismo de una nueva religión de amor, de justicia y de sacrificio” (MUNDO PERONISTA, 22, p. 10, 01/06/1952).

Em 1953, a revista publicou, na mesma seção, a história da francesa Vera Nodstrom, que trabalhava em uma empresa musical de Buenos Aires. Durante toda sua vida procurou pelo país da “justiça e da verdade”, encontrando apenas “desilusão e nojo”. Não obstante, ao chegar na “Nova Argentina” se deparou com um lugar de justiça, verdade e liberdade. Mesmo não compreendendo a totalidade da língua espanhola, Vera entendeu a mensagem de J. Perón pronunciada no 1º de maio daquele ano, pois a voz “grave, tranquila e paternal” do presidente transformava os assuntos mais “árduos” em ideias inteligíveis para qualquer um. Para ela, o peronismo era algo novo, que não existia em nenhum outro lugar do mundo. Ademais, confessou que, se dominasse o espanhol, predicaria a doutrina peronista em qualquer lugar, mas a forma que havia encontrado de cumprir com o seu papel de mulher peronista foi de traduzir os discursos mais importantes de J. Perón para o francês e enviá-los, juntamente com alguns comentários de sua autoria, aos antigos companheiros de trabalho na França. Essas traduções eram feitas nos curtos intervalos que tinha em seu trabalho, evidenciando o comprometimento com a causa de difundir o movimento a qualquer custo. Vera finalizou exprimindo com certo pesar o fato dos argentinos não saberem muito bem o que é o peronismo, mas que para as pessoas de outros países o governo de J. Perón era “uma revolução dos valores humanos, colocados ao alcance do povo, para que este seja feliz” (MUNDO PERONISTA, 49, p. 24, 01/09/1953).

El ejemplo peronista da edição de número 81 abordou a história de Zolia De Santos, mulher paraguaia que vivia já há 30 anos na Argentina. Zolia fazia parte do

Ateneo Femenino Evita e era esportista. Sua história apareceu na revista porque percorreu 1650 quilômetros de moto entre Buenos Aires e Assunção, capital do Paraguai, para difundir a doutrina peronista em seu país natal, levando consigo a coleção de *Mundo Peronista* para lugares aonde não chegavam livros ou revistas. Nesses lugares longínquos do território paraguaio, chegava a palavra de Zolia, representante oficial do Ateneu naquela ocasião. Referindo-se a ela e às suas ações, o presidente paraguaio pontuou que “con mujeres como usted, osadas, decididas y guapas... cuanto podría hacerse!”. Para a revista, a paraguaia fazia parte de uma nova geração de mulheres que surgiram impulsionadas pelo fanatismo e vocação, herança da “grande mulher da América e do mundo”, a “Imortal Eva Perón”. Da mesma forma que Eva apagou a palavra “impossível” do plano de luta, a senhora De Santos também não considerou impossível percorrer toda a distância entre Buenos Aires e Assunção com sua moto para levar o “abraço fraternal das mulheres argentinas às mulheres paraguaias” (MUNDO PERONISTA, 81, p. 21, 15/02/1955).

Figura 17 - A história de Zolia De Santos na seção *El ejemplo peronista*.



Fonte: Mundo Peronista, 81, p. 21, 15/02/1955.

Os recortes que a seguir serão analisados não fazem parte da seção *El ejemplo peronista*. Todavia, eles também discorrem sobre mulheres estrangeiras que, seguindo o exemplo de Eva Perón, operavam, em seus países de origem, transformações impulsionadas pelos princípios peronistas para construir sociedades mais justas tais como a sociedade argentina.

Em uma seção temporária denominada *El mundo se convierte*, cujo objetivo estava centrado na publicação de notícias e entrevistas que demonstravam a difusão do movimento peronista em outros países, apareceu uma matéria sobre Maria de La Cruz, fundadora do Partido Feminino Chileno e reivindicadora dos “direitos operários” em seu país. Nessa ocasião, a senhora La Cruz estava em Buenos Aires para se encontrar pessoalmente com J. Perón, pois queria aprender com ele como organizar os *obreros* chilenos de forma definitiva. *Mundo Peronista* a descreveu como uma “notável” mulher “benfeitora dos humildes”, a primeira a se tornar doutora em Ciências Econômicas no Chile e uma das mais extraordinárias predadoras políticas do país. La Cruz foi quem fundou o Partido Feminino em 1945, cujo público alvo eram as mulheres em geral. O Partido, cuja doutrina era de inspiração peronista, foi decisivo para a eleição de Carlos Ibáñez em 1952 e propunha que a solução dos problemas sociais deveria começar pelos trabalhadores, pois os partidos políticos chilenos, assim como os argentinos, estavam corrompidos pela “venalidade e suborno”. Em relação a Eva Perón, La Cruz acreditava que ela era mulher do século e a redentora da classe trabalhadora. Sendo assim, estava recorrendo à J. Perón para que conseguisse dar forma orgânica ao enorme grupo de homens e mulheres do povo que votaram por uma vida melhor do outro lado da cordilheira (MUNDO PERONISTA, 33, p. 11,15/11/1952).

A próxima mulher estrangeira a ser retratada em *Mundo Peronista* foi Josefina Baker, cantora estadunidense naturalizada na França, que esteve no Teatro Colón em 20 de novembro de 1952 para render homenagem à Eva Perón. O nome da conferência, *La antorcha*, fazia alusão à personalidade de Evita que infundiu nas mulheres de todo o mundo a luz de novas aspirações e ambições, ajudando-as a se transformarem em “esposas perfeitas”. Nesse sentido, as mulheres jamais se esqueceriam de Eva Perón, quem as deu uma liberdade que não haviam gozado antes e as possibilitaram de seguir todos os caminhos de uma vida livre e feliz (MUNDO PERONISTA, 34, p. 20, 01/12/1952). Na edição de número 43, a revista publicou um artigo sobre a médica psiquiatra chinela Mary Hamey, que estava de

visita em Buenos Aires para participar do *Seminário Antialcoholista*. Mary havia visitado a Argentina em 1943, 1948 e em 1953 e afirmava à *Mundo Peronista* que em dez anos o país havia mudado muito, sendo possível, naquele momento, “tocar a doutrina”, porque J. Perón havia, de fato, concretizado de fato a doutrina justicialista. No Chile, Mary era a presidente honorária do *Partido Ibañesta Feminino*, representante de todo o movimento feminino no país, e que levantava as mesmas bandeiras que o peronismo. Para ela, a sua especialização médica coincidia com o seu posicionamento político: “preocupar-se com o homem e não entender dos problemas concretos colocados pelo meio é tão absurdo quanto realizar a democracia sem ter interesse pelo povo”. Nessa visita, Mary aproveitou para se encontrar com Juan Perón e visitar as dependências da revista. Da entrevista com o presidente argentino, a médica chilena contou a *Mundo Peronista* que ele era o equilíbrio entre o “extraordinário vigor de personalidade” e a “forte simpatia humana”: era o coração, o pensamento e a vontade de todos os povos humildes da América. Nele, esses povos da América espanhola e cristã enxergavam o “condutor genial” que, com inteligência e coragem, poderia guiar todos os países americanos (MUNDO PERONISTA, 43, p. 21, 01/06/1953).

Em março de 1954, a revista entrevistou Maria Eugenia Rojas Correa, filha do presidente colombiano, que passou quatro dias na Argentina. Descrita como embaixadora da “juventude, da graça e da beleza das mulheres de sua terra” que, apesar de sua pouca idade, representava o tipo de mulher do continente americano: carregava a imortal herança das antigas virtudes da “raça crioula” e ostentava um novo sentido de liberdade, independência, autodeterminação, solidariedade social e amor ao povo, que conformavam o “arquétipo singular e sereno da vida moderna”. Ao falar de seu país, governado na época pelo General Rojas Pinilla (1953-1957), indicou a presença da dor e a destruição resultantes das revoltas civis durante anos e que foram pacificadas apenas no atual governo. Entretanto, várias famílias do interior permaneciam prejudicadas e, em vista disso, ela, três amigas e um representante do Exército decidiram distribuir roupas e comprar televisões para as sedes da União Camponesa, contribuindo assim para as aulas visuais de alfabetização da população mais carente. Quando questionada sobre o que pensava das mulheres argentinas, Maria Eugenia respondeu que elas representavam o “protótipo feminino moderno”, a “inteligência e preparo daquelas que assumem posições de destaque” e portadoras de “dinamismo, responsabilidade e encanto”.

Tudo isso faria da “juventude feminina” um fator decisivo no impulso para a “Argentina de amanhã” (MUNDO PERONISTA, 60, p. 17, 01/03/1954).

A última mulher estrangeira a ser abordada em *Mundo Peronista* foi Isabel Lescano, paraguaia que desde sua residência em Assunção desenvolvia trabalhos de ajuda social inspirados em Eva Perón. Visitou Buenos Aires para conhecer as obras e instituições da FEP e foi quando se encontrou com os entrevistadores da revista. Na opinião de Lescano, Eva Perón não pertencia somente aos argentinos, mas a toda América e a todos os humildes do mundo, uma vez que ensinou o caminho de dignificação e da verdade com realizações e palavras. Mesmo que seu país não possuísse os recursos necessários para realizar as obras que eram feitas na Argentina, a entrevistada acreditava que com o tempo tudo seria possível para terminar com as “desventuras dos humildes”. Para a revista, essas novas mulheres que surgiam na América, para as quais Eva Perón era um “numen” – deusa ou “divindade fascinante” – e lampejo no caminho a ser percorrido, conseguiriam, cedo ou tarde, cumprir com o que se comprometiam com os mais humildes, pois havia amor em suas decisões (MUNDO PERONISTA, 62, p. 22, 01/04/1954).

Ao publicar matérias sobre mulheres argentinas e estrangeiras cujas atitudes eram, para a revista, louváveis, *El ejemplo peronista* traçava um perfil feminino a ser seguido: abnegação e benevolência eram as características mais marcantes que uma mulher peronista deveria possuir independente de sua idade. Suas ações, exercidas mediante o amor e o zelo pela família e, logo, pela pátria, simbolizavam a vida e a obra de Eva Perón. Expondo o protagonismo de mães, esposas, idosas ou jovens, exercendo atividades remuneradas fora de seus lares ou não, *Mundo Peronista* estimulava as mulheres a difundir o peronismo em seu meio de convívio não apenas pelas ações partidárias, como em épocas de eleições ou em atuações pelas unidades básicas, mas pelo exemplo cotidiano de dedicação, lealdade e altruísmo, traços que para a publicação deveriam ser essencialmente femininos.

2.7 Conclusão

Com os exemplos apresentados acima, podemos inferir, mais uma vez, que o ideal de mulher peronista propagando pela revista e reconhecido pela mesma estava atrelado, primeiramente, ao papel instintivo das mulheres em serem mães, esposas e donas de casa. Com os novos direitos políticos e tendo como modelo a vida de Eva Perón – uma mulher pública e com comportamentos pouco passivos –, as

mulheres poderiam e deveriam, de acordo com o movimento peronista, participar da vida pública do país, exercer atividades remuneradas fora de suas casas, lutar por melhores condições de vida para si mesma e para sua família. Todavia, todas essas ações e comportamentos voltavam-se, categoricamente, para aquele modelo tradicional no qual a essência primeira da mulher era de ser mãe, cuidar e velar pelo próximo.

As matérias e os artigos de *Mundo Peronista* que versam sobre as mulheres expressam o valor dos direitos cívicos femininos, que até então eram legalmente ignorados, na construção da “nova Argentina” de Juan Perón. Se o lar era o embrião da pátria e a grandeza desta era, por conseguinte, o objetivo do movimento peronista, todos os seus participantes deveriam ter sua importância e papel reconhecidos; a mulher, como mãe e esposa, seria aquela responsável pelos cuidados necessários para que todos pudessem viver bem e fortalecer-se cada vez mais. Mediante o desapego às coisas materiais e às ambições pessoais, as mulheres estavam incumbidas de difundir a doutrina peronista entre grupos anteriormente menosprezados, como as crianças e a população em situação de extrema pobreza. Havia também o incentivo para que o público feminino disseminasse as prerrogativas peronistas em encontros familiares e na circunvizinhança de suas casas. A defesa do voto feminino, por exemplo, e o incentivo para que as mulheres o exercessem, não consistia na invalidação do papel tradicional feminino: casar-se e ser mãe continuavam sendo ações intrínsecas ao papel feminino defendido nas páginas da revista.

No mais, o interessante em *Mundo Peronista* é notar que, além da intensa – e evidente – alusão e divulgação de Eva Perón, de suas obras e discursos antes e depois de sua morte, as demais mulheres peronistas, para quem Eva direcionava suas mensagens e a quem a publicação fazia questão de abordar, aparecem identificadas. Ao identificá-las por meio do nome, cidade, profissão e até mesmo fotografias, a revista operava uma aproximação com o público leitor muito significativa que exprimia a inclusão de setores outrora marginalizados e pouco representados nos meios de comunicação.

Depreendemos que *Mundo Peronista* contempla, portanto, o lado mobilizador do peronismo ao representar em suas páginas um modelo feminino que, mesmo não rompendo com os padrões tradicionais estabelecidos na época para as mulheres, reivindica um perfil de mulher peronista no qual congrega o lar e a domesticidade

com o exercício dos direitos cívicos e o envolvimento político e profissional. Tal como Eva Perón, todo trabalho feito pelas mulheres deveria estar fundamentado no amor e no sacrifício pela obra de Juan Perón.

3 A IMPORTÂNCIA DO PASSADO PARA O PRESENTE: OS USOS DA HISTÓRIA PARA A LEGITIMAÇÃO POLÍTICA PERONISTA

Na Argentina, o anseio pelo entendimento do passado – relacionado indubitavelmente com a “obsessão pela identidade” – não está no mesmo nível da autonomia da história profissional. Essa disparidade foi ocupada pelo revisionismo histórico, movimento inicialmente pequeno que se contrapunha às ideias dominantes dos grupos liberais e que se utilizava do governo do caudilho Juan Manuel de Rosas (1829-1852) como a referência substancial para as discussões políticas do século XX. Entendido como um “movimento de contra história militante” alimentado por um contexto de crise nacional, cujos desdobramentos mais importantes foram o radicalismo e o peronismo, o revisionismo é, para Diana Quattrocchi-Woisson (1995), o antecedente cultural mais notável do movimento peronista: a busca por uma argentinidade cujos valores e tradições pertenciam aos *criollos* – homens e mulheres humildes ligados ao cultivo da terra – e que conformava uma identidade nacional assinalada pelo anti-imperialismo e defensora da soberania nacional. Portanto, essas fórmulas, que seriam tão caras ao peronismo, já existiam no imaginário revisionista quando Juan Perón emergiu no cenário político argentino na década de 1940. A independência econômica e a soberania nacional eram conquistas fundamentais para que a Argentina consolidasse sua grandeza entre os países vizinhos e frente à conjuntura política mundial. A justificação para esse projeto político se encontrava no passado, uma vez que experiências prévias haviam demonstrado que a única forma de alcançar os objetivos descritos acima era a valorização das tradições nacionais em contraposição ao estrangeiro. Com fundamento nisso, neste capítulo investigaremos quais foram os usos do passado compreendidos por *Mundo Peronista* para a legitimação dos governos de Juan Perón.

3.1 História e historiografia argentina: algumas considerações iniciais

Na história argentina do século XIX, são conhecidas as incansáveis e sangrentas disputas entre unitários – grupo que defendia a centralização do poder na cidade de Buenos Aires, sede do poder que governaria as demais províncias – e federalistas – defensores da autonomia política das províncias, denominados

popularmente como caudilhos⁶⁰. *Facundo: Civilização e barbárie* (1845), livro de Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) – importante escritor e político argentino que governou o país entre os anos de 1868 e 1874 – é considerado o principal clássico da literatura argentina por apresentar um diagnóstico dos problemas da época e, concomitantemente, um programa para superá-los com base no liberalismo⁶¹. Para Sarmiento, a Argentina estava dividida em dois mundos: o urbano, polo da civilização, e o rural, marcado pela barbárie. Este último tinha como problema central o caudilhismo – exemplificado no livro pelo caudilho Facundo Quiroga (1788-1835) –, sistema de poder marcado pelo personalismo, isto é, a presença de um líder político forte e carismático e pelas relações de patronato. Os governos exercidos pelos caudilhos, por se assemelharem à administração colonial, não contribuíam para o progresso. Além disso, a presença de espanhóis, indígenas, negros, *criollos* e gaúchos tampouco colaboravam para o desenvolvimento da nação. A solução, então, seria educá-los ou, a partir do conceito de “mal político” inserido no discurso argentino por Mariano Moreno (1776-1811), eliminá-los pela morte ou pelo exílio para que, assim, a nação fosse criada⁶².

⁶⁰ De forma um pouco mais pormenorizada, as aspirações unitárias e federalistas se diferenciavam, por exemplo, no controle dos rios: enquanto os unitários defendiam a monopolização da navegação fluvial por embarcações inglesas, os federalistas advogavam a livre circulação de barcos; as rendas alfandegárias também era um ponto de disputa, pois os federalistas argumentavam a favor da distribuição igual entre as províncias, ao passo que os unitários alegavam a prioridade de Buenos Aires na divisão desses recursos; por fim, se os unitários eram adeptos do livre comércio e da isenção de tarifas protecionistas nas mercadorias estrangeiras, os federalistas defendiam proteção alfandegária aos produtos nacionais para valorizar a produção e o comércio interno.

⁶¹ De acordo com Maristella Svampa (2010), a dicotomia *sarmientina* “civilização ou barbárie” é o resultado de uma determinada relação com a política – liberal, no caso – e não somente um reflexo do campo político argentino. Como uma maneira de entender e intervir no espectro político a partir de um modelo de oposição entre princípios irreduzíveis, “civilização/barbárie” se transforma numa linguagem política que seria apropriada por diversas tradições políticas posteriores, como a democrático-popular, as políticas de esquerda e a autoritária-conservadora. A atualização da imagem *sarmientina*, portanto, ocorre na intensificação das lutas políticas, as quais se apoderam dos polos civilização ou barbárie de maneira mais conveniente para seus objetivos. Em 1945, por exemplo, a autora defende que o advento do peronismo – juntamente com o revisionismo histórico – revalorizou positivamente o polo da barbárie em nome do “povo-nação” que lutava há anos pela liberdade em relação à dominação oligárquica. A tradição ligada ao gaúcho e ao *criollos*, interpretada como o repositório da verdadeira *argentinidad*, é usada pelo peronismo – não por Juan Perón propriamente dito, mas pelos meios de comunicação e outros aliados do governo – como uma forma de legitimação do movimento ao estabelecer suas raízes históricas na própria história nacional.

⁶² Descrito como o “Michelangelo da Revolução de Maio” por Bartolomé Mitre (SHUMWAY, 2008, p. 51), Mariano Moreno foi um advogado formado pela Universidade de Chuquisaca, escritor, fundador e editor o jornal *Gaceta de Buenos Aires*. Suas obras, apesar de serem anteriores à discussão “civilização x barbárie”, são precursoras de vários pontos que formaram o pensamento liberal argentino do século XIX. A presença de princípios iluministas, como a igualdade e liberdade, na obra escrita de Moreno, coincide e se contradiz com o viés autoritário do autor ao defender, por exemplo, que o mal – personificado por aqueles que se colocavam contra uma determinada causa liberal – deveria ser combatido através da repressão, fosse ela a morte ou o exílio. Logo, não havia meio termo entre o “bem” e o “mal” no pensamento *morenista*: os inimigos deveriam ser eliminados para

Apesar de o modelo liberal argentino ter triunfado sobre os ideais federalistas a partir da segunda metade do século XIX, um ponto marcante e polêmico na história da Argentina foi o governo de Juan Manuel de Rosas, governador da província de Buenos Aires em dois períodos: primeiramente entre 1829 e 1832 e depois de 1835 até 1852. Em meio à desordem entre unitários e federalistas pela sucessão do governo, Rosas – que havia participado do governo do federalista Manuel Dorrego na década de 1820 como líder dos combates à invasão indígena na província de Buenos Aires – foi eleito governador pela câmara provincial e a ele foram atribuídos “poderes extraordinários” que o tornavam, literalmente, um ditador pelos próximos três anos. Com cautela, Rosas tranquilizou, ainda que momentaneamente, os conflitos entre unitários e federalistas, intensificou a relação comercial com a Inglaterra, empenhou-se na proteção dos territórios contra os indígenas e na imposição de regras fiscais ao governo para a solução de dívidas. No plano social, o caudilho restringiu a liberdade de imprensa, declarou apoio ao clero conservador e fortaleceu a formação do exército. Para não ser acusado de autoritário, em 1832 entregou à Assembleia sua renúncia e foi parabenizado pela sua conduta governamental. Todavia, a desordem voltou a se instaurar em Buenos Aires e os participantes da Câmara elegeram novamente Rosas para o cargo de governador. Nesse momento, o caudilho impôs a condição de possuir a “totalidade do poder público” para aceitar o cargo e, sendo concedida pelos legisladores, a ditadura rosista perduraria até 1852.

O paradoxal em Rosas foi o fato de ter emergido como defensor dos ideais federalistas, mas agido de forma centralista – lê-se unitária – ao assumir o governo provincial, fortalecendo o domínio de Buenos Aires sobre as províncias do interior por meio de pactos pessoais com as elites regionais. De acordo com Shumway (2008), o rosismo representou a recuperação da sociedade hierarquizada dos espanhóis: concedeu privilégios à Igreja Católica, censurou jornais, obrigou todos os seus apoiadores que usarem uma insígnia vermelha em suas roupas para diferenciá-los dos unitários e perseguiu opositores por meio da *mazorca*, grupo paramilitar de espiões e capangas coordenado por ele mesmo. A economia, por sua vez, mostrou sinais de recuperação: liberou novas terras indígenas para o uso e negociou a dívida externa com a Inglaterra de forma a não prejudicar os funcionários

que o país fosse salvo. Apenas com essa cirurgia radical que o organismo político se tornaria saudável.

de seu governo. Todavia, a popularidade dos federalistas entre as classes mais humildes não se efetivou completamente no governo de Rosas. Para Shumway (2008, p. 166), apesar do esforço dos federalistas em se mostrarem solidários aos interesses populares, o rosismo revelou um lado antipopular do federalismo a partir de “[...] uma noção aristocrática de autoridade e privilégio que podia beneficiar os pobres apenas por um impulso paternalista, mas que nunca os considerava [...] cidadãos iguais a todos os outros em um governo pluralista”.

Na conformação do Estado-nação argentino, marcada pelo liberalismo, a etapa rosista da história foi marginalizada e até mesmo condenada ao esquecimento por simbolizar uma tirania que impedia o progresso do país e o atraso da época colonial. Para construir uma civilização argentina de inspiração europeia, a “barbárie *criolla*” não poderia estar presente. Consequentemente, no Panteão Nacional dos heróis argentinos, formado pelos homens que construíram “em pleno deserto uma nação magnífica” como José de San Martín (1778-1850), Manuel Belgrano (1770-1820), Mariano Moreno (1776-1811), Bernadino Rivadavia (1780-1845), Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888), Juan Bautista Alberdi (1810-1884) e Bartolomé Mitre (1821-1906), não havia espaço para Juan Manoel de Rosas, tampouco para outros caudilhos como José Artigas (1764-1850), Facundo Quiroga (1788-1835) e Angél “el Chaco” Penáloza (1798-1863) (QUATTOCCHI-WOISSON, 1995, p. 46). Se na Argentina as interpretações historiográficas são criadas em função de projetos políticos (BEIRED, 1999), a visão liberal descrita acima objetivava legitimar a reflexão da história que privilegiasse a conduta de governantes liberais em contraposição aos governos federalistas, associados à ruralização do poder, à violência e ao vazio institucional.

Não obstante a derrota de Rosas na Batalha de Caseros (1852) pelas forças de outro caudilho, Justo José de Urquiza (1801-1870), o federalismo não foi completamente banido ou silenciado. Escritores como Bartolomé Hidalgo (1788-1822) e José Hernández (1834-1886) produziram obras que retomavam temas caros ao federalismo, como o papel do gaúcho e do *criollo* e as demandas das classes populares. Hidalgo foi um poeta uruguaio que ficou conhecido como o inventor da poesia gauchesca, ou gênero gauchesco, por ter sido o primeiro a apresentar imagens sólidas do gaúcho na região do Rio de Prata com sentido estritamente político. Vale lembrar que, até 1820, o Uruguai fazia parte do Vice Reinado do Rio da Prata, o que atesta a relevância do autor nas obras e discussões sobre a população

pobre do campo daquela região. Em sua análise sobre as ficções-diretrizes na formação da Argentina, Shumway (2008, p. 103) defende que, além de Hidalgo ter sido pioneiro na identificação do gaúcho como “repositório mítico do genuíno espírito argentino”, foi o primeiro escritor que pensou um modelo de nação populista – nesse caso, federalista – que se contrapunha ao pensamento unitário. O gaúcho era, então, o símbolo de uma Argentina autêntica e a poesia de Hidalgo oferecia às pessoas pobres um lugar na nação que se formava. O público alvo das narrativas de Hidalgo era o mesmo que ele retratava em suas histórias: homens e mulheres pobres do campo, negros e *criollos*. Com *Martin Fierro* (1872), José Hernández também projetou no gaúcho o símbolo nacional argentino. A história do gaúcho, contada em primeira pessoa, retrata um homem vítima do liberalismo argentino: a pobreza e a violência assolam a vida do trovador que não possuía controle de seu próprio destino. Para mostrar os abusos e as desfeitas sofridas pelos gaúchos, Hernández objetivou não somente alcançar a simpatia política com essa classe de indivíduos, mas compreender seu universo cultural: “[...] o poema é muito mais que um panfleto político e um retrato social”, pois sua importância “[...] reside justamente nessa trama entre o individual e o psicológico, o sociopolítico e o artístico” (SHUMWAY, 2008, p. 337).

Esses exemplos indicam que as ideias federalistas, bem como as figuras do gaúcho e do *criollo*, não foram de fato esquecidas ou negligenciadas pela sociedade da época. Nos anos seguintes, a formação das correntes nacionalistas de direita e de esquerda utilizaria esses tópicos populares do passado para legitimar reivindicações políticas do presente e projetos de nação para o futuro. Apesar das diferenças substanciais entre as duas, em ambas podemos notar a admiração por caudilhos, enquanto líderes fortes, e a adoção de uma posição antiliberal. O movimento nacionalista de direita – ou restaurador – possuía raízes hispânicas e católicas e, apesar de ser elitista, era terminantemente contra aquela oligarquia liberal ligada aos interesses estrangeiros⁶³. Os restauradores representavam uma reação às consequências da modernidade, tal qual a secularização, o liberalismo, o

⁶³ O termo “oligarquia” e seus derivados foram usados pelo peronismo como uma forma de condensar todos aqueles que de opunham ao governo de Juan Perón. Como um conceito ampliado, “oligarquia” deixava de representar exclusivamente os membros nascidos em uma determinada família e usufrutuários de determinados serviços para caracterizar todas as pessoas que se posicionavam contra o peronismo, fossem elas das classes altas ou populares. Nesse sentido, um *obrero* poderia ser chamado de oligarca caso não apoiasse J. Perón. O conceito se torna, portanto, político e não mais social.

socialismo e os movimentos operários. Para eles, a democracia representativa liberal era anticatólica e, por isso, incompatível com as instituições e tradições argentinas que foram fundamentadas no catolicismo. Desenvolvido mais tardiamente, o nacionalismo de esquerda, também conhecido como nacionalismo populista, se configurou como uma vertente antielitista e de inspiração marxista, defensora da soberania popular e de reformas econômicas e sociais que visassem à classe trabalhadora argentina.

A Argentina, que desempenhou um papel heroico na libertação de diversos países durante o processo independentista, estava destinada à liderança de todo o continente sul americano. Para cumprir com o seu “destino manifesto”, bastava reencontrar em suas tradições nacionais a forma de libertar seu próprio povo das amarras do estrangeirismo para “[...] conduzi-los ao altar da liberdade” (ANDRADE apud SHUMWAY, 2008, p. 331). Órfãs de um porta-voz exclusivo, as duas vertentes nacionalistas representavam cada qual um conjunto de ideias e atitudes nem sempre bem articuladas entre si, compostas por pessoas de diferentes origens e classes sociais, mas que coincidiam na busca de símbolos e valores do passado para a construção de uma nação soberana.

3.2 História e política na Argentina: o revisionismo histórico

O revisionismo histórico argentino, influenciado pelas correntes nacionalistas, tinha como função desconstruir a “história oficial”, ou “história falsificada”, legitimada pelos grupos liberais que governaram o país durante anos após a Batalha de Caseros. Ao intervir no espaço de encontro entre os mundos cultural e político e a historiografia, os revisionistas procuravam substituir a visão oficial da história por uma mais adequada aos interesses nacionais. Importante sinalizar que os integrantes do movimento em questão nem sempre concordavam entre si. A título de exemplo, a pauta peronista dividia os historiadores revisionistas entre aqueles que apoiavam Juan Perón com o argumento de que ele seria o líder forte destinado a resgatar a nação e outros que se opunham ao projeto peronista alegando a hostilidade de seu caráter popular à autêntica nação argentina. É indiscutível a influência do revisionismo na interpretação peronista da história, mas como veremos na análise de *Mundo Peronista*, a visão justicialista se diferenciava em pontos substanciais da visão revisionista da história, como a valorização positiva dos caudilhos. Rodolfo (1897-1967) e Julio Irazusta (1899-1982), por exemplo,

importantes autores revisionistas, eram terminantemente contrários a Juan Perón, enquanto que os escritores Ernesto Palacios (1900-1979) e Vicente Sierra (1893-1982), igualmente relevantes para o revisionismo, tornaram-se adeptos à causa peronista.

De caráter moralizador, o revisionismo histórico pretendia curar as “feridas do narcisismo argentino”, causadas por anos de identificação com países europeus e os Estados Unidos (QUATTROCCHI-WOISSON, 1995). Os problemas identificados e lançados pelo revisionismo para serem resolvidos no século XX eram a dependência econômica e a democracia liberal como sistema político. Esses também eram os “vasos comunicantes” entre os nacionalistas de direita e esquerda citados anteriormente. Era necessário, portanto, revisar a história e produzir outra versão que despertasse a consciência nacional na futura classe dirigente do país. Essa historiografia revisionista deveria ser aquela capaz de interrogar o passado a partir das questões do presente: a importância da história assumia um novo paradigma indispensável para a projeção do futuro. Para os revisionistas, se as questões do presente mudam com o tempo, então a história deveria ser constantemente reescrita para se tornar inteligível e atender às demandas da sociedade. A estreita afinidade entre história e política era pertinente para esses historiadores dado que “um povo com maturidade historiográfica, e que se permita revisar o passado, será capaz de se governar de maneira satisfatória” (QUATTROCCHI-WOISSON, 1995, p. 186).

Para Tulio Halperin Donghi (1985, p. 10), a exploração do passado nesse momento nasce da necessidade de “ofrecer el aval de la historia para la crítica de la Argentina del presente”. As críticas ao regime democrático liberal, cujos dirigentes não souberam valorizar os interesses da nação e a forma de inserção da Argentina no cenário internacional após a independência, são para o autor os motivos a partir dos quais os revisionistas estruturaram seu projeto de história. A prosa de combate, como indica Alejandro Cattaruzza (2003), é a marca indelével das obras e dos discursos revisionistas e o que os diferencia das correntes historiográficas argentinas anteriores. Já nos anos finais do século XIX, os historiadores argentinos Adolfo Saldías (1849-1914) e Ernesto Quesada (1858-1934) advogavam uma história menos maniqueísta do período rosista, mas o questionamento da visão liberal só ganhou impulso nas primeiras décadas do século XX quando, de acordo com José Luis Bendicho Beired (1999), a sociedade argentina viu seus ideais nacionais ameaçados com a entrada maciça de imigrantes no país e o surgimento

de tensões culturais que perturbavam a ordem social. Apesar do combate à “história oficial”, a proposta revisionista manteve algumas semelhanças com as outras vertentes historiográficas, como a preservação da função social da história – a importância da disciplina histórica na formação da cidadania e da consciência nacional –, os pedidos de reconsideração do federalismo e até mesmo da figura de Rosas por Emilio Ravignani em 1927. Para o historiador, “la política unitaria había sido ‘un mal contra la democracia’, y que ‘el ejercicio de los principios federales produjo la organización’. Era la política rosista, sostenía Ravignani, la que había puesto los cimientos de la organización nacional” (CATTARUZZA, 2003, p. 147).

Ezequiel Adamovsky (2017), em um trabalho sobre criollismo e revisionismo argentino, indica que o surgimento oficial desde último foi determinado, entre os especialistas, em meados do ano de 1934, devido ao aparecimento de obras-chaves sobre o tema, como *La Argentina y el Imperialismo Británico* dos irmãos Julio e Rodolfo Irazusta⁶⁴. O mesmo ano também foi palco de uma comissão, formada desde a província de Santa Fé, para repatriação dos restos de Rosas, que havia morrido na Inglaterra em 1877. Diana Quattocchi-Woisson (1995), por sua vez, desenvolveu uma linha de interpretação na qual a reivindicação do passado rosista, ponto-chave do revisionismo histórico, teve início anos antes da demarcação temporal de Adamovsky. Com a eleição de Hipólito Yrigoyen em 1916, a imagem negativa de Rosas começa a ser questionada: as transformações do governo radical, tais como o sufrágio universal, as eleições sem fraudes e a abertura ao diálogo com as classes trabalhadoras, contribuíram para uma primeira aproximação entre esses dois líderes. Em outras palavras, a atenção aos grupos populares, que para os adeptos do rosismo eram os autênticos argentinos, pois lutavam e trabalhavam em prol do país, tornava Yrigoyen e Rosas semelhantes. Esse retorno da figura de Rosas no século XX deu origem a duas vertentes de interpretação: uma elitista, que destacava a autoridade do caudilho em manter a sociedade sob o seu controle, e uma popular, que valorizava a participação política que Rosas havia proporcionado às camadas populares (ADAMOVSKY, 2017). Nesse sentido, a inserção do caudilho no Panteão Nacional de heróis argentinos seria fundamentada

⁶⁴ Os irmãos Irazusta e outros expoentes do revisionismo histórico argentino, como Ramon Doll e Manuel Gálvez, inauguraram uma nova forma de pensar o século XIX distante da dicotomia “civilização e barbárie” de Sarmiento. Existiam, na corrente revisionista, duas forças políticas antagônicas: os unitários – urbanos, progressistas, ocidentais, preocupados com o desenvolvimento comercial e material do país e despreocupados com os valores morais da sociedade – e os federalistas – possuíam apoio popular, defendiam a terra e a herança *criolla*.

na justificativa de que a época de seus governos foi a mais atraente da história argentina, tendo o “batismo sangrento e doloroso” consagrado o país como uma nova nação. Esses questionamentos acerca de um passado argentino, que viam no rosismo a solução para vários problemas do país, surgem entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, eventos que puseram em reflexão o modo de pensar a história, isto é, quais as maneiras de ler o passado e *o que* ler nesse passado, bem como o modelo liberal de sociedade.

Assim como em outros países, a disciplina histórica na Argentina nasce de uma necessidade política: a criação da nação. Escrever a história nacional era a forma de resgatar o passado comum de um povo, estabelecer tradições e costumes para conformar uma identidade única. No século XIX, a história não era uma atividade restrita aos especialistas – vejamos, por exemplo, o caso de Bartolomé Mitre⁶⁵, autor de obras importantíssimas para a historiografia argentina, como *Historia de Belgrano* e *Historia de San Martín y de la emancipación sudamericana*, mas que não contava com a formação de historiador –, enquanto que durante os governos radicais a ocupação sobre o passado se tornará uma “nobre atividade profissional” sustentada pelo Estado, pela imprensa e pela universidade⁶⁶.

⁶⁵ Considerado o pai da historiografia moderna argentina, Bartolomé Mitre se destacou por ter condensado três pontos essenciais para o trabalho histórico: a erudição, o método crítico das fontes e a criação de esquemas gerais. O modelo historiográfico de Mitre assumiu, sem sombras de dúvida, a acepção liberal e a linguagem romântica, traços significativos da primeira metade do século XIX e que se distanciavam das propostas positivistas dos historiadores europeus da mesma época. Apesar de ter inserido o manejo crítico das fontes e uma notável erudição, não podemos dizer que os trabalhos de Mitre foram fundadores de novas premissas teóricas e metodológicas para a historiografia em geral; conforme Devoto e Pagano (2009), Mitre e seus seguidores eram influenciados por modelos e interpretações de historiadores estrangeiros e adaptavam de forma prática esses postulados na historiografia argentina.

⁶⁶ Longe de ser uma exceção à regra, na Argentina a função de historiador nasceu antes do ofício propriamente dito. Desde o início do século XIX e partindo da premissa de que “não há exercício ilegal da história” (DEVOTO; PAGANO, 2009), quem se ocupava do passado argentino eram cronistas, políticos, poetas, escritores de novelas, jornalistas, advogados, viajantes, historiadores que se formaram em outros países e também pessoas que, por interesse e admiração à história, se auto intitulavam historiadores. Como anteriormente discutido, o interesse em relação à história nasce de uma necessidade política. Nesse sentido, durante o Primeiro Triunvirato, em julho de 1812, e por inspiração de Rivadavia, estabeleceu-se a necessidade de escrever uma obra de história “filosófica de nuestra feliz revolución, para perpetuar las memorias de los héroes, las virtudes de los hijos de América Del Sur, y a la época gloriosa de nuestra independencia civil” (QUATTROCCHI-WOISSON, 1995, p. 69). Alguns anos depois, em 1843, um grupo de argentinos, exilados em Montevideu por ocasião do governo de Rosas, fundou o *Instituto Historico y Geográfico Nacional*, sob a premissa de buscar na história exemplos, modelos e justificações para o presente argentino. Todavia, o instituto não recebeu o apoio necessário para sua perpetuação. Treze anos mais tarde, Bartolomé Mitre deu início ao *Instituto Historico y Geografico del Río de la Plata* em Buenos Aires, mas de forma semelhante ao projeto dos exilados no Uruguai, a organização fracassou devido às intensas disputas no campo social e político da época. Já na última década do século, Mitre criou a *Junta de Numismática Argentina* (1893), rebatizada duas anos depois em *Junta de Historia y Numismática*. Em 1938, presidida pelo historiador Ricardo Levene, a *Junta* se transformou na *Academia Nacional de*

Quattrocchi-Woisson (1995) define o revisionismo como um movimento de oposição, uma contra-história formada a partir da institucionalização de uma contra-memória. Em outras palavras, se a história profissional era, naquele momento, a padronização de uma determinada memória social, a contra-história simbolizaria a formação de uma memória antagônica. Para que esses fenômenos existissem era preciso, portanto, que houvesse a memória dos vencidos, isto é, aqueles que foram desprezados pelo liberalismo argentino e oprimidos pelo Estado.

Em 16 de junho de 1938, fundou-se o *Instituto Juan Manuel de Rosas*, formado por “simpatizantes da nova consciência argentina”, cujo objetivo era “colocar na ordem do dia a obra de restauração nacional que o país exige: o estudo do rosismo” (QUATTROCCHI-WOISSON, 1995, p. 163). Por meio da *Revista del Instituto de Investigaciones Históricas Juan Manuel de Rosas*, publicada pela primeira vez em janeiro de 1939, o instituto divulgava artigos e conferências de cunho revisionista e comunicava aos leitores suas atividades. Além disso, publicava folhetos e livros de autores revisionistas como Vicente D. Sierra, Ernesto Palacios, Ramon Doll (1896-1970), José María Rosa (1906-1991), entre outros. Importante ressaltar que nesse primeiro momento o revisionismo histórico esteve diretamente influenciado pela corrente nacionalista de direita: para justificar, por exemplo, o autoritarismo dos projetos políticos do presente e a incapacidade das classes subalternas de se governarem – por isso a necessidade de um líder forte cuja origem estaria nas elites letradas e não na classe popular – recorria-se à história em busca de respaldo (BEIRED, 1999). A nação argentina não precisava ser criada no presente, mas resgatada no passado, onde se comprovava nos anos *rosistas* de que a valorização das tradições hispânicas era o único caminho para a (re)consolidação da nação. O derrocamento de Rosas em 1852 inaugurou o período da história argentina marcada por crises políticas e econômicas permanentes que só seriam apaziguadas, para alguns revisionistas, a partir do governo de Hipólito Yrigoyen ou somente com a eleição de Juan Perón. Apesar da profunda presença dos ideais revisionistas na sociedade argentina, eles não foram absorvidos de fato por nenhum governo; a vitória revisionista foi, na verdade, simbólica, uma vez que o campo de

Historia, expoente da historiografia oficial ou mitrista. Ainda em Buenos Aires, em 1896 foi criada a *Facultad de Filosofía y Letras*, que se tornou a responsável pela formação de professores de história e da pesquisa histórica no país. Já no século XX, os historiadores em torno da chamada *Nueva Escuela Histórica* – mas que se ocupava de velhos problemas ainda não solucionados pela historiografia tradicional – deram origem ao *Instituto de Investigaciones Historicas* em 1921.

atuação dessas convicções se restringiu à imprensa, encontrando escasso espaço nas universidades.

3.2.1 *Revisionismo histórico e peronismo: semelhanças e distanciamentos*

Com o advento do peronismo, as referências ao passado nos discursos políticos argentinos, que já eram comuns, foram intensificadas. Como discutido anteriormente, mencionar o passado era uma forma de justificar o presente e, por meio de uma pedagogia patriótica empreendida pelo Estado, o povo seria educado de acordo com a nova identidade nacional. O peronismo acreditava estar criando fórmulas originais, como o retorno aos valores *criollos*, a exaltação do gaúcho, o rechaço ao imperialismo e a defesa da soberania nacional do país, quando na verdade elas já existiam no imaginário revisionista. É neste ponto que Quattrocchi-Woisson (1995) constata o revisionismo como antecedente cultural do movimento de Juan Perón. Esse nacionalismo corrente, que se diferenciava do “nacionalismo cosmopolita” dos liberais que importavam padrões, era a recuperação da verdadeira argentinidade fundamentada nas raízes populares do país. Para os peronistas, o zelo pela pátria não deveria estar limitado à escolha de candidatos ou ideologias, mas nos comportamentos e escolhas do dia a dia: era necessário viver, sentir, produzir e consumir como um argentino. A importância dada ao sentimento de argentinidade foi tanta que ser argentino e ser peronista passaram a ter o mesmo significado. O projeto de peronização da Argentina objetivava estabelecer as concepções peronistas para além dos espaços corriqueiros da política. A educação, a família, a infância, o papel das mulheres, as atividades de lazer e os esportes, são exemplos de setores nos quais o peronismo ampliou seu domínio criando padrões, valores e comportamentos próprios. A dicotomia “peronistas/antiperonistas”, aqueles que se importavam com a nação e aqueles que a marginalizavam, recorda o pensamento de Mariano Moreno citado no começo desse capítulo. Não havia espaço para o inimigo, para aquele que não estivesse de acordo com os desejos da nação; assim, ser antiperonista era ser anti-argentino, isto é, a representação dos interesses e de projetos que não valorizavam o país.

La nueva identidad nacional propuesta por el peronismo era como ellas [las masas], tumultuosa, apartadas vigorosamente del pasado reciente, de los hombres políticos tradicionales y solemnes, de los diarios clásicos y de su estilo intelectual, rígido y formal. Esta nueva nacionalidad era insolente, emotiva y primaria – Eva Perón era quizás su mejor expresión –. Conservaba su estilo campechano y

reivindicaba su sentido de la solidaridad – la ‘gauchada’ – pero si la ocasión lo exigía, podía volverse descarada, violenta e y, de vez en cuando, incontrolable. (QUATTROCCHI-WOISSON, 1995, p. 228).

Esse retorno ao passado empreendido pelo peronismo abriu espaço para a comparação entre Juan Perón e Rosas. Para os adeptos do primeiro, a aproximação era bem vista, pois assim como Rosas, o líder justicialista defendia a nação dos interesses estrangeiros e se voltava para as massas. Já para os opositores, o governo peronista simbolizava uma segunda tirania – ou a terceira, considerando que alguns autores nacionalistas de direta caracterizavam o governo de Yrigoyen como a segunda tirania – que representava o atraso e a violência. Mesmo com as inúmeras discussões em torno do revisionismo histórico durante os anos peronistas, como no parlamento⁶⁷, por exemplo, J. Perón buscou manter distância de comparações com personagens históricos, principalmente em relação a Rosas. De acordo com a análise de Silvia Sigal e Eliseo Verón (2014), a história passava por um processo de “decomposição progressiva” que culminou em 4 de junho de 1943, momento no qual J. Perón, na condição de soldado, se retira do quartel para atender ao chamado da sociedade. Nesse sentido, o presidente não possuía outra história que não fosse a do exército. O líder justicialista entrou no campo político argentino da mesma forma como San Martín cruzou os Andes: alguém que veio de fora para restituir a ordem; um indivíduo que, por anos, observou as transformações políticas para que no momento ideal agisse a favor da nação e cumprindo com o seu destino. Para Quattrocchi-Woisson (1995), todavia, a tentativa de “anulação da história” por parte do mandatário da nação não se manteve por muito tempo, uma vez que tanto adversários quanto apoiadores precisavam localizar e definir na tradição argentina o emergente movimento político. A autora, portanto, sustenta que a história do país foi

⁶⁷ Os debates entre parlamentares acerca da história e da universidade são exemplificados por Quattrocchi-Woisson (1995) nas figuras de Emilio Ravignani (deputado radical) e Diego Molinari (senador peronista) no ano de 1946. Ambos eram professores de história na Universidade de Buenos Aires e faziam parte do *Instituto de Investigaciones Historicas*. Enquanto Molinari fazia uso da condição de historiador para defender seus posicionamentos revisionistas na Câmara, Ravignani, que estava na direção do instituto desde 1930, optava por manter a organização longe dos debates políticos que acercavam a história e preocupava-se mais com a intervenção do governo peronista nas universidades. Entretanto, contrariando sua postura permanecer longe da “atualidade e pressões da vida cotidiana”, Ravignani comparava a falta de liberdade no ensino superior com a época de Rosas, evidenciando sua interpretação negativa sobre aquela etapa da história argentina. Pressionado, o diretor do *Instituto* renunciou e quem o substituiu foi Vicente D. Sierra, historiador revisionista, mas que mantinha boas relações com Ravignani. Todavia, a direção de Sierra não se mostrou produtiva e Diego Molinari, revisionista cuja relação com Ravignani não era amistosa, tornou-se diretor do *Instituto* até 1955. Após o derrocamento de J. Perón, Emilio voltou sem maiores dificuldades a assumir seu antigo cargo no instituto.

reativada com a experiência peronista, tornando a separação entre passado e presente mais problemática.

Apesar das semelhanças entre o peronismo e o revisionismo histórico – a adesão de membros desse último ao movimento peronista e, em contrapartida, a assimilação das ideias revisionistas por apoiadores peronistas –, o distanciamento entre esses dois atores se revela, talvez, de forma mais acentuada que as aproximações. De acordo com Cattaruzza (2003), por exemplo, a nomeação das novas estações ferroviárias após a nacionalização empreendida pelo governo peronista revelou nomes de políticos da tradição liberal, como Manuel Belgrano, Bartolomé Mitre, José Justo de Urquiza, entre outros; nos livros escolares, suporte utilizado para a propagação do peronismo, não havia menção ao rosismo e se priorizava a importância de San Martín; a valorização do trabalhador, por sua vez, não esteve vinculada completamente ao *criollo* ou ao gaúcho, havendo espaço para o trabalhador urbano, o *descamisado*.

Se alguns autores revelam a relativa despreocupação de J. Perón com os antecedentes históricos, parte de seus seguidores tinham a necessidade, por outro lado, de indicar a trajetória histórica do movimento, como é o caso de Eva Perón ao escrever uma série de artigos reunidos na obra *Historia del Peronismo* e outras publicações de *Mundo Peronista*. Uma hipótese a ser comprovada pela análise da revista neste capítulo, a partir desse argumento, é de que, com o avanço da crise econômica na década de 1950 e o crescente descontentamento frente ao autoritarismo de J. Perón, o governo deveria recorrer a novos meios de legitimação do movimento. Encontrar no passado as justificativas para o presente foi uma forma de legitimar o peronismo em um momento de aprofundamento da crise que terminaria com o derrocamento de Juan Perón em setembro de 1955.

3.3 Eva Perón historiadora e a “inteligencia del corazón”

Entre 1º de agosto e 15 de dezembro de 1951, *Mundo Peronista* publicou uma série de dez artigos intitulados *Historia del Peronismo* na seção *Escuela Superior Peronista*, destinada à divulgação de assuntos mais teóricos para a formação de seus leitores. Os artigos, que ocupavam entre cinco e seis páginas, foram o resultado das aulas ministradas pela “professora extraordinária: señora Eva Perón” no primeiro semestre do mesmo ano nas dependências da Escola. A cátedra da escola, ocupada desde sua criação por Eva Perón, não foi atribuída a nenhuma

outra pessoa depois de sua morte. Na verdade, a disciplina, fundamental na formação de dirigentes peronistas, passou a ser apenas coordenada por outros docentes da ESP, como Raul Mendé, que reproduziam as gravações das aulas anteriores e depois discutiam o conteúdo com os alunos (LEUZZI, 2016). Quando a Editora *Mundo Peronista* foi criada em 1952, as versões taquigrafadas das aulas *Historia del Peronismo* foram transformadas em um livro homônimo vendido diretamente na ESP ou por meio de encomendas direcionada à revista, que o enviava para todo o país.

As aulas de Eva Perón possuíam um objetivo concreto desde o início: narrar “el extraordinario capítulo de esta historia que estamos viviendo y que las generaciones venideras sabrán apreciar, porque en él estamos construyendo la grandeza de la Nación” (MUNDO PERONISTA, 02, p. 45, 01/08/1951). Portanto, a história do movimento peronista estava em curso e aquele ou aquela que quisesse escrevê-la deveria, de acordo com Eva, conhecer a história nacional e universal e, mais importante ainda, amar a causa de J. Perón. A primeira-dama afirmava estar ciente de que, ao ministrar essas aulas, poderia ser desqualificada pelos “críticos de la historia”, que advogavam o distanciamento dos historiadores de qualquer paixão fervorosa ou fanatismo. Partindo da intuição inerente a toda mulher, isto é, da “inteligencia del corazón”, Eva Perón não pretendia escrever uma história isenta de todo o apreço que sentia pelo movimento e pela pessoa de Juan Perón. Se o peronismo era, antes de qualquer ação, algo que se sentia, então a história peronista deveria ser contada com base originalmente nesse amor à causa do líder justicialista⁶⁸. Paralelamente, Eva também objetivava que com as aulas seus alunos aprendessem a querer a J. Perón cada vez mais. Além disso, essa história era um “tema eminentemente partidario”: aqui, mesmo que Eva admitisse a existência de outras versões da história do peronismo, em nenhuma delas haveria espaço para a neutralidade. A presença da dicotomia entre conceitos inconciliáveis, nesse caso *peronistas/antiperonistas*, mostra-se também na escrita da história do movimento por Eva Perón. Adeptos ou opositores, um ponto, porém, que ninguém poderia ignorar

⁶⁸ “O peronismo é um humanismo em ação; o peronismo é uma nova concepção que descarta todos os males da antiga política; é uma concepção [baseada] no social, que iguala um pouco os homens, que lhes outorga iguais possibilidades e lhes assegura um futuro para que nesta terra não haja ninguém que não tenha o necessário para viver... E o peronismo não se aprende, não se diz, se sente ou não se sente. O peronismo é uma questão de coração mais do que cabeça [...]” (PERÓN, 1949 apud CAPELATO, 2009, p. 175).

era de que o povo quis a J. Perón desde o primeiro momento (MUNDO PERONISTA, 02, p. 46, 50, 01/08/1951).

Conjuntamente, foram feitas algumas considerações de cunho mais teórico sobre a compreensão da história. Para Eva, a história não possuía características de um caminho linear, pois, em contrapartida, era formada por irregularidades como vales e montes: os primeiros representavam os ciclos vazios dos povos que lutavam incessantemente, mas sem ideais e propósitos concretos; já os montes correspondiam àqueles momentos nos quais um líder encontrava um povo e passava a conduzi-lo com destino à felicidade. Outrossim, a primeira-dama elencava duas formas de se entender a história da humanidade: a individualista e a coletivista. A primeira era a crença de que a história seria feita apenas pelas grandes personalidades; já a segunda defendia que a história era uma obra exclusiva dos povos. A concepção peronista da história, não obstante, seria uma junção desses dois modelos, pois um povo, por melhor bem intencionado que fosse, não avançaria sem um líder adequado e este, por sua vez, não poderia liderar se não houvesse um povo disponível. Por esse ângulo, um povo justo e um líder forte estariam destinados a se encontrarem para formar a nação que ambos aspiravam, independente do tempo decorrido para que isso acontecesse. Ao se encontrarem, essas personagens iluminariam o século com suas realizações de forma a se destacarem dos demais e se tornarem exemplos a serem seguidos (MUNDO PERONISTA, 02, p. 48, 01/08/1951). Aqui, observamos aquela ideia de “destino manifesto argentino” do século XIX tratada anteriormente, na qual a Argentina estaria designada a se transformar em uma grande nação modelo para os povos vizinhos. O desenvolvimento da história argentina significava o cumprimento dessa circunstância predeterminada, ou seja, a materialização da grandeza nacional – resguardada pelas tradições *criollas* – que, para a publicação, ocorreu com a chegada de Juan Perón à presidência. Nesse sentido, o peronismo era a consolidação do processo histórico que determinaria de vez uma Argentina poderosa, independente e exemplar, cujos antecedentes se localizavam no passado.

Os caudilhos foram recordados por Eva em um breve parágrafo de oito linhas que nos chama atenção devido às discussões daquela época sobre as aproximações entre J. Perón e a figura de Juan Manuel de Rosas. Essas lideranças políticas do século XIX eram aquelas que exploravam homens humildes e utilizavam de posições de prestígio para servir aos interesses “mezquinos y bastardos”

(MUNDO PERONISTA, 02, p. 49, 01/08/1951). Ao consolidarem sua autoridade, se esqueciam do povo que o apoiou ou poderiam, de acordo com Eva, ser aquele tipo de governante que nunca havia feito questão de conhecer seu próprio povo. Apesar do posicionamento negativo ao caudilhismo, a primeira dama não fez referência a nenhum caudilho em particular. Todavia, ressaltando o trecho no qual são mencionados os “interesses mesquinhos e bastardos” desses líderes políticos, compreendemos que essa alusão se relaciona àqueles políticos que preferiam – ou não suprimiam a importância da participação estrangeira nos assuntos nacionais – defender os interesses estrangeiros às questões argentinas.

Por que voltar ao passado para explicar uma questão tão contemporânea quanto o peronismo? Segundo Eva Perón, recorrer aos acontecimentos anteriores ao movimento atestava que em nenhuma outra época havia existido um líder político “con los quilates del general Perón” (MUNDO PERONISTA, 02, p. 48, 01/08/1951)⁶⁹. Por isso, o peronismo – “la cumbre de un largo camino” e a mais alta etapa da história argentina (MUNDO PERONISTA, 03, p. 47, 15/08/1951) – não poderia ser entendido sem o estudo detalhado da história universal, na qual estariam os antecedentes e precursores do movimento. Os ideais filosóficos que inspiravam o movimento originaram-se das filosofias gregas de Sócrates (469 a.C.-399 a.C.), Platão (427 a.C.-347 a.C.) e Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.). Do primeiro expoente grego o peronismo herdou o desejo de que os homens fossem unidos e bons uns com os outros; assim como Sócrates, o peronismo predicava a igualdade e irmandade entre a população a fim de conformarem uma só classe, definida pela doutrina peronista como aquela das pessoas que trabalham. De forma análoga, Platão e Aristóteles transmitiam ao movimento argentino o entendimento de que a justiça era uma virtude fundamental do homem que vive em sociedade. Os três filósofos gregos, contrários às ideias sofistas, acreditavam que a virtude não poderia ser ensinada, estando ligada a excelência moral de cada indivíduo. Nesse sentido, corrobora-se a ideia de que o povo argentino, virtuoso e culto desde sua formação, estaria destinado a formar a maior e mais forte nação do continente americano. Após

⁶⁹ Nessa mesma edição, foram definidas as três categorias de homens no mundo: os medíocres, representados pela oligarquia, eram aqueles que tomavam apenas aos caminhos já conhecidos, pois tinham aversão às coisas novas e em nome da cautela e prudência não conseguiam se comprometer com ideias originais e amá-las; os homens superiores – os peronistas – buscavam sempre caminhos novos, acreditavam que o amor e o fanatismo pela causa eram sinais de sabedoria e, se necessário, eram capazes de doarem-se até o sacrifício; por último, havia os homens extraordinários, que apesar de poucos, apontavam caminhos e marcavam a história com suas inovações. Eram os filósofos, os artistas e os condutores políticos como Juan Perón (MUNDO PERONISTA, 03, p. 46, 15/08/1951).

diversas tentativas frustradas pelos interesses oligárquicos, a Argentina finalmente havia se encontrado com aquele que, da mesma forma, estava predestinado a ser o maior líder de seu tempo. Indo além, Eva Perón afirmava que a grandeza do movimento peronista o levaria a se tornar o ponto mais alto – inspirador – de toda a humanidade e sua história. Para além de um movimento político, o peronismo era o “movimento espiritual” que melhor realizava as ideias dos filósofos e condutores anteriores (MUNDO PERONISTA, 03, p. 48, 15/08/1951).

Figura 18 - *Historia del Peronismo* publicada na seção *Escuela Superior Peronista*



Fonte: Mundo Peronista, 04, p. 45, 01/09/1951.

Embora o considerasse único, Eva admitia que o movimento de J. Perón possuía precursores desde a Antiguidade. Licurgo (800 a.C.-730 a.C.), legislador de Esparta, foi considerado, pela primeira-dama, o primeiro justicialista da humanidade por compreender que a terra deveria ser daquele que nela trabalhava. Em seguida, mas sem especificar os motivos de cada um para terem se tornados precursores, Eva Perón pontuou líderes e governantes de outras épocas que, a despeito de serem acusados de se desviarem do caminho, aspiravam ao bem comum de seu povo e eram relevantes por serem criadores, isto é, não se contentavam com as ideias e modelos de sociedades que já existentes. Os exemplos citados foram o

pensador chinês Confúcio (551. a.C.-479 a.C.), o rei Alexandre Magno (356 a.C.-323 a.C.), o frade católico São Tomás de Aquino (1225-1274), o filósofo genebrês Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), o líder militar francês Napoleão Bonaparte (1769-1821) e o filósofo prussiano e socialista Karl Marx (1818-1883)⁷⁰.

Pensamos también que precursores del peronismo fueron, sin duda, otros hombres extraordinarios de la jerarquía de los filósofos, de los creadores de religiones o reformadores sociales, religiosos o políticos, y también de los conductores. Y yo digo precursores del peronismo, porque, como dije antes, nosotros hemos aceptado de las doctrinas y de los grandes hombres [...] Pero lo grande de Perón es que ha tomado de cada doctrina los conceptos humanos, los conceptos de la seguridad social, los conceptos del respeto a las leyes, los conceptos de la igualdad y de una sola clase. (MUNDO PERONISTA, 03, p. 48, 15/08/1951).

Em setembro de 1951, os dois números de *Mundo Peronista* trouxeram os artigos alusivos a terceira e quarta aula que se complementavam, pois tratavam de assuntos referentes ao povo. Nessas publicações, Eva Perón desenvolveu mais duas categorias para se pensar a história: a “massa” e o “povo”. Ao passo que as massas eram compostas por pessoas exploradas, violentas, desprovidas de consciência coletiva e social e, por isso, facilmente manipuladas, o povo era a categoria com consciência, personalidade e organização social e política que se dedicava a uma causa e a amava. Essas três características essenciais tornavam o povo um grupo livre e capaz de pensar e sentir sobre sua própria realidade. A história do peronismo era, também, a história de luta de uma massa sofrida e oprimida pela oligarquia que se transformava em povo. O objetivo de J. Perón ao se encontrar com a massa argentina era justamente de dotá-la de ensinamentos e sentimentos que a transformasse num grupo coeso em prol de uma causa justa – a peronista. Eva reiterava que todo movimento popular foi, de alguma forma, um precursor do peronismo, ainda que não tivesse alcançado a plenitude da qual a Argentina peronista gozava naquele momento. Nesse sentido, o primeiro capítulo da história das massas – o percurso de lutas para se tornarem um povo – foi a Revolução Francesa, momento no qual as massas daquele país lutaram, pela

⁷⁰ No artigo publicado em 01/10/1951, Eva Perón explicou não se importar com a possibilidade das pessoas não se recordarem de todos os precursores do peronismo, conquanto soubessem quais as ideias que o peronismo havia herdado. O objetivo de estudar a história universal era de buscar as raízes do peronismo e nesse ponto ratificamos o personalismo do movimento, cujo foco era unicamente Juan Perón. Ainda que outros líderes tenham sido importantes e que pensadores anteriores tenham contribuído para a construção da doutrina peronista, J. Perón era o criador de uma nova nação, o gênio inexplicável que cumpria com sua missão ao conquistar a dignidade para o povo argentino.

primeira vez, em busca de sua autonomia. Apesar da boa intenção de seus participantes, os erros cometidos no percurso e a falta de um líder que os guiassem de forma honrada resultaram na “tiranía de Robspierre” (MUNDO PERONISTA, 04, p. 48, 01/09/1951). Os emblemas “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” eram, de acordo com a revista, palavras charmosas, ditas por “intelectualoides”, que não se realizaram de forma integral (MUNDO PERONISTA, 05, p. 47, 15/09/1951). Semelhantemente, a Revolução Russa também não pôde atingir seu objetivo de libertar as massas exploradas das forças opressoras pelos mesmos motivos. Para Eva Perón, mesmo que ambas as revoluções tenham sido movimentos de massas desorganizadas que não atingiram seu objetivo, contribuíram para a formação de uma consciência social indispensável para que “la hora de los pueblos” se realizasse algumas décadas depois (MUNDO PERONISTA, 04, p. 49, 01/09/1951).

A derrota das massas nas revoluções citadas acima poderia ser explicada pelo espírito oligárquico, isto é, por tudo aquilo que se opunha ao povo e ligava-se à soberba, vaidade e ambição. Tomando como exemplo a situação argentina, Eva Perón se mostrava convicta de que a oligarquia que protestou no dia 12 de outubro de 1945 pela prisão de Juan Perón foi derrotada cinco dias depois, mas que o espírito oligárquico desse episódio ainda poderia encontrar novos adeptos. Foi assim, por exemplo, com a Revolução Francesa, quando a burguesia assumiu a direção do movimento e a população continuou sendo explorada da mesma forma como era antes pela aristocracia. Outros casos da ação do espírito oligárquico na história foram, por exemplo, quando os patrícios governaram Esparta e Atenas e na época em que os senhores feudais exploravam os mais desfavorecidos. No século XX, os exemplos mais nítidos eram a oligarquia capitalista de Wall Street e a oligarquia comunista que atuava desde Moscou. Em ambas, não era feito o que o povo queria, mas estabelecido somente aquilo que ele deveria fazer, ou seja, o espírito oligárquico continuava se sobrepondo ao espírito do povo, formado pela sinceridade, generosidade, desinteresse – no sentido de abnegação – e humildade (MUNDO PERONISTA, 05, p. 48, 15/09/1951)⁷¹. Para que a vitória peronista – o primeiro triunfo do povo na história – não se malograsse como a da Revolução Francesa, por exemplo, os dirigentes justicialistas não poderiam permitir ser influenciados pelo espírito oligárquico. Em vista disso, eles deveriam se basear no

⁷¹ As palavras “massa” e “povo”, apesar de terem significados diferentes, são usadas indefinidamente por Eva Perón no decorrer nos artigos analisados. Por uma questão de coerência e rigor, optamos por usar as palavras da forma como estão dispostas nas discussões que aparecem na fonte.

amor profundo pelo povo e por J. Perón, sustentados por valores espirituais como o sacrifício e a renúncia. A organização do povo peronista empreendida por J. Perón não se assemelhava, todavia, à atitude de um militar que “adestra” seus soldados para servir à pátria, como fizeram os regimes totalitários. Diferindo o movimento argentino do nazismo e do comunismo, Eva alegava que o peronismo favorecia a organização popular por meio das agremiações e sindicatos para que o Estado servisse o povo e não o contrário, além de prezar pela autonomia dos trabalhadores (MUNDO PERONISTA, 05, p. 48, 15/09/1951).

Se a guerra contra os totalitarismos nazifascistas havia terminado, o confronto entre capitalismo e comunismo, os dois maiores perigos para a humanidade, estava apenas começando (MUNDO PERONISTA, 07, p. 44, 15/10/1951). Nas edições de número seis e sete, a *Historia del Peronismo* tratou de discorrer sobre a história desses dois modelos antagônicos mas igualmente nocivos para a humanidade. De acordo com Eva Perón, o modelo capitalista nasceu na Inglaterra em meados de 1700 com a criação da máquina a vapor. A partir de então, o mundo passou a testemunhar a acumulação de capital nas mãos de poucos indivíduos que se enriqueciam cada vez mais à custa dos homens humildes que eram explorados. Na Argentina, o modelo capitalista entrou pacificamente entre anos de 1806 e 1807, apesar do desconforto causado pelos ingleses (MUNDO PERONISTA, 06, p. 48, 01/10/1951). Esse período exposto por Eva coincide com as invasões inglesas durante os prelúdios da independência argentina. O apoio da Inglaterra para que a Argentina se emancipasse da Espanha não significava que os ingleses apoiassem piamente a democracia republicana sonhada pelos liberais portenhos. Com efeito, a América do Sul era visualizada como um importante local para os interesses econômicos e políticos ingleses. Todavia, foi após a década de 1850 – provavelmente após o derrocamento de Rosas – que a doutrina capitalista dominou o país, desenvolvendo, de acordo com a revista, três tipos de representações em solo argentino: o supercapitalismo – ou imperialismo – que exportava toda a riqueza do país; o capitalismo interno que explorava os trabalhadores e a oligarquia que colaborava com os capitalistas estrangeiros em nome da liberdade (MUNDO PERONISTA, 06, p. 48, 01/10/1951).

Por conta de toda a exploração causada pelo capitalismo, os trabalhadores começaram a ser organizar para impedir o prolongamento da tormenta capitalista. Nesse sentido, para Eva Perón o comunismo era uma consequência direta do

capitalismo, pois a exploração desenfreada deste último originou a doutrina comunista, outro extremo da política que deveria ser evitado com o mesmo empenho. Outrossim, a primeira dama indicava não ter sido Karl Marx o inventor do comunismo – originado, também, na Inglaterra, berço do capitalismo –, mas quem o interpretou e tentou dar sentido à rebeldia dos trabalhadores (MUNDO PERONISTA, 07, p. 46, 15/10/1951). Ainda que seu papel tenha sido importante, Marx não se fez entender entre os trabalhadores e acabou causando mais divisões quando surgiu o socialismo, que para a revista era uma versão mais atenuada dos preceitos comunistas. Para o peronismo, ao ter se empenhado na destruição do sistema capitalista, o comunismo se tornou outro tipo de imperialismo igualmente perigoso e explorador do povo: se o capitalismo explorava em nome do indivíduo, a ilusão comunista era respaldada a partir do Estado. Em suma, conforme explicou Eva Perón, o comunismo se fez mais pela premissa daquilo que iria destruir do que pela promessa de construção, tornando-se o outro lado do espectro político a ser igualmente ser evitado junto com o capitalismo (MUNDO PERONISTA, 07, p. 47, 15/10/1951).

Os artigos de número oito, nove, dez e onze, que finalizam o curso de história sobre o peronismo, coincidem com o agravamento da saúde de Eva Perón. Em novembro de 1951, a primeira-dama foi internada no Policlínico Presidente Perón para uma cirurgia em decorrência da ineficácia das sessões de radioterapia no tratamento do câncer de útero. Entre esse período e sua morte em julho de 1952, Eva pronunciou apenas um discurso desde o balcão da Casa Rosada – em 1º de maio de 1952 – e não retornou mais ao seu cargo no Ministério do Trabalho. Passava por frequentes transfusões de sangue e a recomendação médica era de que ficasse em repouso absoluto (NAVARRO, 1994). As publicações finais de *Historia del Peronismo* diferem-se das primeiras por serem mais laudatórias à figura de Juan Perón e do movimento e por se assimilarem aos conteúdos de *La Razón de Mi Vida*. Todavia, essa constatação não nos exime de analisar um tópico relevante presente nesses artigos: a relação e a importância entre a história peronista e a história nacional argentina.

Partindo sempre do presente para o passado, Eva Perón estabeleceu o dia 27 de novembro de 1943 como a data de nascimento do peronismo, em decorrência da criação da Secretaria do Trabalho e Previdência por Juan Perón. Apesar de o peronismo ter nascido durante a Revolução de 4 de junho do mesmo ano, os dois

movimentos não se assemelhavam por completo: enquanto a causa defendida pelo governo do GOU era de cunho político, visando apenas a reforma política, o peronismo aspirava salvar o país mediante reformas políticas, econômicas, sociais e patrióticas (MUNDO PERONISTA, 07, p. 44, 15/10/1951), ou seja, dignificar de forma completa o povo argentino que esperava há décadas por esse momento. A história do peronismo era a coroação definitiva de toda a história nacional, a síntese de todas as lutas do povo para alcançar a felicidade e a grandeza prometidas. Essa realização só se tornou possível quando o peronismo transformou a massa marginalizada e explorada em um povo socialmente justo, economicamente livre e politicamente soberano, tal como já haviam sonhado os próceres da independência argentina San Martín e Manuel Belgrano. Ora, nesse sentido, a história da emancipação parecia se repetir na “idade peronista”: “algunos nos acusan de comparar nuestros hechos victoriosos con los suyos. Es que cualquier argentino que hace una obra de bien, ha de sentirse orgulloso de querer compararse con los héroes de la nacionalidad” (MUNDO PERONISTA, 11, p. 47, 15/12/1951). Nessa perspectiva, Eva Perón chamava atenção para o fato do peronismo não ser uma simples repetição da história argentina do século XIX, mas o movimento que retomava o caminho perdido na sombra de um século de fraude e traição pelos grupos oligárquicos.

Sem o peronismo, então, a história nacional estaria incompleta. A grandeza do movimento indicava a vocação histórica dos peronistas em servir não somente ao país, mas ao mundo todo. Da mesma forma como San Martín pertence à América inteira por ter colaborado com a emancipação de diversos países do continente, Juan Perón pertencia ao mundo todo por ter lançado sua doutrina de justiça e amor capaz de salvar a humanidade dos perigos do comunismo e do capitalismo. Portanto, a história peronista completava as lacunas da história nacional: o processo de independência iniciado em 25 de maio de 1810 se relacionava à apresentação do I Plano Quinquenal em 17 de outubro de 1947, que visava à recuperação das riquezas argentinas perdidas no exterior; já o dia oficial da independência política argentina, 09 de julho de 1816, seria atualizado 131 anos depois em ocasião da Declaração da Independência Econômica em Tucumán; finalmente, a “coroa de glória” da Constituição de 1853 foi concretamente oferecida pela Reforma Constitucional de 1949, tendo como resultado a Constituição Justicialista. O mesmo povo que lutou pela liberdade do país entre 1810 e 1816 podia se ver na multidão

presente no *Cabildo Abierto del Justicialismo* em 1951, exemplo da vontade popular que era, enfim, concretizada (MUNDO PERONISTA, 11, p. 48, 15/12/1951).

Necesita fuego para incendiar el corazón de los mediocres, fuego de fanatismo para terminar con la prudencia de los que quieren seguir siempre así, como ahora, y con el exceso de sabiduría de los que no comprenden que pueda haber ideales y sentimientos superiores.

[...]

Seremos entonces como chispas del gran meteoro de Perón, que está iluminando este siglo peronista de la Historia Nacional y Universal, pues, como los genios, Perón es un meteoro que se quema para alumbrar su siglo. (MUNDO PERONISTA, 11, p. 49, 15/12/1951).

O registro taquigráfico do curso *Historia del Peronismo*, ministrado nas dependências da ESP por Eva Perón em 1951⁷², relacionava-se com o objetivo do centro de formação em documentar e arquivar todas as produções dos líderes peronistas, bem como de outros autores simpáticos ao movimento, que ficariam à disposição para eventuais consultas. Três anos após a primeira publicação das versões taquigráficas do curso de Eva, *Mundo Peronista* reeditou os conteúdos dessas versões e do livro homônimo que foi publicado no ano de 1952. Essas novas publicações, que apareceram no dia 15/03/1954 e se estenderam até 15 de janeiro de 1955, estavam localizadas no terceiro tópico da seção *Escuela Superior Peronista*, intitulado *La palabra de Eva Perón*. Juntamente com trechos citados de forma literal, os artigos, que não ocupavam mais que uma página, traziam sínteses feitas pela própria revista – sem indicação de autoria – que contextualizavam e reorganizavam os assuntos em cada edição. Acreditamos que a republicação de *Historia del Peronismo* perseguia duas finalidades: a primeira, de manter viva a memória de Eva Perón ao reproduzir seus discursos e suas obras após seu falecimento; a segunda relaciona-se com o agravamento da crise político-econômica que enfrentava o governo peronista naquele momento, favorecendo o aumento da pressão dos grupos opositores em todos os âmbitos da sociedade. Em vista disso, era preciso intensificar a propaganda do governo e a difusão de suas ideias para manter seus apoiadores e, de acordo com a revista, dar a todos os peronistas as armas necessárias para se lutar pela causa de J. Perón (MUNDO PERONISTA, 03, p. 38, 15/08/1951). A nossa análise, neste momento, se concentrará, todavia, menos

⁷² De acordo com levantamento de informações da fonte e da bibliografia consultada, o curso teve início ainda no primeiro semestre de 1951. Em 01/07/1954, a revista revelava que o conteúdo publicado na seção *La palabra de Eva Perón* era referente à aula do dia 12/04/1951. Ademais, a disciplina era ministrada nas terças, quartas e quintas-feiras no período vespertino após as 16h (LEUZZI, 2016).

nas palavras da primeira-dama – que já foram descritas anteriormente – e mais nas intervenções feitas pela própria revista, a fim de encontrarmos novas contribuições para o objeto de estudo desse capítulo, isto é, os usos que *Mundo Peronista* fazia da história para a legitimação do peronismo.

Figura 19 - La palabra de Eva Perón, espaço onde *Historia del Peronismo* foi reeditado



Fonte: Mundo Peronista, 68, p. 46, 01/07/1954.

Como uma mulher que amava fanaticamente o povo e J. Perón, Eva Perón era apresentada como a melhor pessoa para contar a história do peronismo na propaganda da revista: ela narrava essa história porque antes amou a J. Perón e ao povo de tal forma que passou a compreendê-los como ninguém. No curso de história ministrado pela primeira dama, os alunos deveriam aprender a sentir e a querer o movimento para que, então, soubessem realizá-lo e vivê-lo integralmente e, se necessário, morrer pela causa de J. Perón. Era por meio das mulheres peronistas, que se sacrificavam por amor ao lar, aos seus filhos e ao movimento, que todos os peronistas deveriam aprender a servir melhor à pátria e a reconhecerem a importância do fervor e da mística peronistas (MUNDO PERONISTA, 61, p. 44,

15/03/1954). Para a revista, a história deveria ser lida a partir da intuição – a inteligência do coração –, uma virtude e faculdade intrínseca às mulheres. Dessa forma, ainda que filósofos tenham tentado durante anos construir um método eficaz para a leitura da história por meio de datas e da compilação de acontecimentos, o ideal, apresentado pelo peronismo na pessoa de Eva Perón, era a compreensão dos processos históricos fundamentada, primeiramente, no subjetivo – o amor à causa – e depois na razão (MUNDO PERONISTA, 62, p. 46, 01/04/1954). O fato de Eva não ter aberto mão de seu fanatismo para se referir à história do movimento foi pontuado pela revista como o que diferenciava essa história das demais. Se os historiadores profissionais deveriam escrever a história de forma racional, sem se deixarem dominar por uma “fervorosa paixão”, Eva Perón não faria, portanto, esse tipo de história, pois para ela era impossível negar o fanatismo apaixonado por J. Perón e pelo movimento. O encontro do líder com a massa – e sua posterior transformação em povo por intermédio do condutor extraordinário – formava o que a revista denominou de “consciência social”, isto é, a unidade de todo um povo em torno de um ideal – bandeiras, objetivos e metas – que deveria ser mantido para as gerações futuras. Na Argentina, essa consciência era representada pelo peronismo, que garantia o destino dignificado do povo por meio da doutrina peronista. Para manter essa consciência e cumprir efetivamente com o destino resguardado, seria necessário que a geração de 1940-1950 apoiasse e acompanhasse J. Perón sem receios e mesquinhez, mantendo-se longe do espírito oligárquico e cultivando os valores do espírito do povo (MUNDO PERONISTA, 63, p. 47, 15/04/1954).

Retomando os argumentos dos precursores do peronismo, a revista, em sua sexagésima quinta edição, destacava as semelhanças entre o movimento e o cristianismo. Essa relação esteve presente desde os primeiros números da revista, bem como em discursos de Eva e Juan Perón que advogavam para o movimento o atributo cristão sob a justificativa da promoção da justiça social. De acordo com Lila Caimari (2010), o vínculo entre Igreja e Estado durante o peronismo pode ser dividido em dois momentos: o “período católico do peronismo” entre 1946 e 1949, intervalo de maior colaboração entre os dois, e o decorrer final de 1949 a 1955, conhecido como “período peronista da Igreja”. Nesse último, além das referências à Igreja nas publicações peronistas terem diminuído, a doutrina do movimento, consolidada na Constituição de 1949, começava a se reconhecer como uma nova filosofia de vida profundamente cristã e como a única realizadora deveras dos preceitos de Cristo:

“es la aceptación de las consecuencias humanas y sociales del Evangelio de Cristo: igualdad de todos los hombres, amor al prójimo, sin omitir la condenación de los exploradores y esclavizadores” (MENDÉ, 1950 apud CAIMARI, 2010, p. 182). Por isso, os conflitos entre peronismo e Igreja e Católica foram se intensificando durante a década de 1950 e, ademais, a criação do Partido Democrata Cristão em Rosário, com o apoio de diversos prelados, e as intervenções do *Movimiento Católico de Juventudes* em Córdoba em 1954, foram interpretados por J. Perón como indicadores de ingratidão e injúria por parte da Igreja⁷³. Desse modo, além de agrupar as principais ideias dos melhores líderes e filósofos, a doutrina peronista advogava para si o título de executora integral da doutrina de Cristo anunciada há mais de dois mil anos: com J. Perón, a velha solução era atualizada para corresponder aos problemas do mundo moderno. Aquele amor predicado por Cristo era visualizado na generosidade e solidariedade das práticas peronistas.

Y hoy, como ayer, cuando el nombre de cristiano escandalizaba a los poderosos sumidos en el egoísmo, el nombre de justicialista y de peronista asusta a los explotadores, a los reaccionarios y a los tibios que jamás se atreven a abandonar la ruta trillada y apisonada con las aspiraciones sin esperanza de los Pueblos del mundo. (MUNDO PERONISTA, 65, p. 46, 15/05/1954).

Abordando novamente o papel das massas na história, a revista destacava que estas não receberam a devida atenção por parte dos historiadores, apesar de serem as gestoras de todos os acontecimentos históricos. Até então, a história era escrita por privilegiados que evidenciavam somente os indivíduos e a eles atribuíam todos os benefícios e conquistas; por isso, esses sujeitos omitiam a presença das massas – “materia viva y carne sufriente” – que eram, na prática, as autênticas construtoras dos monumentos e protagonistas dos episódios históricos. A título de exemplo, *Mundo Peronista* citava as pirâmides do Egito, erguidas pela força e sofrimento populares, mas cujo esplendor era atribuído aos grandes faraós. Sem embargo, o historiador que “se siente Pueblo” não poderia admitir que a história fosse escrita dessa maneira: para ele, os monumentos e acontecimentos históricos revelavam as realizações de uma massa que ainda não havia sido dignificada, para

⁷³ Além desses episódios, no mesmo ano também ocorreu a aprovação de leis que pretendiam diminuir o avanço da Igreja na sociedade argentina. Os projetos aprovados nas Câmaras e promulgados por J. Perón proibiam procissões e qualquer manifestação religiosa nas ruas (Lei 14.400), possibilitavam o divórcio absoluto (Lei 14.394), regulamentavam casas de prostituição (Lei 12.331) e tornavam opcionais as matérias de religião e moral nas escolas. Para saber mais, ver: LUNA, Félix. 1954: el conflicto. In: _____. *Perón y su tempo. El régimen exhausto (1953-1954)*. Tomo III. Buenos Aires, Sudamericana, 2013, pp.221-262.

a qual a “Hora de los Pueblos” até então não se mostrava no horizonte. Na Argentina, todavia, a massa que desde o século XIX era oprimida e marginalizada se reunia novamente na Praça de Maio com a esperança de se converter em povo: com J. Perón – um homem singular que não objetivava submetê-la para alcançar sua própria glória, mas para resolver os problemas e curar as dores dos mais humildes –, essa massa passou a viver a “Hora de los Pueblos”, alcançando a personalidade, a consciência e a organização sociais para se transformar no verdadeiro povo argentino (MUNDO PERONISTA, 67, p. 46, 15/06/1954).

Mesmo com a derrota da oligarquia em ocasião à chegada de J. Perón ao poder, o dever peronista de servir e obedecer ao povo deveria ser constantemente ratificado. Os atos de velar e nutrir o espírito do povo, apesar de serem uma “simple cuestión de ética peronista”, era uma inquietação constante de J. Perón – que Eva também compartilhava –, em virtude da existência de alguns peronistas mais preocupados em obterem privilégios, tais como os oligarcas de outrora (MUNDO PERONISTA, 68, p. 46, 01/07/1954). Essa constante ameaça do espírito oligárquico sobre o espírito do povo precisava ser defrontada com o cultivo da humildade para que o movimento se mantivesse ativo na Argentina e atingisse outros países. A essência da ação política era, portanto, obedecer ao povo, ilustrada em todas as comemorações de 17 de outubro, quando J. Perón perguntava à multidão se ela estava satisfeita com os rumos de seu governo: “la humildad de Perón es la más palpable demostración de que en él, que no busca el poder por el poder mismo, sino para el bien de la Patria, que es político para servir a la Comunidad, está vivo el Espíritu del Pueblo” (MUNDO PERONISTA, 69, p. 46, 15/07/1954).

Além de compreender e sentir a história peronista era preciso inculcá-la, quer dizer, difundi-la de tal forma para que todos soubessem de sua importância, sentido e missão. Partindo da ideia de que o peronismo se configurava como uma terceira opção frente à díade política naquele momento, a revista explicava que, à diferença do comunismo e do capitalismo que eram movimentos essencialmente destruidores, o peronismo era, por sua vez, um movimento criador; em oposição ao anticomunismo dos capitalistas e ao anticapitalismo do regime comunista, nos quais prefixo “*anti*” demonstrava a disposição à luta e ao conflito, na doutrina de J. Perón – alheia a esse prefixo destruidor – o objetivo era a criação de uma nova sociedade, a dignificação de sua população. Indo além da simplicidade de um movimento político, o peronismo era uma causa superior, que estava acima dos habituais motivos que

perseguiam os partidos políticos (MUNDO PERONISTA, 70, p. 46, 15/08/1954). A razão de ser do peronismo, para a revista, envolvia uma mística superior que retomava supostas ideias dos prelúdios independentistas que enxergavam na Argentina um futuro excepcional quando comparada as demais regiões latino-americanas. Como uma doutrina social, política e econômica com perfis próprios, a finalidade do peronismo não era o dinheiro, como no capitalismo, mas o próprio homem, seu bem estar e sua dignidade.

¿Es el Justicialismo de Perón un capitalismo más suave? Un análisis no muy profundo podría inducirnos a pensar que el Justicialismo Peronista, puesto que en la Argentina de Perón existe el capital privado y concurre a la producción, es un capitalismo cuya voracidad encuentra un muro de contención en leyes justas que dan a cada uno lo suyo.

[...]

El Justicialismo de Perón va al corazón de la cuestión. Trabajadores, patronos y Estado integran una Comunidad Organizada y juntas constituyen en bien común, sin ser ninguno instrumento de la ambición de nadie. (MUNDO PERONISTA, 71, p. 46, 01/09/1954).

Ora, se o sentido social e histórico da “Revolución Peronista” era o desenvolvimento e alcance da plenitude de todos os povos, logo ela não poderia se limitar apenas na reforma dos comportamentos políticos e administrativos do Estado. O primordial – e o diferencial – seria superar a exploração do homem enquanto indivíduo – feita pelo capitalismo – e como parte do coletivo – empreendida pelo comunismo – por meio de uma solução mais humana que não recorresse à violência. De acordo com Eva Perón, “para él [Juan Perón], la revolución no consistía en cambiar un gobierno por otro, sino en cambiar la vida de la nación” (MUNDO PERONISTA, 72, p. 46, 15/09/1954). Em outros termos, para mudar uma nação era necessário reformar integralmente os aspectos político, econômico e social que na Argentina só foi possível com a doutrina criada por Juan Perón. Se, para a revista, o capitalismo seria a causa direta do peronismo e o comunismo o motivo indireto – porque se originou em oposição à doutrina capitalista –, a solução seria uma reforma econômica acompanhada de uma reforma social. Para anular o capitalismo, J. Perón realizou a Independência Econômica; e para invalidar o comunismo, a consolidação da Justiça Social foi imprescindível para tal (MUNDO PERONISTA, 72, p. 46, 15/09/1954). Como uma terceira alternativa à bipolarização do mundo naquele momento, o peronismo representava a recuperação espiritual do povo, explorado durante tanto tempo por homens que não souberam “beber la savia

limpia del espíritu de nuestros gauchos” (MUNDO PERONISTA, 74, p. 46, 15/10/1954). A referência aos gaúchos remete-se à reserva dos verdadeiros costumes argentinos, violados e traídos pela oligarquia atrelada aos grupos estrangeiros, dos quais o peronismo se mostrava defensor e executor.

Recuperando o sentido universal do movimento, a revista apontava para o fato de a história peronista não possuir suas raízes cravadas apenas na história nacional, mas na história de todos os povos do mundo. A oportunidade que as massas argentinas tiveram de se transformarem em “Povo” não foi isenta de sentido: uma vez dignificado, esse povo deveria devolver o dom à humanidade, isto é, dispunham de uma missão história de levar a doutrina de J. Perón com amor e fraternidade para todos os países. Assim como San Martín cruzou fronteiras para libertar os grupos oprimidos, os peronistas deveriam ser como apóstolos ao rumarem mundo a fora não para formar impérios, mas para compartilhar com as populações a felicidade ofertada pela doutrina justicialista (MUNDO PERONISTA, 78, p. 47, 15/12/1954). Dessa forma, o povo peronista optava por seguir a mesma rota de J. Perón que “conduce a las aspiraciones permanentes de la nacionalidade” (MUNDO PERONISTA, 79, p. 46, 15/01/1955).

A reedição dos artigos de “*Historia del Peronismo*” foram fiéis às aulas ministradas por Eva Perón em 1951 e às versões que apareceram na revista no mesmo ano. Em novembro de 1952, *Mundo Peronista* publicava uma chamada sobre o lançamento da obra na seção “*El Libro Peronista*”. Sem reconhecer o autor, a revista informava aos seus leitores que o livro era a tradução do “sentir político” de Eva Perón, composto por noções de juízos, frases e ironias que representavam a ação da oposição e demonstravam a “fervorosa militancia” da primeira-dama (MUNDO PERONISTA, 32, p. 10, 01/11/1952)⁷⁴. No prólogo da edição do livro – também sem referência ao autor – publicado em 1952, constava que o curso fora ministrado sob o pretexto de falar sobre Juan Perón e seu povo, os dois amores fundamentais de Eva Perón. Os temas tratados foram expostos com “el tono distinto de su voz apasionada”, afastando-os da “lógica fría y académica” que, como pontuou Eva Perón em suas aulas, não poderiam ser usados para contar a história do

⁷⁴ Há algumas diferenças entre as versões publicadas na revista e no livro lançado posteriormente. Os tópicos que dividem o texto em *Mundo Peronista* não são os mesmos que aparecem no livro. Por exemplo, *Mi encuentro con Perón* na revista equivale ao tópico *Una vida al servicio de la causa justicialista* no livro. Apesar dessas alterações, o texto é o mesmo em ambas as publicações. Ademais, nas últimas páginas do livro aparece o índice temático e o índice geral que guiam o leitor pelos diferentes assuntos abordados na obra.

peronismo, uma vez que era necessário “creer en el amor para entenderlo y para sentirlo”⁷⁵ (PERÓN, 1952).

Os parágrafos escritos pela revista que conectavam citações da versão taquigráfica ratificavam a importância de conhecer não somente os eventos da história do peronismo, mas a maneira peculiar que ela promovia para compreender os acontecimentos em todo o mundo. Assumir a doutrina peronista ia além de votar em J. Perón e em candidatos peronistas ou de acompanhá-lo em sua trajetória governamental: ser peronista pressupunha uma maneira alternativa de entender tanto o presente, quanto passado. As raízes históricas – nacionais como o gaúcho e as internacionais como os pressupostos de Sócrates, Platão e Licurgo e a influência das revoluções Francesa e Russa – não anulavam a originalidade de Juan Perón na criação de seu movimento, que condensava o melhor de tudo aquilo que visava ao bem estar popular – ainda que não em sua totalidade – que já havia existido no mundo. Além disso, a subjetividade e a manifestação dos sentimentos eram fundamentais para o movimento: o peronismo deveria ser sentido, amado e desejado antes de ser compreendido pela razão; só assim homens e mulheres conseguiriam ser, de fato, autênticos peronistas. Reafirmar esses postulados em um momento de crise, como foram os anos finais do governo de Juan Perón, era indispensável para manter, à medida do possível, sua base de apoio unida e dotada de recursos para refutar a crescente oposição. Ao empreender esse propósito a partir de Eva Perón, a revista recorria à figura mais mistificada da simbologia peronista, ligada aos assuntos subjetivos e populares. O fanatismo e o amor de Eva à “Pátria de J. Perón” resultaram, de acordo com *Mundo Peronista*, na melhor radiografia da nação. E justamente por sentir e conhecer o movimento peronista, seus ensinamentos na cátedra de *Historia del Peronismo* foram concluídos com um rigor científico que nenhum outro profissional havia feito e poderia um dia fazer (MUNDO PERONISTA, 66, p. 46, 01/06/1954).

⁷⁵ Ainda em 1951, antes do encerramento das aulas na Escola Superior Peronista, foram publicadas as seis primeiras aulas de Eva Perón em um folheto organizado pela mesma instituição. As versões taquigráficas dos encontros são iguais em ambas as publicações, porém na edição de 1952 o conteúdo dentro de cada capítulo está organizado por tópicos, enquanto que no folheto os assuntos são dispostos apenas pelo dia de cada aula.

3.4 Terceira Posição peronista: a busca pelo equilíbrio e pela certificação da superioridade

Para além de *Historia del Peronismo*, foram publicados na revista outros artigos que também versavam sobre a história. Espalhadas em diferentes seções e em sua maioria sem referência aos seus autores, essas publicações procuravam manipular a história nacional e universal para legitimar os projetos do governo de Juan Perón, como a Terceira Posição, lançada pelo presidente em 06 de julho de 1947 pela rádio (LUNA, 2013), da qual nos ocuparemos nesse momento. Transformar o peronismo em uma opção viável ao capitalismo e ao comunismo e, assim, tornar a Argentina um modelo de nação para os demais países do mundo é interpretado por Loris Zanatta (2013) a partir da ideia de “destino manifesto argentino”, no qual a excepcionalidade argentina – conformada pelo seu vasto território, sua alta cultura e composição étnica – tornaria o país uma referência para outras nações. Essa concepção de terceira via, no entanto, não foi concebida originalmente pelo peronismo. Se voltarmos às discussões do século XIX sobre a formação do Estado argentino e da nacionalidade e, mais recentemente, à década de 1930 com os debates acerca da crise do sistema liberal, visualizamos noções que já advogavam à Argentina a missão histórica de se tornar um modelo para os países latinos, tanto da América, quanto da Europa⁷⁶. Nesse sentido, o mito nacional se transforma naquilo que Zanatta (2013) chama de “expansionismo argentino”, crença desenvolvida, principalmente dentro dos quartéis militares, de que no momento oportuno a Argentina lideraria a reconstrução do Vice Reinado do Rio da Prata, conformando uma economia comum entre os países da região e honrando a hispanidade católica.

A terceira via peronista representava uma visão organicista de mundo, na qual todos os setores da sociedade – como se fossem os órgãos de um corpo – deveriam cooperar conjuntamente para que o país – o cérebro dessa estrutura – prosperasse. Esse projeto era sustentado, também, pela crença de J. Perón em um terceiro conflito mundial entre Estados Unidos e URSS que não tardaria em eclodir. Quando essa guerra se materializasse, as nações visualizariam o “despertar

⁷⁶ Ao tratar sobre as alternativas para a superação da crise estrutural causada pelo liberalismo na Argentina, Beired (1999, p. 124) destaca a contribuição de Alejandro Ruiz-Guiñazu, escritor nacionalista vinculado à revista *La Nueva República*, fundamentada na ideia de que o Estado liberal deveria ser substituído pelo “Estado construtivo”, a alternativa entre o modelo totalitário e liberal. Esse novo Estado argentino seria “profundamente católico, espiritual e moralmente absoluto” e resultaria, portanto, em uma terceira via ao mesmo tempo universal e argentina.

argentino” para a liderança global. Não obstante, J. Perón preferia caracterizar seu movimento como universal – isto é, apto a todos os povos – e não imperialista, alegando que mesmo as melhores intenções poderiam ser corrompidas quando se objetivava instituí-las de maneira forçada. O peronismo optava em apresentar ao mundo a opção terceirista por meio de realizações, como o aumento de salários e oportunidades de empregos, a aprovação de leis que garantiriam direitos para mulheres, crianças e idosos, a nacionalização de empresas, entre outros. O que J. Perón não considerou, de acordo com Zanatta (2013), foram as diferenças entre os objetivos propostos e os meios – insuficientes – para alcançá-los. A popularidade interna do líder justicialista não representava o poder que ele exercia em outros países. Ademais, a consolidação da Guerra Fria na década de 1950 enfraquecia os “sonhos imperialistas” de J. Perón, já que a conformação dos blocos anticapitalista e anticomunista foi liderada pela URSS e pelos Estados Unidos, diminuindo o espaço para qualquer outra influência externa e alternativa dentro desse mundo extremamente bi polarizado.

Em *Mundo Peronista*, o tema foi discutido exaustivamente durante todos os anos de publicação. Vale lembrar que o principal meio de difusão da Terceira Posição foi justamente a imprensa e na revista o tema foi explorado, além das publicações escritas, por meio de esquemas gráficos, charges e ilustrações. Em 15 de março de 1952, a revista publicou em *Doctrina para todos* um artigo intitulado *El gran esquema do mundo*, no qual os três sistemas – ou caminhos – existentes no mundo naquele momento seriam explicados ao leitor. Inicialmente, o autor fictício *Justicialista* indicava que todos os problemas da sociedade, fossem eles de ordem material ou espiritual, tinham origem dentro desse esquema. O capitalismo, localizado geograficamente no ocidente e representado pelos Estados Unidos, era formado por quatro instâncias: uma filosofia individualista e liberal, uma doutrina, uma teoria e uma realidade, que juntas interpretavam a existência humana e propunham soluções estritamente capitalistas. Por estar fundamentado no individualismo liberal, o capitalismo produzia a exploração do homem pelo homem, isto é, um grupo de indivíduos que detinha o capital explorava aquele grupo que não o possuía. Todavia, essa exploração acabou produzindo descontentamentos por parte dos trabalhadores, cujas reações foram, de acordo com a revista, o anarquismo, o anarco-sindicalismo e o comunismo. Essas reações, apesar de

demonstrarem as tentativas da classe trabalhadora em se emancipar do poderio capitalista, não se efetivaram em opções totalmente viáveis.

Já o comunismo – consequência direta do capitalismo –, se consolidou através de uma filosofia coletivista e materialista, cujo país representante era a Rússia. A doutrina, a teoria e a realidade comunistas também propunham formas particulares para a resolução de problemas, mas que, de forma semelhante ao capitalismo, continuavam a explorar o homem, nesse caso, a partir do Estado. Essa analogia entre capitalismo e comunismo era proveniente do caráter imperialista de ambos os sistemas que exploravam cada qual a sua maneira homens e mulheres. Nem o imperialismo *yanqui* e tampouco o soviético advogavam a libertação do homem e, por isso, não eram soluções humanas e naturais, como indicava a revista. Entre esses dois polos de exploração surgia o sistema justicialista, que “[...] asigna al hombre y a la sociedad valores de equilibrio y armonía y asigna a la materia y al espíritu valores de equilibrio y de armonía” (MUNDO PERONISTA, 17, p. 04, 15/03/1952). Diferentemente da exploração como pretexto econômico ou social que impunham suas doutrinas aos povos, a “acción internacional” do peronismo pretendia levar ao conhecimento de todos que havia uma solução alternativa ao capitalismo e ao comunismo, possibilitando a cada sociedade a escolha consciente de qual caminho percorrer.

O artigo *El justicialismo: realidad internacional*, publicado na vigésima edição da revista, continuou reafirmando ao leitor a superioridade da doutrina justicialista. A terceira opção ideológica que J. Perón defendia desde 1947 não era apenas uma posição internacional que se distinguia do capitalismo e do comunismo, mas uma doutrina fundamentada no movimento peronista. Durante anos os mandatários argentinos serviam aos “pequeños y mezquinos intereses de unos cuantos capitalistas criollos” que se garantiam no poder por conta do apoio de grupos capitalistas estrangeiros (MUNDO PERONISTA, 19, p. 04, 15/04/1952). Enquanto na Argentina os trabalhadores eram explorados, no outro lado do Atlântico surgia o movimento comunista que, como fora pontuado anteriormente, também não atendia por completo as reivindicações das classes populares. Juan Perón, por sua vez, observava toda a penúria dos trabalhadores e, desde a Secretaria do Trabalho e Previdência, constatou que era necessário tomar uma decisão que resolvesse definitivamente os problemas do trabalhador.

Para un hombre común, para un hombre mediocre carente de los atributos superiores que distinguen a los hombres, la solución del dilema se hubiese inclinado por cualquiera de los caminos.

Solamente la capacidad creadora de Perón, unida a la reciedumbre de su virilidad y a la envergadura sin dimensiones de su patriotismo, pudo decidirse a abrir otro nuevo camino para su pueblo, ni capitalista, ni comunista.

¡Así nació el Justicialismo de Perón! (MUNDO PERONISTA, 19, p. 04, 15/04/1952).

Justicialista apontava que tanto a imprensa capitalista quanto a comunista se esforçavam para diminuir a importância e a veracidade da terceira posição peronista. Para os primeiros, a opção ao justicialismo representava uma “cobarde posición de neutralidad oportunista”, visto que a única forma que os sistemas capitalista e comunista concebiam suas vitórias era através da aniquilação do inimigo (MUNDO PERONISTA, 19, p. 04, 15/04/1952). Zanatta (2013) indica, em relação à neutralidade assumida pela Argentina em outros momentos, que essa escolha dialogava com o sentido missionário da nação em levar aos demais países um modelo de civilização completo e que atestasse a soberania política da nação. Durante a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, a Argentina se manteve neutra até 1945, quando pela pressão dos Estados Unidos para que os países latino-americanos se unissem aos aliados, o governo de Edelmiro J. Farrell aderiu à aliança norte-americana⁷⁷. No âmago das tensões entre capitalismo e comunismo, a terceira posição surgia como “el milagro de una solución” para todos os habitantes do mundo (MUNDO PERONISTA, 19, p. 04, 15/04/1952).

Dada a bondade de seus princípios e o comprometimento com a felicidade dos povos, o justicialismo estava criando para si um papel definitivo na história ao apresentar as soluções efetivas para os problemas que os condutores imperialistas não conseguiam – ou não se importavam em – resolver. Ora, se a terceira posição justicialista era o milagre que se propunha a salvar o mundo dos excessos capitalistas e comunistas, a figura de Juan Perón se tornava, também, superior aos outros mandatários nacionais e estrangeiros. Na charge abaixo, seu autor anônimo demonstrava a grandeza do líder peronista que intimidava a URSS e os Estados Unidos.

⁷⁷ É sabido, porém, as afinidades que os participantes do GOU mantinham com os governos do Eixo. O próprio Juan Perón viajou à Itália fascista em 1939, onde estudou e observou de perto o funcionamento da guerra e da política do país. A criação da *Subsecretaria de Informaciones* e da *Secretaria de Prensa y Difusión* durante os anos peronista foram inspiradas nas organizações nazifascistas que controlavam os meios de comunicação.

Figura 20 - Josef Stálin, Juan Perón e Harry Truman em uma charge publicada na revista.

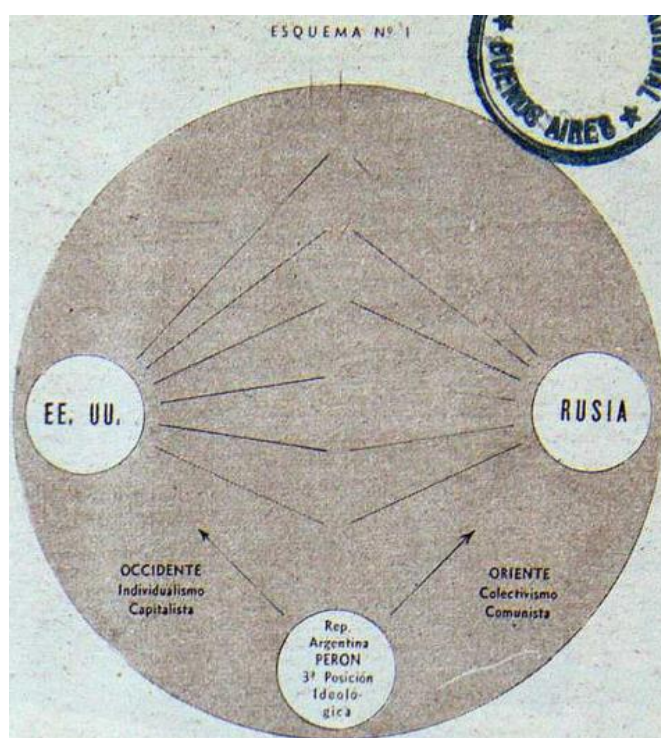


Fonte: Mundo Peronista, 19, p. 04, 15/04/1952.

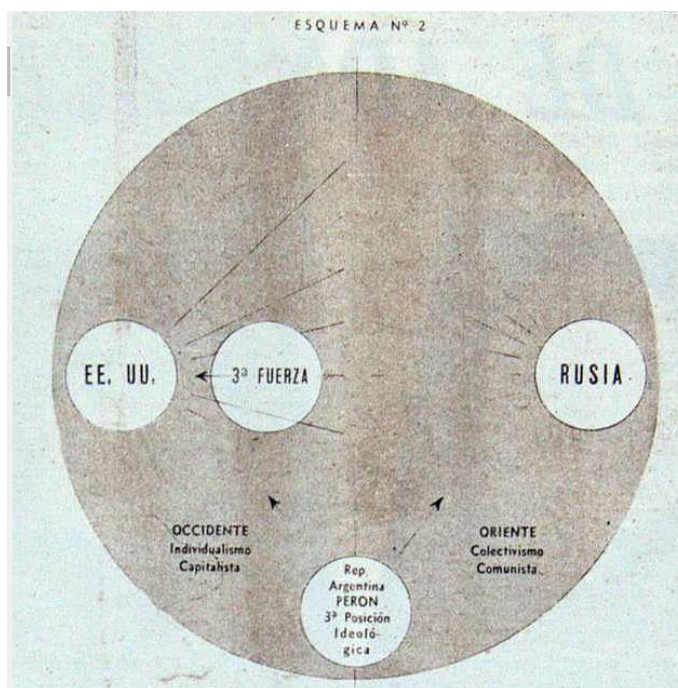
Em nove de julho de 1947, três dias após o anúncio da Terceira Posição, a Declaração de Independência Econômica realizada por J. Perón em Tucumán anunciava aos cidadãos argentinos a “emancipación económica de los poderes capitalistas foráneos”, pelos quais o país foi explorado durante anos (PERÓN, 1947). De acordo com a revista, as declarações daquele momento não foram consideradas efetivamente pelos outros países, já que as promessas dos vitoriosos da Segunda Guerra Mundial ainda tinham muito peso para o cenário político mundial. Todavia, só depois de cinco anos, quando “los pueblos de la humanidad ya saben que ni Rusia defiende la justicia ni Estados Unidos la libertad”, o mundo passaria a compreender que esses pretextos foram usados, exclusivamente, como armas para o conflito imperialista e não para a melhoria da condição de vida da classe trabalhadora. Para explicar esse processo, *Mundo Peronista* esquematizou os quatro períodos da história a partir de 1947. O primeiro esquema dizia respeito ao ano de 1947, quando na declaração da Independência Econômica e no lançamento da Terceira Posição, apesar de não receber toda a atenção, Juan Perón já constatava a divisão do mundo em “dos tendencias irreconciliables y mortales” (MUNDO PERONISTA, 30, p. 05, 01/10/1952).

Em seguida, no período entre 1947 e 1949 a revista destacava o surgimento da “terceira força”, composta naquele momento por grupos capitalistas inspirados na ideologia de J. Perón e que representavam “un bloque de resistencia disimulada frente al imperialismo yanqui” (MUNDO PERONISTA, 30, p. 05, 01/10/1952). A revista denunciava, aliás, países que, ao negarem sua conversão em países satélites da ação imperialista, optaram pela neutralidade frente ao conflito que se aproximava. Não obstante, essa terceira “força” não poderia se transformar em uma terceira *posición* como o Justicialismo, pois ainda era capitalista, não representando nada de original.

Figura 21 - O "Esquema nº 1"



Fonte: Mundo Peronista, 30, p. 05, 01/10/1952.

Figura 22 - O "Esquema nº 2"

Fonte: Mundo Peronista, 30, p. 05, 01/10/1952.

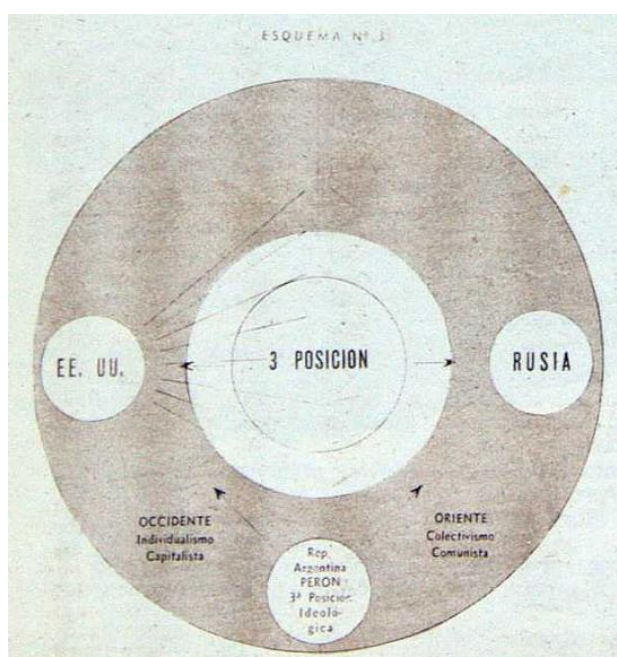
As definições de quais grupos conformariam essa “terceira força” não foram apresentadas pela revista, porém, se considerarmos o contexto político mundial e os posicionamentos que J. Perón tomava em relação a ele, podemos inferir que a “terceira força” dizia respeito à democracia cristã, movimento que alcançou grande popularidade nos anos posteriores à Segunda Guerra Mundial. Conforme discorre Malfatti (2012), a oposição aos regimes totalitários da Europa, o anticomunismo e o apoio da Igreja Católica eram características pontuais dos grupos democratas cristãos naquele momento e, apesar dos conflituosos embates com o liberalismo em períodos anteriores, a democracia cristã pleiteava a concretização do regime democrático liberal para manter o comunismo afastado do poder em outros países⁷⁸. Em relação ao capitalismo, a postura não era totalmente contrária: o objetivo dos democratas cristãos era de reformular o sistema capitalista para que ele fosse mais inclusivo e não de superá-lo, como pretendia J. Perón. Na Argentina, a fundação do Partido Democrata Cristão em 1954 foi um dos motivos que intensificaram a crise entre o governo peronista e a Igreja Católica. De acordo com Caimari (2010), a intervenção de alguns membros católicos em assuntos políticos gerou descontentamentos em Juan Perón, que naquela altura se considerava o porta-voz

⁷⁸ Para saber mais sobre o desenvolvimento de Democracia Cristã no pós-guerra na Europa, ver: MALFATTI, Selvino Antonio. A democracia cristã como opção aos totalitarismos europeus. *Revista Estudos Filosóficos*. São João Del Rei. n. 9. p. 77-97, 2012.

das reivindicações católicas. Para o presidente, a articulação da Igreja em âmbito internacional com a ofensiva anticomunista liderada pelos Estados Unidos – que possuía estreitas conexões com os democratas cristãos – foi o verdadeiro motivo dos embates violentos que se desenvolveriam no país nos dois últimos anos do governo peronista, já que J. Perón conjecturava obter o monopólio do uso político do cristianismo.

O terceiro momento dessa história compreendia os acontecimentos entre os anos de 1949 e 1952, período no qual os povos concluíram que nenhum dos dois países representava a liberdade e a justiça e tampouco defendiam “causas tan nobles de la humanidad” (MUNDO PERONISTA, 30, p. 05, 01/10/1952). Dessa constatação surgiram os sentimentos “antiyanqui” e “antiruso” que, de acordo com a revista, anteciparam a terceira opção que seria aderida em um futuro próximo. No esquema que aparecia no artigo, visualizamos linhas que partem do item que representa os Estados Unidos em direção ao crescente círculo que equivale ao justicialismo. Essa composição remete à oposição estadunidense ao movimento peronista que se verificava desde a campanha eleitoral de 1946, quando em uma tentativa de evitar o pleito favorável a Juan Perón, o embaixador dos Estados Unidos Spruille Braden publicou o *Libro Azul*, denunciando as aproximações do nascente movimento político com os regimes nazifascistas. Portanto, esse período representava, conforme a revista, o primeiro passo para a conversão da terceira posição anticapitalista e anticomunista na terceira posição ideológica, que seria o justicialismo. Nesse processo, o movimento peronista possuía a grande responsabilidade de garantir que a posição alternativa aos imperialismos capitalista e comunista fosse exclusivamente a ideologia peronista conforme apresentada em julho de 1947. Se, a partir de então, os povos soubessem serem dignos de J. Perón e os argentinos, por sua vez, dignos “de la empresa que la Providencia ha puesto en nuestras manos”, o poderio capitalista e o comunista seriam efetivamente neutralizados pelo justicialismo, como aponta o esquema número quatro.

Nas figuras, observamos aquela ideia discutida em *Historia del Peronismo* de que a doutrina justicialista não ambicionava à destruição dos sistemas contrários, mas a consolidação efetiva do modelo argentino. As atitudes aniquiladoras ligavam-se somente ao capitalismo e ao comunismo, que se nutriam do sofrimento de suas populações; o peronismo se nutria somente de ações criadoras e pacíficas.

Figura 23 - O "Esquema nº 3"

Fonte: Mundo Peronista, 30, p. 05, 01/10/1952.

Figura 24 - O "Esquema nº 4"

Fonte: Mundo Peronista, 30, p. 05, 01/10/1952.

Ainda em relação ao artigo analisado acima, sustentamos que a produção de esquemas foi feita para que esses conceitos ideológicos fossem compreendidos de forma mais objetiva e contínua pelos leitores. A utilização de ilustrações, fotografias, gráficos, esquemas e anúncios, por exemplo, entre os parágrafos de um texto em

um periódico contribui para a redução da monotonia (CAPELATO, 1988) e direciona o olhar do leitor para outras formas de entendimento de um mesmo conteúdo. Além disso, diversificar os suportes pelos quais os temas eram tratados em *Mundo Peronista* poderia contribuir para que a revista fosse consumida por uma gama maior de leitores.

A doutrina justicialista, para além de seu papel emancipador do país platino, também procurava seu lugar no mundo. Como vimos anteriormente, a aceção de uma terceira posição argentina que se conformava entre os princípios capitalistas e comunistas destacava-se, entre as demais características do movimento, por representar o equilíbrio necessário para que a exploração fosse suprimida das sociedades e a justiça fosse feita. Nesse sentido, em fevereiro de 1953 *Mundo Peronista* apresentou ao leitor alguns pareceres sobre as funções internacionais das nações. Para a revista, no campo das relações internacionais existiam três posições a serem assumidas pelos países: a primeira seria o extremo nacionalista, no qual a individualidade das nações deveria ser absoluta; a segunda era representada pelo extremo internacionalista, no qual a coletividade internacional teria que estar acima de qualquer propósito individual; e a terceira posição, composta pela função internacional ideal, que toda nação deveria assumir. A publicação desenvolveu essas posições em torno das chamadas “mentalidades” ou “realidades” nem sempre bem definidas, sendo elas: nacionalista/internacionalista e individualista/coletivista (MUNDO PERONISTA, 38, p. 45, 01/02/1953). Os exemplos levantados relevam como o periódico enxergava a situação de outros países e movimentos para, a partir daí, estabelecer a soberania política conquistada pelo peronismo.

O “nacionalsocialismo de Hitler”, por exemplo, foi definido pela revista como “nacionalista con respecto a Alemania” e “colectivista con respecto a los alemanes”. Nesse sentido, ser nacionalista significava que o Estado alemão valorizava tudo aquilo que era autóctone antes dos modelos e princípios estrangeiros, enquanto que a condição de coletivista do governo, em relação aos seus cidadãos, dizia respeito ao fato desses últimos estarem condicionados apenas aos projetos do Estado, sem espaço para iniciativas individuais ou privadas. Outro exemplo dado foi o caso do “capitalismo yankee” que, em relação à sua população, seria nacionalista e individualista – porque parte da ótica capitalista de funcionamento da sociedade na qual o indivíduo despossuído de capital era explorado por aquele que o detinha em maior quantidade –, mas que assumia a mentalidade internacionalista – isto é,

imperialista – no tocante aos demais “pueblos en su órbita de exploración” (MUNDO PERONISTA, 38, p. 45, 01/02/1953). A revista ressaltava que nem sempre a realidade, ou mentalidade, nacionalista/internacionalista coincidia, respectivamente, com a mentalidade individualista e coletivista. Essa lógica difusa entre as categorias levantadas pela revista sobre o entendimento de como funcionavam as nações derivava do fato de aquelas mentalidades terem se formado por sentidos ou sentimentos naturais que se assentavam no coração dos homens e que não eram opostas entre si. Não obstante, a revista questionava por que, então, homens se enfrentavam alicerçados em bandeiras nacionais ou internacionais. Ora, se as mentalidades eram próprias da natureza humana, por que é que geravam sofrimentos aos povos que as sustentavam e conflitos entre diversos países?

Por una razón muy simple: porque tales nacionalismos y tales internacionalismos no son verdaderos ni auténticos, sino desviaciones deformadas de los sentimientos y principios respectivos del hombre medio o normal o común de la humanidad. (MUNDO PERONISTA, 39, p. 45, 15/02/1953).

A deformação dos sentidos nacionalista e internacionalista ocorria quando eles eram executados por homens normais, ou seja, aqueles que não possuíam a condição de criar caminhos novos e de marcarem a história da humanidade (MUNDO PERONISTA, 03, p. 46, 15/08/1951). Juan Perón, que se inseria na categoria de homens extraordinários, compreendeu que a opção mais justa e equilibrada para esse impasse era uma alternativa que se atentasse tanto ao direito nacional quanto ao internacional, isto é, à função internacional da nação. Nesse sentido, o justicialismo compreendia que nenhum país – assim como nenhum homem – deveria permanecer isolado dos demais. O fato de cada um possuir seus próprios ideais não poderia anular a necessidade de integração entre as nações. Conforme *Mundo Peronista*, os homens não deveriam ser suprimidos para que a comunidade fosse grande e feliz e tampouco a comunidade teria de ser anulada em prol de uma noção internacionalista (MUNDO PERONISTA, 38, p. 45, 01/02/1953). As opções já existentes não trariam felicidade aos povos e era por essa razão que a proposta justicialista para as relações internacionais se configurava como a mais adequada justamente por assignar às nações sua função internacional, reconhecendo a importância e o equilíbrio necessário entre as incumbências nacionais e internacionais.

Em setembro de 1953, o artigo *Desde Babel hasta nosotros* apresentou ao leitor de *Mundo Peronista* outra discussão que, mais uma vez, pretendia demonstrar a preeminência da doutrina justicialista naquele momento. A referência à Torre de Babel, que se apresenta logo no título e em uma ilustração centralizada entre os parágrafos, não apareceu instintivamente. A passagem bíblica de Gênesis narra a empreitada de construir uma torre alta o suficiente para alcançar o céu. Todavia, a ação foi interpretada pela divindade como um sinal de arrogância por parte dos homens que construíam a torre e, para castigá-los, Deus disseminou entre eles diversas línguas para que a construção não fosse concluída por falta de entendimento. Na revista, esse episódio foi usado para demonstrar o “fatalismo histórico” de muitas doutrinas cujo motivo estava no próprio homem. Aproximando-se de referências religiosas, o periódico citou Zaratustra, Confúcio, Lao-Tsé, Buda e até mesmo Cristo, como profetas “víctimas de sus continuadores, empeñados consciente o inconscientemente, en la deshumanización de las doctrinas que concibieron y predicaron sus maestros” (MUNDO PERONISTA, 50, p. 04, 15/09/1953). Para o autor, essa desumanização que as doutrinas dos líderes citados sofreram era fruto da ambição de homens que tentavam, a todo custo, explicar o inexplicável através de técnicas que complicavam aquilo que era para ser simples. Foi na construção de Babel que essas técnicas foram empreendidas pela primeira vez: a tentativa do homem em chegar até Deus expressava o anseio em encontrar explicações para situações que não competiam à natureza humana. Como resultado, surgiu a primeira complicação da história da humanidade: a existência de diversas línguas.

El infierno del hombre será sin duda el de sus propias complicaciones, puesto que si el infierno es algo así como la eterna destrucción del hombre, pero sin que termine nunca, nada mejor para ello que la técnica que deshumaniza al hombre sin exterminarlo jamás. (MUNDO PERONISTA, 50, p. 40, 15/09/1953).

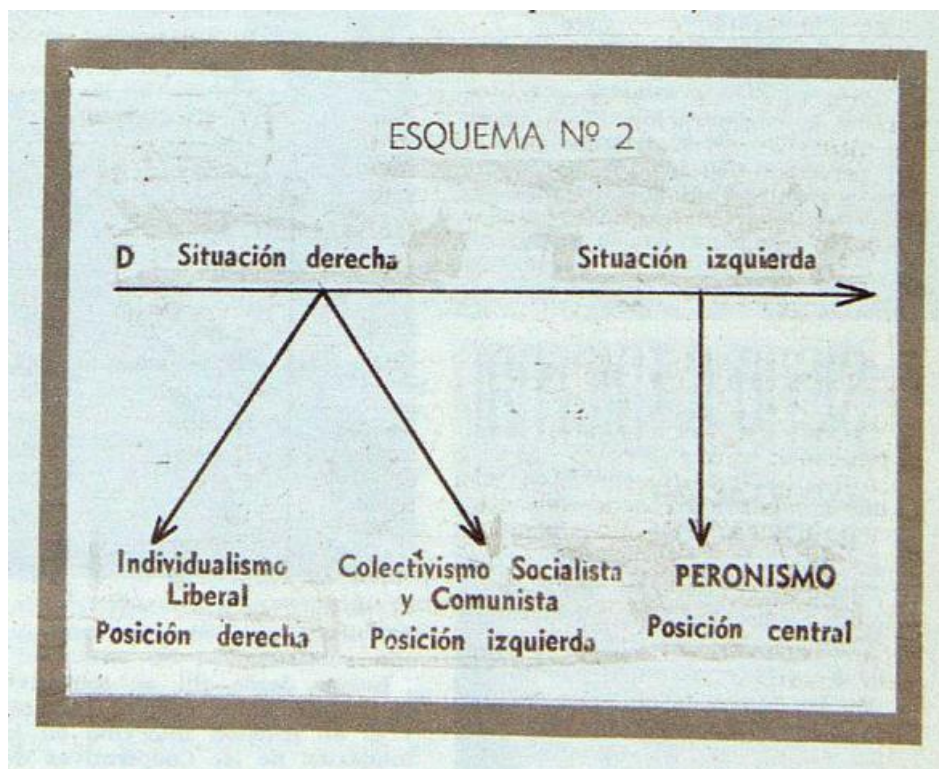
A proposta da doutrina peronista para remediar a forma desumana que as técnicas eram empreendidas pelo próprio homem foi fazer com que elas servissem ao homem e não ao contrário. A pretensão do homem em descobrir todos os segredos da humanidade o levava a criar inúmeros métodos para tal que, no fim, os desumanizava, destruindo a simplicidade característica da própria natureza humana. Para *Mundo Peronista*, o primeiro dever do homem deveria ser, antes de tudo, o homem; recuperar e assumir que a liberdade mediada pelo Deus cristão era aquela

que concedia tudo o que fosse necessário para que se vivesse de forma humanizada. Aprender a bondade – a única forma de sabedoria que não se acorrentou às vaidades humanas – antes que a ciência corroborava com o desígnio da doutrina peronista de que “la palabra de Perón debe ser recibida con el corazón, y para ello debemos abrirle las puertas de la más absoluta humildad, ¡tan absoluta como un acto de fe!” (MUNDO PERONISTA, 50, p. 04, 15/09/1953).

3.5 Para pensar além da díade esquerda e direita: a interpretação peronista da política

Como posicionar o peronismo dentro do espectro político de direita e esquerda? Para *Mundo Peronista*, era necessário se atentar inicialmente para o fato de que nem todas as doutrinas políticas eram representadas por partidos políticos e tampouco a totalidade dos partidos políticos era fundamentada por doutrinas políticas. Em *La izquierda o la derecha*, a revista chamava atenção para a importância das categorias “posição” e “situação” para a resolução da pergunta colocada. O posicionamento de doutrinas e partidos à esquerda ou à direita era resultado de dois movimentos que ocorriam ao mesmo tempo: o pendular e a translação. O primeiro, que definia a posição de doutrinas e partidos, era a expressão da ação e de realizações históricas; o posicionamento pendular era marcado, portanto, pela transitoriedade constante. Já o segundo, mais estável e caracterizado pelas situações política e doutrinária, determinava-se pelo ponto de apoio no qual cada uma das condições acima estivesse ancorada em um determinado momento histórico. Para ilustrar essa teoria, a autora tomou como exemplo o “individualismo liberal” em dois momentos distintos da história: em 1800, ser liberal era se posicionar à esquerda, uma vez que indivíduos que apoiavam regimes monárquicos ou absolutistas eram considerados de direita. Mas no ano de 1900 essa configuração se alterou, pois com o advento do coletivismo – socialista e comunista – a opção individualista e liberal se deslocou para a direita.

Figura 25 - Esquema explicativo sobre a situação e a posição do peronismo.



Fonte: Mundo Peronista, 23, p. 05, 15/06/1952.

Para definir, então, quais eram a posição e a situação do peronismo naquele momento, *Mundo Peronista* recorria mais uma vez às filosofias individualista e coletivista. Se em 1952 o individualismo estava para a direita e o coletivismo para a esquerda, logo o peronismo ocuparia a *posición central* entre os dois, validando a Terceira Posição “como armonía del derecho individual con al derecho colectivo” (MUNDO PERONISTA, 23, p. 05, 15/06/1952). Mas, dado que a situação direita corresponde à oligarquia e, por isso, ao antipopular, então o peronismo se situava à *esquerda*, porque era ali onde o popular se encontrava. Se a doutrina peronista era aquela que dignificava verdadeiramente o trabalhador sem explorá-lo via Estado ou indivíduo, o peronismo estaria, portanto, mais à esquerda que o próprio comunismo.

Dando continuidade a essa discussão, na edição seguinte a revista questionava se a vinculação do peronismo com o cristianismo não o caracterizava como um movimento de direita e, ademais, se quando J. Perón defendia o caráter humanista de seu movimento, não estaria se aproximando das ideias individualistas. A primeira contradição, de acordo com *Mundo Peronista*, ocorria pela falsa crença de conceber o cristianismo como individualista e liberal por impedir “al acceso del Pueblo a la condiccion de sus destinos” (MUNDO PERONISTA, 24, p. 05,

01/07/1952). Na ótica da revista, o cristianismo não poderia ser de direita porque exigia, na verdade, a igualdade e a fraternidade entre todos os homens, assim como o peronismo. Desse modo, ser peronista e cristão não indicava nenhuma discrepância. A natureza individualista, por sua vez, conduzia inevitavelmente à exploração dos mais frágeis, fosse quando se manifestava na ordem política – absolutismo – ou na ordem econômica – capitalismo. Ora, se o individualismo era prejudicial aos homens, logo ele não poderia, de maneira alguma, ser considerado humanista. Já a doutrina peronista, sendo profundamente humanista, não toleraria qualquer aspecto da filosofia individualista.

Aderir ao peronismo e proclamar a Terceira Posição como único modelo viável para os povos de todo o mundo só seria possível mediante a adesão personalista. Em *Adhesion incondicional*, a publicação indicava que os peronistas eram frequentemente tachados de “servilismo, obsecuencia o fanatismo” por se dedicarem incondicionalmente à causa de Juan Perón. Apesar dos equívocos presentes em qualquer movimento político e da presença de pessoas que usavam a filiação partidária para finalidades desprezíveis, os seguidores peronistas não poderiam ser considerados servis porque se manifestavam livremente, e muito menos vistos como submissos, quando todo o apoio originava-se “espontaneamente del corazón y de la consciencia” (MUNDO PERONISTA, 21, p. 04, 15/05/1952). Se recordarmos as aulas de Eva Perón na Escola Superior Peronista, constataremos, mais uma vez, que ser fanático, para a doutrina peronista, era um sinal de sabedoria. Justicialista chamava atenção para o fato de que aderir a Juan Perón implicava, inquestionavelmente, aderir a Eva Perón, pois se a “personería política” dessa última havia sido concedida pelo líder, todo peronista deveria resignar-se igualmente à primeira dama. É possível relacionar essa reiteração da defesa de Eva Perón que aparece em *Mundo Peronista* com a insatisfação de grupos mais conservadores, como as Forças Armadas, em relação à crescente participação política da *madre de los descamisados* nos assuntos do país. Com indica Robert Potash (2002, p. 103), a ideia de que uma mulher pudesse ocupar o cargo de vice-presidência da nação, como ocorrera em agosto de 1951 quando a CGT e outros grupos ratificaram a chapa eleitoral Perón-Perón, era excessivamente desrespeitoso para as Forças Armadas.

Desse modo, a adesão incondicional defendida pela revista era um ato personalista: engajar-se ao movimento peronista significava estar de acordo com

Juan e Eva Perón. Embora a doutrina fosse de exímia importância e todo peronista tivesse o dever de estudá-la e propagá-la, se em algum momento o líder alterasse qualquer ponto em seu conteúdo, seus seguidores continuariam a ser peronistas porque cumpriam com as palavras e realizações de seu líder. Portanto, era importante que o povo estivesse “[...] con Perón y con sus hechos más que con su doctrina”, pois quando os predicadores insistiam mais nos preceitos doutrinários e em sua complexidade – à exemplo do cristianismo e a sua decadência nos países ocidentais –, por vezes se esqueciam que seu autor “[...] la creó para ser vivida más que para ser analizada” (MUNDO PERONISTA, 21, p. 04, 15/05/1952). Ainda em relação ao caráter personalista do peronismo, *Justicialista* apontava para a distinção que muitas pessoas faziam das palavras “peronista” e “justicialista”. Ora, a doutrina peronista era o justicialismo em ação: ambos eram propriedades de Juan Perón, mas ser peronista implicava estar de acordo com seu líder, em querê-lo e amá-lo de tal forma que, entre escolher usar “justicialismo” ou “peronismo”, deveria optar-se pelo último, pois carregava o nome de ser criador. A preferência pelo uso da forma “justicialista” poderia ser justificada de várias maneiras, mas para a revista essa atitude comprovava o “antipersonalismo” ou “impersonalismo” de alguns seguidores, fundamentados, com certa razão, naqueles personalismos construídos em torno de pessoas egoístas, como um caudilho, por exemplo, que gerava humilhações aos seus apoiadores. Todavia, sendo Juan Perón um homem superior, o resultado de sua doutrina seria inevitavelmente a dignificação e enobrecimento de homens e mulheres (MUNDO PERONISTA, 20, p. 04, 01/05/1952).

A discussão acerca do personalismo levantada por *Mundo Peronista* nos chama atenção para os estudos sobre o populismo. Como um conceito polêmico e polissêmico, o populismo propõe, ainda que teoricamente, o resgate da soberania popular e o debate político para além da díade esquerda e direita. Suas raízes terminológicas e conceituais remontam ao século XIX: na Rússia, grupos de estudantes universitários de base campesina se opunham aos abusos do czarismo e do capitalismo, enquanto reivindicavam o retorno da sociedade tradicional; nos Estados Unidos, o *People’s Party* foi o porta-voz de pequenos proprietários rurais, explorados pelos bancos e pelo governo, que combatiam a concentração de terras e de capitais⁷⁹. Já no século XX, os populismos se apresentaram como fenômenos

⁷⁹ De acordo com Norberto Ferreras (2011), os únicos movimentos que se autodenominaram populistas foram os exemplos citados acima. Até hoje, nenhum político se intitulou populista ou

políticos com diversas facetas frequentemente contraditórias entre si. Autores como Capelato (2001), Ferreras (2011) e Ferreira (2016) atentam para o uso pejorativo e maniqueísta do termo nas últimas décadas – produto da passagem do vocábulo do campo acadêmico para o político –, que se tornou uma arma política de grupos favoráveis ao neoliberalismo, que acusam e desqualificam governos e líderes populistas de se oporem, por exemplo, à modernização da sociedade e à racionalização da política por apelarem ao aspecto afetivo da população.

Todavia, mesmo dentro dos círculos acadêmicos, a utilização do conceito concebe análises antagônicas. Gino Germani (1973), sociólogo italiano radicado na Argentina e um dos primeiros pesquisadores que se debruçou sobre o assunto, defendeu o populismo como resultado da transição de uma sociedade tradicional, ou rural, para uma sociedade moderna, ou urbana. As demandas que surgiram nesse processo não foram contempladas integralmente, gerando o estado de disponibilidade das massas, na qual o populismo – etapa necessária durante essa transição, mas que só ocorria nos países periféricos – soube assentar suas bases. Nessa ótica, o populismo é visto como um equívoco histórico de sociedades que não seguiram, como as nações europeias, o padrão de amplo desenvolvimento do capitalismo na área econômica e da democracia no espectro político. Por outro lado, o cientista social brasileiro Francisco Weffort analisou as experiências populistas a partir do conceito de “Estado de compromisso”, isto é, quando o Estado assume o papel de árbitro entre as classes que conformam a sociedade em um momento de “[...] dependência social dos grupos de classe média, de dependência social e econômica da burguesia industrial e da crescente pressão popular” (WEFFORT, 2003, p. 79). Outro brasileiro que se dedicou aos estudos do populismo foi o sociólogo Octávio Ianni (1975) ao utilizar o conceito francês de bonapartismo para explicar a “crise catastrófica” entre as classes da sociedade⁸⁰. O populismo, produto

atribuiu ao seu movimento essa caracterização. A semelhança entre os movimentos russo e estadunidense reside no fato de que ambos possuíam reivindicações agrárias que combatiam a elite da época. Já nos populismos latino-americanos do século XX – fenômenos situados em regiões urbanizadas –, a questão agrária seria pouco abordada e a aversão às elites estaria canalizada somente àquela de origem oligárquica.

⁸⁰ O bonapartismo pode ser definido, de forma concisa, como aquele político ou governo que é eleito de forma democrática, mas que com o decorrer dos anos começa a apresentar inclinações autoritárias. Pensando o peronismo a partir desse conceito, Sebreli (2019, p. 57) pontua que “el papel doble jugado por el bonapartismo peronista consistía en presentarse la clase trabajadora como portavoz de sus reclamos a la burguesía, haciéndole sentir a ésta la presión de las masas detrás de ella, pero a la vez ofrecerse a la burguesía como el único capacitado para frenar a las masas y evitar el desborde, y, por lo tanto, el verdadero protector de las clases burguesas contra las masas, como el defensor del capitalismo ante la posible revolución social, el ‘cataclismo social’ en términos de Perón”.

dessa crise, consistiria na transição da hegemonia oligárquica não para o domínio popular, mas para a burguesia, resultando na continuidade da submissão dos setores populares. Alan Knight (1998), historiador inglês, e Ernesto Laclau (2013), sociólogo argentino, se assemelham ao proporem uma interpretação do peronismo menos pelo conteúdo – ou realizações –, e mais pelo estilo do fazer política. Nessa perspectiva, que se afasta das análises sócio-estruturais e econômicas, o que definiria o populismo seria a forma de seu discurso, ou seja, a forma de construção das demandas populares e a recepção das mesmas pelo poder instituído. Quando as reivindicações desses dois atores sociais e políticos são antagônicas, é instaurado o que Laclau chamou de “momento populista”. Loris Zanatta (2008), historiador italiano, empreendeu uma visão mais cultural do populismo, no sentido do fenômeno estar muito mais enraizado em uma mentalidade colonial, formada por convicções católicas – como a visão escatológica da realidade – e pela ideia de nação como uma “grande família”.

Isto posto, o populismo é um conceito teórico que pode ser aplicado em diversas ocasiões ou uma experiência histórica singular com um tempo e espaço bem determinados? Talvez o grande problema dos estudos sobre o populismo resida na dificuldade de integrar o geral e o particular para o desenvolvimento de uma análise que concilie esses dois polos de observação⁸¹. Como bem pontuou Francisco Weffort (2003), a complexidade política do conceito – devido à sua elasticidade – enfatiza a complexidade histórica de uma época marcada por intensas transformações e reivindicações de diferentes grupos que nem sempre encontravam as formas necessárias para se sustentarem no cenário político. Na América Latina, essa época cheia de complexidades pode ser determinada nos anos seguintes à quebra da Bolsa de Valores de Nova York, período no qual os países latino-americanos atravessaram profundas crises econômicas e políticas. A insatisfação com o modelo liberal e a crescente tensão entre as classes despertavam temores, entre os dirigentes políticos, de uma possível revolução popular descontrolada. Não obstante, como impedir uma futura revolta e de que

⁸¹ Para Capelato (2001, p. 139), “os primeiros buscam um elo comum entre fenômenos aparentemente diversos e ordenam os casos particulares dentro de categorias mais amplas, e os segundos tendem a detectar as diferenças, os contrastes, os atributos singulares entre fenômenos aparentemente similares. Um dos perigos desta última tendência é atomizar os processos históricos, tornando-os fragmentados e contingentes, impedindo a captação de seu sentido e direção mais amplos; o perigo da primeira é a possibilidade de distorcer a informação empírica para forçá-la a en-caixar-se nas suas categorias de sua análise conceitual”.

forma lidar com as novas reivindicações se, por um lado, as soluções oligárquicas não eram mais suficientes e, por outro, os cidadãos médios não conseguiam estruturar seus projetos políticos nesse novo contexto de pressão popular? É nesse momento, portanto, que surgem as experiências populistas em países como a Argentina com o peronismo, no México com o governo de Lázaro Cárdenas e no Brasil com o varguismo, marcadas, principalmente, pela crítica ao *status quo*, pelo anti-liberalismo e discurso nacionalista e anti-imperialista, pela liderança carismática e pelo apelo emocional às massas, bem como pela visão orgânica da sociedade, composta por partes que deveriam ser solidárias entre si para assegurar o bom funcionamento da nação.

O esgotamento dos grupos oligárquicos, a falta de legitimidade das classes médias e a debilidade da camada popular em tornar coesas suas exigências deixaram vacantes as funções do Estado que garantiam o equilíbrio. Na tentativa de conciliar reivindicações antagônicas, o Estado assume o papel de árbitro entre as partes da sociedade. Nessa nova dinâmica, um grupo que passa a ser amplamente pleiteada pelos governos populistas é o povo como categoria política e não mais social. Nessa ótica, povo englobaria todos os indivíduos que prestavam seu apoio ao líder, independente de sua classe de origem. Em oposição, todos que se opunham à conduta e medidas do novo dirigente seriam vistos como o “anti-povo”, isto é, aqueles que não se identificavam com próprio país. É comum em governos populistas que a identificação entre o líder e a nação se torne tão íntima ao ponto do indivíduo encarnar os princípios do próprio país que governa; na Argentina – e de forma constante em *Mundo Peronista* –, ser antiperonista equivalia a ser “anti-argentino” e discordar da doutrina peronista era a mesma coisa que ofender o país inteiro. A identificação entre líder e povo – J. Perón e *Pueblo argentino* – também foi reproduzida nas páginas do periódico. Em *Mundo Peronista*, não havia meio termo entre aqueles que aderiam ao peronismo: assim como o livro de Apocalipse revela que os mornos serão vomitados no dia do Juízo Final, ser peronista não admitia dúvidas ou ressalvas em relação à doutrina. A polarização da sociedade entre peronistas e antiperonistas resultou na reorganização de demandas e objetivos que, na análise de Ferreras (2011), se tornaram fatores imprescindíveis na manutenção das identidades de cada grupo.

O nome é central na operação da criação do grupo, que permite estabelecer um equilíbrio, instável, com o conceito. O nome, que aglutina forte afetividade, expressa a unidade do grupo e converte-se

em seu fundamento. Em relação a isso temos a construção discursiva da divisão social, que fundamenta a constituição das relações “amigo/inimigo”, principalmente quando as demandas são muito amplas e é difícil estabelecer as fronteiras desses grupos. (FERRERAS, 2011, p. 235).

Na discussão apresentada ao leitor de *Mundo Peronista* sobre os usos das nomeações “peronistas” e “justicialista”, observa-se essa preocupação levantada por Ferreras. Apesar do nome “justicialista” e suas derivações estarem relacionadas com a ideia de justiça social, tão cara ao peronismo, mais significativo ainda era o uso da palavra que fazia referência direta ao líder do movimento, evidenciando propositadamente, o arraigado personalismo do governo peronista. Entre seus seguidores, não poderia haver dúvidas de que J. Perón era aquele que conduziria a Argentina à condição de nação excepcional entre seus vizinhos. Ao responder às necessidades do povo, J. Perón, além de dignificá-lo, concedeu-lhe seu lugar na história.

3.6 Passado argentino e presente peronista: uma articulação oportuna

Em 15 de setembro de 1952, *Mundo Peronista* anunciou ao público uma nova seção intitulada *El mundo se convierte*, criada a pedido do diretor da revista: “Muchachos, el mundo se convierte. ¡Hay que darle!”. Assinada pelo autor fictício *Taquígrafo*, a seção tinha como objetivo demonstrar como as realizações do governo peronista eram notadas em outros países apesar, como indicava a revista, do empenho de jornais capitalistas e comunistas em difamar Juan Perón e sua doutrina. Se a máxima “mejor que decir es hacer, mejor que prometer es realizar” – dita constantemente por J. Perón – indicava a capacidade empreendedora do governo, a seção declarava que seu intuito não era convencer ninguém das realizações peronistas, uma vez que esses empreendimentos comprovavam, *per se*, a legitimidade do governo dentro e fora do país sem a necessidade de convencimento. Para *Mundo Peronista*, a imprensa internacional, ao divulgar uma imagem perigosa de J. Perón para manter a população estrangeira longe dos preceitos peronistas, despertava, na verdade, a curiosidade em conhecê-lo.

Mientras tanto, los periódicos capitalistas y comunistas de todo el mundo llenan sus columnas con el nombre de Perón, insistiendo en querer convencer a los pueblos del mundo de que Perón representa un peligro para ellos.

¡Pero muy bien! Y muchas gracias.

¡Que sigan adelante! (MUNDO PERONISTA, 29, p. 12, 15/09/1952).

Na trigésima sexta edição da revista, a seção trabalhou alguns trechos de um artigo de Carlos Cavaco, publicado em 05/12/1952 no jornal carioca *O Radical*⁸². Na ocasião, o autor brasileiro comparava San Martín, líder dos processos emancipatórios da Argentina, do Chile e do Peru, com Juan Perón. Para Cavaco, ambos foram “libertadores” da Argentina, gerais e patriotas; as diferenças, todavia, consistiam no ideal de liberdade defendido por cada um: o sentido *sanmartiniano* de liberdade era político e por isso a luta foi travada com a espada; para J. Perón, a liberdade era uma questão social e seu alcance se daria com as ideias e não com as armas. Apesar de estarem separados no tempo, ambos os líderes políticos se uniam com os dois grandes momentos da história nacional: o primeiro em nove de julho de 1816 quando foi assinada a Declaração de Independência Política na cidade de San Miguel de Tucumán, mesmo local onde Juan Perón, um século depois, declarou a Independência Econômica Argentina em 1947. Esse “inevitable y necesario” paralelo continuava sendo desenvolvido por Cavaco e reproduzido em *Mundo Peronista*: se na realidade do século XIX San Martín precisou conformar um exército para matar em nome de uma causa, durante o peronismo era necessário defender a causa para salvar o homem da exploração; se o local para a resolução de problemas na época *sanmartiniana* era o campo de batalha, J. Perón, por sua vez, lutava no campo das palavras contra seus adversários. As semelhanças e diferenças dos paralelos entre os dois libertadores argentinos resultavam na interpretação de que as batalhas ganhas por J. Perón foram mais complexas que as de San Martín, pois “[...] las batallas sociales ganadas por Perón, de tan difícil solución, por tratarse de una cuestión social de carácter universal, y estar por eso mismo correlacionadas con la situación social y económica de los pueblos” (MUNDO PERONISTA, 36, p. 13, 15/01/1953).

A comparação feita por Carlos Cavaco e reproduzida na revista em janeiro de 1953 não era, todavia, algo novo. Em exemplos anteriores, podemos constatar que a

⁸² O jornal *O Radical* foi fundado em 1º de junho de 1932 no Rio de Janeiro – naquele momento a capital do país – por João Alberto Lins de Barros com o pretexto de criar meios de comunicação favoráveis ao governo provisório de Getúlio Vargas em um espaço dominado pela oposição. Destinado à classe trabalhadora, a ênfase do periódico estava em assuntos trabalhistas, sindicais e policiais, além de realizar a cobertura de greves, informar sobre as assembleias, a atuação dos sindicatos e a condição de vida dos operários. Ao longo do Estado Novo, o jornal alcançou grande prestígio popular e atingiu a tiragem de 20 mil exemplares. Contudo, com o falecimento de Rodolfo de Carvalho – diretor desde outubro de 1932 – o jornal sofreu diversas acusações e adentrou em um período de declínio até que em outubro de 1954 foi fechado por questões financeiras (FERREIRA, Marieta de Moraes. *RADICAL, O*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/radical-o>>. Acesso em: 29/03/2021).

aproximação entre J. Perón e o líder do século XIX era constante e seu objetivo consistia na ratificação do governo eleito em 1946 por meio do reconhecimento, no mandatário do século XX, das mesmas características que San Martín, herói da primeira independência argentina, possuía. Tanto unitários quanto federalistas reconheciam a importância *sanmartiana* para o desenvolvimento do país e o prestígio de sua missão histórica. Longe de extrair de 9 de julho de 1816 sua importância, o periódico complementava-o com uma segunda e mais relevante independência, justificando-a a partir da impossibilidade de haver emancipação política integral enquanto a Argentina estivesse sob as amarras do mercado estrangeiro. Ademais, se a figura de San Martín era capaz de agregar em torno de si grupos de diferentes posicionamentos políticos, associar J. Perón ao prócer conservava essa mesma finalidade: com a aprovação do novo texto constitucional em 1949, a doutrina justicialista era elevada à doutrina nacional de tal forma que ser peronista tornava-se sinônimo de ser argentino; ofender o movimento ou posicionar-se contra significava ofender a própria nação e opor-se a tudo aquilo que era autenticamente argentino. Embora o peronismo tenha retomado importantes concepções da tradição federalista, em *Mundo Peronista* a imagem de Juan Perón não era atrelada à figura do caudilho. Descrito de forma negativa, esses líderes políticos do século XIX eram vinculados à corrupção, à humilhação e exploração do povo, ações que o peronismo condenava veementemente. A reflexão historiográfica da revista sobre os caudilhos não os reconhecia como defensores da nação e, apesar de estarem inseridos na concepção federalista – apropriada pontualmente pelo peronismo –, não gozavam de um reconhecimento positivo.

Outra analogia – breve, mas igualmente importante – que apareceu em *Mundo Peronista* foi com a figura de Hipólito Yrigoyen, político radical que ocupou a presidência argentina entre 1916 e 1922 e, depois, entre os anos de 1928 e 1930, até ser derrocado pelo golpe cívico-militar de 6 de setembro de 1930. Yrigoyen foi eleito em um momento conturbado pelos efeitos da Primeira Guerra Mundial. As dificuldades econômicas localizavam-se na falta de transporte para as mercadorias durante o conflito mundial e, após o seu término, na crescente oferta de produtos, que fomentava a concorrência entre os mercados mundiais. No plano social, o governo enfrentou, de um lado, a forte oposição conservadora que, apesar de destituída do poder, mantinha alianças e influência na sociedade, e, por outro, marcantes confrontos sociais motivados pela consolidação da Revolução Russa em

1917 e por movimentos revolucionários após a Primeira Guerra Mundial que aqueciam as tensões na sociedade argentina. A Semana Trágica de 1919, marcada por uma série de greves e revoltas populares em diversas regiões do país, foi quiçá o episódio mais repressivo da história argentina, no qual as Forças Armadas foram acionadas pelo Estado para controlar os enfrentamentos entre operários e policiais (ROMERO, 2006). Outro momento de destaque, nesse contexto, foi a Reforma Universitária de Córdoba em 1918, cujos pontos de reivindicação – apoiados pelo governo federal – defendiam a autonomia universitária, a liberdade de pensamento e de cátedra, a modernização dos métodos de ensino, a contratação de docentes por meio de concursos e a democratização da universidade para que jovens das classes populares pudessem ter acesso e permanência ao meio universitário. Essas conquistas não só se expandiram por toda a Argentina, como serviram de inspiração e modelo para movimentos universitários de outros países da América Latina (NETO, 2011).

A chegada do radicalismo ao poder em 1916 representou uma ruptura no cenário político dominado até então por representantes do Partido Autonomista Nacional, conservador e porta voz dos grandes exportadores e proprietários de terra. A vitória de Hipólito Yrigoyen soava como a oportunidade de progresso para as classes médias e populares em um momento de intensas transformações sociais e modernizadoras. Além disso, o desafio de consolidar a democracia e suas instituições repercutia positivamente para aqueles que careciam de direitos políticos e sociais. Em *Mundo Peronista*, a figura de Yrigoyen aparecia no eixo de discussão sobre a soberania política argentina. Em *Políticamente soberanos*, artigo de Justicialista que compõe a seção *Doctrina para todos* em 1º de dezembro de 1951, o terceiro conceito fundamental da doutrina justicialista era pormenorizado para indicar ao leitor desde quando a Argentina era um país politicamente soberano. O autor parte, então, da explicação de que até a aprovação da Lei Sáenz Peña – a instauração do sufrágio masculino universal, secreto e obrigatório – em 1912, praticamente não havia eleições, pois a “incultura cívica” do povo, estimulada pelos caudilhos, o impedia de eleger seus candidatos. Mesmo após a lei, a revista alegava que o povo não conseguia eleger candidatos que atendessem às demandas populares porque o cenário político era controlado pela fraude: “[...] la voluntad política del Pueblo debía limitarse a ‘votar’ por quienes previamente habían sido

elegidos por la voluntad ‘económica’ del capitalismo extranjero” (MUNDO PERONISTA, 10, p. 04, 01/12/1951).

Dessa forma, a soberania política não poderia ser resumida meramente no direito de eleger, mas complementada com a possibilidade de escolher aquele candidato que, uma vez eleito, governaria de acordo com os propósitos populares. Yrigoyen, mesmo tendo sido um governante *do povo* pois foi eleito por ele, não conseguiu constituir um governo do povo. Ainda que tivesse aspirado à soberania nacional para resolver os problemas enfrentados pelo Estado, esbarrou em “compromisos y ataduras económicas que no pudo vencer”. Como não pôde romper com as alianças que oprimiam o país, a soberania política durante o governo de Yrigoyen foi tutelada pelos interesses econômicos estrangeiros, ou seja, era uma soberania política falsa. Foi apenas com a chegada de Juan Perón à presidência em 1946 e com a coragem de proclamar e realizar a independência econômica, indica a revista, que o país finalmente alcançou a soberania política absoluta, sonhada desde os primórdios da nação no século XIX.

No desdeñamos ni desconocemos todo cuando hicieron por la libertad de la República nuestros mayores desde 1810 en adelante. Pero nadie podrá negarnos el derecho que tenemos de decir que todo cuanto ellos hicieron si no hubiese venido Perón a romper las cadenas de la opresión económica, hubiese valido sólo como la hermosa página de una historia que leeríamos con la amargura con que se recuerdan las glorias en la hora del oprobio. (MUNDO PERONISTA, 10, p. 04, 01/12/1951).

Essa comparação entre o presidente argentino e outros líderes latino-americanos foi efetivamente verificada na cobertura que *Mundo Peronista* realizou sobre os acordos entre Chile e Argentina no ano de 1953. Em fevereiro, Juan Perón visitou o Chile do recém-eleito presidente General Carlos Ibáñez del Campo a fim de firmar relações entre os dois países que, no governo de Gabriel González Videla (1946-1952), não haviam sido amistosas. As semelhanças entre J. Perón e Carlos Ibáñez se faziam evidentes sem muito esforço: ambos eram militares e compartilhavam noções políticas autoritárias, além de terem participado de forma secundária em governos militares anteriores (LUNA, 2013). Se o interesse chileno nas negociações com a Argentina era estritamente econômico, o mesmo não poderia ser dito do país ao leste da cordilheira. A integração econômica era de fato desejada por J. Perón, mas existia também um interesse político por trás que visava o início de uma integração latino-americana, na qual a Argentina seria seu centro

político⁸³. Para Díaz (2016), o próprio J. Perón compreendia que a base da união seria econômica, pois enquanto o Chile necessitava de alimentos, a Argentina carecia de produtos primários, como ferro e cobre; não obstante, o presidente declarou para o cônsul chileno Oscar Palacios que Chile e Argentina deveriam ser um só país⁸⁴. A visita do líder justicialista foi marcada por multidões de trabalhadores que o acompanhavam em eventos públicos e uma intensa cobertura midiática. Na imprensa chilena, todavia, os pronunciamentos de J. Perón não foram bem recebidos: o jornal *La Nación* divulgou uma fala do presidente argentino em que afirmava estar disposto a aceitar que o Chile se anexasse à Argentina em nome da unidade. Além disso, em carta a Carlos Ibáñez, J. Perón o aconselhava a apartar-se do parlamento, o que para a opinião opositora – e até mesmo para alguns membros do governo – se aproximava de atitudes ditatoriais. A influência peronista nos assuntos internos da política chilena e suas pretensões expansionistas deixavam os chilenos em alerta para o conteúdo dos acordos que viriam a ser pactuados.

O primeiro acordo foi assinado em 21 de fevereiro de 1953. A *Acta de Santiago*, inspirada nos preceitos da doutrina justicialista, visava estabelecer a união econômica entre os dois países. Em 120 dias, a redação do tratado deveria ser finalizada visando à supressão alfandegaria, mas os projetos apresentados por cada governo continham disparidades que dificilmente seriam completamente resolvidas nesse ínterim. Ao passo em que o Chile tentava restringir o acordo ao campo econômico, a Argentina insistia em integrar valores políticos, culturais e sociais que ratificavam a prevalência peronista. As diferentes finalidades e visões de cada país em relação ao que deveria ser acordado no documento geraram descontentamentos na população chilena, que temia pela preservação das instituições democráticas. Apesar do nome do tratado, o documento se firmava como um chamado aos demais países latino-americanos para que se juntassem ao incipiente grupo de países com comuns acordos e interesses (FERMADOIS, 2015; DÍAZ, 2016). Aproximando-se do

⁸³ Autores como Díaz (2016) e FERMADOIS (2015) apontam que a viagem de J. Perón ao Chile também revelava o interesse em influenciar a política interna do país – as eleições parlamentárias aconteceriam no mês seguinte – e propagandear a doutrina justicialista na sociedade vizinha por meio de tentativas de compra de meios de comunicação – tal qual o caso da rádio *El Mercurio* – e de financiamento de grupos partidários, como foi o caso da doação feita em dinheiro para a senadora María de La Cruz.

⁸⁴ “En reunión que tuvo Perón con el cónsul chileno Oscar Palacios, el mandatario argentino dijo: ‘Debemos hacer de Chile y Argentina un solo país. Llamamos a algunos artistas para que con los colores de las dos banderas hagan una sola y en la misma forma procedan con los escudos. En relación con nuestros himnos nacionales, apelamos a poetas y músicos, a fin de que nos escriban una sola letra y una sola canción con los dos himnos’” (DÍAZ, 2016, p. 132).

prazo para a concretização da *Acta*, Ibáñez viajou a Buenos Aires para a efetivação do segundo acordo em julho, intitulado *Tratado de Unión Económica Chileno-Argentina*, cujas principais normativas foram:

[...] la concertación de planes económicos destinados a llevar a la mayor amplitud el intercambio comercial; [...] el desarrollo de la industrialización de ambos países mediante el aporte recíproco de capitales y todo otro medio al alcance de los gobiernos pactantes [...]; la supresión de los derechos aduaneros, impuestos, márgenes de cambio, tasas excesivas y toda otra medida que grave o restrinja la importación o exportación entre ambos países [...]; se sistematizarán e integrarán los servicios de transportes terrestres, marítimo y aéreo entre ambos países, a fin de adecuarlos eficiente y económicamente a las necesidades del intercambio. (TRATADO, 1953, p. 1-3).

Como assinala Zanatta (2013), um acordo econômico entre Chile e Argentina era vantajoso e necessário para ambos os países, já que desejavam maior desenvolvimento de suas indústrias e exportações. Todavia, era improvável que Carlos Ibáñez – e qualquer outro presidente – aceitasse as prerrogativas de Juan Perón de formar um só Estado moldado pela doutrina justicialista; tampouco as diretrizes da Terceira Posição seriam plenamente aceitas para a formação de um bloco de oposição aos Estados Unidos. O que realmente interessava ao governo chileno era inserir sua produção de cobre no mercado mundial, mesmo que para isso tivesse que renunciar ao nacionalismo econômico defendido pelo governo peronista. Ainda que houvesse inconvenientes com a interferência estadunidense no campo econômico e político, o Chile não estava disposto a confrontar o governo de Eisenhower. Para Luna (2013, p. 25), “el resultado final ha sido que en Chile se ha producido un ambiente de general desconfianza con respecto a las intenciones [...] del general Perón” e a aproximação entre os dois países ocorreu, por fim, “[...] más como el fruto de un parentesco político entre Perón e Ibáñez que como la manera de servir los intereses económicos permanentes de ambos pueblos”.

Em *Mundo Peronista*, a cobertura desses acontecimentos foi assídua, porém omissa no que diz respeito às controvérsias e desencontros entre os dois países. A mensagem que se pretendia passar ao leitor era de uma relação completamente amistosa e inevitavelmente necessária, cuja justificativa se fundamentava no passado: San Martín, ao sair de Mendoza com seu exército revolucionário e atravessar a Cordilheira dos Andes para ir ao encontro do chileno Bernardo O'Higgins (1778-1842) – episódio conhecido como *Paso de los Andes* –,

concretizava seu plano de expandir o movimento emancipatório para outros territórios sul americanos. *La hora de los pueblos sojuzgados*, artigo publicado em 15 de fevereiro de 1953, traçava um paralelo entre os acontecimentos do século XIX e da década de 1950, a fim de encontrar as semelhanças entre a viagem de J. Perón ao Chile com aquela realizada pelo “Gran Capitán”. Entretanto, essas conformidades não significavam que a história era passível de repetição; “se repite distintamente”, descrevia a revista, antecedendo os parágrafos que explicariam ao leitor a validade das semelhanças e diferenças que, ao fim, legitimariam as intenções do governo peronista no Chile.

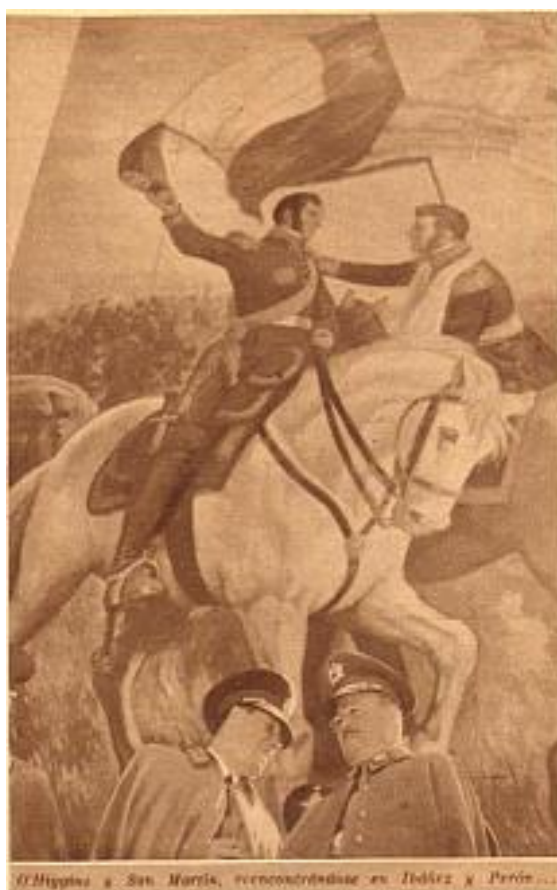
Para *Mundo Peronista*, a união entre os povos argentino e chileno no século XX se fazia necessária pelo mesmo motivo que havia no século anterior: a presença de grupos imperialistas cujos interesses não beneficiariam em nada os países latino-americanos, gerando apenas humilhação à população. Se a ocupação feita pelos adversários na época de San Martín era militar, violenta e tomava os territórios dos nativos hasteando bandeiras estrangeiras e aniquilando quem a eles se opusesse, no século XX essa invasão, agora reinventada, se estabelecia através da diplomacia. De forma pacífica, esses mesmos adversários se apoderavam de todas as riquezas do país. O inimigo de J. Perón era, portanto, o mesmo de San Martín; o objetivo da Revolução de Maio era idêntico ao da Revolução Peronista (MUNDO PERONISTA, 39, p. 46. 15/02/1953). As formas de execução com as quais os imperialistas oprimiam e exploravam mudavam com o tempo, mas o objetivo permanecia o mesmo: ocupar os territórios latino-americanos e exercer seu poderio; quer dizer, os contornos da história eram únicos, ligavam-se ao contexto e necessidades de cada época, mas os seus objetivos poderiam permanecer.

“Pero así como en el pasado fue menester el abrazo de Bolívar y San Martín para sellar nuestro común destino, hoy se necesita el abrazo de los pueblos [...]” (MUNDO PERONISTA, 39, p. 46. 15/02/1953). A referência ao encontro entre os dois líderes emancipadores da América Latina na cidade de Guayaquil se relacionava, também, ao encontro entre Ibáñez e J. Perón. Ainda que pouco desdobrada pela publicação, esse episódio ocorrido em 1822 representa uma incógnita para a historiografia. Apesar de ter se tratado de uma tentativa de conectar as forças independentistas do norte e do sul, não se sabe o conteúdo das conversas entre Simón Bolívar (1783-1830) e San Martín. O que ocorreu depois desse encontro foi o abandono, por parte do líder argentino, da luta emancipatória e sua ida

definitiva à França. Não obstante, a revista se apropriou apenas do encontro entre os “Libertadores” para comparar – e legitimar –, no presente, com o encontro de J. Perón com Ibáñez, a primeira tentativa de libertar os povos latino-americanos do domínio imperialista no século XX.

Figura 26 - Registro fotográfico do encontro entre Juan Perón e Carlos Ibáñez na Argentina em 1953.

Na legenda, é possível ler: “O'Higgins y San Martín, reencontrándose en Ibáñez y Perón...”



Fonte: Mundo Peronista, 45, p. 14, 15/07/1953.

No contexto da viagem do presidente chileno à Argentina em julho de 1953, *Mundo Peronista* publicou em *La palabra de Perón* – que compunha a seção doutrinária *Escuela Superior Peronista* – seis tópicos cujo autor, apesar de anônimo, se utilizou de obras diversas para formar a discussão publicada. Não era usual aparecerem as referências consultadas para a elaboração dos artigos publicados pela revista, mas neste caso acreditamos que essas menções foram especificadas a fim de outorgar autenticidade aos acontecimentos daquele ano⁸⁵. *El ideal de la*

⁸⁵ Para a construção do artigo, foram consultados os seguintes trabalhos: o discurso de José Victorino Lastarria – político e escritor chileno do século XIX – em ocasião da inauguração do monumento a San Martín no Chile, presente na obra *Antología Sanmartiniana* (edição de 1951 publicada pela Editora Estrada); o discurso do general argentino Juan Gregorio de Las Heras em ocasião idêntica à anterior, consultado nos *Archivos de la Nación Argentina. Documentos referente a la Guerra de la Independencia y Emancipación Política de la R. Argentina, 1917*; trechos de *Historia del Peronismo*

unidad americana iniciava a discussão argumentando que da mesma forma como San Martín desobedeceu aos interesses mesquinhos, que queriam criar rivalidades entre os povos autóctones, para se dedicar à emancipação da Argentina e do Chile, na década de 1950 “renace la época gloriosa en la que, al decir de Las Heras (2), en la historia de este continente todos los americanos éramos compatriotas unidos por el doble vínculo de nuestro común infortunio y nuestro comunes esfuerzos por la independencia” (MUNDO PERONISTA, 47, p. 43, 05/08/1953). Essa época que se referia o autor era marcada pela aliança entre Ibáñez e J. Perón e pelo fato de que a Argentina, muito mais fortalecida que anteriormente por ter encontrado o líder peronista, reencontrava o caminho para o alcance de sua meta histórica, que a ligava inevitavelmente ao Chile. Para a revista, os homens do século XIX, apesar de serem merecedores de admiração, foram desleais com os princípios emancipatórios da década de 1810 e com isso mergulharam seus países em um século sem propósito algum. O que J. Perón e Ibáñez deveriam fazer era seguir os passos dos grandes homens, como San Martín, Simón Bolívar e Miguel Hidalgo, para consumir definitivamente a obra de independência iniciada no século passado.

Fazendo previsões para o futuro, *Mundo Peronista* chamava atenção dos leitores para o risco de que, se não fosse cumprida a união entre Chile e Argentina, nos anos 2000 o povo latino-americano estaria completamente dominado. Essa aliança era indispensável para se lutar contra a ameaça imperialista e a última oportunidade para cumprir “[...] con la misión que Dios nos tiene reservada en sus eternos designios, insondables” (MUNDO PERONISTA, 47, p. 44. 05/08/1953). Nesse sentido, a geração dos anos 2000 olharia para a geração de 1950 como traidores do povo por não terem cumprido com o seu destino histórico ou heróis. A *Acta de Santiago*, para a revista, recuperava os ideais *sanmartinianos* porque não se limitava na união já predestinada entre Argentina e Chile; esse acordo seria o fundamento para uma ação que visava à união de todos os povos do continente.

El Acta de Santiago, firmada por Perón e Ibáñez el 21 de febrero de 1953, recoge los grandes principios del Gran Capitán y del Héroe Chileno, deberes ineludibles para todos los chilenos y para todos los argentinos. En ella los Conductores argentino y chileno consagran el propósito de alcanzar los ideales comunes e irrenunciabiles de ambos Pueblos, concretando así el espíritu que animó la unión de Argentina

de Eva Perón; a *Primer Mensaje a las naciones extranjeras* de Bernardo O'Higgins publicada em *Historia de San Martín* de Bartolomé Mitre (edição impressa pela Peuser em 1950) e o preâmbulo da *Acta de Santiago* (MUNDO PERONISTA, 47, p. 43-44, 05/08/1953).

y Chile en las gestas históricas de la Independencia. (MUNDO PERONISTA, 47, p. 44, 05/08/1953).

As referências a San Martín eram mais constantes que a O'Higgins não por acaso. Ora, se o líder argentino era o “Gran Capitán” e o aquele era apenas o “Héroe Chileno”, depreendemos a centralidade com a qual a embrionária Argentina da primeira metade do século XIX já se preestabelecia no cenário político. Sendo ela quem organizava exércitos de libertação e difundia os ideais emancipatórios, nada mais coerente de ser ela mesma a detentora do poder na nova ordem que seria instaurada. O papel de Manuel Belgrano no Paraguai, por exemplo, ilustra bem essa situação: a influência direta da Argentina na independência dos países vizinhos aspirava, é claro, emancipá-los da Espanha, mas, principalmente, incorporá-los ao seu comando. O ideal de conformar as Províncias Unidas do Rio da Prata é reatualizado partir do acordo firmado entre o Estado peronista e o Chile. Reinicia-se, portanto, do mesmo lugar de onde San Martín começou, mas a diferença, na década de 1950, era que o país contava com o condutor genial cujo destino se encontrou com o povo argentino. Para além de promessas, J. Perón cumpria com as demandas do presente e concluía aquelas que estavam pendentes no passado.

3.7 Conclusão

A análise das publicações de *Mundo Peronista* que apresentam referências ao passado revela a importância conferida à história pela publicação. Recorrer aos acontecimentos anteriores para explicar e justificar o presente não era uma prática nova; na Argentina, passado e presente se completavam de tal forma que muitos defendiam que sem o primeiro era impossível agir politicamente no presente. Os unitários e federalistas do século XIX atualizaram suas formas de fazer política e aprofundaram suas diferenças, mas mantiveram a importância da história para a efetivação de seus projetos políticos. Nacionalistas de direita e revisionistas históricos – em seus mais diversificados posicionamentos – acusavam a interpretação liberal da história de não contemplar a totalidade dos acontecimentos do passado e de falsificarem o conhecimento histórico para legitimar suas aspirações políticas. Sob a influência de Charles Maurras, esses grupos utilizariam a história como instrumento de combate político: “[...] a história-disciplina era mais que ciência ou prazer: era um instrumento para intervir no presente. No caso francês, prestava-se para atacar os republicanos e lutar pela restauração da monarquia”

(BEIRED, 1999, p. 242) e, no caso argentino, essa mesma história seria usada para retomar a verdadeira nação, ancorada em valores federalistas.

Localizava-se no passado a nação a ser recuperada pelo peronismo e os exemplos – e cuidados – a serem seguidos para que ela não se perdesse novamente. O grandioso futuro argentino, deliberado desde os processos emancipatórios, dependia da valorização daquilo que era autóctone e da emancipação política e econômica das amarras imperialistas. Como vimos, são inúmeras as coincidências entre as concepções históricas do peronismo e do revisionismo histórico, algumas delas discutidas nesse capítulo; todavia, e apesar da existência desse movimento já naquele contexto e do apoio dos nacionalistas, o peronismo não incorporou a perspectiva revisionista. Mesmo com as críticas ao liberalismo, o governo continuou sustentando a interpretação liberal hegemônica no campo da história. A título de exemplo, destacamos o distanciamento tomado em relação aos caudilhos pela revista: J. Perón não era um caudilho porque havia superado os vínculos hostis com países imperialistas e dignificado verdadeiramente o povo argentino. Raanan Rein (1998) defende que a apropriação peronista da tradição liberal visava à conquista de uma legitimidade e um poder que afastasse J. Perón das assimilações feitas entre ele e Rosas, que poderiam afetar negativamente a imagem do mandatário da nação.

Isso não anula, todavia, a importância de se buscar no passado os meios para validar as pretensões peronistas e suas raízes, mas revela a cautela em se posicionar definitivamente em uma ou outra interpretação do passado argentino sem perder de vista o objetivo de outorgar ao peronismo o rubrica de projeto original. A aproximação positiva com a figura de Juan Manuel de Rosas, empreendida por escritores e políticos peronistas, foi substituída em *Mundo Peronista* pela comparação com San Martín, líder emancipador cuja importância era cara a todos os grupos políticos do país. A adesão do peronismo ao revisionismo foi, portanto, parcial, pois se a prioridade do governo era o presente – a conformação de uma nova opção política – e o passado argentino era espaço de intensos debates que poderiam ou não legitimar projetos do presente, a saída encontrada pelo peronismo foi a de permitir a colaboração de indivíduos de distintas vertentes ideológicas – até mesmo liberais – que poderiam contribuir no projeto de peronização das instâncias sociais.

O tratamento dado à história pela publicação não representou, portanto, a tentativa de inaugurar uma nova linha histórica de interpretação, mas sim como a manipulação de acontecimentos do passado pode ser frutífera para legitimar as intenções e projetos políticos do presente. A ausência de referências a líderes emblemáticos do passado argentino – como Juan Manuel de Rosas –, que poderiam ser vinculados à figura de Juan Perón e até mesmo as irrisórias menções àqueles que pertenciam à tradição liberal, veemente atacada nas páginas da revista, são elementos que permitem pensar posições adotadas pela revista que não necessariamente se anulam: o cuidado em não se posicionar definitivamente em um ou outro grupo político (ou em interpretações sobre o passado) para não perder de vista o objetivo de conferir ao peronismo a insígnia de projeto original de nação, a falta de interesse dos redatores – e por que não de preparo – em cunhar discussões mais profundas sobre a interpretação da história e, como já apontado, a real intenção das publicações que discursavam sobre a história estar mais direcionada à difusão do movimento e menos às regras e orientações da historiografia profissional que fundamentavam o ensino e a pesquisa no país.

4 O SENTIDO DO PROGRESSO: A ECONOMIA EM FUNÇÃO DO BEM-ESTAR POPULAR

O último capítulo desta dissertação tem como objetivo investigar como *Mundo Peronista* utilizou o tema econômico, acrescido de discussões sobre o bem-estar, para legitimar o governo justicialista. Partimos da hipótese de que os artigos e as matérias sobre as políticas econômicas de Juan Perón pretendiam ratificar o caráter modernizador do governo ao contrapor-lo a um passado de desigualdade e injustiça. A divulgação, por exemplo, da nacionalização de ferrovias, construções de rodovias, diques, usinas, parques industriais, estações de ônibus e trens, escolas, hospitais e casas populares, bem como o incremento do nível de vida dos setores populares, objetivava não somente atestar a independência econômica alcançada pelo governo peronista, mas assegurar o apoio popular para os próximos anos. Como veremos, a conjuntura que inaugurou a segunda presidência de Juan Perón diferenciou-se da primeira em diversos aspectos, entre eles o econômico: as condições favoráveis dos primeiros anos do pós-guerra já não acompanhariam o segundo governo peronista que, por sua vez, teria de lidar com uma profunda crise econômica que estremeceria as suas bases de apoio.

Em diversas ocasiões, *Mundo Peronista* empregou a palavra “modernização” para caracterizar positivamente os resultados das políticas econômicas. Não pretendemos, todavia, discorrer e analisar os sentidos do conceito de modernização e sua aplicabilidade na realidade argentina. O que nos interessa é investigar o que a revista entendia por modernização e por que lhe era conveniente propagandear as “realizaciones peronistas” de tal modo. Além do caráter modernizador, as transformações econômicas também assumiam um aspecto nacionalista em *Mundo Peronista*. Para a revista, a valorização das indústrias nacionais em detrimento das estrangeiras, por exemplo, demonstrava o verdadeiro comprometimento de Juan Perón com a economia do país e os interesses autóctones. Nesse discurso, o líder justicialista era distinguido positivamente dos demais presidentes e líderes políticos argentinos por construir um país mais justo, soberano e independente. Como uma revista de propaganda, sustentamos a hipótese de que o objetivo da publicação alinhava-se mais à difusão de ideias para a legitimação do governo do que à responsabilidade de publicar análises econômicas mais profundas e coerentes.

4.1 Economia argentina e as políticas econômicas peronistas

A Constituição de 1853, aprovada após o derrocamento de Juan Manoel de Rosas, simbolizou a vitória do projeto liberal para a conformação do Estado argentino. Fundamentado no programa unitário e financiado pelo capital inglês, o processo de modernização econômica transformou o país em um grande e importante exportador de alimentos, como cereais e carne bovina. A expansão econômica também modernizou o Porto de Buenos Aires e a malha ferroviária para o escoamento da produção e incidiu diretamente no processo de urbanização, convertendo a “Grande Aldeia” – como era conhecida a região de Buenos Aires até meados de 1870 – em uma grande cidade, urbanizada e densamente povoada. O notável crescimento de Buenos Aires e o desenvolvimento inicial da industrialização de manufaturados existiam paralelamente com a economia agroexportadora, que regulava todas as demais atividades econômicas. Nessa conjuntura, como aponta Mario Rapoport (2000), os governos oligárquicos estavam subordinados aos investimentos estrangeiros e desenvolviam políticas externas que visavam proteger esse capital.

No século XX, a chegada do radicalismo ao poder com a eleição de Hipólito Yrigoyen em 1916 simbolizou o afastamento da oligarquia – ainda que momentaneamente – do governo federal. Apesar do aumento do gasto estatal e da tímida redistribuição de renda a partir do incremento de salários e da criação de pensões (RAPOPORT, 2000), os governos radicais não alteraram o modelo econômico agroexportador do século passado. Ademais, as implicações da Primeira Guerra Mundial e da Crise de 1929 ocasionaram a redução da exportação dos produtos agropecuários argentinos e a importação de insumos para a indústria. Essas circunstâncias estimularam o desenvolvimento de pequenas fábricas para a produção de bens não duráveis que não podiam mais ser importados: ora, se os produtos agropecuários eram o motor da economia, a queda de suas exportações ocasionou a falta de divisas para importar os produtos manufaturados que atendiam, principalmente, o público das cidades. A necessidade de atender a demanda do consumo interno daqueles produtos promoveu, portanto, o início da industrialização baseada na substituição de importações. Durante a Segunda Guerra Mundial, esse processo de industrialização intensificou-se, enquanto que as exportações argentinas, diferentemente do cenário da Primeira Guerra Mundial, aumentaram

para cobrir a demanda que os países beligerantes não conseguiam mais atender (MILANESIO, 2014).

Em 06 de setembro de 1930, o golpe cívico-militar que derrocou o presidente Hipólito Yrigoyen deu início ao período conhecido como “década infame”. Em matéria econômica, a volta da oligarquia ao poder representou a reorientação das políticas econômicas argentinas para os investimentos externos. Para favorecer os grandes proprietários de terras, foi firmado o Tratado Roca-Runciman em 1933, no qual a Argentina assegurava a exportação de carne bovina à Inglaterra em troca de concessões econômicas. O pagamento das carnes seria feito mediante créditos que ficariam bloqueados em Londres para usos futuros. O acordo teve ampla repercussão no país e entre os grupos opositores ao governo as críticas giravam em torno do monopólio que a Grã Bretanha passaria a exercer no mercado de carne argentino, ferindo os princípios nacionais. Para Ricardo Sidicaro (2005), foi este o contexto de o surgimento do intervencionismo estatal nos assuntos relativos à economia e à sociedade: o golpe de 1930 surgiu com o intuito de proteger os interesses dos grandes proprietários agrários na medida em que a intervenção militar pretendia reestabelecer as propostas políticas oligárquicas, isto é, aquelas existentes antes da eleição de Yrigoyen. Nesse sentido, o intervencionismo estatal argentino⁸⁶ surgiu como justificativa para defender a economia ao prestar amparo ao setor rural. Para o autor, o estado intervencionista que se desenvolveu na década de 1930 foi o *locus* institucional que facilitaria o surgimento do peronismo nos anos seguintes⁸⁷.

O governo de Ramón Castillo, último presidente da “década infame”, foi derrubado pelo golpe militar do autointitulado Grupo de Oficiais Unidos (GOU) em junho de 1943. Conservador, antiliberal e anticomunista, o grupo militar que assumiu o poder possuía uma visão mais nacionalista da economia, pautada pela ideia de construir – resgatar – a grande nação argentina. Deu-se, então, importância para a continuidade da industrialização do país para atender a demanda local e lograr certa

⁸⁶ Sidicaro (2005, p. 31) apresenta duas visões do intervencionismo estatal. A primeira é a visão fascista/nacionalista adotada pelos Estados ideologizados e com grandes interesses econômicos, enquanto que a segunda consiste no intervencionismo argentino, que se difere do primeiro pelo fato de ter sido os grupos econômicos quem recorreram ao governo para conformar um novo tipo de Estado que defendesse seus interesses.

⁸⁷ Gerchunoff e Antúñez (2002, p.132-133) indicam que a ampliação do papel do Estado não foi algo exclusivo da Argentina e, mais precisamente, do governo peronista. A França, por exemplo, nacionalizou indústrias e instituições de crédito; a Grã Bretanha também optou por políticas de nacionalizações que alcançaram as finanças, insumos energéticos e os transportes.

independência econômica. Como apontado anteriormente, durante a Segunda Guerra Mundial as exportações argentinas aumentaram, fazendo com que a economia prosperasse:

Durante la guerra, la Argentina tuvo superávit en todas las áreas comerciales. Y si bien es cierto que los importantes excedentes con Inglaterra estaban bloqueados y fue un debate permanente de la época qué hacer con esos fondos, el acceso de las exportaciones argentinas al área del dólar permitió acumular divisas de libre disponibilidad. Un retrato estilizado de las estadísticas de la balanza de pagos entre 1941 – año en que los Estados Unidos entran en la guerra – y 1945 – año en que la guerra finaliza – clarifica acerca del escenario inicial que le esperaba a Perón: para el promedio del quinquenio, la Argentina le vendió al conjunto de América el 50% de sus exportaciones totales y el saldo neto de la balanza de pagos fue un 63% en divisas de libre transferencia y un 37% en divisas de compensación. Eso explica que en 1946, inmediatamente después del cambio de gobierno, las reservas internacionales del Banco Central estuvieran constituidas en un 65% por oro y divisas de libre transferencia y en un 35% por divisas de compensación. (ANTÚNEZ; GERCHUNOFF, 2002, p. 136).

Nos anos finais da Segunda Guerra Mundial, a Argentina era, de acordo com Claudio Belini e Juan Carlos Korol (2012), o país mais rico da América Latina: possuía uma população de 16 milhões de habitantes com a maior renda per capita, uma posição externa bem consolidada, reservas no Banco Central, baixa dívida externa e superávit da balança comercial. Gerchunoff e Antúnez (2002, p. 19) apontam que o país acumulou, de maneira ininterrupta entre 1940 e 1946, reservas cambiais, além de manter o superávit da balança comercial por quase dez anos consecutivos (1939-1948). Para Carlos Díaz Alejandro (1975, p. 114), dados do *Consejo Nacional de Desarrollo* (CONADE) apontavam para um crescimento de 29% do PIB, enquanto que o *Banco Central de la Republica Argentina* (BCRA) indicava 25% de aumento entre 1945 e 1948. Apesar a “bonança”, as autoridades políticas e econômicas – entre elas o próprio Juan Perón – temiam as consequências geradas pelo fim da guerra e pela restauração das economias dos países beligerantes. A “capacidade destrutiva da paz” (ANTÚNEZ; GERCHUNOFF, 2002) era um assunto da ordem do dia, pois afetaria diretamente a estrutura produtiva das indústrias argentinas. Com a reativação das economias europeias que foram devastadas pela guerra, tanto o setor agroexportador quanto o urbano-industrial estariam ameaçados: o Estado deveria, então, desenvolver meios de protegê-los e incrementá-los para que competissem com outros mercados e continuassem prosperando.

O cenário encontrado por Juan Perón no ano de 1946 se equilibrava, portanto, entre a prosperidade econômica inquestionável da época e um futuro incerto que demandaria medidas que marcariam – e fragmentariam – a sociedade argentina. Além do mais, a popularidade de J. Perón entre a classe trabalhadora e o apoio que esta lhe dava estavam atrelados à preservação dos direitos trabalhistas promulgados, ao melhoramento do nível de vida dos *obreros* e à situação de pleno emprego⁸⁸; a redução da produtividade ou a paralização da mesma atingiriam diretamente sua base de apoio, pois seriam aquelas pessoas as primeiras a serem prejudicadas.

Antes da posse de Juan Perón em junho de 1946, o presidente Edelmiro Farrell operou duas mudanças substanciais em matéria econômica que configurariam a economia peronista a partir de então. A primeira foi a nacionalização do Banco Central⁸⁹ por meio de um decreto assinado em 25 de março de 1946 que o transformava em “entidade autárquica” e a segunda dizia respeito à criação do *Instituto Argentino de Promoción del Intercambio* (IAPI), outra entidade autárquica. Essas duas medidas de Farrell – das quais J. Perón estava integralmente de acordo – representavam, respectivamente, a centralização monetária e a monopolização do mercado exterior por parte do Estado, nítidos sinais da nacionalização econômica do período peronista. Uma vez na presidência, J. Perón deu continuidade às nacionalizações que, apesar de não terem sido uma ideia nova e muito menos algo exclusivo do peronismo, tornou-se uma marca indelével daqueles anos.

A primeira empresa nacionalizada pelo peronismo foi a *Unión Telefónica* (United River Plate Telephone Co.) vinculada a ITT, uma empresa estadunidense. Vendida por 95 milhões de dólares, a UT passou a se chamar *Empresa Mixta Telefónica Argentina* (EMTA) e, se para o governo a compra era um “ato revolucionário” por “recuperar os serviços públicos” e instalar indústrias que produziram os materiais necessários para a manutenção da rede telefônica, para os

⁸⁸ Torna-se imperativo destacar que as reivindicações atendidas por J. Perón tanto na Secretaria do Trabalho como na presidência da nação não se originaram na década de 1940 e muito menos pelos trabalhadores simpáticos ao peronismo. Concordamos com Basualdo (2005) quando afirma que um dos marcos importantes do peronismo na história argentina foi o aumento da participação dos trabalhadores na renda nacional a partir do aumento de salários, reconhecimentos de sindicatos, aprovação de leis de segurança social, entre outros. Não obstante, essas reivindicações já faziam parte do repertório de grupos anteriores à ascensão do peronismo, como os anarquistas, os radicais, os socialistas e comunistas.

⁸⁹ De acordo com Noemí Girbal-Blacha (2004, p. 76), a nacionalização do Banco Central inseriu-se na denominada “reforma financeira” que pretendia superar a “crise de distribuição”. A estatização do Banco Central transformou todo o seu capital em patrimônio nacional e dava ao Estado “liberdade de ação” aos assuntos monetários e de crédito.

Estados Unidos a venda representou um ótimo negócio, pois se isentavam do compromisso de prestar serviços às instalações que estavam desgastadas e se tornavam consultores técnicos e provedores de materiais por dez anos (LUNA, 2013, p. 121-123).

As longas e complexas negociações entre Miguel Miranda, presidente do Banco Central, do IAPI e do *Consejo Económico Nacional*, e as autoridades britânicas em 1947 visavam resolver uma série de questões entre os dois países: resolver o problema das libras esterlinas bloqueadas no Banco da Inglaterra, a continuidade do comércio de carne e a questão das ferrovias inglesas. Como indica Rapoport (2000), os países acordaram em normalizar de forma parcial os saldos argentinos acumulados na Inglaterra. As libras esterlinas eram de interesse argentino porque poderiam financiar o processo de industrialização nacional com a compra de insumos e matérias-primas de outros países. Em relação ao mercado de carne bovina, ficaram acertados que os ingleses adquiririam determinados saldos da exportação argentina durante quatro anos. A questão da malha ferroviária inglesa era um assunto já em voga mesmo antes da chegada do peronismo ao poder. Desde meados da década de 1930, os ingleses demonstravam interesse em vender suas empresas ao governo argentino, mas as propostas eram sempre recusadas (LUNA, 2013). O Tratado Miranda-Eady, firmado em fevereiro de 1947, além de abarcar os assuntos indicados anteriormente, definia a venda das ferrovias britânicas ao Estado argentino por 135 milhões de libras esterlinas. A criação da *Empresa de Ferrocarriles del Estado Argentino* (EFEA), popularmente conhecida como *Ferrocarriles Argentinos*, juntamente com a compra das ferrovias francesas por 180 milhões de francos, representavam uma “necessidade histórica” que satisfazia o orgulho nacional⁹⁰. O “Estado empresário” crescia na medida em que o governo criava novas empresas de serviços públicos, como a *Gás del Estado*, a *Aerolíneas Argentinas*, o apoio e o financiamento à Marinha Mercante, a fundação da *Dirección General de Energía*, entre outros. Para os peronistas, as

⁹⁰ “Sin embargo, el tratado Eady-Miranda – como se lo denominó informalmente – fue objeto de diversos tipos de críticas tanto internas, pues el consenso mayoritario de la opinión pública coincidía con la idea de una nacionalización, y no de una compañía mixta – los radicales, por ejemplo, habían emprendido una campaña importante en ese sentido –, como externas, por las presiones de los norteamericanos para suprimir del tratado las disposiciones sobre el uso exclusivo de los fondos bloqueados para pagos en Gran Bretaña, que impedían que esas libras se usen en el comercio con la Argentina y no pudieran convertirse a dólares”. Para saber mais, consultar: RAPOPORT, Mario. Los gobiernos peronistas (1946-1955). In: _____. *Historia económica, política y social de la Argentina (1880-2000)*. Buenos Aires: Ediciones Macchi, 2000, p. 390.

nacionalizações e a criação de empresas estatais simbolizavam o crescimento da soberania argentina perante o mundo. Nesse sentido, a maior participação do Estado na economia também estava ligada à significativa redistribuição de renda operada nos primeiros anos do governo peronista.

A realidade econômica dos setores industrial e rural logo no início do governo de J. Perón estavam, como vimos, associadas aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. O aumento das exportações de alimentos lograram o superávit da balança comercial e a acumulação de capital, enquanto que pequenas e médias empresas de manufaturas prosperavam com o aumento da mão-de-obra que chegava do interior ao país às grandes cidades. O destaque do setor rural naquele momento era o *Instituto Argentino de Promoción del Intercambio* (IAPI). Coordenado por Miguel Miranda, o instituto centralizou o comércio externo, isto é, tornou-se o único comprador dos produtos agropecuários e o único vendedor argentino no mercado internacional. O IAPI comprava barato dos produtores e vendia a um preço maior no exterior; todavia, o lucro não voltava para o campo, sendo revertido em investimentos no setor industrial-urbano. As nacionalizações, a ampliação do serviço público, o fomento à industrialização e a importação de produtos – matérias-primas e bens de consumo – são exemplos de como os recursos do IAPI foram usados (RAPOPORT, 2000).

Nos primeiros anos de governo, as indústrias de manufaturas foram incentivadas ao passo em que o consumo interno era fomentado pelo governo. Roupas, produtos químicos de uso pessoal, medicamentos e aparelhos de uso doméstico são exemplos de produtos que eram fabricados pelas indústrias argentinas (ROCK, 1989). A comercialização desses artigos dependia da ampliação do mercado interno, que se dava por meio de uma maior intervenção estatal, verificada nas políticas de redistribuição de renda. Apesar da prosperidade dos primeiros anos, o aumento do consumo interno não coincidiu com o aumento da produção. Como veremos adiante, os investimentos industriais diminuía na medida em que a produtividade rural também decrescia. Essa circunstância gerou o desabastecimento de produtos e o aumento progressivo da inflação.

De acordo com Díaz Alejandro (1975), o cenário pós-guerra oferecia a J. Perón dois caminhos: o primeiro seria o de incrementar a produção agropecuária e as exportações e substituir as importações somente daqueles produtos difíceis de encontrar no mercado externo; a segunda alternativa consistia em manter os níveis

de exportação – e até mesmo diminuí-los – e centrar os investimentos nas indústrias de substituição. O caminho escolhido pelo peronismo se aproximou mais deste último que, paralelamente ao incremento do crescimento urbano e de determinados serviços sociais pelo Estado, consistia na transferência do capital produzido no campo para o setor urbano, onde se concentrava a maior parte da base de apoio peronista. Ainda que os primeiros anos do pós-guerra tenham possibilitado o crescimento econômico e a abundância de investimentos nas cidades, o campo não prosperava da mesma forma: a marginalização desse setor pelo governo peronista ocasionou a queda de sua produção, seja por falta de mão-de-obra – os trabalhadores se mudavam para as cidades em busca de melhores condições de vida – ou pela falta de equipamentos que reduziam não apenas a quantidade, mas prejudicavam igualmente a qualidade da produção.

Um pouco antes do esgotamento das divisas de exportação e do advento da crise econômica que marcaria a segunda presidência de J. Perón, em 1947 o governo lançou o I Plano Quinquenal⁹¹, cujo objetivo primordial era lograr a independência econômica através da construção de uma economia agroindustrial em cinco anos (ROCK, 1989). Mesmo não detalhando os custos necessários, o projeto estabelecia de forma nítida seus propósitos: a repatriação da dívida externa, a redução da propriedade estrangeira nos serviços públicos, o aumento do consumo interno mediante a redistribuição de renda, expansão da indústria manufatureira, além de atestar novos benefícios os trabalhadores, como o aumento salarial, os subsídios por enfermidades e maternidade, o pagamento de férias, o desenvolvimento do turismo social, entre outros. Para Rapoport (2000), o I Plano

⁹¹ A planificação econômica foi outro tópico bastante presente no peronismo, mas que também não foi originado por ele. De acordo com Aníbal Jáuregui (2005, p. 16), o pensamento planificado surgiu como efeito da Grande Depressão: “[...] la incapacidad de los instrumentos teóricos y prácticos de la economía neoclásica para dar cuenta de las nuevas condiciones del capitalismo hegemónico – cuya configuración, por lo demás, no acabaría por definirse sino después de 1945. Poco a poco, fue surgiendo un consenso sobre la necesidad de adoptar un ordenamiento económico por medio de políticas activas, con consenso del sector privado”. Os exemplos mais expressivos da economia planificada, naquele momento, eram os regimes nazifascistas e a URSS, fortalecendo a ideia de que a planificação econômica era antidemocrática. Não obstante, Jáuregui aponta que não era a adoção do pensamento planificado que levava à ditadura, mas o mau uso das teorias planificadoras. Nesse sentido, o problema central era a desintegração das sociedades ocidentais e a única forma de evitá-la era a opção por uma economia planificada. “El pensamiento planificado encarnaba una racionalidad programada, instrumental, en oposición el pensamiento inventivo, libre y desinteresado de los resultados para la sociedad de los actos libres de individuos libres. Aunque el plan haya sido instrumento de gobiernos antidemocráticos, su uso no significaba abdicar de las convicciones democráticas sino aprender de esas experiencias sacando lo mejor de ellas al servicio de otros objetivos” (JÁUREGUI, 2005, p. 17).

Quinquenal foi o primeiro projeto governamental que se posicionava a favor da industrialização:

Esa industrialización debía apoyarse, además, sobre el mercado interno porque, como afirmaba la Memoria del Banco Central de 1946, la Argentina era un país que basaba su economía en un muy alto porcentaje de importaciones y exportaciones y se encontraba estrechamente dependiente de lo que hacían o dejaban de hacer las otras naciones que le compraban o vendían sus productos. “Esta dependencia – decía la Memoria – señala claramente la necesidad de desarrollar el mercado interno hasta que predomine sobre el mercado exterior, como lo enseña la experiencia norteamericana”. (RAPOPORT, 2000, p. 386).

Apesar da prosperidade do contexto, o plano econômico peronista dessa época estava amparado em bases débeis: o escasso desenvolvimento das indústrias pesadas nacionais – produtoras de insumos para as indústrias, por exemplo – comprometia a produção das indústrias leves, uma vez que com a redução dos fundos de exportação a compra de insumos e matéria prima no exterior ficava comprometida, ameaçando a paralização da produção industrial (MILANESIO, 2014). Não obstante, esse problema não era específico do peronismo, mas antes um obstáculo estrutural da economia argentina. Conforme apontado anteriormente, o desenvolvimento econômico do país sempre esteve voltado para a exportação de alimentos e a importação de manufaturas; o financiamento estatal para o crescimento do setor industrial, apesar de válido, não orientou – pelo menos não em um primeiro momento – os recursos necessários para as indústrias de base, indispensáveis para que os insumos e as matérias-primas fossem mais acessíveis. Nesse sentido, “el país seguía siendo un taller, no una fábrica productora de la mayoría de los artículos manufacturados” (ROCK, 1989, p. 344).

No plano internacional, as discussões para a reconstrução dos países europeus envolvidos na Segunda Guerra Mundial interessavam diretamente o governo argentino. De acordo com Mario Rapoport e Claudio Spiguel (2009), do conflito mundial que se encerrou em 1945 surgiram duas grandes potências: os Estados Unidos e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, cada qual com sistemas políticos, econômicos e sociais bem distintos entre si. Todavia, a situação dos anos finais da década de 1940 ainda não era a que se vivenciaria nos anos seguintes com o aprofundamento da Guerra Fria. Os EUA acreditavam em um sistema, sob a sua liderança, no qual o comércio internacional não encontraria

restrições nacionais ou bilaterais. Em suma, os planos de Washington consistam na expansão e na centralidade de sua economia:

Se concebía una rápida transición hacia el multilateralismo y la libre convertibilidad al precio de políticas de ajuste interno convenidas entre países deudores y acreedores, reguladas y aceptadas por instituciones supranacionales y un centro financiero con base en el Tesoro de los Estados Unidos: es decir, la “pax americana”. (RAPOPORT; SPIGUEL, 2009, p. 07).

Não obstante, esse projeto vislumbrado pelos EUA começou a ser ameaçado com o avanço do comunismo na Europa, obrigando-o a se envolver na reconstrução do continente. Para isso, o governo estadunidense lançou o *European Recovery Program*, projeto que visava à reestruturação dos países europeus capitalistas, renovando a infraestrutura, racionalizando suas produções agrícolas e industriais e criando estruturas que alcançassem a estabilidade monetária e financeira (RAPOPORT, 2000).

O Plano Marshall, resultado concreto desse projeto, visava à exportação de alimentos estadunidenses para os países participantes; todavia, essa produção só daria conta de atingir 55% do montante prescrito, sendo necessário recorrer à ajuda de outros países para a plena realização do plano. Nesse contexto, a Argentina era um importante produtor e exportador de alimentos e, por isso, o país recebeu a promessa de ingressar no plano. No entanto, algumas circunstâncias incomodavam o governo estadunidense: as políticas econômicas peronistas impunham restrições ao funcionamento de suas empresas e o constante anti-imperialismo propagandeado pela imprensa oficial estremeciam a concretização do acordo. Para a Argentina, o Plano Marshall era extremamente importante, uma vez que a venda de cereais aos EUA seria paga em dólares que poderiam ser gastos na compra de insumos para o incremento da industrialização nacional, além de solucionar a escassez de dólares no mercado. Para os Estados Unidos, no entanto, a possibilidade da Argentina incrementar sua industrialização interna ao participar do Plano Marshall se configurava uma ameaça à sua hegemonia na América Latina. Soma-se a esse panorama a inconvertibilidade da libra esterlina que mantinha bloqueados os créditos que a Argentina possuía com a Grã Bretanha. Esse bloqueio dificultava mais ainda a situação econômica peronista, que contava com esses saldos – obtidos com o Tratado Miranda-Eady – para pagar as importações já acordadas com os EUA (RAPOPORT; SPIGUEL, 2009). Todo esse cenário, paralelamente às dificuldades

internas que começavam a apresentar-se com mais nitidez, ameaçavam o plano de desenvolvimento industrial de J. Perón.

Las importaciones para la industria y el propio nivel de actividad del sector manufacturero caían al compás de la disponibilidad de divisas, poniendo en evidencia el talón de Aquiles de un proceso de industrialización volcado hacia el mercado interno que había comenzado unos veinte años antes pero que se había profundizado durante el peronismo. (ANTÚNEZ; GERCHUNOFF, 2002, p. 166-167).

Se o crescimento urbano e industrial, bem como as políticas sociais e redistributivas, eram financiadas pelo capital gerado pelo campo e este, por sua vez, via sua produtividade diminuir cada vez mais, os dias da “*fiesta peronista*” estavam contados. É verdade que na década de 1940 a Argentina passou a importar menos e, como apontamos anteriormente, os índices econômicos se mantiveram favoráveis durante anos. Não obstante, o paradoxo era que, para continuar produzindo manufaturas, o país precisava importar insumos e matérias-primas, pois a insuficiente indústria de base nacional não atendia à demanda interna. Como o setor agrário, principal responsável pelas exportações, não conseguia mais gerar as divisas necessárias para a importação desses produtos, a produção industrial argentina se viu comprometida. Em 1949, uma soma de fatores trouxe à superfície uma profunda crise econômica que marcaria o segundo governo peronista. Acrescentam-se à situação da escassez de divisas de exportação, o crescimento da inflação, a inconvertibilidade da libra esterlina – bloqueando créditos importantes da Argentina na Grã Bretanha –, a exclusão do país do Plano Marshall – que agravou a escassez de dólares – e um longo período de secas que diminuiu a área semeada do campo e agravou também a criação de gado.

O aprofundamento da crise levou à substituição de Miguel Miranda e sua equipe econômica por um grupo liderado por Alfredo Gómez Morales, de formação mais técnica, cujo objetivo era encontrar caminhos para a crise que não prejudicassem os salários e os empregos⁹² (LUNA, 2013). Conter a inflação e retomar a produtividade agrária e industrial não podia, no discurso peronista, rescindir as políticas sociais efetuadas até então. Para Gómez Morales, a única alternativa era fomentar as exportações e restringir as importações, comprando

⁹² Para Jáuregui (2005, p.34), apesar das mudanças ministeriais ocorridas na década de 1950 na tentativa de racionalizar a economia, os objetivos econômicos se pareciam mais com “ensayos de optimismo” que revelavam a incapacidade técnica de toda equipe envolvida.

apenas o necessário para reativar o campo e a indústria. Como vimos, a deterioração da situação externa repercutiu duramente na economia interna. Para Claudio Belini (2014), o “*cambio de rumbo*” empreendido a partir de então significou a rearticulação dos princípios econômicos peronistas para solucionar a crise que se aprofundava. Todavia, para alterar as políticas econômicas era preciso considerar os fatores sociais, isto é, as conquistas populares que ditavam, até então, o tom do governo peronista. A alta do índice inflacionário significava o aumento do custo de vida e do preço dos alimentos, o que diminuía o poder de compra e desgastava o nível de vida popular.

Para conter essa situação, o governo lançou, em fevereiro de 1952, o Plano de Emergência Econômica, cujas soluções estabelecidas para sanar a crise eram: aumentar a produção, diminuir o consumo e incentivar a criação de poupanças⁹³. O plano visava também à diminuição do tamanho do Estado ao reduzir o gasto fiscal – a paralisação e o adiamento de obras – e após aumentar ligeiramente os salários, os congelou por dois anos juntamente com os preços. Houve também o incentivo ao plantio de hortas nos quintais das casas e a compra de alimentos em cooperativas onde os preços eram menores. A imprensa oficial desempenhou um importante papel não apenas na divulgação das diretrizes do plano, mas também na orientação do consumo, no incentivo ao aumento da produtividade e na contenção de gastos. O problema do desabastecimento de alimentos foi tão grave nesse período que o país teve que importar trigo, uma de suas principais produções.

La escasez de granos fue tan intensa que el gobierno promovió la elaboración de pan mediante mezclas de mijo y centeno en sustitución del trigo. Aunque parezca un dato trivial, ello causó estupor en muchos argentinos, a quienes les parecía una aberración que en un país considerado el granero del mundo se acabara consumiendo, por casi dos años, un pan ajeno a su tradicional blancura. De todas maneras, Gómez Morales ha subrayado la equidad dentro de la calamidad: "Se comió pan negro, pero lo comieron todos, desde Anchorena hasta el hombre más humilde". (ANTÚNEZ; GERCHUNOFF, 2002, p. 165).

⁹³ Criada em 1915, a *Caja Nacional de Ahorro Postal* ganhou repercussão durante os governos peronistas. O aumento dos salários possibilitou que as famílias guardassem dinheiro nas contas de poupança nacionais. No contexto do Plano de Emergência Econômica, a *Libreta de Ahorro* foi lançada para estimular a economia de dinheiro e a racionalização do consumo. Funcionários da *Caja* visitavam fábricas e escolas para conscientizar a população e distribuir o livro de controle. Ademais, espécies de guichês foram criados em vários pontos da cidade – até mesmo dentro de grandes empresas e centros educativos – para incentivar a população a realizar seus depósitos.

Para Tulio Halperin Donghi (1972), as consequências da crise revelaram a timidez das reformas sociais operadas pelo peronismo. Nessa ótica, as transformações operadas durante o primeiro governo peronista estavam mais fundamentadas na conjuntura favorável – mas momentânea – daqueles anos do que em mudanças estruturais no campo econômico. Não obstante, os investimentos em saúde, educação, moradia, turismo, redistribuição de renda e aumento do nível de vida popular conformaram, entre os autores que discutem as políticas públicas durante o peronismo, um Estado de Bem-Estar Social.

O trabalho mais relevante nesse sentido foi de Juan Carlos Torre e Elisa Pastoriza, publicado em 2002, no qual os autores sustentam a tese de que a redistribuição da renda nacional conformou um Estado de Bem-Estar Social na Argentina. Em relação à educação, é certo que o peronismo colhia os frutos da intervenção do Estado desde a época de Bartolomé Mitre, quem entendia o campo educacional como um espaço privilegiado para a formação de cidadãos e de ascensão social. Mesmo assim, os autores indicam o aumento da matrícula em escolas de ensino secundário e técnico durante o peronismo, além da divulgação massiva dos princípios peronistas na educação primária⁹⁴. Na área da saúde, o peronismo construiu hospitais e policlínicos, desenvolveu políticas de erradicação de doenças contagiosas e de educação sanitária; a facilitação de créditos para a construção de casas, o congelamento de alugueis, a Lei de Propriedade Horizontal – que facilitava a venda de apartamentos aos inquilinos por conta do baixo preço –, foram algumas medidas governamentais em relação à moradia popular. Outrossim, a ampliação das categorias contempladas com a aposentaria e o estabelecimento de pensões, o incentivo ao “turismo social” mediante o reconhecimento das férias e da ampliação do acesso aos pontos turísticos argentinos, como praias, balneários e serras do interior, representavam as vias de acesso ao bem-estar social promovidas pelo peronismo⁹⁵.

⁹⁴ Para saber mais, consultar: CAPELATO, Maria Helena. Educação e identidade nacional coletiva. In: _____. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 221-261;

⁹⁵ As políticas peronistas de redistribuição de renda, apesar de terem sido direcionadas de forma exclusiva pela propaganda à classe popular, também atingiam a classe média. Para a primeira, as vias de acesso criadas pelo Estado simbolizou a ampliação dos horizontes de consumo para além das necessidades básicas de subsistência. Já os integrantes da classe média puderam alcançar uma maior variedade de bens de consumo e um maior aproveitamento das políticas sociais (TORRE, PASTORIZA, 2002). À título de exemplo, as políticas de moradias favoreciam mais os funcionários públicos e não os *obreros*. Segundo Ross (1993), ainda que a quantidade de casas construídas pelo Estado fosse exitosa, as políticas não estavam direcionadas aos trabalhadores sem qualificação e

Para Peter Ross (1993) o sentido do Estado de Bem-Estar Social é a satisfação das necessidades humanas básicas, como a alimentação, a vestimenta e a assistência médica. Ao avaliar as políticas peronistas nas áreas da educação, da moradia, da assistência social e da distribuição de riquezas, o autor conclui que, apesar das palpáveis ações do governo nesses âmbitos, ele não instituiu um Estado de Bem-Estar Social de fato, pois foram os trabalhadores quem, na verdade, bancavam a expansão de seus próprios direitos sociais. Ross indica, ademais, que o peronismo fracassou na construção de um sistema justo e equitativo de acessos que dispensaria a assistência social. De forma análoga, Antúnez e Gerchunoff (2002) defendem que a natureza macroeconômica da política social peronista, isto é, a atenção privilegiada à manutenção dos salários altos e do pleno emprego, não permitiu a formação do Estado de Bem-Estar.

Ao ser empossado pela segunda vez em junho de 1952, Juan Perón se deparava com um cenário bastante diferente daquele de seis anos antes. A crise econômica, o agravamento da saúde de Eva Perón – que faleceria no mês seguinte –, a crescente oposição – em setembro de 1951 houve uma tentativa frustrada de golpe militar contra o governo peronista –, eram alguns pontos que marcavam o início do segundo mandato presidencial de J. Perón. A particularidade dessa segunda etapa também se projetaria no II Plano Quinquenal, efetivado logo no início de 1953. O projeto, mais “sóbrio e modesto”, ratificava as disposições do Plano de Emergência de 1952 e representava uma “volta ao campo” (ROCK, 1989). Assim sendo, o Estado passava a direcionar seus investimentos para a produção agropecuária a fim de “reativar” as exportações. As importações se restringiam à compra de máquinas para a mecanização do campo e o IAPI mudou sua postura – e até mesmo perdeu protagonismo – ao pagar preços mais competitivos aos produtores (ANTÚNEZ; GERCHUNOFF, 2002). Em relação à indústria, parece que J. Perón havia entendido que o desenvolvimento do setor manufatureiro não ocorreria sem a produção nacional de insumos. A indústria pesada passou a ocupar um lugar de destaque na nova política econômica, principalmente no impulso ao setor energético – produção de combustíveis e energia.

Outra mudança empreendida pelo II Plano Quinquenal foi a abertura, ainda que tímida, ao capital estrangeiro. No que diz respeito à produção de petróleo, a

aos setores marginalizados. As *villas miséria* continuavam existindo nos arredores de Buenos Aires, o que advertia a permanência do problema habitacional.

empresa estatal *Yacimientos Petrolíferos Fiscales* (YPF) não lograva produzir a quantidade necessária de petróleo para o pleno funcionamento do país, além da falta de tecnologia e de preparo da mão-de-obra para a exploração de novas reservas. A solução seria, portanto, recorrer à iniciativa privada ou ao capital estrangeiro, ainda que tais ações contradissem a bandeira do nacionalismo econômico peronista. O acordo com a empresa californiana *Standard Oil* definia a exploração de reservas de petróleo na província de Santa Fé por um período de 40 anos⁹⁶. Para Halperin Donghi (1972), a aproximação com os EUA foi uma tentativa de equilibrar a balança comercial e de difundir uma imagem do peronismo menos agressiva quando o assunto era o investimento estrangeiro. Outras empresas também iniciaram suas atividades após o II Plano Quinquenal, como as fabricantes de automóveis italiana Fiat e a estadunidense Kayser (ROCK, 1989).

Nos anos finais do governo peronista, a economia de fato respondeu às medidas implantadas nos planos de 1952 e 1953. A inflação foi controlada – o índice de 30% em 1952 abaixou para 4% no ano seguinte e para 3,8% em 1954 (ANTÚNEZ; GERCHUNOFF, 2002). –, o país passou a receber investimentos estrangeiros, o setor agropecuário recebeu maiores estímulos, a taxa de crescimento alcançou os 7% em 1955 (ANTÚNEZ; GERCHUNOFF, 2002, p. 197), mas nenhuma das melhorias e rearticulações foram suficientes para operar uma mudança estrutural na economia argentina. As “retificações conjunturais” (LUNA, 2013) não resolveram o problema da produtividade⁹⁷ e o crescente autoritarismo do governo também não contribuía para a estabilização do país. Os problemas econômicos enfrentados por Juan Perón requeriam medidas que nem sempre estariam de acordo com a doutrina peronista, mas seria errôneo afirmar que foi a

⁹⁶ De acordo com Antúnez e Gerchunoff (2002, p. 187), “el convenio concedía a la California Argentina de Petróleo los derechos para explotar, por un término de cuarenta años, 50.000 kilómetros cuadrados de tierra santacruceña, más de la quinta parte de la superficie de la provincia”. Nesse espaço, a empresa estadunidense tinha a exclusividade de construir e administrar os meios de transporte necessários para a produção. Esse episódio marcou um ponto de inflexão entre a independência econômica proclamada em 1947 e as concessões aos Estados Unidos em Santa Fé.

⁹⁷ Em março de 1955, realizou-se o primeiro *Congreso Nacional de la Productividad y el Bienestar Social* (CNP) em Buenos Aires. O evento reuniu representantes dos sindicatos, do empresariado e do Estado com o intuito de discutir e encontrar soluções para problemas que eram comuns a todos. A CGT mantinha uma postura defensiva frente às tentativas dos empresários de negociar medidas contra as faltas no trabalho – os *lunes criollos* –, a possibilidade de usar estratégias para incrementar a produtividade e a limitação das comissões internas dos sindicatos dentro das fábricas. O resultado final do evento, porém, não resultou em vitória para nenhum dos envolvidos. Estado, CGT e empresariado mantiveram suas posições; apenas esse último conquistou um novo espaço para dialogar com os sindicatos e comunicar diretamente com as autoridades econômicas do governo (ANTÚNEZ, GERCHUNOFF, 2002, p. 192).

economia o fator central de seu derrocamento em setembro de 1955: o desgaste se dava mais no campo político devido aos enfrentamentos com a Igreja Católica e outros grupos opositores.

As políticas econômicas peronistas – visualizadas nos planos quinquenais e no intervencionismo estatal –, demonstravam que o interesse do Estado em matéria econômica não radicava apenas no controle de empresas, por exemplo, mas se estendia ao plano social. Como veremos em *Mundo Peronista*, o governo peronista pretendia reorientar a economia e colocá-la a serviço do povo. Pautando-se em uma visão fundacional de sociedade, o peronismo se autodesignava o construtor de uma “nova Argentina”.

4.2. Um país moderno para o povo

Ao tratar da modernização e dos avanços econômicos do governo peronista, a revista dedicou um amplo espaço às matérias sobre a construção de obras públicas em todo o país. A título de exemplo, as seções *Realizaciones peronista*, *Perón cumple*, *Cifras y razones* e artigos especiais sobre o II Plano Quinquenal informavam o leitor a respeito das obras construídas ou reformadas pelo governo. A construção de ferrovias, rodovias, gasodutos, diques, canais fluviais, elevadores de grãos, casas, bairros, escolas, hospitais, policlínicos, asilos, cidades universitárias, automóveis, tratores, motocicletas, estações de ônibus e o desenvolvimento da marinha mercante e do comércio pesqueiro foram algumas das idealizações do governo peronista tratadas na revista não apenas como conquistas materiais, mas principalmente como símbolos da ascensão da classe trabalhadora. Inferimos que a modernização à qual *Mundo Peronista* se referia era o conjunto de ações que procuravam elevar o nível de vida e o conforto dos setores populares. Como veremos adiante, a elaboração de tais artigos esteve constantemente sinalizada pela dicotomia *antes x depois*: em contraste com um passado marcado pelo sofrimento e pela marginalização da classe trabalhadora, o presente peronista era o alvorecer de uma época sinalizada pela justiça social, pela independência econômica e pela soberania política.

4.2.1 A urbanização como conquista

Em meados do último quarto do século XIX, o progresso econômico⁹⁸ deu respaldo ao desenvolvimento de outras formas de modernização que iam além da econômica. No país platino, a urbanização financiada nos anos finais do século XIX significou a implantação de modernos serviços de saneamento básico e de transportes, bem como a construção de parques, praças, cinemas, teatros, e espaços para a prática de esportes. Conforme dados apresentados por Romero (2006), estima-se que a população argentina em 1914 alcançou a marca de oito milhões de habitantes e 24 milhões de hectares de área cultivada, chegando também a ser o primeiro produtor mundial de milho e linho e um dos principais na produção de lã, carne bovina e trigo. As transformações urbanas e econômicas promoveram a modernização social, isto é, o desenvolvimento da cidadania⁹⁹; no entanto, esse processo não ocorreu de forma linear e progressiva. A elite política pouco se interessava em estender direitos aos setores populares, cuja parcela significava era formada por imigrantes. Abrir espaço para a partilha do poder entre grupos divergentes poderia ser um tiro no pé de um grupo há anos acostumado a liderar o governo argentino.

O surgimento da “questão social”, no entanto, obrigou os dirigentes do país a lidar com as demandas políticas e sociais dos setores emergentes, como os trabalhadores urbanos. Nesse sentido, a elite política interessou-se em organizar a sociedade e atender certas demandas para garantir a continuidade das transformações que vinham sendo operadas no campo econômico. Essa “reforma vinda de dentro” não simbolizava tanto a preocupação real em inserir os grupos marginalizados na política, mas em conter revoltas e desequilíbrios que poderiam prejudicar o avanço econômico do país. Além de aprofundar as tensões sociais, a Primeira Guerra Mundial desarranjou as relações comerciais e dissipou novos

⁹⁸ Na Argentina, as transformações econômicas iniciadas nos anos finais do século XIX e intensificadas no seguinte estiveram diretamente associadas à Grã-Bretanha. De acordo com Romero (2006), as primeiras relações entre os dois países giravam em torno de acordos comerciais e econômicos, como a produção e a venda de lã. Todavia, a “era dos imperialismos” – a disputa entre e por mercados consumidores e produtores – acentuou a presença inglesa a tal ponto que os serviços públicos argentinos passaram a ser controlados por empresas do país europeu.

⁹⁹ Em 1912, a Lei nº 8.871, conhecida popularmente como Lei Sáenz Peña, estabeleceu o sufrágio universal, secreto e obrigatório entre a população masculina na Argentina. O projeto de lei foi elaborado e aprovado durante a presidência de Roque Sáenz Peña que, apesar de fazer parte do Partido Autonomista Nacional, possuía uma posição mais moderna em relação aos assuntos políticos. A sanção da lei foi fundamental para que na eleição seguinte Hipólito Yrigoyen, candidato da União Cívica Radical, fosse eleito, colocando fim – ainda que momentaneamente – ao extenso predomínio conservador.

investimentos. A instituição do voto masculino em 1912, as tímidas mudanças de cunho social durante os governos radicais, a “volta conservadora” ao poder em 1930 e o seguinte golpe militar de 1943 expressaram os “fluxos e refluxos” da sociedade argentina na tentativa de consolidar um modelo de governo que satisfizesse as demandas da grande maioria. Apesar do discurso fundador amplamente divulgado pela imprensa oficial, o peronismo não simbolizou uma ruptura total com a tradição política argentina, estando intrinsecamente vinculado e influenciado pelos acontecimentos supracitados.

Como anteriormente pontuado, a política econômica peronista se diferenciou das anteriores ao adotar medidas que de fato se voltavam positivamente para a classe trabalhadora. A aproximação entre o Estado e os trabalhadores, ajustados nos sindicatos, resultou em importantes deliberações que ampliavam os direitos políticos e sociais da população até então marginalizada: o aumento de salários, as férias remuneradas, o planejamento da aposentadoria, os auxílios em caso de doenças, o congelamento dos alugueis, entre outros, demonstravam a “faceta democrática” do peronismo¹⁰⁰. Essas e outras medidas interferiram, direta ou indiretamente, no aumento do nível de vida dos setores populares. Como indica Romero (2006, p. 111), “estimulados e protegidos pelo Estado peronista, e aproveitando a novidade de uma relativa folga econômica, os setores populares foram incorporados ao consumo, à cidade e à política”.

Em *Mundo Peronista*, a temática modernizadora apareceu atrelada justamente aos benefícios que as transformações e reformas urbanísticas poderiam oferecer à população: campeonatos esportivos para crianças e jovens, matérias sobre obras e transformações operadas nas províncias, a presença do povo em espaços outrora limitados à classe alta, etc. Imagens e textos que representavam a ascensão individual e coletiva pretendiam indicar que a mobilidade social, mesmo sendo possível em anos anteriores, passou a ser estimulada desde um Estado benfeitor. Não obstante, a modernização não se contrapunha com a valorização do passado: o discurso peronista, divulgado pela revista, sustentava que a ligação entre

¹⁰⁰ Como indica Halperin Donghi (1972), o caráter personalista de J. Perón logo abriu espaço para práticas mais repressivas e autoritárias. Com o agravamento da crise econômica, a morte de Eva Perón, denúncias de corrupção e o crescente descontentamento da oposição, o governo peronista empreendeu, por exemplo, um maior controle sobre os meios de comunicação mediante a compra e a clausura de empresas, o estabelecimento do Estado de Sítio em 1951 – em decorrência da tentativa frustrada do militar Benjamin Menéndez de usurpar o poder – que se estendeu até 1955, a perseguição e prisão de líderes da oposição.

modernidade e tradição era o equilíbrio ideal – e alcançado somente por J. Perón – para a construção de um país socialmente justo, politicamente soberano e economicamente livre.

Figura 27 - Matéria sobre Buenos Aires, capital federal.



Fonte: Mundo Peronista, 06, p. 10-11, 01/10/1951.

Conforme indica Ballent (1997) para o período aqui estudado, a cidade passou a ser lida como uma categoria ideológica, ou seja, seus espaços assumiram sentidos políticos próprios. Em fevereiro de 1952, a revista publicou sobre a *Exposición de la Nueva Argentina*, organizada pela Subsecretaria de Informações e inaugurada em novembro do ano anterior no contexto das eleições presidenciais. O evento foi montando intencionalmente na *Calle Florida* justamente pelo fato de que o endereço era, até então, reduto de atividades e da presença dos setores mais altos da sociedade. A exposição peronista, composta por inúmeras fotografias e murais artísticos elaborados pelos alunos da *Escuela de Bellas Artes* (GENÉ, 2008), procurava atestar a execução dos objetivos do Estado. *Mundo Peronista* informava, ademais, que a exposição se estendia da Praça General San Martín até a Avenida de Mayo – cerca de um quilômetro e quinhentos metros – e exibia, além das fotografias e murais, a primeira locomotiva e o primeiro carro produzidos no país. A demonstração das “realizaciones peronistas” em cinco anos de governo extrapolava, porém, as próprias formas de demonstração: a presença de *obreros* e *obreras*,

sozinhos ou com suas famílias, confirmavam que as conquistas do Estado, para a revista, iam além dos feitos materiais. A *Calle Florida*, que até então só era frequentada pela “oligarquia entreguista”, passou a ser o lugar de um povo justo, livre e soberano (MUNDO PERONISTA, 14, p. 16-17, 01/02/1952)¹⁰¹.

Ainda nesse sentido e sob o título *El Pueblo, dueño de su ciudad*, a revista defendia que o povo argentino – aqueles que trabalham – possuía por direito o acesso a todos os espaços de todas as cidades argentinas, uma vez que elas haviam sido construídas pelo trabalho e pela penúria populares. Endereços como a *Calle Florida*, bairros como Palermo e Rosadales, o Balneário Municipal e a Avenida Alvear – renomeada, de acordo com a publicação, para *Avenida Del Libertador San Martín* – eram exemplos de espaços urbanos liberados pelo peronismo para o povo. Esses locais passaram a ser ocupados pela família *obrera* que poderia, graças a J. Perón, desfrutar de forma digna nos finais de semanas e feriados.

Al mediodía y al anochecer, densas columnas de humo parten de cien parrillas, impregnando el aire con el olor de churrascos y achuras al asador.

En los botes del lago, bogando entre cisnes, pasean remando hombres, mujeres y niños del Pueblo.

Entre artísticos bustos y monumentos corretean los niños del pueblo, y los poetas, artistas y héroes, desde sus mármoles y bronce, escuchan las alegres voces y gritos de la infancia de nuestra Argentina justicialista.

Porque el Pueblo es dueño ahora de Palermo, los Rosadles y sus paseos.

Porque el Pueblo hoy es el feliz dueño de “su” ciudad...(MUNDO PERONISTA, 15, p. 19, 15/02/1952).

A reforma de espaços públicos também foi lida pela revista como uma forma de incrementar a presença popular nos centros urbanos. Em um artigo sobre as feiras livres realizadas na capital, *Mundo Peronista* indicava que o comércio ao ar livre era um costume antigo da humanidade, praticado principalmente pelas donas de casa e extremamente importante para os trabalhadores “callajeros” que dependiam das feiras para retirar o seu sustento. Todavia, com o crescimento de Cidade Autônoma de Buenos Aires, as feiras livres começaram a obstruir ruas, praças públicas, incomodar vizinhos e levantaram problemas de limpeza e higiene. Em vista dessas adversidades, os “urbanistas de mentalidade peronista” decidiram,

¹⁰¹ Em vista às dificuldades em empreender novas obras e espaços peronistas, a ressignificação de alguns lugares urbanos se mostrou mais vantajoso para o governo (BALLENT, 1997). (Re)ocupar espaços que de fato pertenciam aos argentinos corroborava o discurso de resgatar as tradições nacionais – populares e, por isso, argentinas – e devolvê-las ao seus verdadeiros cidadãos.

de acordo com a revista, adequar esses espaços ao novo projeto urbanístico da cidade, que prezava pela modernização a serviço do povo. Logo, as soluções encontradas foram as “ferias modelos y férias internadas”, empreendimentos que atendiam ao projeto de modernização peronista. Sendo assim, as feiras passaram a ser realizadas em locais limpos e adequados com depósitos, frigoríficos, estacionamentos, segurança, entre outros (MUNDO PERONISTA, 78, p. 38, 15/12/1954). Nesse exemplo, a revista demonstrava, mais uma vez, que a urbanização dos centros urbanos deveria estar voltada para o conforto e segurança dos setores populares. A modernização só faria sentido, pois, se melhorasse os aspectos da vida dos trabalhadores e trabalhadoras do país.

A categoria povo, na revista, também englobava os jovens e as crianças. Nesse sentido, os campeonatos infantis e as ajudas prestadas, principalmente pela Fundação Eva Perón, àqueles que se dirigiram aos centros urbanos para estudar, foram interpretados como resultados positivos das políticas peronistas que assistiam a todos os argentinos. Os Campeonatos Infantis “Evita” simbolizavam as festas das crianças argentinas – os “únicos privilegiados” – e perseguiram o objetivo de transformá-las em indivíduos saudáveis e vigorosos tanto de corpo, como de alma. Torna-se imperativo destacar que a matéria fez menção apenas à presença de meninos nos campeonatos esportivos: as competições influenciavam a “preparação integral do *homem*” – um corpo saudável era imprescindível para abrigar uma alma também saudável –, a quem se reservava o futuro da pátria (MUNDO PERONISTA, 18, p. 18, 01/04/1952). Conforme indica Raanan Rein (1998), o esporte corroborava a imagem de modernidade que se buscava divulgar da Argentina peronista. Nesse sentido, as práticas esportivas representavam o secularismo, a busca por uma sociedade mais igualitária e racional. Apesar da mobilização feminina para o trabalho e a atividade política desde as páginas da revista, percebe-se mais uma vez que o espaço reservado às mulheres era o lar. O “feminismo contraditório” de Eva Perón também era observado nas publicações que tentavam alinhar os novos direitos políticos – e as necessidades de algumas mulheres de terem que trabalhar para sustentar sua família – com os padrões tradicionais¹⁰².

¹⁰² Em 1953, foi criada a *Unión de Estudiantes Secundarios* (UES), cujas atividades estavam voltadas para a prática de esportes e de exercícios físicos. Composta pelos setores masculino e feminino, a UES se localizava na capital federal e recebia estudantes de outras províncias que iam à Buenos Aires completar seus estudos. Atividades como basquete, boxe, ginástica artística, ciclismo, atletismo, entre outros, eram realizadas pelos alunos. No entanto, havia o cuidado em manter as jovens longe da “masculinização” que algumas práticas esportivas poderiam desenvolver. Dessa forma, a

Figura 28 - Matéria sobre os campeonatos esportivos infantis.



Fonte: Mundo Peronista, 13, p. 35, 15/01/1952.

Além disso, a revista destacava que a modernização do país também incluía o financiamento e a produção de eventos que visavam à aproximação entre a população e o Estado nas atividades de lazer¹⁰³ (MUNDO PERONISTA, 13, p. 35, 15/01/1952). A construção da *Ciudad Estudiantil Presidente Juan Perón* em Belgrano pela Fundação Eva Perón também revelava o ato de justiça social feito pelo peronismo. Conforme indicava a revista, o local fora construído à semelhança da Casa de Governo, “[...] donde el general Perón sueña, lucha y trabaja incansablemente [...]. Com salas de aula confortáveis, bibliotecas modernas, salões, ginásios, quadras esportivas, dormitórios, padarias, cozinhas e enfermarias, o

orientação era de que as mulheres praticassem exercícios de ritmo, flexibilidade e equilíbrio, pois estavam ligados à feminilidade. Enquanto aos esportes, aconselhava-se a prática de vôlei, natação e tênis. Já para o público masculino, todos os esportes eram recomendados, uma vez que estimulavam a força, a resistência e velocidade (CAMMAROTA, 2011).

¹⁰³ A presença e o fomento do Estado peronista nos assuntos relativos aos esportes são comumente lidos como um ponto de aproximação entre o movimento peronista e nazi fascismo. Nesse sentido, Rein (1998) indica que o uso dos esportes para fins políticos e a organização de eventos internacionais foram realizados tanto pelos governos de Adolf Hitler e Benito Mussolini. Na Argentina, o governo peronista organizou, em 1950, o campeonato mundial de basquete e, um ano depois, a primeira edição dos Jogos Pan-Americanos. Além disso, o esporte era visto como um meio de mobilização entre apoiadores, de elaboração da lealdade e de divulgação da cultura popular. Para Rein, as contribuições do esporte, para o governo peronista, residiam no estímulo à disciplina, fraternidade, cooperação e solidariedade.

complexo estudantil cumpria com a dignificação do povo ao apresentá-lo com uma obra moderna e acessível a todos (MUNDO PERONISTA, 09, p. 06, 15/11/1951).

A seção *Perón cumple* procurou apresentar aos leitores que as obras peronistas também eram realizadas em outras cidades e províncias do interior. Ainda que as fontes dos dados apresentados não fossem divulgadas, a revista indicava que a província de Buenos Aires, até novembro de 1951, havia somado 27.211 obras realizadas pelo governo, enquanto que Catamarca, ao norte do país, recebera 2039 empreendimentos de acordo com o último número de 1951 (MUNDO PERONISTA, 09, p. 06, 15/11/1951; MUNDO PERONISTA, 11, p. 08, 15/12/1951). Nos primeiros meses de 1952, *Mundo Peronista* difundia que Córdoba “devia a Perón” 5119 obras que foram realizadas em cinco anos e que Corrientes havia alcançado o número de 1453 intervenções peronistas (MUNDO PERONISTA, 12, p. 06, 01/01/1952; MUNDO PERONISTA, 13, p. 06, 15/01/1952). Outros exemplos citavam Entre Rios – 1843 obras –, Santa Fé – 1546 obras – e as transformações operadas em Jujuy, capital da província homônima (MUNDO PERONISTA, 14, p. 06, 01/02/1952; MUNDO PERONISTA, 24, p. 14, 01/07/1952; MUNDO PERONISTA, 15, p. 06, 15/02/1952). Esses artigos objetivavam demonstrar ao leitor, a partir de uma linguagem direta e imbuída da díade “antes x depois”, que as transformações nas demais localidades do país foram executadas por um governo realmente preocupado com toda a população argentina. A construção de novas escolas, hospitais, casas, indústrias, áreas de lazer, por exemplo, pelo Estado, era divulgada de modo a contrastar com os governos anteriores, acusados de se importarem apenas com os interesses da oligarquia. Com o intuito de demarcar um passado ligado exclusivamente ao lucro e ao desprezo do povo, a revista propagandeava um presente voltado aos interesses populares graças ao governo peronista. Assim sendo, a modernização do país deveria estar orientada para a satisfação das necessidades daqueles que realmente lutavam e trabalhavam para o bem da pátria, isto é, os trabalhadores e trabalhadoras.

4.2.2 O lar é um direito e berço da nação

O caráter modernizante em *Mundo Peronista* estava ligado a uma suposta “função social” que toda obra empreendida no país deveria possuir. Como indica Anahí Ballent (1997), a existência de uma cidade moderna ratificava o “progressismo

político” do peronismo, uma vez que novas construções e reformas significavam, no discurso proferido pelos meios oficiais, a ampliação do acesso das classes populares a espaços mais confortáveis e a bens de consumo. *Mundo Peronista* defendia que o sentido da economia argentina deveria estar voltado para o bem-estar popular. Nesse sentido, toda obra construída e todas as ações do Estado em matéria econômica deveriam, de alguma forma, atender à demanda popular. O acesso à educação, à saúde e à moradia era interpretado pela revista como um direito básico de todo cidadão argentino. Durante os governos oligárquicos, todavia, toda possibilidade da classe trabalhadora de ascender economicamente e socialmente era dificultada pelos governantes, pois, nessa linha de pensamento, a prosperidade popular ameaçaria os privilégios oligárquicos. Uma vez eleito para a presidência da nação, J. Perón converteu o sonho da casa própria, da educação e do acesso à saúde em direitos; estes, prontamente, foram transformados em realidade com a construção de casas, novos bairros, hospitais, policlínicos e escolas de níveis básico e técnico (MUNDO PERONISTA, 02, p. 08, 01/08/1951).

Em relação à ação do governo peronista nos assuntos sobre a moradia, Ballent (1997) indica que a construção de casas e bairros não consolidou uma política de desenvolvimento urbano de fato¹⁰⁴. Apesar dos “efeitos sociais” e da velocidade na qual as obras foram realizadas, esses empreendimentos se pareciam mais como resultados de políticas sociais voltadas exclusivamente para as cidades, como o congelamento de aluguéis e a lei de propriedade horizontal¹⁰⁵, do que intervenções ligadas à criação e ao desenvolvimento de centros urbanos por todo o país. Não obstante, o discurso propagandeado pela revista procurava dissipar as fronteiras e diferenças nacionais: a construção de um bairro residencial na capital federal, por exemplo, era lida como uma conquista e uma realidade de todo o território argentino. Em *Mundo Peronista*, o sentido modernizador, ou a “função social”, das obras ligadas à moradia sugeria a edificação de estruturas que trouxessem conforto para os moradores. Como veremos a seguir, esse conforto era visualizado na instalação de novos serviços, como a energia elétrica, o encanamento

¹⁰⁴ Para saber mais sobre as ações do peronismo no campo das construções, consultar: BALLENT, Anahí. *Las huellas de la política*. Arquitectura, vivienda y ciudad en las propuestas del peronismo. Buenos Aires, 1945-1955. 1997, 355 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, Buenos Aires, 1997.

¹⁰⁵ Em *Mundo Peronista*, lei de propriedade horizontal foi tratada a partir da máxima “la casa es de quien la habita”, uma referência à frase usada para se referir às propriedades rurais – “la tierra es de quien trabaja” – (MUNDO PERONISTA, 85, p. 33, 01/05/1955).

de gás e a construção de estruturas que possibilitavam maior ventilação e iluminação.

Fazendo uso da contraposição entre passado e presente, *Mundo Peronista* relatava aos seus leitores que a falta de investimentos no setor hipotecário por parte dos governos oligárquicos era proposital. A construção de prédios residenciais durante esse período visaria o enriquecimento de especuladores e rentistas capitalistas que lucravam à custa do trabalhador argentino. Não obstante, a “revolução peronista” teria atingido e reorientado o setor bancário e reorientou o capital do Banco Hipotecário para atender às demandas populares, impondo restrições aos rentistas e direcionando os empréstimos para a construção de casas próprias (MUNDO PERONISTA, 27, p. 04, 15/08/1952). “Cada familia en su vivienda” era a máxima peronista que simbolizava a consolidação da grandeza nacional:

Nosotros hemos tenido oportunidad de concurrir a algunos barrios de la capital. Hemos visitado algunas casas y conversado con sus inquilinos o propietarios. Y hemos comprobado, por fin, la felicidad y el confort que han conquistado merced a la acción que en beneficio del Pueblo concretó el General Perón. (MUNDO PERONISTA, 32, p. 09, 01/11/1952).

A construção de novos bairros e casas para a população era divulgada de forma a destacar a modernidade e o conforto das instalações, além de chamarem a atenção para as praças e demais locais arborizados para o lazer de crianças e adultos (MUNDO PERONISTA, 15, p. 22, 15/02/1952; MUNDO PERONISTA, 17, p. 21, 15/03/1952). Além disso, algumas matérias discorriam mais detalhadamente sobre a nova rotina das famílias em suas novas habitações. Em março de 1952, *Mundo Peronista* publicou fotografias e depoimentos obtidos em um “[...] hogar de un trabajador argentino”. Naquela ocasião, a revista celebrava a dignificação do trabalhador como a responsável pela estruturação de uma economia familiar mais segura e um futuro mais otimista. Sem citar nomes, a matéria indicava que a melhoria da condição financeira possibilitara que a esposa, uma amante da leitura, adquirisse livros novos. *Mundo Peronista* assumia que o preço dos livros havia subido, mas argumentava, por outro lado, que o mesmo ocorrera com os salários: com o peronismo, o salário de um trabalhador era suficiente para cobrir as necessidades básicas da família e também as atividades de lazer, como ir ao cinema e ao teatro, visitar parques e balneários aos domingos ou durante as férias (MUNDO PERONISTA, 17, p. 32, 15/03/1952).

4.2.3 A terceira via para a educação e a cultura

No que concerne o campo educacional, o posicionamento e as ações do peronismo suscitaram, desde a década de 1940, acaloradas discussões. De acordo com Patricia Berrotarán e Maria Teresa Bonet (2006), o surgimento de J. Perón no cenário político do país a partir da Secretaria do Trabalho e Previdência e os acontecimentos de outubro de 1945 contribuíram para que a identidade do movimento peronista fosse caracterizada como “plebeia” e “anti-intelectual”. Além disso, o caráter personalista da política de J. Perón reforçou o seu estilo autoritário que se chocava com as concepções liberais presentes no sistema de ensino, enquanto grupos opositores alertavam a sociedade sobre as semelhanças entre o nascente movimento e os regimes nazifascistas da Europa: “la intelectualidad reaccionó en su mayoría con una mezcla de horror y estupor a lo que se les aparecía como la reivindicación de la barbarie y como la confirmación de la amenaza más temida: la instauración del fascismo en el país” (BERROTARÁN; BONET, 2006, p. 01). Com efeito, as relações entre o governo com as universidades, por exemplo, foram marcadas por profundas tensões e disputas (FIORUCCI, 2011). O peronismo valia-se da educação como mais um meio de divulgação de seus princípios e cooptação de apoiadores. Vinculada, ademais, com o projeto de resgatar a “Grande Argentina”, a educação assistiria ao projeto de formar cidadãos argentinos a partir de valores peronistas.

A postura antipositivista e anti-racional do peronismo, argumenta Adriana Puiggrós (1996), advogava uma educação equilibrada entre o materialismo e o idealismo, ou seja, que fosse capaz de formar o corpo e a alma dos estudantes. Dotar a educação de sentido nacional não era, contudo, uma ideia original: na conformação dos Estados nacionais, a educação foi reivindicada como espaço privilegiado para a construção de um passado comum entre os habitantes que criasse a noção de pertencimento ao atribuir valores nacionais compartilhados. Valendo-se desse sentido, o peronismo pretendia formar homens e mulheres através da educação para servir à nação e também ao mercado de trabalho. A promoção do ensino técnico como meio de incrementar a capacitação dos trabalhadores ligava-se ao projeto de crescimento econômico peronista e à tendência nacional popular do governo (PUIGGRÓS, 1996).

Em um estudo sobre as imagens construídas dos trabalhadores e das trabalhadoras em cartazes e produções cinematográficas, Gené (2008) indicou que

o “projeto educativo renovador” do peronismo defendia a formação integral do *obrero* desde o campo técnico – o ensino de determinadas profissões e técnicas – até a instrução política e cultural sobre seus direitos e deveres. Para *Mundo Peronista*, a cultura popular deveria ser elevada à mais alta posição em uma sociedade, pois simbolizava os valores autenticamente argentinos. Tanto nas universidades como nas escolas, a formação humanística visaria não somente a capacitação técnica e intelectual dos trabalhadores, mas principalmente a moral: a difusão de valores morais e éticos que importavam ao peronismo encontrava na educação um espaço de propagação que acompanharia a população desde a infância até a vida adulta (MUNDO PERONISTA, 15, p. 05, 15/02/1952).

Em um artigo sobre as disposições do II Plano Quinquenal acerca da cultura, a revista indicava que toda expressão cultural deveria se vincular ao conceito de justiça social, o que significava possibilitar o acesso de trabalhadores e trabalhadoras em espaços – cinemas e teatros – que até então eram lhes eram negados. A título de exemplo, *Mundo Peronista* citou o *Teatro Colón*, *Teatro Cervantes* e o *Teatro Municipal de la Ciudad de Buenos Aires* como espaços que passaram a ser frequentados pelo povo. Outrossim, havia também a preocupação de que as apresentações de teatro, por exemplo, abordassem temas e situações comuns da classe popular. As sinfonias realizadas pela *Orquestra Sinfônica do Estado*, *Orquestra Sinfônica de la Ciudad de Buenos Aires* e *Orquestra Estável do Teatro Colón* eram, ademais, transmitidas pelas cadeias de rádio por todo o interior do país como forma de popularizar uma expressão artística comumente relacionada às classes altas. Além disso, *Mundo Peronista* expunha que as demais províncias e cidades do interior passaram a receber as orquestras profissionais da capital e incentivo do governo federal para formar suas próprias orquestras (MUNDO PERONISTA, 71, p. 08, 01/09/1954).

consequências do capitalismo no meio cultural através de um golpe, ao invés de erradicarem as causas que as produziam e lograr uma sociedade efetivamente mais justa. Por fim, a “terceira solução” proposta pela doutrina justicialista era de que a cultura não poderia estar a serviço de qualquer classe, fosse ela a burguesia ou o proletariado. A cultura deveria, com efeito, estar a serviço do *Pueblo*, que não era uma classe, mas uma maneira de identificação entre aqueles que se *sentem* povo. Nessa categoria, não existiam “submergidos culturais” e todos, sem distinção, poderiam criar expressões culturais e receber os seus benefícios. Para isso, porém, seria necessário que existissem os elementos de base – autóctones – para a construção da cultura. Esses elementos, assim como a cultura em si, não poderiam ser importados ou copiados. Nesse ponto, *Mundo Peronista* apontava que não estava proibido o consumo e a admiração de obras estrangeiras, mas que, por não terem sido os seus criadores, os cidadãos argentinos não conseguiriam compreender tais obras em sua totalidade. Para a revista, a cultura argentina deveria se desenvolver no seu ritmo, sem pular etapas e buscar seu alimento no meio popular a fim de que toda a produção retornasse ao povo (MUNDO PERONISTA, 74, p. 04, 15/10/1954). Interessante notar que a solução justicialista, de acordo com o publicado pela revista, não pretendia eliminar as elites ou qualquer outra classe. O que deveria ser extinto era a quantidade de “incultura social” condicionada pelas elites na tentativa de manter o povo com “menos cultura”. A elite convertida ao peronismo saberia elaborar obras e ideais essencialmente populares e que, por isso, seriam compreendidas pelo povo. Por fim, a função social de todas as obras culturais, para a revista, era a representação popular¹⁰⁷.

Para a revista, a construção de escolas estava embasada no princípio de que a alfabetização era a arma mais poderosa para a conquista da independência individual e coletiva. De acordo com os dados publicados, em 1946 estimava-se que o país precisaria de 1000 escolas a mais para atender às demandas nacionais. O I Plano Quinquenal, ao assumir esse compromisso, passou a inaugurar uma escola por dia a partir de 1949. Outrossim, esses novos prédios escolares possuíam 10x

¹⁰⁷ Ainda que de forma pouco extensiva, outras expressões artísticas foram tratadas pela revista, como o cinema (MUNDO PERONISTA, 13, p. 22, 15/01/1952), o teatro (MUNDO PERONISTA, 12, p. 36, 01/01/1952; MUNDO PERONISTA, 13, p. 31, 15/01/1952), o ballet (MUNDO PERONISTA, 18, p. 40, 01/04/1952) e o folclore (MUNDO PERONISTA, 10, p. 20, 01/12/1952). Em todos os exemplos citados, verificamos que o passado foi construído como o momento no qual verdadeira cultura argentina – os valores nacionais e populares – estivera marginalizada. Com a “revolução justicialista”, os valores espirituais da nação foram sendo recuperados e a arte impulsionada para fazer sentido e atender ao povo.

mais capacidade do que os edifícios antigos. A revista assumia orgulhosamente que em cinco anos J. Perón havia construído mais escolas que todos os seus antecessores do século passado (MUNDO PERONISTA, 03, p. 06, 15/08/1951). Essa alusão ao passado buscava legitimar e a reafirmar as políticas peronistas em um momento próximo às eleições presidenciais e de crise econômica.

A popularização das bibliotecas do país também foi um assunto tratado pela revista a fim de confirmar os êxitos peronistas no campo educacional. No artigo *Para um Pueblo que lee mucho... las mejores bibliotecas*, a publicação usou como exemplo a Biblioteca do Congresso na Nação, localizada na capital federal. Antes do peronismo, alegava *Mundo Peronista*, o espaço contava com apenas vinte funcionários que recepcionavam apenas senadores e deputados que preparavam ali seus decretos antipopulares; a biblioteca era, portanto, um lugar da oligarquia. Todavia, a chegada de Juan Perón à presidência simbolizou a transformação da biblioteca em espaço popular, uma vez que *obreros* e estudantes passaram a frequentá-la. Além disso, a Biblioteca do Congresso da Nação editava folhetos sobre as atualidades do país e recebiam, de acordo com *Mundo Peronista*, exemplares da maioria das publicações oficiais internacionais e de todas as publicações argentinas. O “trabajo intelectual” desenvolvido na biblioteca era mais uma comprovação das realizações peronistas que davam forma à nova Argentina peronista (MUNDO PERONISTA, 60, p. 12, 01/03/1954).

4.2.4 A saúde e o bem-estar popular

A construção de hospitais e policlínicos fazia parte da “revolução sanitária” empreendida pelo peronismo. *Mundo Peronista* acreditava que o lugar ocupado pelo homem nas cidades deveria ser moderno no sentido arquitetônico e no sentido sanitário (MUNDO PERONISTA, 58, p. 19, 15/01/1954), isto é, cabia ao Estado velar pela saúde dos cidadãos aumentando os centros de saúde pelo país e equipando-os com aparelhos e técnicas modernos. Para Karina Ramacciotti (2004), as políticas sanitárias do peronismo, cujo principal nome foi o médico Ramón Carrillo, Ministro da Saúde até 1954, direcionavam-se, principalmente, àquelas pessoas em idade hábil para o trabalho¹⁰⁸. Assim sendo, o cuidado com a saúde estava diretamente

¹⁰⁸ De acordo com Ramacciotti (2004), o interesse em manter saudável a população contribuinte revelava a concepção eugenista das políticas sanitárias peronistas. Para justificar a atenção aos saudáveis, recorria-se à tradição católica: era preciso saber viver, mas também saber morrer. A morte não deveria ser vivida de forma negativa, mas vista como o ensejado “retorno a Deus”.

ligado com o crescimento econômico: “la vida humana fue considerada como un factor económico, capaz de mantener y enriquecer la economía nacional con su trabajo” (RAMACCIOTTI, 2004, p. 96).

Sobre a saúde pública e a alimentação da população, a revista defendia que a construção de hospitais e policlínicos modernos visava à dignificação do homem; indicava, todavia, que o melhor hospital era aquele que estava vazio. *Mundo Peronista* discorria que o problema de saúde pública não começava na pessoa que já se encontrava enferma, mas na pessoa saudável: nesse sentido, o objetivo do II Plano Quinquenal não era evitar que as pessoas morressem por falta de acesso a hospitais e profissionais qualificados, mas alcançar o coeficiente máximo de “atividade vital”, isto é, evitar o aumento de doentes. Para isso, o governo decidiu melhorar a alimentação da população facilitando o acesso às verduras e aos peixes (MUNDO PERONISTA, 58, p. 19, 15/01/1954). Interessante notar que o fomento ao consumo de peixe que *Mundo Peronista* executou em suas páginas coincide com o momento de grande desabastecimento de alimentos, inclusive da carne bovina. Fundamentando-se na necessidade dos argentinos em variar a alimentação e não na baixa produtividade da criação de gado, a revista defendia que aumento do consumo de pescado era recorrente da preocupação do governo peronista em variar a dieta dos argentinos, excessivamente carnívoros, e possibilitar que classes menos desprovidas pudessem consumir algum tipo de carne (MUNDO PERONISTA, 32, p. 04, 01/11/1952; MUNDO PERONISTA, 79, p. 31, 15/01/1955).

Citando J. Perón, a revista corroborava com a ideia de que “De nada sirve tener grandes médicos y especialistas, si los beneficios de su ciencia no pueden llegar al Pueblo por intermedio de organizaciones adecuadas” (MUNDO PERONISTA, 37, p. 05, 15/01/1953). O excerto publicado se relacionava com a criação, apenas em março de 1949, do Ministério da Saúde Pública. De fato, até então o órgão responsável pelos assuntos de saúde do país era a Secretaria de Saúde Pública e, apesar de ter sido dirigida durante esses anos por Ramón Carrillo, a transformação da secretaria em ministério revelava a maior preocupação de J. Perón em levar os benefícios da ciência do povo (MUNDO PERONISTA, 37, p. 05, 15/01/1953). Para exemplificar essa aproximação, a revista discorreu sobre a história de Lúcia Contreras, uma moça de 23 anos. De acordo com as informações publicadas, Lúcia chegara à redação da revista contando que no ano anterior começou a sentir dificuldades para enxergar e recorreu a J. Perón por meio de uma

carta pedindo que a enviasse aos Estados Unidos para que pudesse receber o tratamento adequado. O presidente, por sua vez, encaminhou o caso de Lída para o médico Alejandro Sallinas, que a internou no *Hospital Oftalmológico y Banco de Córneas* em Avellaneda e a operou.

Figura 31 - Matéria sobre a história de Lída Contreras.

PERON CUMPLE

"De nada sirve tener grandes médicos y especialistas, si los beneficios de su ciencia no pueden llegar al Pueblo por intermedio de organizaciones adecuadas". — PERON.

La salud del Pueblo fué motivo de constante preocupación por parte del General Perón. Y fueron constantes sus afanes y esfuerzos por que los beneficios de la ciencia alcanzaran a la totalidad del Pueblo.

Y todavía sigue el Conductor en esos anhelos humanitarios de solidaridad, justicia y amor.

En el año 1946, el 21 de octubre, decía: "Cuando pensamos que podemos llegar hasta las horas actuales en tener un organismo coordinador y de dirección de la salud pública, debemos dar gracias a Dios que haya sido tan benévolo con los argentinos. Es increíble que no existieran sino organismos parciales y antisolidarios."

Y también por aquel mismo año se concluyó:

"Carrecemos de edificios indispensables para ampliar el sistema sanitario."

Pero pasaron los años, años de lucha de Perón contra la tuberculosis, el paludismo, la mortalidad infantil, rescatando vidas útiles, previniendo tantas otras...

Vino la creación del Ministerio de Salud Pública...

Y llegó también Evita, con sus monumentales policlínicos, dotados de todo confort y del instrumental científico más moderno del mundo...

¡Perón cumplió los beneficios de la ciencia alcanzaron a todo el Pueblo, en especial al trabajador, al humilde!

Ejemplo Ilustrativo

De que Perón cumplió, sirvan como ejemplo ilustrativo el siguiente caso:

Hace muy poco tiempo se llegó a nuestra Reducción una comparsa peronista.

Se llama Lída Contreras, y se domicilió en la calle Puos 540, de la vecina localidad de Avellaneda.

Vino a relatarles un hecho verdaderamente conmovedor, la tragedia irremediable en que se hubiera sumido a no mediar la intervención del General Perón.

Su honda tragedia era que día a día se iba sumiendo más y más en las tinieblas sus ojos iban perdiendo vista; el sol, las flores y los rostros amados iban enfundose... Ya casi nada veía... El débil rayo de luz ya no tardaría en apagarse por completo... Todos los especialistas que había visto la habían desahogado... Y ella tenía 23 años!

En fútil y en triste imaginar su drama, su gran dolor...

En su desesperación atinó a escribirle al General Perón: "Tendré el íntimo convencimiento de que si la escuchara, que la haría curar".

¡Y no se equivocó!

La ciencia al alcance del Pueblo

Lída Contreras le pidió al Conductor que la enviara a Norteamérica, que allá quizá podrían devolverle la vista...

Pero en esto sí que se equivocó el General Perón no le mandó alondar ella por día, y en cambio la puso en manos de un especialista argentino, el doctor Alejandro Sallinas, y la hizo internar en el Hospital Oftalmológico y Banco de Córneas, en Avellaneda.

El pedido de Lída Contreras lo hizo el 20 de setiembre próximo pasado.

El 28 del mismo mes estaba operada.

Y 10 días después fué dada de alta, con el mayor de los éxitos!

¡Vela!... ¡Vela!...

¡Perón había cumplido, y doblemente! ¡Que hubiera sido de Lída Contreras si Perón no hubiera creído, por su solidaridad y amor hacia el Pueblo, esos modernos institutos asistencialistas, que puso en beneficio de ese mismo Pueblo!

Además, el General Perón conocía el alto nivel alcanzado por la ciencia argentina y la capacidad de sus profesionales.

Lída Contreras no se cansó de ponderar al especialista que la sometió a su difícil operación quirúrgica.

Milagro de Evita

Y nos dijo también:

—Cuando yo le agradecí todo cuanto había hecho por mí, él me dijo:

—No, no hice ningún milagro... En todo caso, usted y yo le debemos este feliz milagro a Evita... que me mandó a estudiar al extranjero...

Evita también había cumplido con su Pueblo.

Por todo ello, Lída Contreras vino a nuestra Revista para hacer público su agradecimiento al General Perón, a Evita...

Es que hoy, gracias a Perón, la ciencia está al alcance del Pueblo.

No obstante, el Conductor propuso en sus altos propósitos, en el Segundo Plan Quinquenal, en el capítulo respectivo de Salud Pública, fijaba nuevos objetivos:

PRODUCTORES DE ACEITES DEL PAIS

MUNDO PERONISTA 5

Fonte: Mundo Peronista, 37, p. 05, 15/01/1953.

Conforme publicado, o êxito e a rapidez – o tempo entre pedido de Lída e sua operação foi de oito dias – do atendimento prestado a Lída só foi possível pelo alto nível da ciência argentina e da capacidade de seus profissionais que, somente com o peronismo, passaram a ser incentivados e financiados. Para Sallinas, o sucesso do procedimento que devolveu a visão a Lída pertencia a ele, mas a Eva Perón, que o enviara ao exterior para estudar medicina. (MUNDO PERONISTA, 37, p. 05, 15/01/1953). Nesse sentido, a revista corroborava a visão fundacional do peronismo como movimento/governo que estabelecia uma ruptura com o passado, marcado por opressões e marginalizações, e criava uma “nova Argentina” mais justa para as classes populares. A história de Lída pretendia demonstrar a ampliação do acesso a um direito básico como a saúde e a excelência dos hospitais e profissionais

argentinos. A opção de J. Perón de não enviá-la aos Estados Unidos era, portanto, uma opção política: a oposição ao país do norte aparece frequentemente em *Mundo Peronista* e nos meios oficiais como uma forma de reiterar a terceira posição peronista.

De forma semelhante, em julho de 1953 a revista publicou dados supostamente coletados pelo Departamento de Assuntos Sociais das Nações Unidas (ONU), “[...] un organismo internacional que está lejos de ser ‘amigo’ del gobierno argentino” (MUNDO PERONISTA, 46, p. 47, 26/07/1953). Para *Mundo Peronista*, um governo e um governante nunca serão capazes de agradar a todos. Visto que J. Perón “[...] ha declarado que lo mejor de esta tierra es el Pueblo”, o governo peronista direcionava seus esforços ao incremento do bem-estar popular e, por isso mesmo, era mau visto pela oligarquia que insistia em “[...] demostrar que antes estaba mejor que ahora y que las cosas van de mal en peor” (MUNDO PERONISTA, 46, p. 47, 26/07/1953). A fim de comprovar que a oposição estava equivocada, a revista construiu seu argumento mediante os dados publicados por um organismo também “pouco amigável” ao peronismo: essa escolha pretendia validar os avanços do governo entre aqueles que se opunham ao governo.

Abordando a questão da alimentação, a revista defendia que uma população bem alimentada era vital para o desenvolvimento do país, uma vez que um alto índice nutricional afastava a sociedade da miséria e da desnutrição. De acordo com os dados publicados, a relação entre a quantidade de calorias necessárias para o funcionamento do organismo e a quantidade efetiva que um indivíduo consumia através da alimentação demonstrava a situação de superávit calórico da população argentina (MUNDO PERONISTA, 46, p. 47, 26/07/1953). É válido relembrar as diretrizes do Plano de Emergência Econômica e do II Plano Quinquenal que condenavam o desperdício de alimentos e incentivavam uma maior produção para conter o desabastecimento. À vista disso, a matéria abordava o superávit calórico como confirmação de que, mesmo em meio à crise e as especulações de que o país “andava mal”, a população argentina continuava tendo acesso aos alimentos de boa qualidade. Esses dados certificavam, por fim, a “*realidade indiscutible*” do bem-estar popular no país.

4.3 A dignificação do trabalhador argentino

Sobre as realizações peronistas voltadas aos direitos dos trabalhadores, *Mundo Peronista* destacava a superioridade da política de J. Perón em relação aos países capitalistas e comunistas. A solução justicialista para os problemas do mundo do trabalho se expressava na concretização da justiça social. Não obstante a orientação popular do discurso peronista, J. Perón também se empenhou na aproximação com os patrões, tanto no campo industrial como no âmbito rural. Compreendendo o Estado como o único mediador de classes possível, o intento de conquistar a classe empresarial argentina ratificava o propósito de criar a *comunidad organizada*. Apesar dos esforços do líder peronista, sobressaiu-se a desconfiança do empresariado, que residia na possibilidade de que a expansão da legislação trabalhista pudesse não só criar prejuízos econômicos, mas aprofundar as tensões entre as classes.

J. Perón dedicou-se, na Secretaria do Trabalho e Previdência em 1943, à transformação da legislação trabalhista. A criação de tribunais do trabalho, a Lei de Associações Profissionais que expandiu e fortaleceu os sindicatos, o aumento de salários, o reconhecimento das férias remuneradas e das greves, a aprovação do Estatuto do Peão, entre outros, compunham a ideia de que somente a repressão física e violenta aos trabalhadores não era suficiente para preservar a ordem social. Nesse sentido, a incorporação da classe trabalhadora à política fazia parte do projeto peronista de criação da “nova Argentina” (CAMPOLINA DE SÁ, 2007). Importante destacar que essa incorporação foi mediada e controlada desde o Estado na figura de J. Perón: os inquestionáveis avanços que geravam melhores condições de vida à classe trabalhadora coexistiam com a repressão, também desde o Estado, aos sindicatos que se negavam a aderir às diretrizes da CGT.

Daniel James (2013), ao analisar as relações da classe trabalhadora argentina com os governos peronistas, argumenta que, durante a primeira presidência, houve a gradual subordinação dos sindicatos à CGT e a eliminação de velhos líderes sindicais que objetivavam seguir uma linha mais independente em relação ao Estado, como foi o caso de Cipriano Reyes, dirigente sindical da indústria de carne em Buenos Aires. Se, por um lado, a Reforma da Constituição em 1949 significou o reconhecimento oficial dos direitos dos trabalhadores, por outro ela representou a transformação da doutrina peronista em doutrina nacional. No que diz respeito ao segundo governo de J. Perón, o autor observou que, concomitantemente à concretização do Estado justicialista, acentuou-se a incorporação estatal do

movimento sindical e o descaso com grupos sindicais menores ou que não aceitavam subordinar-se ao controle da CGT.

Além disso, a pressão sobre sindicatos controlados por socialistas e comunistas demonstrava o escopo do peronismo em controlar esse setor. A oposição de socialistas e comunistas ao movimento peronista revelava que a vinculação de Juan Perón com os militares da GOU, as possíveis relações com os governos nazifascistas e o fortalecimento do Estado corporativista eram pontos difíceis de ignorar. Apesar das leis que outorgavam reconhecimento político e social à classe trabalhadora pudessem ser um ponto em comum entre esquerda e peronismo, a forma de inserção dos trabalhadores no campo político distinguia-se de movimento para movimento. Com o peronismo, não houve revolução popular; a incorporação das “massas” esteve mediada e controlada por um Estado representado na figura de um militar de alta patente. Os benefícios da legislação eram acompanhados pela tutela estatal que controlava as forças sindicais e, assim, evitava uma revolução desde abaixo.

Em *Mundo Peronista*, a imagem de Juan Perón como o condutor e salvador do país foi atrelada, também, às medidas efetuadas dentro do campo do trabalho. Em um artigo sobre o desemprego, a revista pontuava que para o peronismo o trabalho não era um peso, uma mercadoria a ser vendida ou um simples contrato, mas sim um direito assegurado pela Constituição e uma forma de dignificação. Com o justicialismo, além de não haver desocupados no país, os trabalhadores recebiam um salário justo. Para a revista, se no capitalismo o desemprego era algo comum, permanente e intencional, na Argentina peronista ele era um problema social solucionado a partir da reorientação da economia aos interesses do bem-estar social e popular. Fazendo uma comparação entre o presente e o passado, a publicação indicava que durante os governos oligárquicos os trabalhadores recebiam salários miseráveis e se viam impedidos de reivindicar melhores condições, pois pela quantidade de pessoas desempregadas, os patrões dispunham de mão-de-obra disponível a todo o momento. No presente peronista, o pleno emprego era comprovado pela procura dos patrões por mão-de-obra e não mais de trabalhadores por uma vaga de emprego (MUNDO PERONISTA, 06, p. 35, 01/10/1951).

Figura 32 - A seção *El pensamiento vivo de Perón*.

1 Conquista peronista: el poder adquisitivo del salario. "El derecho a una remuneración justa es una realidad general en la Nación. No se detendrá en su consideración si no fuese para señalar que el valor adquisitivo de nuestros salarios en relación con los elementos básicos de la economía familiar sujeta en general al valor adquisitivo de los salarios medios de todos los países del mundo." (Al inaugurar el 84º Período Ordinario de Sesiones: 1-5-50.)

2 Factor de explotación. "El salario inferior de la mujer puede convertirse en factor de explotación y competencia desleal para el hombre, perturbando la economía y ganando una batalla en los salarios generales." (El establecimiento del principio de igual salario por igual faena es, por sí, fundamental para la existencia de una verdadera justicia social y un normal desenvolvimiento del trabajo. (En la inauguración de la División del Trabajo y Asistencia de la mujer: 2-10-44.)

3 Salario mínimo. "Hemos estructurado y estamos estructurando la organización de los salarios generales. Hemos de establecer el salario mínimo de cada uno de los gremios y para todos los trabajadores del país. Nadie podrá ya intentar en adelante la explotación del hombre por el hombre, sino que deberá retribuir el trabajo del hombre en forma humana y cristiana. Hemos estructurado igualmente la organización de las relaciones entre los trabajadores y sus patronos. Ya no será posible ni el abuso de los uniones ni la explotación de los otros." (En la Plaza Independencia de Buenos Aires una concentración obrera: 25-2-45.)

4 La plena ocupación trae los mejores salarios. "En el útil que se diga que hay si no hay ocupación total. Hoy los buenos operarios se pagan cada vez más y uno se lo quita si otro." (Ante obreros cortadores: 10-2-51.)

5 El salario debe incidir sobre los beneficios patronales. "Los aumentos de retribución deben incidir sobre los beneficios de la empresa o patrono, no sobre los salarios, en consecuencia, los aumentos de precios por tal causa." (Apertura del 83º Período Legislativo: 1-5-49.)

6 El Instituto de las Remuneraciones. "La función fundamental del Instituto de las Remuneraciones es la de establecer el salario vital y de vertimiento en salario vital móvil, es decir, relacionado con el costo de la vida calculando el límite mínimo con el que un obrero o un empleado puede vivir. El salario vital móvil constituye la línea de la vida por debajo de la cual — como se trataba oportunidad de decirlo — los hombres son suscepcionados, vale decir tienen menos del mínimo para vivir. El ideal es llevar a todos por encima de esa línea." (A las periodistas con motivo de la fijación de la remuneración mínima: 12-4-48.)

7 Relación de precios y salarios. "Cuando los precios suben injustificadamente, lo lógico, lo natural, lo científico es bajarlos por una disposición del gobierno. Y cuando esos precios han subido por un factor natural del costo, lo que se debe remediar es alzar los salarios para ponerlos en proporción." (Ante una concentración obrera en la Plaza San Martín de La Plata: 10-6-41.)

8 Fórmula eficaz. "Utilizamos un sistema distinto a todos los que se han usado en el mundo en el que los obreros y patronos decían que había que hacer economía. Los reducidos los salarios a los empleados y obreros. Nosotros dijimos: '¡Bastante pobres!' Páguenles cinco veces lo que les pagaban antes. De ese modo se reactiva la economía y todo sale bien." (En la Escuela Superior Peronista, sobre "Conducción": 25-3-51.)

9 Base del equilibrio social. "El salario mínimo es la base de la armonía del equilibrio social. En el concreto de la población del mundo los que están por debajo de la línea de la vida son los campesinos y, por ende, los que la sobrepasan son los empresarios. En nuestro país, el obrero y el campesino no deben existir 'cum ritione'." (Declaración a representantes de la prensa con motivo del plan para combatir la explotación: 11-6-40.)

10 Principio económico y no contradicción económica. "Se nos ha acusado de contradicción económica por que por un lado creamos poder adquisitivo y por otro lado pretendemos disminuir el consumo. Hacer el consumo con salarios de hambre sería muy fácil si nosotros respondiéramos a la concepción económica capitalista. Pero nosotros sabemos que el hombre no ha sido creado para servir a la economía, sino la economía para servir al hombre." (Directivas sobre el Plan Económico 1952 en el aula magna de la Facultad de Derecho y Ciencias Sociales: 28-3-52.)

11 Obligación del Estado. "El Estado debe asegurar el bienestar de todos los que han nacido para vivir, porque no puede observarse que el que es de los recursos para la lucha o la concurrencia dentro del mundo del trabajo. Para los demás rige más bien el equilibrio: '¡Bastante pobres!' el trabajador, de conformidad con las posibilidades y el esfuerzo realizado." (A las periodistas con motivo de la fijación de la remuneración mínima: 12-4-48.)

12 Exigencia imperiosa. "Para poder retribuir mejor el trabajo de los obreros argentinos necesitamos industrializar el país y para ello era necesario que fuéramos el manejo de los créditos bancarios y el régimen de cambios." (Al inaugurar el 84º Período Ordinario de Sesiones: 1-5-50.)

13 Salarios bajos y enfermedades. "Los índices de enfermedad, de invalidez y de muerte, pasan más gravemente a medida que desciende el salario en la escala social." (Mensaje a los profesionales de la Sanidad: 10-12-51.)

14 Fundamento de la seguridad social. "Siempre he sostenido que no se puede hablar de seguridad social donde no hay salarios justos." (Al declarar inaugurada la IIIª Reunión Interamericana de Seguridad Social: 12-3-51.)

15 Capitalización por el hambre. "El sistema económico capitalista continúa los límites del hambre y la miseria del Pueblo para capitalizar al reducido grupo de los grandes consorcios financieros." (Directivas sobre el Plan Económico 1952 en el aula magna de la Facultad de Derecho y Ciencias Sociales: 28-3-52.)

16 Los que no ganan más son los monopolios. "Hay una oligarquía en la República Argentina en el obrero para tres o cuatro veces más que antes, y el patrón también. Los que no ganan son los consorcios internacionales, los grandes monopolios." (Ante una delegación de estudiantes brasileños: 19-7-50.)

17 Objetivo Justicialista. "El sistema económico Justicialista quiere salarios justos, quiere que el Pueblo consuma todo lo que necesita para vivir bien, pero quiere también que ahorre un poco para que cada familia argentina se capitalice." (Directivas sobre el Plan Económico 1952 en el aula magna de la Facultad de Derecho y Ciencias Sociales: 28-3-52.)

18 Aumentar la riqueza y las remuneraciones. "Hemos estimulado la economía, la hemos reactivado aumentando el consumo y, en consecuencia, la demanda. Se han valorizado las cosas, pero también se remuneró en proporción a esa valoración. Pero ha tenido un beneficio para el empresario y para el obrero." (Ante obreros textiles en el Salón Filadelfo: 27-6-51.)

19 Pilar de la asistencia social. "Un salario justo y adecuado es la base fundamental que sustentará la inmensa obra de asistencia social realizada por los sindicatos de trabajadores en todos los ámbitos del país." (Al declarar inaugurada la IIIª Reunión Interamericana de Seguridad Social: 12-3-51.)

20 Beneficio del salario indirecto. "El salario es no solamente directo sino que a éste puede armarse otro, en forma indirecta. Así, por ejemplo, si un gremio cuenta con un pozo de agua, un hotel de turismo, el hecho de no gastar en medicinas o en viajes representa un aumento de salario indirecto." (A las periodistas con motivo de la fijación de la remuneración mínima: 12-4-48.)

EL SALARIO EN EL PENSAMIENTO VIVO DE PERÓN

DISTRIBUIDORES DE LOS TRACTORES O & K DIESEL 36 H. P. DE PROCEDENCIA ALEMANA REPUESTOS GENERALES

VIGLIONE, ARAGNO & BORZANI SOC. RESP. LTDA. ROSARIO

H MUNDO PERONISTA

Fonte: Mundo Peronista, 37, p. 44, 15/01/1953.

Uma matéria sobre as definições de salários para Juan Perón, publicada no contexto do congelamento dos mesmos para conter a inflação, demonstrava, ao mesmo tempo, a necessidade de redefinir atitudes em um momento de crise e de reafirmar as melhorias alcançadas pelo governo. Os trechos publicados foram retirados de discursos do líder peronista proclamados entre 1944 e 1952. Dessa forma, a construção da matéria partia da afirmação de que o poder aquisitivo dos trabalhadores argentinos superava a média de outros países. A retribuição justa era resultado do pleno emprego conquistado pelo Estado e para continuar pagando bem aos trabalhadores era preciso que a produção industrial aumentasse¹⁰⁹. Se em

¹⁰⁹ Em outro artigo, intitulado *Mayor productividad para mayor bienestar*, a revista assinalava que Juan Perón, sozinho, assegurou a promoção da justiça social por meio, por exemplo, dos salários mais justos, da sanção das leis de aposentaria e da criação dos sindicatos. A distribuição mais justa dos bens de consumo e do acesso aos serviços alcançou um *standart* que só poderia ser mantido com a ajuda de todos os cidadãos: mais uma vez, para manter o padrão de vida conquistado, era necessário incrementar a produção. Outrossim, *Mundo Peronista* explicava que somente o aumento

outros países a medida para conter momentos de crise era diminuir os salários da população, na Argentina fazia-se o contrário: o aumento da remuneração visava à reativação da economia. Para a revista, a intervenção do Estado se dava no sentido de tornar os salários mais justos e expandir o consumo, mas também percorria a finalidade de orientar a economia familiar para o consumo consciente. Com o peronismo, tanto os trabalhadores quanto os patrões ganhavam mais que antigamente. A insatisfação de alguns residia no fato de que os consórcios internacionais e os grandes monopólios não estavam lucrando mais (MUNDO PERONISTA, 37, p. 44, 15/01/1953).

Ao reafirmar que a realidade peronista, mesmo com as tribulações trazidas pela crise, ainda era melhor que as situações passadas, a revista procurava justificar o aumento e o congelamento de salários naquele momento como uma forma de enfrentar as dificuldades econômicas. Como indica Rougier e Stawski (2013), a noção de que o aumento dos salários estava conectado à produtividade se tratava, na verdade, de uma reorientação do papel do Estado na economia que previa o protagonismo de empresários e trabalhadores nos acordos trabalhistas¹¹⁰.

Em maio de 1954, *Mundo Peronista* publicou uma matéria estruturada em torno de uma carta escrita por um leitor que, respeitosamente, questionava qual a maneira de se medir numericamente as conquistas obtidas pelos trabalhadores argentinos durante o peronismo. A indagação residia, portanto, na maneira de aferir o bem-estar do trabalhador. Para a revista, o questionamento era sensato e pertinente, mas indicava para o fato de que muitas das conquistas sociais do peronismo não admitiam medida.

Entre el aciano de ayer, que dormía en los umbrales y se alimentaba con las sobras de los ricos y al anciano de hoy sostenido por una pensión a la vejez o acogido con amor en un hogar de la Fundación Eva Perón, hay un abismo a través del cual no se puede tender un puente numérico. (MUNDO PERONISTA, 64, p. 31, 01/05/1954).

Além disso, a publicação afirmava que o salário era apenas um aspecto parcial das conquistas dos trabalhadores, uma vez que seu valor não refletia a

dos salários não resolveria a situação do consumo interno, já que os preços das mercadorias continuariam subindo por conta da baixa produtividade. Produzir mais e ao mesmo custo possibilitaria, nessa lógica, o abaratamento dos produtos e a valorização dos salários (MUNDO PERONISTA, 81, p. 35, 15/02/1955).

¹¹⁰ Para os autores, essa redefinição dos papéis foi oficialmente determinada no *Plan de Acción de Equilibrio para la Economía Nacional* divulgado em outubro de 1954: “El plan no sólo suponía garantizar la estabilidad de precios, sino también un cambio importante en la participación que el Estado tenía hasta entonces en la economía y también un cambio respecto a la concepción económica que identificaba al peronismo” (ROUGIER, STAWSKI, 2013, p. 07).

totalidade as melhores obtidas – “no sólo de pan vive el hombre” –. A dignificação, o respeito mútuo entre as partes nas relações trabalhistas e o reconhecimento dos direitos fundamentais, conquistados pelo peronismo, eram aspectos importantes da vida em sociedade que não poderiam ser estimados em dinheiro ou em estatísticas. *Mundo Peronista* expressava que, juntamente ao salário básico, somava-se o *salário social*, entendido como a união de outros benefícios como a aposentadoria¹¹¹, o décimo terceiro salário, as férias remuneradas e o turismo social. Não obstante a resposta inicial de que a representação numérica de algumas realizações peronistas era algo improvável, a revista apresentou alguns dados – isentos de referências – que poderiam ilustrar as melhorias empreendidas pelo governo. Sobre a aposentadoria, a publicação indicava que o patrão pagava 15% por trabalhador ao Instituto de Previdência para que este não precisasse tirar do seu salário um valor para pagar a sua aposentadoria por conta própria; o décimo terceiro salário correspondia a um aumento de 8,33% sobre o salário mensal; o salário familiar – o adicional que um trabalhador recebia por membro da família – significava um aumento de 7,5%; as férias remuneradas resultavam em um benefício de 5% e o turismo social possibilitava aos trabalhadores um custo menor durante o lazer em vista das colônias de férias construídas pelo Estado. Baseando-se nesses dados, *Mundo Peronista* concluía que o salário social, entre 1943 e 1953, sofreu um aumento de 50%. No entanto, todas essas conquistas materiais não deviam ser sobrepostas à primeira e mais importante conquista do peronismo: a dignificação da classe trabalhadora (MUNDO PERONISTA, 64, p. 31, 01/05/1954).

Ainda no âmbito de medir ou comprovar o bem-estar social, a revista apontava a situação do comércio como referência para analisar a evolução econômica-social de um país. De acordo com *Mundo Peronista*, o desenvolvimento do comércio interno era um ponto chave na aferição do bem-estar, pois o aumento de estabelecimentos comerciais denotava o aumento do poder aquisitivo da população. Utilizando dados dos censos industrial e comercial de 1946 e 1954

¹¹¹ A aposentadoria era tratada nas páginas de *Mundo Peronista* como uma conquista exclusiva do peronismo. Diferentemente do sistema liberal, no qual o Estado não se sentia responsável pelas massas urbanas, o peronismo havia criado uma “nova consciência”. O Estado passou a ser um “Estado de obrigações”, isto é, era o responsável pelo trabalho de cada cidadão e pelo sistema de bem-estar que todos deveriam ter acesso, no qual se inseria a aposentadoria. Com essas mudanças, indicava a revista, desapareceram os fantasmas da desocupação em massa, da fome coletiva e do desamparo. Além de se preocupar com a vida produtiva dos argentinos, J. Perón ampliou o direito à aposentaria para que no fim desse ciclo cada pessoa possuísse o direito de descansar de forma digna (MUNDO PERONISTA, 90-91, p. 53, 15/07 e 01/08/1955).

publicados em um pequeno quadro sem referência à autoria, a revista partia da seguinte interpretação: se o crescimento da população e do comércio entre os dois anos fosse igual, então a situação econômica-social do país havia se mantido. Mas, se a população havia crescido mais que o comércio, esse fato indicava a paralisação da atividade comercial. Caso o comércio crescesse em um ritmo maior que a população, era porque o poder de compra popular havia aumentado. Em vista disso, *Mundo Peronista* concluía que a situação argentina se enquadrava no último cenário. De acordo com os dados, entre os anos citados acima, a população havia crescido 19,7%, enquanto que número de estabelecimentos comerciais expandiu-se em 70,6% e a taxa de ocupação/emprego alcançou 39,9%. Essas informações pretendiam confirmar que o crescimento do comércio havia ultrapassado o da população, servindo de prova principal de que o progresso econômico e social era uma realidade no país e uma realização peronista (MUNDO PERONISTA, 76, p. 37, 15/11/1954).

Os dois artigos citados acima se inseriram no contexto de publicação do ano de 1954. Apesar de a economia ter respondido às medidas dos planos econômicos de 1952 e 1953, as soluções não resolveram a totalidade dos problemas enfrentados desde o fim da década de 1940. A redefinição do papel do Estado numa tentativa de racionalizar o intervencionismo estatal e a dinâmica econômica (ROUGIER, STAWSKI, 2013) não seria suficiente para estancar a crise política que, acompanhada pela econômica, se aprofundava cada vez mais. A atitude assumida pela revista foi de lembrar os leitores das mudanças operadas pelo peronismo desde a Secretaria do Trabalho e Previdência em meados de 1943 e justificar as medidas tomadas para conter a crise como determinações momentâneas e que não contradiziam a doutrina peronista. Naquela conjuntura, observa-se que o discurso se concentrava na pessoa de Juan Perón: é dele que emanava a doutrina, então tudo aquilo que por ele fosse determinado, estaria em conformidade com a doutrina justicialista. Como condutor e salvador predestinado da Argentina, Juan Perón saberia como agir para manter a dignificação do povo.

4.3.1 Descansar também é um direito

Como apontamos anteriormente, o projeto modernizador do Estado peronista, assim como sua política econômica, voltava-se – ainda que teoricamente – para o bem-estar popular. As reorientações econômicas e financeiras deveriam atingir

positivamente os trabalhadores que, no discurso de *Mundo Peronista*, eram os verdadeiros donos do país. Na visão da revista e do peronismo, a crescente presença do Estado nos assuntos econômicos, bem como a ampliação da legislação trabalhista, criou um clima de segurança, felicidade e alívio entre os setores populares. A chegada do peronismo ao poder simbolizava, por fim, a criação da “nova Argentina”, um país que fora salvo dos perigos estrangeiros – centralizados, nos anos iniciais do governo, na figura do embaixador estadunidense Spruille Braden – pela imagem mítica de Juan Perón, apoiado pela classe trabalhadora. Os anos da “bonanza peronista” simbolizaram, para os setores populares, o aumento do poder aquisitivo não apenas no que diz respeito às necessidades básicas individuais ou familiares, mas também às atividades recreativas.

O tempo dedicado ao lazer foi, nesse sentido, abordado desde o governo peronista tanto como uma forma de demonstrar os avanços econômicos, quanto como meio de difusão da doutrina peronista. Para Pastoriza e Pedeta (2009), a intervenção estatal no tempo livre pôde ser visualizada na manutenção de salas de cinema, no incentivo aos esportes e no desenvolvimento do “turismo popular”. Com relação ao turismo, as políticas públicas peronistas desenvolviam planos de férias e excursões populares para locais como Mar del Plata e as serras cordobesas. Durante finais de semana e feriados, o “turismo relâmpago” representava curtas viagens para a capital federal e a realização de pequenos passeios pelo rio Paraná e na Basílica de Luján (PASTORIZA; PEDETA, 2009). A possibilidade de uma família trabalhadora custear atividades de lazer como o turismo era difundida pela propaganda oficial como uma conquista peronista para o povo e símbolo de justiça social: a presença de trabalhadores e trabalhadoras em Mar del Plata, por exemplo, significou o triunfo popular em um local habitualmente frequentado pelas classes altas¹¹². Outrossim, incentivar o turismo manifestava o caráter nacionalista do governo, uma vez que a ampliação dos lugares conhecidos pelos cidadãos contribuía para a expansão da ideia de nação argentina.

Em *Mundo Peronista*, o turismo apareceu como um direito outorgado por J. Perón aos trabalhadores e trabalhadoras. De acordo com a revista, tanto o mar

¹¹² Os autores apontam que a intensa propaganda sobre a presença popular nas praias do país, principalmente em Mar del Plata, cumpria mais com a criação de um imaginário político popular sobre lugares reservados às classes altas do que pelo acesso de fato por trabalhadores e trabalhadoras. Para Pastoriza e Pedeta (2009), a classe que chegou às praias durante os anos peronistas foi a classe média, ao passo em que a classe trabalhadora ocuparia as praias argentinas somente nos anos 1970 com o desenvolvimento do turismo sindical.

como as montanhas deveriam ser acessíveis a todos os homens – fossem eles ricos ou pobres – e, por isso, a Constituição de 1949 e o II Plano Quinquenal garantiram o direito de crianças e adultos a terem férias após o término de suas atividades no final do ano. A construção de hotéis nas serras de Córdoba e das colônias de férias em Mar del Plata proporcionava o “saludable y reparador veraneo” da classe trabalhadora em lugares até então exclusivos das classes altas (MUNDO PERONISTA, 36, p. 05, 01/01/1953). Aplicando a díade antes x depois, a revista discorria sobre Mar del Plata como um cidade totalmente transformada após a chegada do peronismo ao poder: “[...] ha crecido como un adolescente en busca de su edad madura. Su amplia sonrisa – de espuma blanca y de tejas rojas – se ha tenido con el color inefable del Pueblo” (MUNDO PERONISTA, 59, p. 26, 15/02/1954). Mesmo com o aborrecimento dos antigos visitantes da cidade em relação aos novos turistas, *Mundo Peronista* defendia que a cidade balneária havia se tornado maior e mais charmosa justamente por conta da presença popular. A publicação destacava que a importância do turismo, além de contribuir para a ampliação da ideia de nação, também residia na preservação da saúde dos trabalhadores e trabalhadoras. O descanso – que deveria ser físico e espiritual – era interpretado como um direito e uma necessidade para que o desempenho no trabalho aumentasse. Para *Mundo Peronista*, a revolução de J. Perón levou o oxigênio das montanhas e o sal das praias à classe *obrero* (MUNDO PERONISTA, 51, p. 45, 01/10/1953), eliminando o rótulo de privilégio de determinadas paisagens argentinas: seu acesso deveria ser indiscriminado, pois “[...] la salud no reconoce distintos grados de necesidad” (MUNDO PERONISTA, 59, p. 26, 15/02/1954).

Em relação aos gastos que as atividades de lazer geravam para a classe trabalhadora, *Mundo Peronista* defendia que as inquietações se originavam nas diferentes formas de interpretar a economia de um país. Para os “economistas de velha escola”, ligados aos grandes interesses financeiros e à “plutocracia internacional”, a avaliação da situação econômica se pautava em aspectos como a quantidade de ouro, o valor da moeda no mercado internacional e a cotação das ações na Bolsa de Valores. De acordo com a publicação, essa forma de análise, contudo, não considerava o povo, isto é, a relação entre os salários e os preços de artigos de primeira necessidade não era considerada, pois aqueles economistas – leem-se oligárquicas – não entendiam o povo como parte do país. Uma vez na presidência do país, J. Perón inseriu um critério distinto nas análises econômicas: a

economia deveria estar a serviço do povo e de seu bem-estar. Para *Mundo Peronista*, a comprovação do bem-estar de um povo estaria na forma em que este aproveitava seu tempo de lazer. Na Argentina peronista, os trabalhadores possuíam dinheiro, por exemplo, para ir ao cinema e assistir aos jogos de futebol (MUNDO PERONISTA, 56, p. 39, 15/12/1953). No que diz respeito ao turismo, se no passado o *obrero* precisava desembolsar grandes quantias para viajar, o presente peronista assegurava o direito de acesso às belezas naturais do país por um valor que não prejudicaria seu orçamento (MUNDO PERONISTA, 36, p. 05, 01/01/1953). Fosse qual fosse o tipo de lazer, as atividades realizadas pela classe trabalhadora no tempo livre eram interpretadas por *Mundo Peronista* como provas da modernização empreendida pelo governo peronista.

Figura 33 - Matéria sobre as colônias de férias.

PERON CUMPLE

En las PLAYAS o en las SIERRAS

Vermeo peronista

El mar y las montañas deben ser accesibles a todos los hombres -viejitos o muchachos-, porque la salud no reconoce distancias geográficas de necesidad.

JUAN PERON
(9 de abril de 1945)

La otra noticia a que nos referimos es la que informa que la Cámara Obrera ha abierto el registro de inscripciones de trabajadores para el próximo año en las Colonias de Vacaciones de la Fundación.

La proximidad de la temporada de vacaciones que gozan los trabajadores al término de su actividad del año, vuelve a actualizar sobre todo en los hogares laboriosos de las grandes ciudades, la justa aspiración de un saludable y reparador verano, antes sólo reservado para las clases pudientes o acomodadas, pero que hoy el Gobierno del General Perón pone al alcance de todos.

Esta preocupación del Conductor se vea a través en el Capítulo IX de su 2º Plan Quinquenal que "En materia de turismo el objetivo fundamental de la Nación será: a) proporcionar al sereno del pueblo el conocimiento de las bellas naturas del país y las creaciones de su arte; b) proporcionar al mismo tiempo los beneficios del descanso físico y espiritual que proporcione el turismo".

Además, en el artículo 1º de los Derechos del Trabajador, incluido en la Constitución Peronista, enumera el descanso libre de preocupaciones y el goce de vacaciones remuneradas, que para millones de familias de trabajadores, evita hasta imposible al crear el turismo social.

Esta había de la vida y sentido aspiración del Líder, que ya en 1945 anunció: "Pensamos reintegrar el turismo social en forma que no sea un privilegio de los pudientes obligar a reducir su cuerpo después de cada año de trabajo".

Colonias de vacaciones

Por eso evita levantó en medio de las veraniegas vacaciones los años modernos y confortables hoteles que forman la Colonia de Río Terreno.

O a orillas del mar, donde antes era de exclusivo privilegio de los poderosos, en Mar del Plata, en Chapadmalal, así también fundó en las Colinas de la Fundación, en condiciones sumamente económicas y dotadas de las mejores comodidades.

Véase por fin realizado lo que hace muchos años, aun antes de asumir el poder, propagaba el General Perón: "El obrero, al no desmoronarse que pueda perjudicarlo para el resto del año, debe poder pasar quince o veinte días anuales en las playas o en las sierras".

Hoy con millones y millones los trabajadores que con sus familias, con sus niños, gozan de esta conquista peronista.

Todos los años la tierra les brinda un bello descanso. En que el mismo paisaje argentino, antes jamás gozado, ha sido recuperado por Perón y evita para felicidad de todos los hijos de esta tierra.

Somos felices hoy, si, y podemos darnos el "lujito" que antes nos estaba vedado de un verano por las playas o por las sierras, gracias a que PERON CUMPLE.

PRODUCTORES DE ACEITES DEL PAIS

MUNDO PERONISTA 5

Fonte: Mundo Peronista, 36, p. 05, 01/01/1953.

4.4 A função social da economia: transportes e energia para o povo

Embora *Mundo Peronista* tenha se concentrado nos acontecimentos da região metropolitana de Buenos Aires, o interior e litoral do país também estiveram

presentes em diversas matérias da publicação. Em relação aos transportes, a construção de ferrovias e rodovias que ligavam os extremos da nação para o escoamento de produtos foi um tema explorado pela revista no sentido de demonstrar que a integração nacional era um dos principais caminhos para a conquista da independência econômica. Nesse sentido, a construção da ferrovia entre as cidades de Rio Gallegos e Rio Turbio – ambas na província de Santa Cruz – para o transporte de carvão simbolizava, para a revista, uma das obras mais importantes dos últimos tempos (MUNDO PERONISTA, 01, p. 04, 15/07/1951), pois tanto a linha férrea entre as cidades, como a descoberta da reserva de carvão em Rio Turbio, ratificavam a independência econômica lograda por Juan Perón. Valendo-se da díade antes x depois, *Mundo Peronista* afirmava que durante os governos oligárquicos a riqueza nacional era transportada para todos os cantos do mundo, mas não alcançava os próprios argentinos em razão do alto valor do frete para o transporte de produtos em território nacional. Para a revista, a “estrutura colonial de transportes”, controlada por empresas estrangeiras e suas cúmplices nacionais, passou a ser transformada na medida em que J. Perón nacionalizou companhias e promoveu o desenvolvimento de ferrovias, rodovias, linhas de transporte aéreo, marítimo e fluvial (MUNDO PERONISTA, 51, p. 31, 01/10/1953).

Nessa perspectiva, investir em redes de transporte beneficiava o escoamento de matérias-primas como o carvão e outros recursos que eram de suma importância para a indústria nacional e, também, a integração do mercado interno que consumiria a produção da indústria manufatureira nacional. Da mesma forma, a construção de rodovias – os “caminos peronistas” – corroborava com o objetivo de ampliar o transporte de mercadorias e de pessoas com segurança e rapidez.

La función específica del camino, como lo señala el Segundo Plano Quinquenal, no es ya la de abrir brechas civilizadoras y colonizadoras solamente, sino la “racional vinculación de los centros poblados con los centros de producción y los centros de consumo”. Es decir, los caminos deben servir al Pueblo. (MUNDO PERONISTA, 54, p. 19, 15/11/1953).

A nacionalização da linha férrea era tratada na revista como motivo de orgulho para os argentinos. A época na qual as empresas estrangeiras gerenciavam as ferrovias argentinas simbolizou um momento de ausência da “função social” dos meios de transportes, uma vez que todo o seu controle e lucro estava voltado unicamente aos donos das empresas. Eram eles, pois, que tinham a “manija” das

locomoções que, de acordo com *Mundo Peronista*, significava possuir a capacidade de resolver questões individuais e coletivas. Nesse sentido, ao possuir o controle dos meios de transporte durante muito tempo, os grupos estrangeiros impediam que a riqueza do país o colocasse em condições de competir com outros mercados. Para a publicação, o uso das matérias-primas argentinas era arbitrário e direcionava-se apenas para atender aos usos dos grandes proprietários, marginalizando os trabalhadores que não tinham acesso a essa riqueza (MUNDO PERONISTA, 05, p. 36, 15/09/1951). Logo, a nacionalização da malha ferroviária significou a transferência da “manija” para o povo: além de estimular a unidade nacional criando novas estradas e ferrovias, o controle do Estado sobre a malha ferroviária significava também um maior controle sobre a economia. Ainda que o Tratado Mirando-Eady tenha sido palco de controvérsias sobre os verdadeiros benefícios que ele representava para a Argentina, em *Mundo Peronista* as nacionalizações dos transportes foram tratadas unicamente de forma positiva para o país, pois expressavam a conquista da independência econômica argentina.

As *Industrias Aeronáuticas y Mecánicas del Estado* (IAME), uma empresa autárquica criada em março de 1952, surgiu com o objetivo de fabricar automóveis na Argentina para atender à demanda interna¹¹³. Em um artigo sobre o transporte de passageiros na capital, *Mundo Peronista* admitia que, assim como ocorre em todas as principais cidades do mundo, os transportes coletivos enfrentavam a lotação e a má qualidade dos serviços. Todavia, a situação em 1954, por mais conflituosa que parecesse, não poderia ser comparada à época do Tratado Roca-Runciman, que teria simbolizado o pior momento das condições dos transportes coletivos. Naqueles anos, afirmava a revista, os trabalhadores eram os mais prejudicados, pois, além de estarem submetidos a condições pouco dignas de trabalho, ainda tinham que enfrentar as poucas horas livres dentro de transportes de má qualidade. À vista disso, J. Perón aumentou a quantidade e a qualidade de carros, incrementando o conforto e a capacidade. Para *Mundo Peronista*, no entanto, o líder peronista não estava satisfeito com a melhoria realizada nos transportes públicos de Buenos Aires: a atual aspiração de J. Perón era de que cada trabalhador pudesse, em um futuro

¹¹³ Para saber mais sobre a criação e o funcionamento do IAME, consultar: RACCANELLO, Mario. *Industrias Aeronáuticas y Mecánicas del Estado y la lógica de la política económica peronista. América Latina en la Historia Económica*, México, v. 20, n. 2, p. 177-221, ago. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S140522532013000200007&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 01 set. 2021.

próximo, comprar seu próprio automóvel (MUNDO PERONISTA, 57, p. 41, 01/01/1954).

Figura 34 - Artigo sobre a fabricação de motocicletas nacionais.



Fonte: Mundo Peronista, 75, p. 13, 01/11/1954.

A fabricação da Siam-Lambretta (MUNDO PERONISTA, 75, p. 13, 01/11/1954) foi um exemplo que *Mundo Peronista* se valeu para demonstrar a capacidade industrial do país e o comprometimento do Estado com o bem-estar popular. Além disso, a revista destacava a superioridade do governo argentino e de seus militares por usarem suas instalações para a fabricação de veículos voltados para o consumo popular e não para a produção bélica (MUNDO PERONISTA, 43, p. 11, 01/06/1953). Importante pontuar essas matérias se inserem no contexto de divulgação do II Plano Quinquenal. A reorientação econômica empreendida pelo governo para controlar os efeitos da crise e reativar a produção agropecuária e industrial no país foi esboçada pela revista de maneira a não desprestigiar o governo e suas medidas anteriores. Apesar de a revista admitir certas instabilidades, para ela o mandato de J. Perón ainda era o melhor que os anteriores por redirecionar a economia em benefício dos trabalhadores.

Em março de 1952, a revista publicou um curioso artigo em tom de crítica ao preço da passagem do transporte público na capital federal. De acordo com as informações apresentadas, apesar do aumento dos salários dos empregados da área do transporte, do preço dos veículos e do combustível, o valor da tarifa havia se mantido porque o governo retirava dos impostos federais a diferença para manter o baixo preço. Não obstante, a revista questionava se esta era uma atitude justa com os moradores das demais províncias e cidades que quiçá nunca chegariam a conhecer a capital argentina, mas que contribuía mediante o pagamento de imposto para que o preço das passagens em Buenos Aires não se elevasse. Para o autor, ainda que em um primeiro momento o preço da tarifa pudesse gerar satisfação e ser lida como sinal de justiça social, o fato de tal realidade se restringir apenas à capital federal tornava aquela situação em uma espécie de “luxo caro e injusto”. Seria preferível, portanto, que cada habitante pagasse somente por aqueles serviços usados efetivamente (MUNDO PERONISTA, 16, p. 35, 01/03/1952). O estilo crítico da matéria se destaca pela esporádica publicação de artigos que assumem um posicionamento mais questionador às realizações do governo peronista. Manter o baixo preço das tarifas do transporte público era uma atitude aos setores populares, que poderiam usufruir do serviço sem precisar abrir mão de outros. Levando em conta a premissa de que o peronismo era um movimento de todos os argentinos, a crítica à situação do transporte público portenho se embasava na exclusividade da baixa tarifa em Buenos Aires e não nas demais capitais e cidades do interior.

Um último ponto sobre os transportes que merece destaque foi a atenção dada ao desenvolvimento do transporte comercial aéreo¹¹⁴ e naval¹¹⁵ nas páginas da

¹¹⁴ “En lo que respecta a la navegación aérea, cuando Perón asumió la presidencia existía una sola empresa, Aeropostal Argentina, creada en 1929. Como en el caso de las flotas mercantes, esta compañía se encontraba sumida en una profunda crisis financiera que exigió la ayuda del Estado nacional. Debido a esta circunstancia, el gobierno creó sobre la base de ella, una sociedad mixta que fue dividida en tres: la Mota Aérea Mercante Argentina (CAMA), dedicada al comercio internacional; la Sociedad Mixta de Aviación del Litoral Fluvial Argentino, especializada en el transporte comercial mesopotámico, y la Sociedad Mixta Zonas Oeste y Norte de Aerolíneas (ZONDA), que conectaba Buenos Aires con el interior. Los déficit crecientes de estas empresas condujeron al gobierno a unificarlas e incorporarlas directamente a la administración estatal. Nació así, en 1950, Aerolíneas Argentinas, que durante los años posteriores se expandió notablemente, inaugurando los servicios regulares a nueva York y estimulando la construcción de varios aeropuertos, como los de Ezeiza, Río Gallegos, Río Cuarto, Ushuaia y Comodoro Rivadavia, entre otros” (RAPOPORT, 2000, p. 394).

¹¹⁵ “La Flota Mercante del Estado había sido creada en 1941 con la adquisición de varios barcos Italianos bloqueados por los aliados en puertos argentinos. Hacia 1946, el gobierno peronista impulsó su modernización mediante la compra de cuatro nuevos barcos de origen genovés. Poco después, se iniciaron tratativas con la Compañía Argentina de navegación Doder S.A. de manera de efectivizar

revista. Como vimos, a disponibilidade inicial de divisas possibilitou a compra de empresas estrangeiras e a ampliação do setor público. O caráter nacionalista do “Estado empresário” durante os governos peronistas não residia apenas na aquisição de empresas estrangeiras, mas também na criação de novas organizações empresariais e a reformulação e expansão de outras que já existiam. Em *Mundo Peronista*, o décimo quarto aniversário da *Líneas Aéreas del Estado* (LADE) foi recordado de forma a destacar a progresso da empresa em transportar passageiros e mercadorias de maneira segura. De acordo com os dados apresentados, a empresa havia percorrido mais de sete milhões de quilômetros entre cidades argentinas e países como a Bolívia, o Paraguai e o Equador, conectando pessoas e mercados (MUNDO PERONISTA, 73, p. 14-16, 01/10/1954). Retificando dados publicados sobre a marinha mercante argentina em um diário referenciado apenas com as letras “A. P”, *Mundo Peronista* sublinhava o aumento de barcos e, conseqüentemente, da capacidade de transporte das frotas fluviais (MUNDO PERONISTA, 05, p. 26, 15/09/1951). Em outro artigo, a revista frisava a atitude louvável de J. Perón de ter investido na capitalização dos transportes para incrementar o bem-estar popular ao invés de destinar o dinheiro na compra de artigos importados que, “[...] desde las superfluidades del perfume o del whisky, hasta aquellos productos que durante la guerra nos habíamos ingeniado para elaborar aquí”, prejudicavam a indústria nacional e, conseqüentemente, os trabalhadores argentinos (MUNDO PERONISTA, 44, p. 30, 15/06/1953).

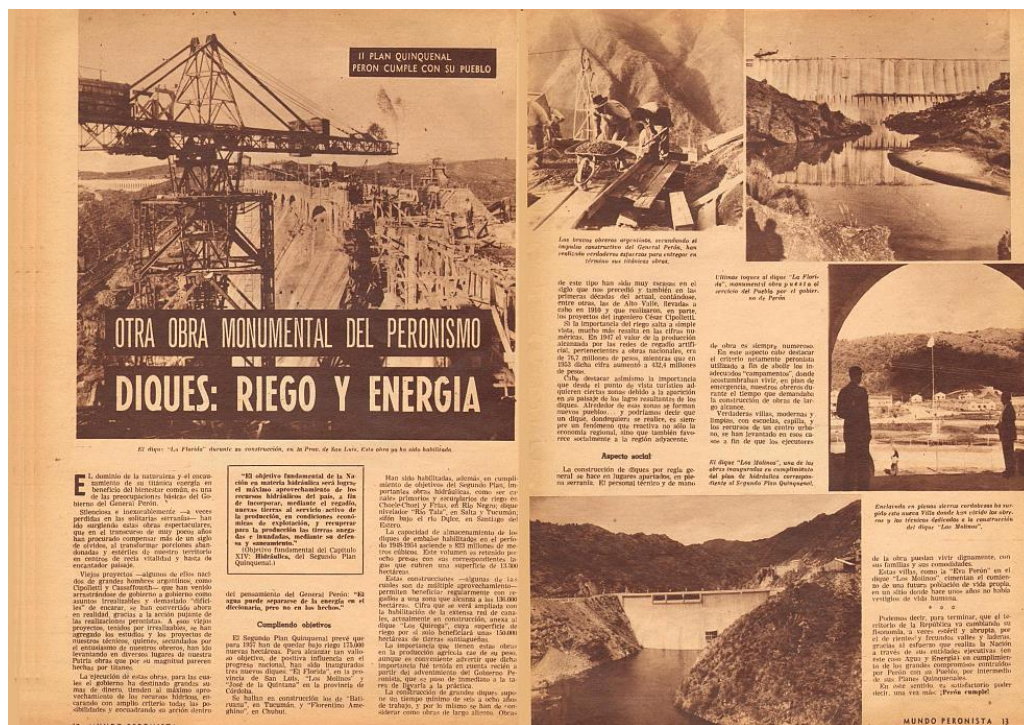
O gerenciamento estatal das frotas navais e aéreas era, nesse sentido, lido pela revista como um avanço economicamente favorável para o país porque o libertava do controle estrangeiro. Na lógica de *Mundo Peronista*, o lucro gerado por essas empresas era revertido diretamente para a classe trabalhadora. A nacionalização dos transportes constituía um passo a mais em direção à conquista da independência econômica, uma das bandeiras do justicialismo.

Uma das resoluções apontadas pelo Plano de Emergência Econômica em 1952 e reafirmada pelo II Plano Quinquenal foi a necessidade de impulsionar o setor energético para retomar o crescimento industrial e da produção agropecuária. *Mundo Peronista* apresentou ao leitor exemplos da ação do governo na exploração

su compra por parte del Estado. La crónica situación deficitaria de esa compañía había requerido en varias oportunidades el auxilio gubernamental. Finalmente, en mayo de 1949, se concretó esa compra, desdoblándola, a continuación, en dos nuevas empresas: la Flota Argentina de Navegación de Ultramar y la Flota Argentina de Navegación Fluvial” (RAPOPORT, 2000, p. 394).

de carvão, petróleo e gás natural e as obras para a geração de energia elétrica. Além de atender às demandas industriais – e, por isso, continuar gerando empregos – a busca por combustíveis também visava à conformação do bem-estar popular: a instalação de eletrodomésticos que funcionavam com energia elétrica, o uso do gás para cozinhar, cidades mais iluminadas, combustíveis mais acessíveis para os veículos, entre outros.

Figura 35 - Artigo sobre a construção de diques.



Fonte: Mundo Peronista, 65, p. 12-13, 15/05/1954.

O discurso sobre a “minería nacional”, expressão usada pela revista para se referir ao setor de energia, era construído a partir da díade *antes x depois* para atribuir ao peronismo o ineditismo de suas ações. Para *Mundo Peronista*, a “mentalidade colonial” inculcada através da educação normalizou a ideia de que a Argentina nunca seria uma potência industrial por conta da ausência de uma sólida indústria mineradora. Destinado a ser o “celeiro do mundo”, o país deveria seguir o inevitável caminho de produzir alimentos baratos às grandes potências estrangeiras que, em união com a oligarquia local, barravam toda possibilidade de crescimento econômico. Com o advento de J. Perón, o mito da “inaptidão industrial” da Argentina teria sido desconstruído na medida em que os investimentos estatais fomentavam o crescimento da indústria em um ritmo nunca antes visto. A extração de recursos energéticos em território nacional – algo que, para a revista, apenas o peronismo

havia feito, apesar de toda a “descrença” nacional e internacional na existência de reservas nacionais de petróleo¹¹⁶, por exemplo – e a importação de insumos e matérias-primas faziam com que aquela “mentalidade colonial” fosse dissolvida. Nesse ponto, *Mundo Peronista* alertava para as acusações de “artificialidade” que a indústria argentina recebia dos “inimigos do país”, os quais desqualificavam a produção industrial por conta da necessidade de importar matéria-prima. O paradoxal, para a publicação, era que países mais desenvolvidos, como a Itália, também importavam insumos e nem por isso suas indústrias eram acusadas de serem artificiais. Não obstante, o que importava era que o crescimento do setor energético enfraquecia os laços coloniais com o estrangeiro e favorecia o aumento do bem-estar popular, exemplificado pelas casas mais limpas e confortáveis (MUNDO PERONISTA, 17, p. 06, 15/03/1952; MUNDO PERONISTA, 24, p. 04, 01/07/1952; MUNDO PERONISTA, 37, p. 04, 15/01/1953)¹¹⁷.

Portanto, a “função social” do setor energético consistia no aumento do nível de vida da classe popular mediante a promoção de um conforto prático e econômico – e, logo, moderno – em todas as casas do país. As obras previstas pelo II Plano Quinquenal eram abordadas pela revista como promessas que visavam o bem-estar popular, fossem para modernizar os lares ou para gerarem empregos. A construção de gasodutos (MUNDO PERONISTA, 59, p. 05, 15/02/1954), a exploração de petróleo em Salta e em Santa Fé, a extração de carvão mineral em Rio Turbio (MUNDO PERONISTA, 48, p. 30, 15/08/1953), a construção de sistemas de irrigação e diques em San Luis, Córdoba, Tucumán e Chubut (MUNDO PERONISTA, 65, p. 12-13, 15/05/1954), de linhas de transmissão elétrica pelo interior do país (MUNDO PERONISTA, 67, p. 12, 15/06/1954) e da Destilaria “Presidente Perón” na cidade Eva Perón (MUNDO PERONISTA, 81, p. 11, 15/02/1955) eram exemplos de ações que, ao incrementar a produção e assegurar o bem-estar da popular, ratificavam a independência econômica.

¹¹⁶ A *Yacimientos Petrolíferos Fiscales*, empresa estatal responsável pela extração, refinamento e venda de petróleo e seus derivados, foi criada em 1922 por Hipólito Yrigoyen.

¹¹⁷ A revista publicou uma série de artigos sobre o tema que repetiam informações. Ainda que sustentemos a ideia de que a repetição era um recurso usado propositalmente pela publicação para reafirmar os preceitos peronistas, por uma questão de clareza e sistematização não citaremos no corpo do texto todas as matérias sobre o referido tópico. Caso seja do interesse do leitor conhecer os demais artigos sobre o tema, consultar: MUNDO PERONISTA, 36, p. 04, 01/01/1953; MUNDO PERONISTA, 38, p. 09, 01/02/1953; MUNDO PERONISTA, 59, p. 09, 15/02/1954; MUNDO PERONISTA, 63, p. 31, 15/04/1954; MUNDO PERONISTA, 72, p. 31, 15/09/1954; MUNDO PERONISTA, 78, p. 33, 15/12/1954; MUNDO PERONISTA, 87, p. 04, 01/06/1955.

4.5 Conclusão

Como vimos no capítulo anterior, o peronismo se voltava frequentemente para o passado em busca de legitimidade: criar relações com líderes e movimentos políticos anteriores era uma forma de justificar o projeto peronista de nação para o presente e de localizar o governo e o movimento peronistas na história nacional e mundial. Essa atenção ao passado não anulava, todavia, o ideal modernizador do peronismo: a urbanização, a tecnologia, o progresso, enfim, as inovações e os progressos da modernidade não eram discriminados e tampouco negados; tudo aquilo que se mostrava benéfico ao povo deveria ser incorporado pelo governo de J. Perón. Em *Mundo Peronista*, a publicação de artigos e matérias sobre a construção de casas, escolas e hospitais, a urbanização e os direitos trabalhistas, visava demonstrar ao leitor o caráter progressista do governo. Nesse sentido, toda obra peronista carregava uma função social, isto é, deveria incidir diretamente no incremento do bem-estar popular. A presença do Estado na economia do país era interpretada de forma positiva pela revista: as nacionalizações simbolizavam a “compra da soberania” e uma “necessidade histórica” que rompia com o passado marcado pela dominação estrangeira.

As dificuldades econômicas enfrentadas pelo governo eram interpretadas por *Mundo Peronista* como obstáculos externos que seriam superados por J. Perón com a ajuda dos “autênticos peronistas”. A divulgação do II Plano Quinquenal, além de estabelecer as novas orientações econômicas para o período de 1953 a 1957, buscava conduzir a população a hábitos mais austeros, como a diminuição do consumo desenfreado, a criação de poupanças, o aumento da produção e a redução do desperdício. Dessa forma, o governo esperava ampliar a produção agropecuária e industrial para retomar as exportações e resolver o problema do desabastecimento interno. Apesar de não negar a crise econômica, a revista não a interpretava como uma adversidade irremediável: a superação do conturbado contexto provaria à sociedade argentina que, por meio da doutrina justicialista, J. Perón asseguraria a grandeza e a prosperidade da nação.

Mundo Peronista, enquanto uma revista de propaganda política, empenhava-se na divulgação de ideias que atestassem a participação positiva do governo no campo econômico. Nesse sentido, a economia era um assunto explorado a fim de legitimar as ações de Juan Perón: em contraste com um passado marcado pela exploração das classes populares, o presente era concebido, nas páginas do

periódico, como um momento de prosperidade e ascensão social. Exemplos como o aumento dos salários, o reconhecimento dos direitos trabalhistas, a ampliação do consumo, o conforto das novas casas, a possibilidade de viajar durante as férias e os feriados, foram divulgados pela revista com o intuito de atestar a benevolência e o comprometimento do governo peronista com o bem-estar das classes populares. Partindo da máxima “mejor que decir es hacer y mejor que prometer es realizar”, de autoria de Juan Perón, *Mundo Peronista* objetivava comprovar que as bandeiras da doutrina justicialista – independência econômica, soberania política e justiça social – haviam se materializado no dia-a-dia da população argentina.

CONCLUSÃO

A proposta desta dissertação foi analisar a revista *Mundo Peronista* como recurso documental para o estudo do peronismo, demonstrando como a revista construiu seu discurso a fim de contribuir para a peronização da sociedade. Estratégias como o emprego de uma linguagem simples e direta, o uso intensivo de ilustrações e esquemas e o apelo emocional ao público leitor, eram aplicadas visando à apreensão dos conteúdos de forma descomplicada. Outrossim, a frequência com a qual artigos sobre a mulher, a história e a economia e o bem-estar eram publicados em *Mundo Peronista* evidencia a relevância de tais assuntos para a legitimação do governo.

Mundo Peronista assumiu o tom oficialista das publicações a favor do regime, isto é, a divulgação de seus conteúdos estava ligada intrinsecamente ao discurso oficial. Além de difundir o peronismo, a revista buscava defendê-lo frente aos ataques que se acentuavam durante os anos finais do governo. Para isso, a mesma linguagem simples e direta era empreendida para que o público leitor fosse capaz, a partir das páginas da publicação, de resguardar a doutrina justicialista. A ALEA S.A., que comprou a Editora Haynes, era dirigida por Miguel Miranda e Carlos Vicente Aloé, homens próximos a Juan Perón. Ainda que, teoricamente, a empresa de comunicação fosse privada, as estreitas relações de ambos os diretores com o presidente nos levam a conjecturar a influência direta do líder justicialista nas publicações de dita empresa. As informações obtidas sobre o funcionamento da publicação indicaram que, apesar do intento de se mostrar independente do funcionamento estatal, a maior parte da contribuição financeira destinada à revista originava-se dos cofres públicos. O formato de *Mundo Peronista*, uma revista de, em média, cinquenta páginas e cuja diagramação indicava o profissionalismo do corpo editorial, assinala, também, um contínuo financiamento que assegurava a qualidade material do periódico. Os dados sobre os autores e as autoras que contribuíam para a revista indicam a presença de escritores e jornalistas com relativa experiência no campo jornalístico argentino, enquanto que suas obras – novelas, poemas, contos, entre outros – propunham a valorização da nação argentina e de suas tradições.

O modelo feminino construído e divulgado nas páginas da revista visava à formação de uma nova categoria feminina: as mulheres peronistas. Os padrões e comportamentos destinados ao público feminino não romperam, no entanto, com os paradigmas tradicionais da sociedade. A mulher continuava atrelada à sua função

natural, isto é, à maternidade e era, a partir do ambiente doméstico, que ela cumpriria com a missão de edificar a “nova Argentina”. Se a aprovação do sufrágio feminino em 1947 atendeu, por um lado, a uma demanda já existente na sociedade argentina desde o início do século XX, por outro revelou o interesse do governo peronista em capitalizar uma luta que atenderia ao objetivo – e necessidade – de ampliar sua base de apoio. Eva Perón era descrita pela revista como a grande realizadora e impulsionadora do projeto que, finalmente, dignificava as mulheres argentinas. A imagem contraditória de Eva Perón era utilizada, ademais, na construção do modelo feminino peronista. Como primeira-dama, ela desempenhava papéis atípicos para o lugar que ocupava: estava à frente da Fundação que levava seu nome e dirigia a fração do Partido Peronista que se destinava às mulheres. As funções empreendidas por Eva Perón, somadas à sua personalidade forte e à presença ativa nos eventos e assuntos governamentais, afastavam-na, evidentemente, das funções femininas lidas como naturais. A revista, no entanto, advogava que Eva Perón, sendo a “primeira mulher do mundo”, sacrificava-se a favor de um ideal maior, isto é, a missão de dignificar todas as mulheres argentinas e irradiar a mensagem peronista para todos os cantos do mundo. Além do mais, o público feminino era incentivado, desde as páginas de *Mundo Peronista*, a ocupar espaços anteriormente negados, como a política, e a exercerem atividades remuneradas fora de suas casas. Não obstante, essas ocupações extra domésticas não poderiam impedir as mulheres de serem mães e esposas. O “feminismo contraditório” (CAIMARI, 2010) de Eva Perón balizava os diretos políticos recém-conquistados com os papéis tradicionalmente impostos à mulher.

A importância do passado para *Mundo Peronista* residia na possibilidade de, ao localizar o movimento de Juan Perón na história, legitimar as ações do governo no presente e assegurar a permanência da doutrina nos anos vindouros. Acontecimentos históricos nacionais e mundiais eram trabalhados nas páginas da revista a fim de ratificar a relevância do movimento peronista que surgia como algo original e representava a verdadeira oportunidade de formar de uma nação próspera. Nesse sentido, Juan Perón surgia como o líder predestinado a conduzir o povo argentino em direção à justiça, à independência econômica e à soberania política. Ademais, o movimento peronista assumia, no discurso propagado pela publicação, uma característica ecumênica, isto é, projetava-se para além das fronteiras argentinas. Não obstante a presença frequente de artigos que discorriam sobre a

história e a sua importância, esses debates não simbolizavam o surgimento de uma nova interpretação historiográfica. É digno de nota, por exemplo, as semelhanças entre o discurso peronista e o revisionismo histórico, bem como a interação de expoentes de ambos os movimentos. Todavia, as análises de *Mundo Peronista* evidenciaram que não houve a adesão total à proposta revisionista, muito menos a rejeição da tradição liberal. Enquanto um movimento que se pretendia universal, o peronismo explorava as diferentes perspectivas de compreensão da história a fim de corroborar seu projeto político para o presente. Logo, a temática histórica surgia mais como uma estratégia de propaganda do que um interesse genuíno em esquadriñar os debates da historiografia argentina.

O tema econômico ocupou um vasto espaço nas páginas de *Mundo Peronista*. A presença do governo de Juan Perón no campo da economia era interpretado de forma positiva pela revista, pois representava a reorientação das políticas econômicas em favor das classes populares. No periódico, em contraposição ao passado marcado pela exploração dos mais pobres, o presente peronista dignificava trabalhadores e trabalhadoras ao executar uma série de transformações que visavam o bem-estar popular. Nesse sentido, a construção de casas, escolas, hospitais e colônias de férias, por exemplo, e o reconhecimento dos direitos trabalhistas, integravam o que a revista chamava de *realizaciones peronistas*. Esses empreendimentos eram entendidos como resultados da modernização executada pelo governo de Juan Perón. Em *Mundo Peronista*, as palavras “modernidade”, “modernização” e “moderno” aparecem como sinônimas de conforto e bem-estar das classes populares e eram empregadas a fim de demonstrar o progresso alcançado pelo país graças às políticas peronistas.

O último número de *Mundo Peronista* apareceu em 1º de setembro de 1955, quinze dias antes do golpe militar que derrocava Juan Perón da presidência. O título do editorial do referido número – *Hoy el pueblo lucha por mantener lo conquistado - ¡y otros por destruirlos* – indicava o tom das matérias publicadas: a rememoração das conquistas aparecia paralelamente ao ataque à oposição como uma maneira de reafirmar a importância do peronismo para o país. A crise política, que há tempos já se fazia sentir no cenário argentino, aprofundou-se no ano de 1955. O descontentamento dos setores mais conservadores da Igreja Católica com o governo peronista se somou às insatisfações da oposição. Em 11 de junho, a procissão de Corpus Christis se transformou na maior manifestação opositora que

Juan Perón havia enfrentado. Cinco dias depois, a Praça de Maio foi bombardeada por grupos militares contrários ao governo que objetivavam assassinar o presidente; todavia, J. Perón não se encontrava na Casa Rosada no momento do ataque, que acabou dizimando 300 pessoas. Na mesma noite, grupos peronistas atearam fogo em igrejas da capital federal como resposta aos ataques anteriores. Em 31 de agosto, o presidente apresentou sua renúncia à Confederação Geral do Trabalho (CGT), mas logo depois a retirou, momento no qual proferiu seu último discurso no balcão da Casa Rosada.

Y ahora, compañeros, he de decir, por fin, que ya he de retirar la nota que he pasado, pero he de poner al pueblo una condición: que así como antes no me cansé de reclamar prudencia y de aconsejar calma y tranquilidad, ahora les digo que cada uno se prepare de la mejor manera para luchar. (PERÓN, 1955).

Na mesma ocasião, J. Perón (1955) indicava, ainda, que “La consigna para todo peronista [...] es contestar a una acción violenta con otra más violenta. ¡Y cuando uno de los nuestros caiga, caerán cinco de los de ellos!”. Se o tom ameaçador objetivava atemorizar a oposição, o resultado efetivo foi, de acordo com Melon Pirro (2009), o fortalecimento dos planos conspirativos. Não houve mobilização popular expressiva de apoio ao governo e a única nota da CGT declarando o apoio dos trabalhadores à fração armada ligada ao governo foi rechaçada pelo Ministério da Guerra. No dia 16 de setembro, o general Eduardo Lonardi deu início à insurreição cívico-militar cujos conflitos se estenderiam até dia 21 do mesmo mês. Um dia antes, no entanto, J. Perón renunciou à presidência do país e retirou-se para o Paraguai¹¹⁸. A partir de então, o líder justicialista passaria dezoito anos exiliado e só retornaria à Argentina em 1973, quando assumiria seu terceiro e breve mandato presidencial.

A Revolução Libertadora, autointitulada dessa forma pelos seus membros, tinha como objetivo geral desperonizar o país platino. Nessa ótica, o peronismo era interpretado como a origem de todos os problemas que a Argentina enfrentava e, por isso, tudo que se relacionava ao movimento e governo de J. Perón deveria ser eliminado. Censuras, prisões, perseguições e queima de arquivos foram alguns exemplos de como o novo governo militar tentou empreender a desperonização da

¹¹⁸ Exilado, Juan Perón passou, primeiramente, pelo Paraguai de Alfredo Stroessner, permaneceu um período na República Dominicana à época do governo de Rafael Trujillo, e manteve-se na Espanha de Francisco Franco até retornar à Argentina. É digno de nota que todos os chefes de Estado citados eram militares e governavam seus respectivos países de forma autoritária.

sociedade argentina. O corpo de Eva Perón, exposto na sede da CGT desde 1952, foi sequestrado pelos militares em novembro de 1955. A presença do corpo da primeira-dama simbolizava a permanência de uma das maiores – se não a maior – personagens do movimento peronista. O receio era, portanto, de que grupos peronistas se apropriassem do corpo de Eva como símbolo de resistência. O féretro da primeira-dama foi mutilado, escondido em diversos locais de Buenos Aires e transportado para a Itália em 1957, onde foi enterrado com um nome falso. No início da década de 1970, o corpo foi exumado e entregue a Juan Perón na Espanha e retornou à Argentina apenas em 1974, quando María Estela Martínez de Perón – então presidenta argentina – solicitou o traslado do corpo. O desaparecimento do corpo de Eva Perón se tornou uma questão tão emblemática que, na ausência de informações sobre o seu paradeiro, os Montoneros – grupo peronista formado por jovens de esquerda – sequestraram o general Pedro Aramburu, presidente do país à época da ocultação do féretro, e o assassinaram.

Amplamente estudado desde os anos de seu surgimento, o peronismo ainda se configura uma tema chave e bastante complexo para a historiografia. A permanência do movimento na sociedade argentina suscita acaloradas discussões e continua sendo motivo de polarização política no país platino. Com efeito, o peronismo extrapolou a trajetória de seu próprio líder: a capacidade adaptativa do movimento indica uma variação interna presente desde os seus momentos iniciais. Entre direta e esquerda, liberais, nacionalistas, autoritários e militares, as representações do peronismo, se por lado complexificam a sua análise, contribuem, por outro lado, na sua manutenção e longevidade. Nesse sentido, a charge abaixo, publicada na revista argentina *Primera Plana* em 1964, demonstra justamente a característica heterogênea do peronismo, isto é, à diversidade de correntes que o compunham.

Figura 36 - Charge publicada na revista *Primera Plana* (1964)



Fonte: MONTRUCCHIO, Marisa. Hojeando al peronismo en Primera Plana: una historia sui generis, en los años sessenta. 2001, p. 52.

Após 48 anos da morte de seu idealizador, o peronismo segue sendo disputado por diferentes grupos políticos; a força simbólica das figuras de Juan e Eva Perón demonstram a vividez de um movimento que se atualiza e é apropriado de acordo com as demandas atuais. A análise de *Mundo Peronista* aqui realizada apontou a veemência com a qual a propaganda política foi mobilizada não somente para legitimação dos governos peronistas, mas, igualmente, na criação de representações e sentidos que assegurassem a perpetuação do movimento e de seus líderes. Se no começo de julho de 1955 J. Perón declarava que a revolução peronista havia terminado, as disputas pela sua herança apenas se iniciavam.

REFERÊNCIAS

Fonte

MUNDO PERONISTA, Buenos Aires: Editora Mundo Peronista, 1951-1955. Disponível em: https://catalogo.bn.gov.ar/F/?func=direct&doc_number=001205466&local_base=GE NER.

Fontes secundárias

Livros

PERÓN, Eva. **Historia del peronismo**. Buenos Aires: Mundo Peronista, 1952.

PERÓN, Eva. **La razón de mi vida y otros escritos**. Buenos Aires: Editorial Planeta Argentina, 1996.

Arquivos

ARGENTINA. Archivo General de la Nación (AGN), fundo “Secretaría Técnica de la Presidencia de la República”, caixa 484.

Discursos políticos

ARGENTINA. Eva Perón. **Discurso en Plaza de Mayo para anunciar la sanción de la Ley del Voto Femenino**. Buenos Aires, 23 set. 1947. Disponível em: <<http://archivoperonista.com/discursos/maria-eva-duarte-peron/1947/discurso-en-plaza-mayo-anunciar-sancion-ley-voto-femenino/>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

ARGENTINA. Juan Domingo Perón. **Discurso en Plaza de Mayo en 31 de agosto de 1955**. Buenos Aires, 31 ago. 1955. Disponível em: <https://www.educ.ar/recursos/129244/discurso-de-peron-del-31-de-agosto-de-1955>. Acesso em: 04 maio 2022.

Outras documentações

ARGENTINA. **Tratado de Unión Económica Chileno-Argentina**. Buenos Aires, jul. 1953. Disponível em: <<http://archivoperonista.com/documentos/tratado/1953/tratado-union-economica-argentino-chilena/>>. Acesso em: 21 de maio 2021.

Bibliografia

ADAMOVSKY, Ezequiel. ¿Un “revisionismo popular”? Criollismo y revisionismo histórico en Argentina. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Minas Gerais, v. 10, n. 24, p. 77-96, 2017. Disponível em: <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1110>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

BALLENT, Anahí. **Las huellas de la política**: arquitectura, vivienda y ciudad en las propuestas del peronismo (Buenos Aires, 1945-1955). v. 1, 1997.

BARRY, Carolina. Elegir y ser elegida: entre la ley de voto femenino y la ley de cupo. **Apuntes electorales**, México, v. 60, n. 18 p. 11-38, 2019. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6792989>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

BARRY, Carolina. **Eva Perón y la organización política de las mujeres**. Buenos Aires: Universidad del CEMA, 2011.

BARRY, Carolina. Las unidades básicas del Partido Peronista Femenino (1949-1955). In: RAMACCIOTTI, K.; VALOBRA, A. **Generando el peronismo**: estudios de cultura, política y género (1946-1955). Buenos Aires: Proyeto Editorial, 2004.

BARRY, Carolina. Mujeres en tránsito. In: RAMACCIOTTI, Karina; VALOBRA, Adriana. **La Fundación Eva Perón y las mujeres**: entre la provocación y la inclusión. Buenos Aires: Biblos, 2008.

BASUALDO, Eduardo M. Los primeros gobiernos peronistas y la consolidación del país industrial: éxitos y fracasos. **Cuadernos del Cendes**, Caracas, v. 22, n. 60, p. 115-153, dez. 2005. Disponível em: http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1012-25082005000300006&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 04 maio 2022.

BEIRED, José Luis Bendicho. **Sob o signo da nova ordem**: intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945). São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BELINI, C.; KOROL, J. C. La economía del primer peronismo (1946-1955). In: _____. **Historia económica de la Argentina en el siglo XX**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012.

BELINI, Claudio. Inflación, recesión y desequilibrio externo. La crisis de 1952, el plan de estabilización de Gómez Morales y los dilemas de la economía peronista. **Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani**, Buenos Aires, n. 40, p. 105-149, jun. 2014. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0524-97672014000100004. Acesso em: 04 maio 2022.

BERROTARÁN, Patricia; BONET, Maria Teresa. El peronismo bajo el prisma de los intelectuales. In: Encontro Internacional da ANPHLAC, 7., 2006, Campinas. **Anais do VII Encontro Internacional da ANPHLAC**, Campinas, 2006, p. 1-16. Disponível

em: https://antigo.anphlac.org/sites/default/files/m_berrotaran_bonet.pdf. Acesso em: 04 maio 2022.

BIANCHI, Susana. "El ejemplo peronista". Valores morales y proyecto social (1951-1954). **Anuario IEHS**: Instituto de Estudios histórico sociales, Tandil, n. 4, p. 371-402, 1989. Disponível em: <<http://anuarioiehs.unicen.edu.ar/Files/1989/011%20-%20Bianchi%20%20Susana%20-%20El%20ejemplo%20peronista%20.....pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

BIANCHI, Susana. Catolicismo y peronismo: la educación como campo de conflicto. **Anuario IEHS**: Instituto de Estudios histórico sociales, Tandil, n. 11, p. 147-178, 1996. Disponível em: <<http://www.peronlibros.com.ar/content/bianchi-susana-catolicismo-y-peronismo-la-educacion-como-campo-de-conflicto1946-1955>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

BIANCHI, Susana. Catolicismo y peronismo: iglesia católica y Estado en la Argentina, 1945-1955. **Trocadero**: revista de historia moderna y contemporanea, Espanha, n. 8-9, 1997, p. 351-368, 1997. Disponível em: <<https://revistas.uca.es/index.php/trocadero/article/view/841>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

BIANCHI, Susana. Las mujeres en el peronismo (Argentina, 1945-1955). In: DUBYY, G.; PERROT, M. **Historia de las mujeres en Occidente**. Buenos Aires: Taurus Minor, 1993.

BORRAT, Héctor. El periódico, actor del sistema político. **Anàlisi**, Espanha, n. 12, p. 67-80, 1989. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4070131>. Acesso em: 04 maio 2022.

CAIMARI, Lila. **Perón y la iglesia católica**: religión, Estado y sociedad en la Argentina (1943-1955). Buenos Aires: Emecé, 2010.

CAMMAROTA, Adrián. Salud, deporte, nacionalismo y género en los espacios de socialización de niños y adolescentes (1930-1955). **Kariós: Revista de Temas Sociales**, Argentina, n. 28, p. 1-28, 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4347560>. Acesso em: 04 maio 2022.

CAMPOLINA DE SÁ, Cristina Isabel Abreu. **A palavra de Perón**: análise do discurso e da política trabalhista argentina (1943-1949). 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/VGRO-7BXFBS>. Acesso em: 04 maio 2022.

CANE, James. "Trabajadores de la pluma": Periodistas, propietarios y Estado en la transformación de la prensa argentina, 1935-1945. In: DA ORDEN, Maria Liliana; MELON PIRRO, Julio César. **Prensa y peronismo**. Discursos, prácticas, empresas (1943-1958). Rosario: Prohistoria Ediciones, 2007.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador. *In*: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Lígia (Org.). **História das Américas: fontes e abordagens historiográficas**. São Paulo: Humanitas: CAPES, 2015. p. 114-136.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e peronismo**. Campinas: Papirus, 2009.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Populismo latino-americano em discussão. *In*: FERREIRA, Jorge. (Org.). **O Populismo e sua História: Debate e Crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 125-165.

CATTARUZZA, Alejandro. El revisionismo: itinerarios de cuatro décadas. *In*: CATTARUZZA, A.; EUJANIAN, A. **Políticas de la historia: Argentina 1860-1960**. Buenos Aires: Alianza, 2003.

CAVLAK, Iuri. **A política externa brasileira e a Argentina peronista**. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciência e Letras, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2005.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *In*: CHARTIER, R. **À beira da falésia: a História entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade; UFRGS, 2002. p. 61-79.

CIRIA, Alberto. **Política y cultura popular: la Argentina peronista 1946-1955**. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1983.

COMASTRI, Hernán. **La política científica en el primer peronismo: discursos e imaginarios sociales (1946-1955)**. 2015. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade de Buenos Aires, Buenos Aires, 2015.

COSSE, Isabela. **Estigmas de nacimiento: peronismo y orden familiar (1946-1955)**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económico – Universidad de San Andrés, 2006.

DEVOTO, Fernando.; PAGANO, Nora. **Historia de la historiografía argentina**. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

DÍAZ ALEJANDRO, Carlos. **Ensayos sobre la historia económica argentina**. Buenos Aires: Amorrortu, 1975.

DÍAZ, César Luis. “Descartes”: un singular periodista. Congreso de Estudios sobre el Peronismo (1943-2018), 6., 2018, Buenos Aires, **Actas del Sexto Congreso de Estudios sobre el Peronismo (1943-2018)**, Buenos Aires, 2018, p. 1-22. Disponível em: <<http://redesperonismo.org/articulo/descartes-un-singular-periodista/>>. Acesso em: 19 abr. 2022.

DIÁZ, Milton Cortés. Chile frente a la hegemonía justicialista: la misión Conrado Ríos Gallardo en la Argentina de Perón (1953-1955). **Estudios internacionales**, Santiago, v. 48, n. 184, p. 127-145, ago. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.cl/pdf/rei/v48n184/art05.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2021.

DRUMOND, Maurício. Vargas, Perón e o esporte: propaganda política e a imagem da nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, pp. 398-421, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/WPCXXWzgbbJ39rLSyLkVV3H/?lang=pt>. Acesso em: 04 maio 2022.

EUJANIAN, Alejandro. **Historia de las revistas argentinas (1900-1950)**: la conquista del público. Buenos Aires: Asociación Argentina de Editores de Revistas, 1999.

FERMANDOIS, Joaquín. Entusiasmo y desconfianza. Populismo y relaciones internacionales en el caso Perón-Ibáñez, 1953-1955. **Ayer**, Espanha, n. 98, p. 187-211, 2015. Disponível em: <<https://revistaayer.com/articulo/272>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

FERMÍN, Chávez. **Alpargatas y libros**: diccionario de peronistas de la cultura. v. 1. Buenos Aires: Ediciones Theoria, 2003.

FERRARO, Alceu Ravanello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos?. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, pp. 21-47, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/r9WxgNdxFvRLXYfbxCLyF5G/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 maio 2022.

FERREIRA, Jorge. Prefácio. In: PERLATTO, F.; CHAVES, D. (Org.). **Repensar os populismos na América do Sul**. Macapá: UNIFAP, 2016.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **O Radical**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/radical-o>>. Acesso em: 29/03/2021.

FERRERAS, Norberto O. A Sociedade de massas: O populismo. In: AZEVEDO, C.; RAMINELLI, R. (Org.). **História das Américas**. Rio de Janeiro: FGV, 2011. p. 213-240.

FIORUCCI, Flavia. **Intelectuales y peronismo (1945-1955)**. Buenos Aires: Biblos, 2011.

FORD, Aníbal; RIVERA, Jorge B. Los medios masivos de comunicación en la Argentina. In: FORD, Aníbal; RIVERA, Jorge B.; ROMANO, Eduardo. **Medios de comunicación y cultura popular**. Buenos Aires: Legasa, 1985. p. 24-44.

GENÉ, Marcela. **Un mundo feliz**: imágenes de los trabajadores en el primer peronismo (1946-1955). Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica: Universidad de San Andrés, 2008.

GERCHUNOFF, Pablo; ANTÚNEZ, Damián. De la bonanza peronista a la crisis del desarrollo. *In*: TORRE, Juan Carlos. **Los años peronistas (1943-1955)**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2002. p. 125-207.

GERMANI, Gino. El surgimiento del peronismo: el rol de los obreros y de los migrantes internos. **Desarrollo Económico**, Buenos Aires, v. 13, n. 51, p. 435-488, 1973.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologías políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GIRBAL-BLACHA, Noemí. "Nacimos para constituir hogares. No para la calle". La mujer en la Argentina peronista (1946-1955). **Secuencia. Revista de historia y ciencias sociales**, México, n. 65, p. 91-112, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0186-03482006000200091>. Acesso em: 21 abr. 2021.

GIRBAL-BLACHA, Noemí. El Estado benefactor, dirigista y planificador. Continuidad y cambio en la economía y la sociedad argentina. *In*: GIRBAL-BLACHA, Noemí; ZARRILLI, Adrián Gustavo; Balsa, Juan Javier. **Estado, sociedad y economía en la Argentina (1930-1997)**. Buenos Aires: Unqui Editorial, 2004. p. 69-112.

GOLDSTEIN, Ariel Alejandro. Populismos clásicos e intermediarios de la prensa en Argentina y Brasil. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales**, México, v. 62, n. 231, pp. 335-360, 2017. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-19182017000300335. Acesso em: 04 maio 2022.

HALPERÍN DONGHI, Tulio. **Argentina, la democracia de masas**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1972.

HALPERÍN DONGHI, Tulio. El revisionismo histórico argentino como visión decadentista de la historia nacional. **Punto de Vista**, Buenos Aires, n. 23, p. 9-17, 1985.

IANNI, Octavio. **A formação do Estado populista na América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

JAMES, Daniel. **Resistencia e integración: el peronismo y la clase trabajadora**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013.

JÁUREGUI, Aníbal. La planificación económica en el peronismo (1945-1955). **Prohistoria**, Argentina, n. 9, p. 15-40, 2005. Disponível em: https://www.trabajosocial.unlp.edu.ar/uploads/docs/la_planificacion_economica_en_el_peronismo_jauregui.pdf. Acesso em: 04 maio 2022.

JEANNENEY, Jean-Noel. A mídia. *In*: REMOND, René. (Org.) **Por uma história política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 213-255.

KIRCHER, Mirta. La prensa escrita: actor social y político, espacio de producción cultural y fuente de información histórica. **Revista de Historia**, Neuquén, n. 10, p. 115-122, 2005. Disponível em: <<http://revele.uncoma.edu.ar/index.php/historia/article/view/219/210>>. Acesso em: 24 set. 2021.

KNIGHT, Alan. Populism and neo-populism in Latin America, especially Mexico. **Journal of Latin America Studies**, Inglaterra, n. 30, p. 223-248, 1998.

LACLAU, Ernesto. **A razão populista**. São Paulo: Três estrelas, 2013.

LAGO, Mayra. **Exmo. Sr. Getúlio Vargas, Mi Querido General Perón**: imaginários populares no varguismo e no peronismo. 2021. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

LEONARDI, Yanina. El teatro oficial durante el primer peronismo: Nuevos espacios para un nuevo público. In: Jornadas de Sociología de la UNLP, 5., 2008, La Plata. **Acta Académica - V Jornadas de Sociología de la UNLP**, La Plata, 2008, p. 1-17. Disponível em: <http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/100920>. Acesso em: 04 maio 2022.

LEUZZI, Ariana. **Los apóstoles de Perón**: la Escuela Superior Peronista (1951-1955). 2016. Tese de licenciatura (Licenciatura em História) – Universidade Torcuato Di Tella, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.utdt.edu/handle/utdt/2313>>. Acesso em: 20 abr. 2021.

LINDENBOIM, Federico. Radio y peronismo: la construcción de una narración nacional. In: Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia, 14., 2013, Mendoza. **Acta Académica - XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia**, Mendoza, 2008, p. 1-23. Disponível em: <https://www.aacademica.org/000-010/993>. Acesso em: 04 maio 2022.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 111-153.

LUNA, Félix. **Perón y su tempo**. El régimen exhausto (1953-1955). Buenos Aires: Sudamericana, 2013.

MACKINNON, Moira. **Los años formativos del Partido Peronista (1946-1950)**. Buenos Aires: Siglo XXI-Instituto Torcuato Di Tella, 2002.

MALFATTI, Selvino Antonio. A democracia cristã como opção aos totalitarismos europeus. **Revista Estudos Filosóficos**. São João Del Rei, n. 9, p. 77-97. Jan/abr. 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/estudosfilosoficos/article/view/2205>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

MANSON, Camilo; ROUGIER, Marcelo. **A las palabras se las lleva el viento, lo escrito queda**: revistas y economía durante el peronismo (1945-1955). Buenos Aires: EUDEBA, 2020.

MELON PIRRO, Julio Cesar. **El peronismo después del peronismo**: resistencia, sindicalismo y política luego del 55. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2009.

MERCADO, Silvia. **El inventor del peronismo**: Raúl Apold, el cerebro oculto que cambió la política argentina. Buenos Aires: Editorial Planeta, 2013.

MILANESIO, Natalia. **Cuando los trabajadores salieron de compras**: nuevos consumidores, publicidad y cambio cultural durante el primer peronismo. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2014.

MONTRUCCHIO, Marisa. Hojeando al peronismo en Primera Plana: una historia sui generis, en los años sesenta. **Sociohistórica**, Buenos Aires, n. 8, p. 45-82, 2001. Disponível em: <https://memoria.fahce.unlp.edu.ar/library?a=d&c=arti&d=Jpr2892>. Acesso em: 04 maio 2022.

MORALES, Virginia. Mundo Peronista. Una mirada “desde abajo” a la constitución de la identidad peronista durante el primer peronismo (1945-1955). **Questión**. La Plata, v. 1, n. 53, pp. 72-88, 2017. Disponível em: <<https://perio.unlp.edu.ar/ojs/index.php/question/article/view/3769>> . Acesso em: 24 set. 2021.

NAVARRO, Marysa. **Evita**. Buenos Aires: Planeta, 1994.

NETO, José Alves de Freitas. A reforma universitária de Córdoba (1918): um manifesto por uma universidade latino-americana. **Revista Ensino Superior UNICAMP**, São Paulo, v. 3, p. 62-73, 2011. Disponível em: <http://www.gr.unicamp.br/ceav/revistaensinosuperior/ed03_junho2011/pdf/10.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2021.

PANELLA, Claudio. Mundo Peronista (1951-1955): uma tribuna de doutrina. In: PANELLA, Claudio; KORN, Guillermo (Org). **Ideas y debates para la nueva Argentina**: revistas culturales y políticas del peronismo (1946-1955). La Plata: Universidad Nacional de La Plata, v. 1, 2010. p. 281-306.

PANELLA, Claudio; KORN, Guillermo (Org.). **Ideas y debates para la nueva Argentina**: revistas culturales e política del peronismo: 1946-1955. 4 vols. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2010-18. Disponível em: <<http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/51777>>. Acesso em: 24 set.. 2021.

PASTORIZA, Elisa; PEDETTA, Marcelo. "Lo que el pueblo necesita". Turismo social y Peronismo. Argentina, 1945-1955. **Études caribéenne**, França, n. 13-14, dez. 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etudescaribeenne/3767>. Acesso em: 04 maio 2022.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. *In*: ALMEIDA, H. B., SZWACO, J. E. **Diferenças, Igualdade**. São Paulo: Berlendis e Vertecchia, 2009, p. 116- 148.

POTASH, Robert. Las Fuerzas Armadas y la era de Perón. *In*: TORRE, Juan Carlos (org). **Los años peronistas** (1943-1955). Buenos Aires: Sudamericana, 2002. p. 79-124.

PUIGGRÓS, Adriana. El peronismo. *In*: PUIGGRÓS, Adriana. **Qué pasó en la educación argentina**. Desde la conquista hasta el menemismo. Buenos Aires: Kapelusz, 1996. p. 97-110.

QUATTROCCHI-WOISSON, Diana. **Los males de la memoria**. Historia y política en la Argentina. Buenos Aires: Emecé Editores, 1995.

QUIROGA, Nicolás. Las Unidades Básicas durante el primer peronismo. Cuatro notas sobre el Partido Peronista a nivel local. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, abr. 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/30565>. Acesso em: 04 maio 2022.

RAMACIOTTI, Maria Inés. Ideas y prácticas en la política sanitaria del primer peronismo, 1946-1955. **Ciclos**, Buenos Aires, v. 14, n. 27, p. 81-98, 2004. Disponível em: http://bibliotecadigital-old.econ.uba.ar/download/ciclos/ciclos_v14_n27_04.pdf. Acesso em: 04 maio 2022.

RAPOPORT, Mario. Los gobiernos peronistas (1946-1955). *In*: RAPOPORT, Mario. **Historia económica, política y social de la Argentina (1880-2000)**. Buenos Aires: Ediciones Macchi, 2000. p. 347-488.

RAPOPORT, Mario; SPIGUEL, Claudio. La Argentina y el Plan Marshall: promesas y realidades. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 1, n. 52, p. 5-58, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpi/a/8sYr7kfwBJdW59xcjS9dKG/?lang=es>. Acesso em: 04 maio 2022.

REIN, Raanan. Los hombres detrás del Hombre: la segunda línea de liderazgo peronista. **Araucaria**, Espanha, v. 10, n. 19, pp. 78-92, 2008. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2541395>. Acesso em: 04 maio 2022.

REIN, Raanan. **Peronismo, populismo y política**: Argentina (1943-1955). Buenos Aires: Editorial de Belgrano, 1998.

RÉMOND, René. Do político. *In*: REMOND, René. (Org.) **Por uma história política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 441-450.

ROCK, David. El apogeo de Perón, 1946-1955. *In*: ROCK, David. **Argentina 1516-1987**. Desde la colonización española hasta Alfonsín. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1989. p. 331-396.

ROMERO, Luis Alberto. **História contemporânea da Argentina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ROSAVALLON, Pierre. Por uma história conceitual do político. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 9-22, 1995.

ROSS, Peter. Justicia social: una evaluación de los logros del peronismo clásico. **Anuario del Instituto de Estudios Histórico Sociales**, Tandil, v. 8, p. 105-124, 1993. Disponível em: <http://anuarioiehs.unicen.edu.ar/Files/1993/006%20-%20Ross,%20Peter%20-%20Justicia%20social,%20una%20evaluaci%C3%B3n%20de%20los%20logros%20del%20peronismo%20clasico.pdf>. Acesso em: 04 maio 2022.

ROUGIER, Marcelo; STAWSKI, Martín. Un programa que "no puede conformar a todos": economía y burocracia en los años finales del primer peronismo. **América Latina en la historia económica**, México, v. 21, n. 1, p. 174-199, abr. 2014. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1405-22532014000100007&script=sci_abstract. Acesso em: 04 maio 2022.

SANTOS, Rodolpho Gauthier Cardoso. **A construção da ameaça justicialista: antiperonismo, política e imprensa no Brasil (1945-1955)**. 2015. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SEBRELI, Juan José. **Los deseos imaginarios del peronismo**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Sudamericana, 2019.

SHUMWAY, Nicolas. **A invenção da Argentina**: história de uma ideia. São Paulo: EDUSP; Brasília: Editora UnB, 2008.

SIDICARO, Ricardo. **Los tres peronismos**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

SIGAL, Silvia; VERÓN, Eliseo. **Perón o muerte**: los fundamentos discursivos del fenómeno peronista. Buenos Aires: Eubeda, 2014.

SILVA, Paulo Renato da. **Alpargatas sí, libros no?** Produção cultural e legitimidade política durante o governo de Perón (1946-1955). 2009. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SIRVÉN, Pablo. **Perón y los medios de comunicación (1943-1955)**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1984.

SORIA, Claudia. La propaganda peronista: hacia una renovación estética del Estado nacional. In: SORIA, Claudia; ROCCA, Paola Cortés; DIELEKE, Edgardo. **Políticas del sentimiento**: el peronismo y la construcción de la Argentina moderna. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010. p. 31-48.

SVAMPA, Maristella. Civilización o barbarie: de “dispositivo de legitimación” a “gran relato”. In: **SEMINARIO DE MAYO**: 200 años de historia argentina – el difícil proceso de construcción de una nación, 2010. Disponible em: <<http://maristellastvampa.net/archivos/ensayo48.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

TORRE, Juan Carlos.; PASTORIZA, Elisa. La democratización del bienestar. In: TORRE, J. C. (org). **Los años peronistas (1943-1955)**. Buenos Aires: Sudamericana, 2002. p. 257-312.

VARELA, Mirta. Peronismo y medios: control político, industria nacional y gusto popular. **ReHiMe**, 2007. Disponible em: <http://www.rehime.com.ar/escritos/documentos/idexalfa/v/varela/Mirta%20Varela%20-%20Peronismo%20y%20medios.pdf>. Acesso em: 04 maio 2022.

WEFFORT, Francisco. **O populismo na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

ZANATTA, Loris. **Breve historia del peronismo clásico**. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

ZANATTA, Loris. El populismo, entre religión y política. Sobre las raíces históricas del antiliberalismo en América Latina. **EIAL**, v. 19, n. 2, p. 29-44, 2008. Disponible em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4004958>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

ZANATTA, Loris. **La internacional justicialista**. Auge y ocaso de los sueños imperiales de Perón. Buenos Aires: Sudamericana Editorial, 2013.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. **Projeto História**, São Paulo, n. 04, p. 89-102, 1985.

APÊNDICE A – Lista de seções em *Mundo Peronista*

Ano: 1951

Mundo Peronista, n. 01, 15/07/1951

1. Postales estadísticas
2. Perón cumple
3. Escribe Eva Perón
4. Doctrina para todos
5. La realidad social del peronismo
6. El ejemplo peronista
7. Don ¿...? Por Pum
8. Además
9. Prosperidad
10. El pensamiento vivo de Perón
11. Dialogos entre usted y yo
12. Bobalicon por Durval
13. Habla el General Perón
14. Habla Eva Perón
15. El tema económico
16. Cronica taquigráfica
17. Calendario del Justicialismo
18. Realizaciones peronistas
19. El movimiento peronista
20. Respuestas peronistas

Mundo Peronista, n. 02, 01/08/1951

1. Doctrina para todos
2. Escribe Eva Perón
3. Perón cumple
4. Política y estrategia
5. La realidad social del peronismo
6. Cronica taquigráfica
7. El tema económico
8. Calendario del Justicialismo
9. E.P
10. Entre usted y yo
11. Bobalicón por Durval
12. Respuestas peronistas
13. Mister Whisky and Soda
14. Para recordar...
15. Don ?...? por Pum
16. El ejemplo peronista
17. Hechos, razones y argumentos peronistas

18. Habla el General Perón
19. El movimiento peronista
20. Además
21. Escuela Superior Peronista (Conducción política e Historia del peronismo)

Mundo Peronista, n. 03, 15/08/1951

1. Postales estadísticas
2. Doctrina para todos
3. Escribe Eva Perón
4. Perón cumple
5. El Partido Peronista Masculino
6. Política y estrategia
7. Crónica taquigráfica
8. Calendario del Justicialismo
9. El pensamiento vivo de Perón
10. El ejemplo peronista
11. Además
12. Entre usted y yo
13. De uno que vive en la luna
14. Mister Whisky and Soda
15. Habla el General Perón
16. El tema económico
17. Respuestas peronistas
18. Bobalicón
19. Escuela Superior Peronista (Conducción política e Historia del peronismo)

Mundo Peronista, n. 04, 01/09/1951

1. Postales estadísticas
2. Doctrina peronista
3. Escribe Eva Perón
4. La realidad social del peronismo
5. El pensamiento vivo de Perón
6. Respuestas peronistas
7. Mister Whisky and Soda
8. El tema económico
9. Además
10. Calendario del justicialismo
11. El Partido Peronista Masculino
12. Entre usted y yo
13. Tu página de pibe peronista
14. Política y estrategia
15. De uno que vive en la Luna
16. Bobalicon
17. Un reportaje exclusivo

18. Don ?...?

19. Escuela Superior Peronista (Conduccion política e Historia del peronismo)

Mundo Peronista, n. 05, 15/09/1951

1. Postales estadísticas
2. Doctrina para todos
3. Escribe Eva Perón
4. Perón cumple
5. El pensamiento vivo de Perón
6. Calendario del justicialismo
7. Cronica taquigráfica
8. Entre usted y yo
9. Ademas
10. El ejemplo peronista
11. Política y estrategia
12. Don ?...?
13. De uno que vive em la luna
14. Respuestas peronistas
15. Mister Whisky and Soda
16. Bobalicón
17. Realizaciones peronistas
18. Escuela Superior Peronista (Conduccion política e Historia del peronismo)
19. Tu pagina de pibe peronista

Mundo Peronista, n. 06, 01/10/1951

1. Postales estadísticas
2. Doctrina para todos
3. Escribe Eva Perón
4. El ejemplo peronista
5. El pensamiento vivo de Perón
6. Entre usted y yo
7. Política y estrategia
8. Perón cumple
9. Cronica traquigrafica
10. El movimiento peronista
11. Calendario del justicialismo
12. Ademas
13. Respuestas peronistas
14. Realizaciones peronistas
15. La realidad social del peronismo
16. De uno que vive em la Luna
17. Bobalicon
18. Don ?..?
19. Mister whisky and soda

20. Escuela Superior Peronista (Conduccion política e Historia del peronismo)
21. Tu pagina de pibe peronista

Mundo Peronista, n. 07, 15/10/1951

1. Postales estadísticas
2. Doctrina para todos
3. El ejemplo peronista
4. Cronica taquigráfica
5. Perón cumple
6. El pensamiento vivo de Perón
7. Realidad social del peronismo
8. Entre usted y yo
9. Cultura peronista
10. Ademas
11. De uno que vive en la luna
12. Política y estrategia
13. Calendario del justicialismo
14. El movimiento peronista
15. Mister whisky and soda
16. Don ¿...?
17. Realizaciones peronistas
18. Respuestas peronistas
19. Escuela Superior Peronista (Conduccion política e Historia del peronismo)
20. Tu pagina de pibe peronista

Mundo Peronista, n. 08, 01/11/1951

1. Postales estadísticas
2. Doctrina para todos
3. El pensamiento vivo de Perón
4. Perón cumple
5. Política y estrategia
6. Entre usted y yo
7. Calendario del justicialismo
8. El ejemplo peronista
9. Cultura peronista
10. Cifras y razones versus discursos
11. De uno que vive en la luna
12. Don cangrejo
13. Mister whisky and soda
14. Respuestas peronistas
15. Ademas
16. El movimiento peronista
17. Realizaciones peronistas
18. Escuela Superior Peronista (Conduccion política e Historia del peronismo)

19. Tu pagina de pibe peronista

Mundo Peronista, n. 09, 15/11/1951

1. Postales estadísticas
2. Doctrina para todos
3. El pensamiento vivo de Perón
4. Perón cumple
5. Política y estrategia
6. El ejemplo peronista
7. Amigos de Mundo Peronista
8. Calendario del justicialismo
9. Entre usted y yo
10. Cultura peronista
11. Respuestas peronistas
12. Jirones de su vida
13. Cifras y razones
14. De uno que vive en la luna
15. Además
16. Don cangrejo
17. Mister whisky and sona
18. El movimiento peronista
19. Realizaciones peronistas
20. Escuela Superior Peronista (Conduccion política e Historia del peronismo)
21. Tu pagina de pibe peronista

Mundo Peronista, n. 10. 01/12/1951

1. Postales estadísticas
2. Doctrinas para todos
3. El pensamiento vivo de Perón
4. Perón cumple
5. Política y estrategia
6. El ejemplo peronista
7. Entre usted y yo
8. Calendario del justicialismo
9. Amigos de Mundo Peronista
10. Cultura peronista
11. Respuetas peronistas
12. De uno que vive en la luna
13. Además
14. Para que usted la despache
15. Realizaciones peronistas
16. Don cangrejo
17. Mister whisky and soda
18. Escuela Superior Peronista (Conduccion política e Historia del peronismo)

19. Tu página de pibe peronista

Mundo Peronista, n. 11, 15/12/1951

1. Postales estadísticas
2. Doctrina para todos
3. El pensamiento vivo de Perón
4. Entre usted y yo
5. Perón cumple
6. Política y estrategia
7. El ejemplo peronista
8. Calendario del justicialismo
9. Cifras y razones
10. Amigos de Mundo Peronista
11. Respuestas peronistas
12. Cultura peronista
13. Además
14. De uno que vive en la luna
15. Don cangrejo
16. Mister whisky and soda
17. Para que usted la despache
18. Realizaciones peronistas
19. Escuela Superior Peronista (Conducción política e Historia del peronismo)
20. Tu página de pibe peronista

Año: 1952

Mundo Peronista, n. 12, 01/01/1952

1. Postales estadísticas
2. Doctrina para todos
3. El pensamiento vivo de Perón
4. Perón cumple
5. Política y estrategia
6. El ejemplo peronista
7. Entre usted y yo
8. Calendario del justicialismo
9. Amigos de Mundo Peronista
10. Cifras y razones
11. Respuestas peronistas
12. Realizaciones peronistas
13. Cultura peronista
14. De uno que vive en la luna
15. Además
16. Para que usted la despache
17. Don cangrejo

18. Mister whisky and soda
19. Escuela Superior Peronista
20. Tu pagina de pibe peronista

Mundo Peronista, n. 13, 15/01/1952

1. Postales estadísticas
2. Doctrina para todos
3. El pensamiento vivo de Perón
4. Perón cumple
5. El ejemplo peronista
6. Política y estratégica
7. Entre usted y yo
8. Calendario del justicialismo
9. Cultura peronista
10. Respuestas peronista
11. Amigos de Mundo Peronista
12. Realizaciones peronistas
13. El campeonato infantil Evita
14. De uno que vive en la luna
15. Además
16. Para que usted la despache
17. Don cangrejo
18. Mister whisky and soda
19. Escuela Superior Peronista
20. Tu pagina de pibe peronista

Mundo Peronista, n. 14, 01/02/1952

1. Postales estadísticas
2. Doctrina para todos
3. El pensamiento vivo de Perón
4. Perón cumple
5. Política y estrategia
6. El ejemplo peronista
7. Entre usted y yo
8. Cultura peronista
9. Calendario del justicislismo
10. Amigos de Mundo Peronista
11. Realizaciones peronistas
12. Respuestas peronistas
13. De uno que vive en la luna
14. Además
15. Cifras y razones
16. Mister whisky and soda
17. Escuela Superior Peronista

18. Tu pagina de pibe peronista

Mundo Peronista, n. 15, 15/02/1952

1. Postales estadísticas
2. Doctrina para todos
3. El pensamiento vivo de Perón
4. Perón cumple
5. Política y estrategia
6. El ejemplo peronista
7. Entre usted y yo
8. Calendario del justicialismo
9. Cultura peronista (el libro peronista)
10. Amigos de Mundo Peronista
11. Realizaciones peronistas
12. Cifras y razones
13. De uno que vive en la luna
14. Don cangrejo
15. Además
16. Respuestas peronistas
17. Mister whisky and soda
18. Escuela Superior Peronista
19. Tu pagina de pibe peronista

Mundo Peronista, n. 16, 01/03/1952

1. Postales estadísticas
2. Doctrina para todos
3. El pensamiento vivo de Perón
4. Política y estrategia
5. Entre usted y yo
6. Calendario del justicialismo
7. Cifras y razones
8. De uno que vive en la luna
9. Don cangrejo
10. Además
11. Mister whisky and soda
12. Escuela Superior Peronista
13. Tu pagina de pibe peronista

Mundo Peronista, n. 17, 15/03/1952

1. Postales estadísticas
2. Doctrina peronista
3. El pensamiento vivo de Perón
4. Perón cumple
5. Política y estrategia

6. Entre usted y yo
7. Calendario del justicialismo
8. Respuestas peronistas
9. Cifras y razones
10. Mister whisky and soda
11. De uno que vive en la luna
12. Don cangrejo
13. Además
14. Tu página de pibe peronista
15. Realizaciones peronistas (dividida entre las páginas)

Mundo Peronista, n. 18, 01/04/1952

1. Postales estadísticas
2. Doctrina para todos
3. El pensamiento vivo de Perón
4. Perón cumple
5. Política y estrategia
6. El ejemplo peronista
7. Entre usted y yo
8. Calendario del justicialismo
9. Realizaciones peronistas
10. Amigos de Mundo Peronista
11. De uno que vive en la luna
12. Don cangrejo
13. Además
14. Respuestas peronista
15. Mister whisky and soda
16. Cultura peronista
17. Cifras y razones
18. Tu página de pibe peronista

Mundo Peronista, n. 19, 15/04/1952

1. Postales estadísticas
2. Doctrina para todos
3. El pensamiento vivo de Perón
4. Perón cumple
5. Política y estrategia
6. El ejemplo peronista
7. Entre usted y yo
8. Calendario del justicialismo
9. Realizaciones peronistas
10. Amigos de Mundo Peronista
11. De uno que vive en la luna
12. Además

13. Respuestas peronistas
14. Mister whisky and soda
15. Cultura peronista
16. Cifras y razones
17. Nuestro relato
18. Tu pagina de pibe peronista

Mundo Peronista, n. 20, 01/05/1952

1. Postales estadísticas
2. Doctrina para todos
3. El pensamiento vivo de Perón
4. Perón cumple
5. Política y estrategia
6. El ejemplo peronista
7. Entre usted y yo
8. Cultura peronista
9. Realizaciones peronistas
10. Calendario del justicialismo
11. Respuestas peronistas
12. Amigos de Mundo Peronista
13. Cifras y razones
14. Nuestro relato
15. De uno que vive en la luna
16. Además
17. Mister whisky and soda
18. Tu pagina de pibe peronista

Mundo Peronista, n. 21, 15/05/1952

1. Postales estadísticas
2. Doctrina para todos
3. El pensamiento vivo de Perón
4. Perón cumple
5. Política y estrategia
6. El ejemplo peronista
7. Entre usted y yo
8. Cifras y razones
9. Amigos de Mundo Peronista
10. Respuestas peronistas
11. De uno que vive en la luna
12. Don cangrejo
13. Además
14. Realizaciones peronistas
15. Calendario del justicialismo
16. Tu pagina de pibe peronista

Mundo Peronista, n. 22, 01/06/1952

1. Postales estadísticas
2. Doctrina para todos
3. Perón cumple
4. Política y estrategia
5. El ejemplo peronista
6. Entre usted y yo
7. Calendario peronista
8. Cifras y razones
9. El pensamiento vivo de Perón
10. Amigos de Mundo Peronista
11. Respuestas peronistas
12. De uno que vive en la luna
13. Don cangrejo
14. Además
15. Mister whisky and soda
16. Realizaciones peronistas
17. Escuela Superior Peronista (tema de doctrina, la palabra de Perón)
18. Tu página de pibe peronista

Mundo Peronista, n. 23, 15/06/1952

1. Postales estadísticas
2. Cifras y razones
3. Doctrina para todos
4. El ejemplo peronista
5. Política y estrategia
6. Perón cumple
7. Entre usted y yo
8. El pensamiento vivo de Perón
9. Respuestas peronistas
10. Calendario peronista
11. Realizaciones peronistas
12. Nuestro relato
13. Amigos de Mundo Peronista
14. Tu página de pibe peronista
15. Mister whisky and soda
16. De uno que vive en la luna
17. Don cangrejo
18. Además

Mundo Peronista, n. 24, 01/07/1952

1. Postales estadísticas
2. Cifras y razones

3. Doctrina para todos
4. El ejemplo peronista
5. Política y estrategia
6. Perón cumple
7. Entre usted y yo
8. El pensamiento vivo de Perón
9. Respuestas peronistas
10. Calendario peronista
11. Amigos de Mundo Peronista
12. Tu página de pibe peronista
13. Realizaciones peronistas
14. Escuela Superior Peronista (tema de doctrina, la palabra de Perón)
15. Mister whisky and soda
16. De uno que vive en la luna
17. Don cangrejo
18. Además

Mundo Peronista, n. 25, 15/07/1952

1. Postales estadísticas
2. Cifras y razones
3. Doctrina para todos
4. El ejemplo peronista
5. Política y estrategia
6. Entre usted y yo
7. Calendario peronista
8. El libro peronista
9. Respuestas peronistas
10. El pensamiento vivo de Perón
11. Gracias al paso
12. Realizaciones peronistas
13. Tu página de pibe peronista
14. Amigos de Mundo Peronista
15. Cinco minutos de silencio
16. Perón cumple
17. Mister whisky and soda
18. De uno que vive en la luna
19. Don cangrejo
20. Además

Mundo Peronista, n. 26, 01/08/1952

1. El pensamiento vivo de Perón
2. Entre usted y yo
3. Amigos de Mundo Peronista
4. Tu página de pibe peronista

5. El ejemplo peronista
6. Escuela Superior Peronista

Mundo Peronista, n. 27, 15/08/1952

1. Postales estadísticas
2. Cifras y razones
3. Doctrina para todos
4. El ejemplo peronista
5. Política y estrategia
6. El pensamiento vivo de Perón
7. Tu pagina de pibe peronista
8. El anecdotario de Evita
9. Respuestas peronistas
10. Perón cumple
11. Amigos de Mundo Peronista
12. Calendario peronista
13. Nuestro relato
14. Grageas al paso
15. Mister whisky and soda
16. De uno que vive en la luna
17. Don cangrejo
18. Además

Mundo Peronista, n. 28, 01/09/1952

1. Postales estadísticas
2. Cifras y razones
3. Doctrina para todos
4. El ejemplo peronista
5. Política y estrategia
6. Perón cumple
7. Entre usted y yo
8. El pensamiento vivo de Perón
9. El libro peronista
10. Tu pagina de pibe peronista
11. Anecdotario de Evita
12. Respuestas peronistas
13. Amigos de Mundo Peronista
14. Calendario peronista
15. Cinco minutos de silencio
16. Nuestro relato
17. Escuela Superior Peronista (tema de doctrina, la palabra de Perón)
18. Mister whisky and soda
19. De uno que vive en la luna
20. Don cangrejo

21. Ademas

Mundo Peronista, n. 29, 01/09/1952

1. Postales estadísticas
2. Cifras y razones
3. Doctrina para todos
4. El ejemplo peronista
5. Política y estrategia
6. El mundo se convierte
7. Entre usted y yo
8. Respuestas peronistas
9. Perón cumple
10. El libro peronista
11. El pensamiento vivo de Perón
12. El anecdotario de Evita
13. Amigos de Mundo Peronista
14. Nuestro relato
15. Calendario peronista
16. Nuestro pequeño mundo
17. Cinco minutos de silencio
18. Escuela Superior Peronista (adoctrinamiento peronista, el tema de doctrina, la palabra de Perón)
19. Tierra adentro
20. Grageas al paso
21. Mister whisky and soda
22. De uno que vive en la luna
23. Don cangrejo
24. Ademas

Mundo Peronista, n. 30, 01/10/1952

1. Postales estadísticas
2. Cifras y razones
3. Doctrina para todos
4. El ejemplo peronista
5. Entre usted y yo
6. El mundo se convierte
7. Respuestas peronistas
8. Perón cumple
9. Tierra adentro
10. Grageas al paso
11. El libro peronista
12. El pensamiento vivo de Perón
13. El anecdotario de Evita
14. Amigos de Mundo Peronista

15. Nuestro relato
16. Calendario peronista
17. Nuestro pequeño mundo
18. Cinco minutos de silencio
25. Escuela Superior Peronista (adoctrinamiento peronista, el tema de doctrina, la palabra de Perón)
19. De uno que vive en la luna
20. Don cagrejo
21. Además
22. Mister whisky and soda

Mundo Peronista, n. 31, 15/10/1952

1. Postales estadísticas
2. Cifras y razones
3. Doctrina para todos
4. El ejemplo peronista
5. Entre usted y yo
6. El mundo se convierte
7. El libro peronista
8. El pensamiento vivo de Perón
9. Perón cumple
10. Respuestas peronistas
11. Amigos de Mundo Peronista
12. Nuestro relato
13. Calendario peronista
14. Nuestro pequeño mundo
15. Cinco minutos de silencio
16. Escuela Superior Peronista (adoctrinamiento peronista, el tema de doctrina, la palabra de Perón)
17. Tierra adentro
18. Grageas al paso
19. Mister whisky and soda
20. De uno que vive en la luna
21. Don cangrejo
22. Además

Mundo Peronista, n. 32, 01/11/1952

1. Postales estadísticas
2. Cifras y razones
3. Doctrina para todos
4. El ejemplo peronista
5. Entre usted y yo
6. Perón cumple
7. El libro peronista

8. El pensamiento vivo de Perón
9. Amigos de Mundo Peronista
10. El mundo se convierte
11. El anecdotario de Evita
12. Cinco minutos de silencio
13. Respuestas peronistas
14. Nuestro relato
15. Calendario peronista
16. Nuestro pequeño mundo
17. Escuela Superior Peronista (adoctrinamiento peronista, el tema de doctrina, la palabra de Perón)
18. Tierra adentro
19. Grageas al paso
20. Mister whisky and soda
21. De uno que vive en la luna
22. Don cangrejo
23. Además

Mundo Peronista, n. 33, 15/11/1952

1. Postales estadísticas
2. Cifras y razones
3. Perón cumple
4. El ejemplo peronista
5. Entre usted y yo
6. Amigos de Mundo Peronista
7. El mundo se convierte
8. Nuestro departamento de difusión
9. El libro peronista
10. Respuestas peronistas
11. Nuestro relato
12. Calendario peronista
13. Nuestro pequeño mundo
14. Cinco minutos de silencio
15. El pensamiento vivo de Perón
16. Doctrina para todos
17. Escuela Superior Peronista (adoctrinamiento peronista, el tema de doctrina, la palabra de Perón)
18. Tierra adentro
19. Grageas al paso
20. Mister whisky and soda
21. De uno que vive en la luna
22. Don cangrejo
23. Además

Mundo Peronista, n. 34, 01/12/1952

1. Postales estadísticas
2. Cifras y razones
3. Perón cumple
4. El ejemplo peronista
5. Entre usted y yo
6. Amigos de Mundo Peronista
7. El mundo se convierte
8. El libro peronista
9. Recuerdos de Evita
10. Cinco minutos de silencio
11. Nuestro departamento de difusión
12. Calendario peronista
13. Nuestro pequeño mundo
14. Respuestas peronistas
15. Escuela Superior Peronista (adoctrinamiento peronista, el tema de doctrina, la palabra de Perón)
16. El pensamiento vivo de Perón
17. Doctrina para todos
18. Grageas al paso
19. Tierra adentro
20. Mister whisky and soda
21. De uno que vive en la luna
22. Además

Mundo Peronista, n. 35, 15/02/1952

1. Postales estadísticas
2. Doctrina para todos
3. Entre usted y yo
4. Recuerdos de Evita
5. Calendario peronista
6. Cifras y razones
7. Escuela Superior Peronista (adoctrinamiento peronista, el tema de doctrina, la palabra de Perón)
8. El pensamiento vivo de Perón
9. Nuestros departamento de difusión
10. Nuestro pequeño mundo
11. Grageas al paso
12. De uno que vive en la luna
13. Don cangrejo
14. Mister whisky and soda
15. Además

Año: 1953

Mundo Peronista, n. 36, 01/01/1953

1. Postales estadísticas
2. Cifras y razones
3. Perón cumple
4. El ejemplo peronista
5. Entre usted y yo
6. Amigos de Mundo Peronista
7. El mundo se convierte
8. El libro peronista
9. El pueblo argentina habla del II PQ
10. Nuestro relato
11. Recuerdos de Evita
12. Cinco minutos de silencio
13. Calendario peronista
14. Respuestas peronistas
15. Nuestro departamento de difusión
16. Nuestro pequeño mundo
17. Escuela Superior Peronista (adoctrinamiento peronista, el tema de doctrina, la palabra de Perón)
18. El pensamiento vivo de Perón
19. Doctrina para todos
20. Grageas al paso
21. Tierra adentro
22. Mister whisky and soda
23. De uno que vive en la luna
24. Don cangrejo
25. Además

Mundo Peronista, n. 37, 15/01/1953

1. Postales estadísticas
2. Cifras y razones
3. Perón cumple
4. El ejemplo peronista
5. Entre usted y yo
6. Amigos de Mundo Peronista
7. El mundo se convierte
8. El libro peronista
9. Nuestro relato
10. El pueblo habla del II PQ
11. Recuerdos de Evita
12. Cinco minutos de silencio
13. Calendario peronista

14. Respuestas peronistas
15. Nuestro pequeño mundo
16. Escuela Superior Peronista (adoctrinamiento peronista, el tema de doctrina, la palabra de Perón)
17. El pensamiento vivo de Perón
18. Doctrina para todos
19. Grageas al paso
20. Tierra adentro
21. Mister whisky and soda
22. De uno que vive en la luna
23. Don cangrejo
24. Además

Mundo Peronista, n. 38, 01/02/1953

1. Postales estadísticas
2. El pueblo habla del II PQ
3. Cinco minutos de silencio
4. Perón cumple
5. El ejemplo peronista
6. El mundo se convierte
7. Entre usted y yo
8. El libro peronista
9. Amigos de Mundo Peronista
10. Tierra adentro
11. Nuestro departamento de difusión
12. Recuerdos de Evita
13. Respuestas peronistas
14. Calendario peronista
15. Nuestro pequeño mundo
16. Cifras y razones
17. Nuestro relato
18. Escuela Superior Peronista (adoctrinamiento peronista, el tema de doctrina, la palabra de Perón)
19. El pensamiento vivo de Perón
20. Doctrina para todos
21. Mister whisky and soda
22. De uno que vive en la luna
23. Don cangrejo
24. Además

Mundo Peronista, n. 39, 15/02/1953

1. El libro peronista
2. El mundo se convierte
3. Entre usted y yo

4. Nuestro departamento de difusión
5. Amigos de Mundo Peronista
6. Respuestas peronistas
7. El libro peronista
8. Calendario peronista
9. Nuestro pequeño mundo
10. Cifras y razones
11. Nuestro relato
12. Escuela Superior Peronista (adoctrinamiento peronista, el tema de doctrina, la palabra de Perón)
13. El pensamiento vivo de Perón
14. Doctrina para todos
15. Grageas al paso
16. Tierra adentro
17. Mister whisky and soda
18. De uno que vive en la luna
19. Don cangrejo
20. Además

Mundo Peronista, n. 40, 01/03/1953

1. Postales estadísticas
2. Cifras y razones
3. Perón cumple
4. El ejemplo peronista
5. Entre usted y yo
6. Amigos...
7. El mundo se convierte
8. Nuestro pequeño mundo
9. Respuestas peronistas
10. Calendario peronista
11. Escuela Superior Peronista (adoctrinamiento peronista, el tema de doctrina)
12. El pensamiento de Perón
13. Además
14. Mister whisky and soda
15. Don cangrejo

Mundo Peronista, n. 41, 01/05/1953

1. Postales estadísticas
2. Cifras y razones
3. Respuestas peronistas
4. Entre usted y yo
5. Amigos...
6. Nuestro pequeño mundo
7. Calendario peronista

8. Grageas al paso
9. Escuela Superior Peronista (adoctrinamiento peronista, la palabra de Perón)
10. Además
11. Mister whisky and soda
12. Don cangrejo

Mundo Peronista, n. 42, 15/05/1953

1. Postales estadísticas
2. Nuestra caratula
3. Cifras y razones
4. Perón cumple con su pueblo
5. Doctrina para todos
6. Entre usted y yo
7. Amigos...
8. Nuestro pequeño mundo
9. Calendario peronista
10. Escuela Superior Peronista (guia doctrinaria, el tema de doctrina, la palabra de Perón)
11. El pensamiento vivo de Perón
12. Respuestas peronistas
13. Además
14. Don cangrejo

Mundo Peronista, n. 43, 01/06/1953

1. Postales estadísticas
2. El libro peronista
3. Calendario peronista
4. Cifras y razones
5. Amigos...
6. El ejemplo peronista
7. Nuestro pequeño mundo
8. II Plan Quinquenal: Perón cumple con su pueblo
9. Entre usted y yo
10. Nuestro departamento de difusión
11. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón)
12. El pensamiento vivo de Perón
13. Doctrina para todos
14. Respuestas peronistas
15. Además
16. Don cangrejo
17. Mister whisky and soda

Mundo Peronista, n. 44, 15/06/1953

1. Postales estadísticas

2. Amigos...
3. Cifras y razones
4. El ejemplo peronista
5. Calendario peronista
6. Nuestro pequeño mundo
7. II Plan Quinquenal: Perón cumple con su pueblo
8. Entre usted y yo
9. Nuestro departamento de difusión
10. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina)
11. El pensamiento vivo de Perón
12. Doctrina para todos
13. Respuestas peronistas
14. Ultima chance
15. Ademas
16. Mister whisky and soda
17. Don cangrejo

Mundo Peronista, n. 45, 15/07/1953

1. Postales estadísticas
2. El ejemplo peronista
3. Calendario peronista
4. Respuestas peronistas
5. Cifras y razones
6. II Plan Quinquenal: Perón cumple con su pueblo
7. Nuestro pequeño mundo
8. Amigos...
9. Nuestro departamento de difusión
10. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón)
11. El pensamiento vivo de Perón
12. Ademas
13. Mister whisky and soda
14. Don cangrejo

Mundo Peronista, n. 46, 26/07/1953

1. Postales estadísticas
2. Entre usted y yo
3. Nuestro departamento de difusión
4. Cifras y razones
5. El ejemplo peronista
6. II Plan Quinquenal: Perón cumple con su pueblo
7. Amigos...
8. Calendario peronista
9. Nuestro pequeño mundo
10. El pensamiento vivo de Eva Perón

11. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón)
12. El pensamiento vivo de Perón
13. Respuestas peronistas
14. Además
15. Mister whisky and soda

Mundo Peronista, n. 47, 01/08/1953

1. Postales estadísticas
2. Nuestro departamento de difusión
3. Entre usted y yo
4. Cifras y razones
5. Amigos...
6. El ejemplo peronista
7. Nuestro pequeño mundo
8. II Plan Quinquenal: Perón cumple con su pueblo
9. Calendario peronista
10. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón)
11. El pensamiento vivo de Perón
12. Doctrina para todos
13. Respuestas peronistas
14. Además
15. Mister whisky and soda
16. Don cangrejo

Mundo Peronista, n. 48, 15/08/1953

1. Postales estadísticas
2. Doctrina para todos
3. Entre usted y yo
4. El libro peronista
5. Amigos...
6. Cifras y razones
7. El ejemplo peronista
8. Nuestro pequeño mundo
9. II Plan Quinquenal: Perón cumple con su pueblo
10. Calendario peronista
11. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón)
12. El pensamiento vivo de Perón
13. Respuestas peronistas
14. Nuestro departamento de difusión
15. Además
16. Mister whisky and soda
17. Don cangrejo

Mundo Peronista, n. 49, 01/09/1953

1. Postales estadísticas
2. Doctrina para todos
3. Entre usted y yo
4. Calendario peronista
5. El ejemplo peronista
6. Cifras y razones
7. Amigos...
8. II Plan Quinquenal: Perón cumple con su pueblo
9. Nuestro pequeño mundo
10. Lastima que
11. El libro peronista
12. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón)
13. El pensamiento vivo de Perón
14. Respuestas peronistas
15. Nuestro departamento de difusión
16. Y los sueños
17. Además
18. Mister whisky and soda
19. Don cangrejo

Mundo Peronista, n. 50, 15/09/1953

1. Postales estadísticas
2. Doctrina para todos
3. Entre usted y yo
4. Nuestra caratula
5. El libro peronista
6. Amigos...
7. Calendario peronista
8. Nuestro pequeño mundo
9. Cifras y razones
10. El ejemplo peronista
11. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón)
12. El pensamiento vivo de Perón
13. Don cangrejo
14. Mister whisky and soda
15. Respuestas peronistas
16. Lastima que

Mundo Peronista, n. 51, 01/10/1953

1. Doctrina para todos
2. Entre usted y yo
3. Amigos...
4. Calendario peronista
5. Respuestas peronistas

6. El libro peronista
7. Nuestra caratula
8. Postales estadísticas
9. Cifras y razones
10. Nuestro departamento de difusión
11. El ejemplo peronista
12. Nuestro pequeño mundo
13. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón)
14. El pensamiento vivo de Perón
15. II Plan Quinquenal: Perón cumple con su pueblo
16. Don cangrejo
17. Mister whisky and soda
18. Lastima que
19. Ademàs

Mundo Peronista, n. 52, 15/10/1953

1. Doctrina para todos
2. Ejemplo peronista
3. Calendario peronista
4. Entre usted y yo
5. Respuestas peronistas
6. Amigos...
7. II Plan Quinquenal: Perón cumple con su pueblo
8. Nuestra caratula
9. El libro peronista
10. Postales estadísticas
11. Cifras y razones
12. Nuestro departamento de difusión
13. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón)
14. El pensamiento vivo de Perón
15. Nuestro pequeño mundo
16. Mister whisky and soda
17. Don cangrejo
18. Lastima que
19. Ademàs

Mundo Peronista, n. 53, 01/11/1953

1. Entre usted y yo
2. El ejemplo peronista
3. Amigos...
4. II Plan Quinquenal: Perón cumple con su pueblo
5. El libro peronista
6. Nuestra caratula
7. Calendario peronista

8. Nuestro pequeño mundo
9. Postales estadísticas
10. Cifras y razones
11. Nuestro departamento de difusión
12. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón)
13. El pensamiento vivo de Perón
14. Respuestas peronistas
15. Lastima que
16. Mister whisky and soda
17. Don cangrejo
18. Además

Mundo Peronista, n. 54, 15/11/1953

1. Doctrina para todos
2. Entre usted y yo
3. El ejemplo peronista
4. El libro peronista
5. II Plan Quinquenal: Perón cumple con su pueblo
6. Amigos...
7. Nuestra caratula
8. Calendario peronista
9. Nuestro pequeño mundo
10. Postales estadísticas
11. Cifras y razones
12. Nuestro departamento de difusión
13. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón)
14. El pensamiento vivo de Perón
15. Respuestas peronistas
16. Lastima que
17. Don cangrejo
18. Mister whisky and soda
19. Además

Mundo Peronista, n. 55, 01/12/1953

1. Doctrina para todos
2. Entre usted y yo
3. El libro peronista
4. Amigos...
5. Nuestra caratula
6. II Plan Quinquenal: Perón cumple con su pueblo
7. Nuestro pequeño mundo
8. Calendario peronista
9. Respuestas peronistas
10. Postales estadísticas

11. Cifras y razones
12. Nuestro departamento de difusión
13. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón)
14. El pensamiento vivo de Perón
15. Lastima que
16. Don cangrejo/mister whisky and soda
17. Ademas

Mundo Peronista, n. 53, 15/12/1953

1. Doctrina para todos
2. Entre usted y yo
3. El ejemplo peronista
4. Amigos...
5. II Plan Quinquenal: Perón cumple con su pueblo
6. Calendario peronista
7. Nuestra caratula
8. El libro peronista
9. Nuestro pequeño mundo
10. Postales estadísticas
11. Cifras y razones
12. Nuestro departamento de difusión
13. Respuestas peronistas
14. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón)
15. El pensamiento vivo de Perón
16. Lastima que
17. Ademas

Ano: 1954

Mundo Peronista, n. 57, 01/01/1954

1. Doctrina para todos
2. Entre usted y yo
3. Amigos...
4. El ejemplo peronista
5. Nuestra caratula
6. Libro peronista
7. Calendario peronista
8. Postales estadísticas
9. Cifras y razones
10. Nuestro pequeño mundo
11. Nuestro departamento de difusión
12. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón)
13. El pensamiento vivo de Perón
14. Lastima que

15. Ademas

Mundo Peronista, n. 58, 15/01/1954

1. Doctrina para todos
2. Entre usted y yo
3. Amigos...
4. El ejemplo peronista
5. II Plan Quinquenal: Perón cumple con su pueblo
6. Nuestra caratula
7. El libro peronista
8. Calendario peronista
9. Nuestro pequeño mundo
10. Postales estadísticas
11. Cifras y razones
12. Nuestro departamento de difusión
13. Respuestas peronistas
14. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón)
15. El pensamiento vivo de Perón
16. Lastima que
17. Ademas

Mundo Peronista, n. 59, 15/02/1954

1. Doctrina para todos
2. II Plan Quinquenal: Perón cumple con su pueblo
3. Entre usted y yo
4. Cartas del pueblo
5. El ejemplo peronista
6. Calendario peronista
7. Barrios peronistas
8. Nuestra caratula
9. El libro peronista
10. Postales estadísticas
11. Cifras y razones
12. Nuestro departamento de difusión
13. Nuestro pequeño mundo
14. Amigos...
15. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón)
16. El pensamiento vivo de Perón
17. Respuestas peronistas
18. Ademas

Mundo Peronista, n. 60, 01/03/1954

1. Doctrina para todos
2. El ejemplo peronista

3. Entre usted y yo
4. II Plan Quinquenal: Perón cumple con su pueblo
5. Calendario peronista
6. Nuestra caratula
7. El libro peronista
8. Nuestro departamento de difusión
9. Postales estadísticas
10. Cifras y razones
11. Cartas del pueblo
12. Nuestro pequeño mundo
13. Barrios peronistas
14. Amigos...
15. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón)
16. El pensamiento vivo de Perón
17. Respuestas peronistas
18. Además

Mundo Peronista, n. 61, 15/03/1954

1. Doctrina para todos
2. El ejemplo peronista
3. Entre usted y yo
4. Nuestra caratula
5. Calendario peronista
6. Respuestas peronistas
7. El libro peronista
8. Postales estadísticas
9. Cifras e razones
10. Nuestro pequeño mundo
11. Amigos...
12. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
13. El pensamiento vivo de Perón
14. Nuestro departamento de difusión
15. Cartas del pueblo
16. Además

Mundo Peronista, n. 62, 01/04/1954

1. Doctrina para todos
2. El ejemplo peronista
3. II Plano Quinquenal: Perón cumple con su pueblo
4. Nuestra caratula
5. El libro peronista
6. Entre usted y yo
7. Nuestro departamento de difusión

8. Postales estadísticas
9. Cifras y razones
10. Nuestro pequeño mundo
11. Calendario peronista
12. Amigos...
13. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
14. El pensamiento vivo de Perón
15. Respuestas peronistas
16. Además

Mundo Peronista, n. 63, 15/04/1954

1. Doctrina para todos
2. El ejemplo peronista
3. Entre usted y yo
4. II Plano Quinquenal: Perón cumple con su pueblo
5. Calendario peronista
6. Amigos...
7. Nuestra caratula
8. El libro peronista
9. Postales estadísticas
10. Cifras y razones
11. Nuestros pequeño mundo
12. Respuestas peronistas
13. Nuestros departamento de difusión
14. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
15. El pensamiento vivo de Perón
16. Además

Mundo Peronista, n. 64, 01/05/1954

1. Doctrina para todos
2. El ejemplo peronista
3. Entre usted y yo
4. II Plano Quinquenal: Perón cumple con su pueblo
5. Nuestra caratula
6. El libro peronista
7. Postales estadísticas
8. Cifras y razones
9. Nuestro departamento de difusión
10. Nuestro pequeño mundo
11. Calendario peronista
12. Amigos...

13. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
14. El pensamiento vivo de Perón
15. Respuestas peronistas

Mundo Peronista, n. 65, 15/05/1954

1. Doctrina para todos
2. El ejemplo peronista
3. Entre usted y yo
4. II Plano Quinquenal: Perón cumple con su pueblo
5. Amigos...
6. Calendario peronista
7. Nuestra caratula
8. El libro peronista
9. Postales estadísticas
10. Cifras y razones
11. Nuestro departamento de difusión
12. Nuestro pequeño mundo
13. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
14. El pensamiento vivo de Perón
15. Respuestas peronistas
16. Además

Mundo Peronista, n. 66, 01/06/1954

1. Doctrina para todos
2. Entre usted y yo
3. El ejemplo peronista
4. II Plano Quinquenal: Perón cumple con su pueblo
5. Nuestra caratula
6. El libro peronista
7. Nuestro pequeño mundo
8. Calendario peronista
9. Postales estadísticas
10. Cifras y razones
11. Amigos...
12. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
13. El pensamiento vivo de Perón
14. Respuestas peronistas
15. Además

Mundo Peronista, n. 67, 15/06/1954

1. Doctrina para todos

2. El ejemplo peronista
3. Entre usted y yo
4. II Plano Quinquenal: Perón cumple con su pueblo
5. Amigos...
6. Calendario peronista
7. Nuestra caratula
8. El libro peronista
9. Postales estadísticas
10. Cifras y razones
11. Nuestro pequeño mundo
12. Nuestro relato
13. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
14. El pensamiento vivo de Perón
15. Respuestas peronistas
16. Además

Mundo Peronista, n. 68, 01/07/1954

1. Doctrina para todos
2. El ejemplo peronista
3. Entre usted y yo
4. Nuestra caratula
5. El libro peronista
6. Postales estadísticas
7. Cifras y razones
8. Nuestro pequeño mundo
9. Amigos...
10. Calendario peronista
11. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
12. El pensamiento vivo de Perón
13. Respuestas peronistas

Mundo Peronista, n. 69, 15/07/1954

1. Doctrina para todos
2. El ejemplo peronista
3. Entre usted y yo
4. Recuerdos de Evita
5. Nuestra caratula
6. El libro peronista
7. Postales estadísticas
8. Cifras y razones
9. II Plano Quinquenal: Perón cumple con su pueblo
10. Calendario peronista

11. Nuestro pequeño mundo
12. Amigos...
13. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
14. El pensamiento vivo de Perón
15. Respuestas peronistas
16. Además

Mundo Peronista, n. 70, 15/08/1954

1. Doctrina para todos
2. El ejemplo peronista
3. Entre usted y yo
4. Postales estadísticas
5. Cifras y razones
6. Nuestra caratula
7. El libro peronista
8. Nuestro pequeño mundo
9. Calendario peronista
10. Amigos...
11. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
12. El pensamiento vivo de Perón
13. Respuestas peronistas
14. Además

Mundo Peronista, n. 71, 01/09/1954

1. Doctrina para todos
2. Entre usted y yo
3. Nuestra caratula
4. El libro peronista
5. Habla el ministro del trabajo de Venezuela
6. Postales estadísticas
7. Cifras y razones
8. Nuestro departamento de difusión
9. Nuestro pequeño mundo
10. Calendario peronista
11. Amigos...
12. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
13. El pensamiento vivo de Perón
14. Respuestas peronistas
15. Además

Mundo Peronista, n. 72, 15/09/1954

1. Doctrina para todos
2. El ejemplo peronista
3. Entre usted y yo
4. Lo que el pueblo quiere
5. Nuestra caratula
6. El libro peronista
7. Postales estadísticas
8. Cifras y razones
9. Nuestro departamento de difusión
10. Amigos...
11. Calendario peronista
12. Nuestro pequeño mundo
13. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
14. El pensamiento vivo de Perón
15. Respuestas peronistas

Mundo Peronista, n. 73, 01/10/1954

1. Doctrina para todos
2. El ejemplo peronista
3. Entre usted y yo
4. II Plano Quinquenal: Perón cumple con su pueblo
5. LADE cumple 14 años
6. Nuestra caratula
7. El libro peronista
8. El homenaje de los docentes al General Perón en el Luna Park
9. Postales estadísticas
10. Cifras y razones
11. Nuestro departamento de difusión
12. Amigos...
13. Calendario peronista
14. Nuestro pequeño mundo
15. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
16. El pensamiento vivo de Perón
17. Respuestas peronistas

Mundo Peronista, n. 74, 15/10/1954

1. Doctrina para todos
2. El ejemplo peronista
3. Entre usted y yo
4. II Plan Quinquenal: Perón cumple con su pueblo
5. Nuestra caratula
6. El libro peronista

7. Postales estadísticas
8. Cifras y razones
9. Amigos...
10. Calendario peronista
11. Nuestro pequeño mundo
12. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
13. El pensamiento vivo de Perón
14. Respuestas peronistas

Mundo Peronista, n. 75, 01/11/1954

1. Doctrina para todos
2. El ejemplo peronista
3. Entre usted y yo
4. Perón cumple con su pueblo: segundo plan quinquenal
5. Nuestra caratula
6. El libro peronista
7. Postales estadísticas
8. Cifras y razones
9. Amigos...
10. Calendario peronista
11. Nuestro pequeño mundo
12. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
13. El pensamiento vivo de Perón
14. Respuestas peronistas

Mundo Peronista, n. 76, 15/11/1954

1. Doctrina para todos
2. El ejemplo peronista
3. Entre usted y yo
4. Segundo plan quinquenal: Perón cumple con su pueblo
5. Amigos...
6. Nuestro departamento de difusión
7. Nuestra caratula
8. El libro peronista
9. Nuestro pequeño mundo
10. Respuestas peronistas
11. Postales estadísticas
12. Cifras y razones
13. Calendario peronista
14. El Comité de Exilados sindicalistas de la América Latina
15. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)

16. El pensamiento vivo de Perón

Mundo Peronista, n. 77, 01/12/1954

1. Doctrina para todos
2. El ejemplo peronista
3. Entre usted y yo
4. Segundo plan quinquenal: Perón cumple con su pueblo
5. Amigos...
6. En el 11 aniversario de la creación de la secretaria de trabajo y previsión
7. Respuestas peronistas
8. Nuestro pequeño mundo
9. Postales estadísticas
10. Cifras y razones
11. El campeonato infantil Evita e juvenil Juan Perón en el norte argentino
12. Calendario justicialista
13. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
14. El pensamiento vivo de Perón

Mundo Peronista, n. 78, 15/12/1954

1. Doctrina para todos
2. Entre usted y yo
3. Nuestra caratula
4. El libro peronista
5. Afectos y recuerdos
6. Nuestro pequeño mundo
7. Postales estadísticas
8. Cifras y razones
9. El ejemplo peronista
10. Amigos...
11. Segundo plan quinquenal: Perón cumple con su pueblo
12. Respuestas peronistas
13. Calendario peronista
14. Escuela Superior Peronista (el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
15. El pensamiento vivo de Perón
16. Don cangrejo

Año: 1955

Mundo Peronista, n. 79, 15/01/1955

1. Doctrina para todos
2. Un ejemplo peronista
3. Entre usted y yo

4. Segundo plan quinquenal: Perón cumple con su Pueblo
5. Amigos...
6. Nuestra caratula
7. El libro peronista
8. Postales estadísticas
9. Cifras y razones
10. Calendario peronista
11. Nuestro pequeño mundo
12. Escuela Superior Peronista (guia doctrinaria, el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
13. El pensamiento vivo de Perón
14. Respuestas peronistas
15. Don cangrejo

Mundo Peronista, n. 80, 01/02/1955

1. Doctrina para todos
2. Entre usted y yo
3. Segundo plan quinquenal: Perón cumple con su Pueblo
4. Un ejemplo peronista
5. Nuestra caratula
6. El libro peronista
7. Amigos...
8. Calendario peronista
9. Postales estadísticas
10. Cifras y razones
11. Asi nos ven desde afuera
12. Nuestro pequeño mundo
13. Escuela Superior Peronista (guia doctrinaria, el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
14. El pensamiento vivo de Péron
15. Respuestas peronistas
16. Don cangrejo

Mundo Peronista, n. 81, 15/02/1955

1. Entre usted y yo
2. Segundo plan quinquenal: Perón cumple con su Pueblo
3. Carta del pueblo (Amigos...)
4. La historia de Peron y de su pueblo
5. Un ejemplo peronista
6. Nuestro pequeño mundo
7. Postales estadísticas
8. Cifras y razones
9. Calendario peronista
10. Nuestra caratula

11. El libro peronista
12. Respuestas peronistas
13. Escuela Superior Peronista (guía doctrinaria, el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
14. El pensamiento vivo de Perón
15. Don cangrejo

Mundo Peronista, n. 82, 15/03/1955

1. Actualidad peronista
2. Entre usted y yo
3. Un ejemplo peronista
4. Cartas del Pueblo
5. Los campeonatos infantiles Evita y juveniles Juan Perón
6. Nuestra caratula
7. Segundo plan quinquenal: Perón cumple con su Pueblo
8. Postales estadísticas
9. Cifraz y razones
10. Nuestro pequeño mundo
11. La historia de Peron y de su pueblo
12. Amigos...
13. Respuestas peronistas
14. Calendario peronista
15. Escuela Superior Peronista (guía doctrinaria, el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
16. El pensamiento vivo de Perón

Mundo Peronista, n. 83, 01/04/1955

1. Segundo plan quinquenal: Perón cumple con su Pueblo
2. Un ejemplo peronista
3. Evita en el recuerdo de Perón
4. Amigos...
5. Entre usted y yo
6. Postales estadísticas
7. Cifras y razones
8. Nuestro pequeño mundo
9. La historia de Peron y de su pueblo
10. Nuestra caratula
11. El libro peronista
12. Respuestas peronistas
13. Calendario peronista
14. El pensamiento vivo de Perón
15. Escuela Superior Peronista (guía doctrinaria, el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
16. Ademas

Mundo Peronista, n. 84, 15/04/1955

1. Un ejemplo peronista
2. Entre usted y yo
3. Segundo plan quinquenal: Perón cumple con su Pueblo
4. Amigos...
5. Postales estadísticas
6. Nuestro pequeño mundo
7. Nuestra caratula
8. El libro peronista
9. Respuestas peronistas
10. La historia de Perón y de su pueblo
11. Calendario peronista
12. Cartas del pueblo
13. Escuela Superior Peronista (guia doctrinaria, el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
14. El pensamiento vivo de Perón

Mundo Peronista, n. 85, 01/05/1955

1. Actividades peronistas
2. La historia de Perón y de su pueblo
3. Entre usted y yo
4. Segundo plan quinquenal: Perón cumple con su Pueblo
5. Amigos...
6. Un cuento peronista
7. Nuestro pequeño mundo
8. Postales estadísticas
9. Cifras y razones
10. Un ejemplo peronista
11. Respuestas peronistas
12. Efemérides en la vida de Eva Perón
13. Cartas del pueblo
14. Nuestra caratula
15. El libro peronista
16. Escuela Superior Peronista (guia doctrinaria, el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
17. El pensamiento vivo de Perón

Mundo Peronista, n. 86, 15/05/1955

1. Actividades peronistas
2. Entre usted y yo
3. Postales estadísticas
4. Cifras y razones
5. Segundo plan quinquenal: Perón cumple con su Pueblo

6. Amigos...
7. La historia de Perón y de su pueblo
8. Calendario peronista
9. Efemérides en la vida de Eva Perón
10. El libro peronista
11. Cuento peronista
12. Nuestro pequeño mundo
13. El ejemplo peronista
14. Carta del pueblo
15. Escuela Superior Peronista (guía doctrinaria, el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
16. El pensamiento vivo de Perón
17. Respuestas peronistas
18. Además

Mundo Peronista, n. 87, 01/06/1955

1. Actualidad peronista
2. Lea, medite, actúe
3. Actividades peronistas
4. Entre usted y yo
5. Respuestas peronistas
6. La historia de Perón y de su pueblo
7. Calendario peronista
8. Efemérides en la vida de Eva Perón
9. Postales estadísticas
10. Cifras y razones
11. Radiografías de la oposición
12. Amigos...
13. Un ejemplo peronista
14. Segundo plan quinquenal: Perón cumple con su Pueblo
15. Nuestro pequeño mundo
16. Escuela Superior Peronista (guía doctrinaria, el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
17. En pensamiento vivo de Perón
18. Carta del pueblo
19. Además

Mundo Peronista, n. 88, 15/06/1955

1. Nuestra carátula
2. Respuestas peronistas
3. Nuestro pequeño mundo
4. Amigos...
5. El pensamiento vivo de Perón
6. La historia de Perón y de su pueblo

7. Efemérides en la vida de Eva Perón
8. Segundo plan quinquenal: Perón cumple con su Pueblo
9. Escuela Superior Peronista (guía doctrinaria, el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
10. Además

Mundo Peronista, n. 89, 01/07/1955

1. Nuestra caratula
2. Actualidad peronista
3. Lea, medite, actue
4. Entre usted y yo
5. Postales estadísticas
6. Cifras y razones
7. Nuestro pequeño mundo
8. Respuestas peronistas
9. Calendario peronista
10. Efemerides en la vida de Eva Perón
11. La historia de Perón y de su pueblo
12. Amigos...
13. Segundo plan quinquenal: Perón cumple con su Pueblo
14. Escuela Superior Peronista (guía doctrinaria, el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
15. El pensamiento vivo de Perón

Mundo Peronista, n. 90-91, 15/07 e 01/08/1955

1. Nuestra caratula
2. Doctrina y realidad del peronismo
3. Entre usted y yo
4. La historia de Perón y de su pueblo
5. Respuestas peronistas
6. Calendario peronista
7. Perón cumple
8. El cuento peronista
9. Amigos...
10. Escuela Superior Peronista (guía doctrinaria, el tema de doctrina, la palabra de Perón, la palabra de Eva Perón)
11. El pensamiento vivo de Perón
12. Postales estadísticas
13. Cifras y razones
14. Libro de quejas
15. Nuestro pequeño mundo
16. Además

Mundo Peronista, n. 92-93, 15/08 e 01/09/1955

1. Nuestra caratula
2. Doctrina y realizaciones del peronismo
3. Postales estadísticas
4. Cifras y razones
5. Entre usted y yo
6. Una reflexión peronista... para cinco minutos de silencio
7. Nuestro pequeño mundo
8. Nuestro relato
9. Una opinión
10. El pensamiento vivo de Perón
11. Por si merece la medalla peronista...
12. El tango del olvido
13. Perón cumple
14. Nuestros amigos
15. Don cangrejo
16. Libro de quejas
17. Además